

LEIGH BARDUGO



MULHER-MARAVILHA
SEMENTES DA GUERRA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LEIGH BARDUGO



MULHER-MARAVILHA
SEMENTES DA GUERRA

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

MULHER-MARAVILHA™

SEMENTES DA GUERRA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros

cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MULHER-MARAVILHA

SEMENTES DA GUERRA

LENDAS DA DC 1



LEIGH BARDUGO



Mulher-Maravilha é uma criação de William Moulton Marston



Copyright © 2017 DC Comics.

WONDER WOMAN and all related characters and elements

© & TM DC Comics. WB SHIELD: TM & © WBEI. (s17)

RHUS39853

Jacket art by Jacey

Título original: *Wonder Woman: Warbringer*

Tradução por Editora Arqueiro Ltda.

Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's Books, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Mariana Serpa
Victor Almeida
Taís Monteiro e Thiago Braz
DTPhoenix Editorial
©T0c4
Jacey
Ana Paula Daudt Brandão
Taili Song Roth
Marcelo Morais

TRADUÇÃO:
PREPARO DE ORIGINAIS:
REVISÃO:
DIAGRAMAÇÃO:
COMPARTILHAMENTO:
CAPA:
ADAPTAÇÃO DE CAPA:
FOTO DA AUTORA:
ADAPTAÇÃO PARA E-BOOK:

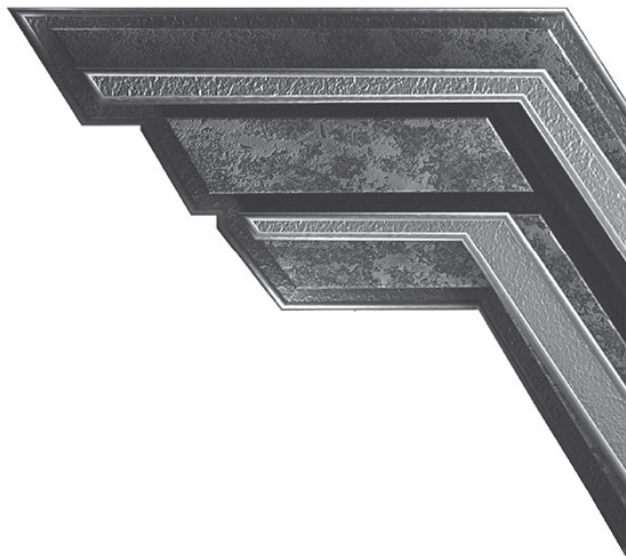
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538, ©T0c4 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Joanna Volpe,
minha irmã na batalha.

“Aproxima-te, transpõe a turba e vem me confrontar. Descobre o poder que verte das amazonas. Com o meu sangue se matiza a guerra!”

– Quinto de Esmirna, *A queda de Troia*



CAPÍTULO 1

Não se entra em uma corrida para perder.

Diana se aquecia na linha de largada. As panturrilhas estavam rígidas como cordas de arcos, as palavras da mãe reverberavam em seus ouvidos. Uma multidão havia se reunido para assistir às disputas de luta e lançamento de dardo que marcariam o início dos Jogos Nemeus. Entretanto, a prova mais aguardada era a corrida, e as arquibancadas estavam em polvorosa com a notícia de que a filha da rainha participaria da competição.

Ao avistar Diana entre as corredoras, Hipólita não demonstrou surpresa. Conforme a tradição, desceu de sua plataforma de observação para desejar boa sorte às atletas, soltando um gracejo aqui e oferecendo uma palavra de incentivo ali. Deu um breve aceno de cabeça para Diana, sem demonstrar qualquer favoritismo, mas sussurrou, tão baixo que apenas a filha pôde ouvir:

– Não se entra em uma corrida para perder.

Amazonas ladeavam o caminho que dava para fora da arena e pediam o início dos jogos, como num grito de guerra. À direita de Diana, Rani abriu um sorriso radiante.

– Boa sorte hoje.

Ela era sempre gentil, graciosa e, claro, vitoriosa. À esquerda de Diana, Tira soltou uma bufada e rebateu, balançando a cabeça:

– Ela vai precisar.

Diana a ignorou. Fazia semanas que ansiava pela corrida, que consistia em uma longa trilha para reaver uma das bandeiras vermelhas penduradas sob o grande domo em Bana-Mighdall. Se fosse uma prova apenas de velocidade, ela não teria chance. Ainda não havia alcançado a totalidade de sua força de amazona. *Com o tempo, você chega lá*, prometera a mãe, só que ela fazia muitas promessas que nem sempre se realizavam.

Aquela corrida era diferente. Requeria estratégia, e Diana tinha se preparado. Treinara às escondidas com Maeve, aprimorando sua velocidade e traçando uma rota por um terreno mais acidentado, porém sem dúvida era um percurso mais linear até a ponta oeste da ilha. Ela havia até... bem, não exatamente *espionado*... mas colhido informações das outras participantes. Ainda era a menor, e com certeza a mais jovem, mas dera uma boa espichada no último ano e já estava quase do tamanho de Tira.

Não preciso de sorte, disse a si mesma. Então encarou a fileira de Amazonas na linha de largada. Parecia uma tropa se preparando para a guerra. É, um pouquinho de sorte também não faria mal. Ela queria aquela coroa de louros. Era algo que podia conquistar em vez de simplesmente receber.

No meio da multidão, avistou os cabelos ruivos e o rosto sardento de Maeve e abriu um sorriso, tentando transmitir confiança. A amiga retribuiu o sorriso e sussurrou:

– Não se precipite.

Diana revirou os olhos, mas assentiu e tentou respirar mais devagar. Tinha o péssimo hábito de disparar logo na largada e desperdiçar energia. Clareou a mente e tentou se concentrar no trajeto enquanto Tecmessa caminhava pela fileira vistoriando as corredoras, com joias reluzindo em seus cachos e pulseiras de prata cintilando nos braços morenos. Ela era a conselheira mais íntima de Hipólita, tinha a posição mais importante depois da rainha e se comportava como se seu vestido índigo cintado fosse uma armadura de batalha.

– Pegue leve, Píxide – murmurou Tec para Diana ao passar. – Não quero ver você se despedaçar.

Diana ouviu Tira soltar outra risada, mas se recusou a demonstrar incômodo ao ouvir o apelido. *Quero ver a sua cara quando me vir subindo no pódio*.

Tec ergueu as mãos para pedir silêncio e fez uma mesura para Hipólita, que estava sentada entre duas outras integrantes do Conselho

das Amazonas no camarote real – uma plataforma alta, protegida da luz por uma cobertura de seda tingida de azul e vermelho, as cores vibrantes da rainha. Diana sabia que era ali que sua mãe queria que ela estivesse naquele exato instante: sentada a seu lado, aguardando o início dos jogos em vez de competindo. Nada disso teria importância depois que ela vencesse.

Hipólita vestia sua elegante túnica branca, calças de montaria e um diadema simples na cabeça. Era, nos mínimos detalhes, a rainha. Parecia serena e tranquila, mas, se assim o desejasse, poderia dar um salto e entrar na competição a qualquer momento.

Tec se dirigiu às atletas reunidas nas areias da arena.

– Pela honra de quem vocês competem?

– Pela glória das amazonas – responderam em uníssono. – Pela glória da nossa rainha.

Diana sentiu o coração acelerar. Jamais entoara essas palavras antes, não como competidora.

– A quem exaltamos todos os dias? – bradou Tec.

– A Hera, Atena, Deméter, Héstia, Afrodite e Ártemis – responderam em coro.

Estas eram as deusas que haviam criado Temiscira e a entregado a Hipólita como local de refúgio.

Tec fez uma pausa e, ao longo da fileira, Diana ouviu o sussurro dos outros nomes: Oyá, Durga, Freia, Maria, Jael. Outrora proferidos na hora da morte, nas últimas orações de guerreiras abatidas em batalha, eram palavras que possibilitaram que fossem trazidas àquela ilha e que lhes concederam vida nova como amazonas. Ao lado de Diana, Rani levou aos lábios o amuleto retangular que sempre usava e murmurou o nome das Matri, as sete mães que combatiam os demônios.

Tec ergueu uma bandeira vermelha idêntica à que aguardava as corredoras em Bana-Mighdall.

– Que a ilha as conduza a uma vitória justa!

Ela baixou a seda vermelha e a multidão urrou. As corredoras se lançaram em direção ao arco leste: a corrida havia começado. Diana e Maeve haviam previsto o tumulto inicial. Ainda assim, sentiram uma pontada de frustração ao ver as atletas aglomeradas na boca do túnel de pedras, um emaranhado de túnicas brancas, braços e pernas musculosos, o eco dos passos, todas tentando sair da arena ao mesmo tempo. Então alcançaram a estrada e avançaram pela ilha, cada uma

seguindo o próprio percurso.

Não se entra em uma corrida para perder.

Diana ajustou as passadas ao ritmo dessas palavras, os pés descalços atingindo a terra batida da estrada que a levaria pelo emaranhado da Floresta Cibeliana até a margem norte da ilha.

Em geral, a caminhada para cruzar aquela floresta era longa e lenta, dificultada por árvores caídas e vinhas tão grossas que só se podia abrir caminho com um facão. Entretanto, Diana delineara muito bem seu trajeto. Uma hora depois de adentrar a mata, irrompeu em meio às árvores na estrada costeira deserta. O vento levantou seus cabelos e uma rajada de sal lhe açoitou o rosto. Respirou fundo e conferiu a posição do sol. Sairia vencedora.

Ela havia mapeado o percurso na semana anterior com Maeve, e ambas o completaram duas vezes em segredo, sob a luz cinzenta da manhã, quando suas irmãs ainda se levantavam da cama, os fogões ainda eram aquecidos e os únicos curiosos com quem tinham que se preocupar eram os madrugadores que saíam para caçar ou fazer a pesca do dia. Porém, os caçadores se limitavam às matas e aos prados bem mais longe ao sul, e ninguém pescava para além daquela parte da costa; não havia bons pontos de partida para os barcos, somente os penhascos íngremes cor de aço que mergulhavam direto no mar, além de um abrigo diminuto e hostil acessado apenas por um caminho tão estreito que só se podia descê-lo de lado, arrastando os pés, com as costas coladas à rocha.

A margem norte era cinza, sombria e inóspita, e Diana conhecia cada cantinho daquele cenário secreto, os rochedos e as grutas, as poças de maré apinhadas de lapas e as anêmonas. Era um bom lugar para ficar sozinha. *A ilha se empenha em agradar*, explicara a mãe uma vez. Por isso Temiscira era arborizada por sequoias em uns pontos e seringueiras em outros; por isso ela podia passar a tarde vagando pelos pastos, montada em um pônei, e a noite em um camelo, escalando uma encosta de dunas de areia sob o luar. Tudo isso eram fragmentos da vida que as Amazonas haviam levado antes de chegarem à ilha, pequenas paisagens da alma.

Diana às vezes se perguntava se a margem norte de Temiscira existia apenas para ela, para que pudesse se desafiar escalando suas escarpas íngremes, para que pudesse ter um lugar para onde fugir quando o fardo de ser a filha de Hipólita ficasse pesado demais.

Não se entra em uma corrida para perder.

Essa não fora uma advertência corriqueira da mãe. As perdas de Diana eram muito diferentes, ambas sabiam disso – e não apenas por sua condição de princesa.

Diana quase sentia o olhar sagaz de Tec, quase ouvia sua voz debochada. *Pegue leve, Píxide*. Era assim que Tec a apelidara: Píxide. Um pequeno vaso de barro, feito para guardar joias ou tintura de carmim para os lábios. O nome era inofensivo, provocativo, sempre entoadado de maneira afetuosa – pelo menos era o que Tec alegava. Mas sempre machucava: fazia Diana se lembrar de que não se equiparava às outras amazonas, que isso jamais aconteceria. Suas irmãs eram guerreiras experientes, forjadas a ferro pelo sofrimento e talhadas à perfeição ao passar da vida à imortalidade. Todas haviam conquistado seu lugar em Temiscira. Exceto Diana, nascida do solo da ilha e do desejo de Hipólita por uma filha, moldada no barro pelas mãos de sua mãe. *Pegue leve, Píxide. Não quero ver você se despedaçar*.

Diana acalmou a respiração, manteve os passos firmes. *Hoje não, Tec. Hoje os louros pertencem a mim*.

Ela deu uma olhadela para o horizonte, deixando que a brisa do mar resfriasse o suor em sua testa. Avistou a silhueta branca de um navio além do nevoeiro. Estava bem perto da divisa, de modo que Diana pôde distinguir as velas. A embarcação era pequena – uma escuna, talvez? Tinha dificuldade em recordar detalhes náuticos. Mastro grande, mezena, mil nomes para as velas, o cordame. Uma coisa era estar em um barco, aprendendo com Teuta, que navegara com piratas. Outra muito diferente era se enfiar na biblioteca em Éfeso e ficar encarando o desenho de um bergantim ou de uma caravela.

Às vezes Maeve e ela brincavam de tentar localizar navios ou aviões, e uma vez chegaram a avistar o contorno de um cruzeiro no horizonte. No entanto, a maioria dos mortais sabia que era preciso manter distância daquele canto em particular do Egeu, onde as bússolas rodopiavam e os instrumentos demonstravam súbita recusa em obedecer.

Naquele dia uma tempestade parecia se formar para além do nevoeiro da divisa, e Diana lamentou não poder se deter para assistir. As chuvas que chegavam a Temiscira eram fracas, tediosas e previsíveis, nada como o estrondo ameaçador dos trovões e o vislumbre da luz trêmula dos relâmpagos ao longe.

Você tem saudade das tempestades?, perguntara Diana uma tarde,

enquanto Maeve e ela relaxavam sob o sol no terraço do palácio, escutando o bramido estrondoso de um temporal. Maeve havia morrido durante a Emboscada de Crossbarry, e as últimas palavras que saíram de seus lábios foram uma prece a Santa Brígida de Kildare. Ela era nova na ilha em relação às outras amazonas e viera de Cork, onde tempestades eram frequentes.

Não, respondera Maeve em seu tom de voz cadenciado. Sinto saudade de uma boa xícara de chá, de dançar, dos rapazes... Mas, definitivamente, não da chuva.

A gente dança, protestou Diana.

Maeve soltou uma risada.

A gente dança de um jeito diferente quando sabe que não vai viver para sempre. Então ela se espreguiçara, a pele branca repleta de sardas, feito densas nuvens de pólen. *Acho que fui um gato em outra vida, porque só quero me espreguiçar e ficar dormindo em um lugar quentinho.*

Não se precipite. Diana resistiu ao ímpeto de acelerar. Era difícil se conter quando se estava com o sol da manhã nos ombros e o vento nas costas. Ela se sentia forte. Era fácil se sentir assim quando estava consigo mesma.

Um estrondo ecoou por sobre as ondas, um som metálico. Os pés de Diana vacilaram. No horizonte azul se elevou uma torre de fumaça. A escuna estava em chamas. Em uma explosão, a proa se despedaçou, um dos mastros desabou e a vela foi se arrastando pela amurada.

Diana percebeu que reduzia a velocidade, mas se forçou a retomar o ritmo das passadas. Nada havia a ser feito pela escuna. Aviões caíam. Navios naufragavam nas rochas. Essa era a natureza do mundo mortal. Ali o desastre podia acontecer, e com frequência acontecia. A vida humana era uma maré de sofrimento que jamais atingia a margem da ilha. Diana se concentrou no trajeto. Bem longe, podia ver o brilho dourado do sol a reluzir no grande domo em Bana-Mighdall. Primeiro a bandeira vermelha, depois a coroa de louros. Esse era o plano.

De repente, ela ouviu um grito.

Uma gaivota, disse a si mesma. *Não é possível que seja uma pessoa.* Um grito humano não podia ser ouvido a uma distância tão grande, certo? Não importava. Não havia nada que ela pudesse fazer. Mesmo assim, seus olhos tornaram a mirar o horizonte. *Só quero tentar ver um pouco melhor,* pensou. *Tenho muito tempo. Estou adiantada.*

Não havia um bom motivo para se aproximar da beirada do

rochedo. Ainda assim, ela o fez. As águas perto da orla estavam calmas, claras, um turquesa vibrante. O oceano era um poço bravio, um mar azul-escuro, já quase negro. A ilha podia se esforçar para agradar a ela e suas irmãs, mas o mundo para além da divisa não se preocupava com a felicidade ou a segurança de seus habitantes.

Mesmo a distância, ela podia enxergar a escuna afundando. Porém, não via botes salva-vidas ou sinalizadores, apenas fragmentos da embarcação destruída levados pelas ondas revoltas. Era o fim. Diana esfregou os braços com vigor, afastando um súbito arrepio, e começou a retornar para a trilha das carroças. A vida humana era assim. Tantas vezes Maeve e ela haviam mergulhado perto da divisa, nadado em meio aos destroços de aviões, veleiros e lanchas reluzentes. A água salgada alterava a madeira, que endurecia e não apodrecia. Com os mortais era diferente. Eles serviam de alimento para os peixes do mar profundo e tubarões. O tempo os consumia lenta e inevitavelmente, quer estivessem sob a água ou em terra firme.

Diana tornou a conferir a posição do sol. Poderia estar em Bana-Mighdall em quarenta minutos, talvez menos. Perdera só alguns instantes. Poderia compensar o tempo. Em vez disso, olhou para trás.

Todos os livros antigos contavam histórias sobre pessoas que cometeram o erro de olhar para trás. Ao deixar cidades em chamas. Ao sair do inferno. Apesar disso, Diana olhou para o navio que naufragava nas grandes ondas, todo inclinado, feito a asa quebrada de um pássaro.

Calculou a extensão do topo do penhasco. Havia pedras pontudas na base. Se não desse impulso suficiente, o impacto seria feio. Mesmo assim, a queda não a mataria. *Isso vale para uma amazona de verdade*, pensou. *Será que vale para você?* Bem, esperava que sim. De qualquer forma, a mãe a mataria.

Diana encarou mais uma vez os destroços e deu um impulso. Correu a toda, ganhando velocidade a passadas largas, os braços se movendo no ritmo, reduzindo a distância até a beira do penhasco. *Pare, pare, pare*, clamou sua mente. *Isso é loucura*. Mesmo que houvesse sobreviventes, não poderia fazer nada. Tentar salvá-los era atrair o exílio, e não havia exceção à regra – nem para uma princesa. *Pare*. Ela não soube ao certo por que não obedeceu. Quis acreditar que foi porque seu peito abrigava um coração de heroína, que exigia uma resposta àquele chamado. No entanto, ao se lançar por sobre o penhasco e avançar pelo céu vazio, soube que parte do que a

impulsionava era a provocação daquele grande mar cinzento, que não se interessava por seu amor.

Seu corpo descreveu um arco amplo no ar; os braços à frente conduziam o caminho. Ela direcionou o corpo para a água e atravessou a superfície em um mergulho hábil, os ouvidos tomados por um silêncio súbito, os músculos rijos à espera do impacto brutal das pedras... que não aconteceu. Ela avançou para cima, respirou fundo e começou a nadar até a divisa, os braços transpassando a água morna.

Aproximar-se da divisa era sempre meio empolgante, quando a temperatura da água começava a mudar: o frio lhe tocava primeiro as pontas dos dedos, depois invadia o couro cabeludo e os ombros. Diana e Maeve gostavam de nadar para além das praias ao sul, ousando ir cada vez mais longe. Certa vez avistaram um navio que passava pelo nevoeiro, com os marinheiros de pé na proa. Um dos homens tinha o braço apontado na direção das duas. Elas mergulharam para se proteger, gesticulando loucamente sob as ondas; gargalhavam tanto que retornaram à margem engasgadas com a água salgada.

Poderíamos ser sereias!, gritara Maeve ao se jogar com Diana na areia morna, apesar de nenhuma das duas ser capaz de cantar bem. Passaram o resto da tarde entoando, desafinadas, canções violentas de bêbados irlandeses e rindo feito bobas, até que Tec as encontrara. Mais que depressa, calaram a boca. Transpor a divisa era uma infração leve. Ser vista por mortais em qualquer local próximo à ilha era motivo para sérias ações disciplinares. E o que Diana estava fazendo agora?

Pare. Mas ela não podia. Não enquanto aquele grito humano ainda ecoasse em seus ouvidos. Diana sentiu a água fria depois da divisa engolfá-la por completo. O mar agora a possuía e não era amistoso. A corrente a puxou para baixo, uma força poderosa e revolta, o mais sutil movimento de um deus. *Você precisa lutar*, percebeu ela, forçando os músculos a corrigir o rumo. Jamais tivera que enfrentar o oceano.

Ficou um tempo à deriva, tentando se localizar enquanto as ondas se encrespavam à sua volta. A água estava repleta de destroços, papéis flutuando, lascas de madeira, fragmentos de vidro, coletes salva-vidas cor de laranja que a tripulação decerto não tivera tempo de vestir. Era quase impossível enxergar para além da chuva que caía e da neblina que envolvia a ilha.

O que estou fazendo?, perguntou-se. *Navios vêm e vão. Vidas*

humanas se perdem. Tornou a mergulhar e explorou as impetuosas águas cinzentas, mas não viu ninguém.

Subiu à tona. Sua própria estupidez lhe consumia as entranhas. Ela sacrificara a corrida. Justamente o momento em que suas irmãs a enxergariam de verdade, a chance de deixar a mãe orgulhosa. Em vez disso, abandonara a liderança, e para quê? Não havia nada ali além de destruição.

De esguelha avistou uma silhueta branca, uma grande lasca do que poderia ter sido o casco do navio. Emergiu em uma onda, desapareceu, depois tornou a aparecer. Diana viu um braço esguio agarrado firme à lateral, os dedos abertos, as juntas dobradas. Então, desapareceu.

Outra onda se elevou, uma imensa montanha cinzenta. Diana mergulhou, à procura. Por toda parte havia lascas de madeira, destroços e cacos de vidro; era impossível distinguir um fragmento de navio de outro.

E lá surgiu outra vez – um braço, dois braços, um corpo, a cabeça encurvada e os ombros arqueados, uma camisa amarelo-limão, um tufo de cabelos escuros. Uma garota. Ergueu a cabeça e arquejou, tentando respirar, os olhos injetados de pavor. Uma onda arrebentou por cima dela, uma rajada de água branca. O fragmento de casco emergiu. A garota não estava mais lá.

Outro mergulho. Diana mirou o ponto onde vira a garota afundar. Avistou algo amarelo em um lampejo e arremeteu. Agarrou o tecido e puxou. O rosto de um fantasma emergiu da água turva diante dela: cabelos louros, olhos azuis arregalados e sem vida. Ela nunca vira um corpo de perto. Tampouco um rapaz. Recuou e soltou a camisa, mas, ao mesmo tempo que via o garoto desaparecer, assinalava as diferenças: maxilar marcado, rosto largo, tal e qual as imagens dos livros.

Ela tornou a mergulhar, mas agora perdera por completo o senso de direção – as ondas, os destroços, a sombra da ilha em meio à névoa. Se nadasse para muito mais longe, talvez não fosse capaz de voltar.

Diana não conseguia se desvencilhar da imagem daquele braço esguio, daqueles dedos ferozes agarrados à vida com tamanha força. *Mais uma vez*, disse a si mesma. Mergulhou, agora sentindo a água gélida se entranhar ainda mais profundamente em seus ossos.

Em um instante o mundo era uma corrente cinza e um mar turvo;

no momento seguinte lá estava a garota, em sua camisa amarelo-limão, o rosto virado para baixo, braços e pernas estirados. Tinha os olhos fechados.

Diana a agarrou pela cintura e se içou com ela à superfície. Por um instante aterrador não conseguiu encontrar o contorno da ilha, e então a névoa se dissipou. Ela se impulsionou com as pernas para a frente, enganchando desajeitadamente a garota contra o peito com um dos braços, os dedos da outra mão buscando seu pulso. *Ali*. Fraco e indistinto, porém presente. Embora a garota não respirasse, seu coração ainda batia.

Diana hesitou. Ainda podia ver os contornos de Filos e Ectros, as rochas que demarcavam o início escarpado da divisa. As regras eram claras: não era permitido impedir a maré mortal da vida e da morte, e a ilha jamais deveria ser tocada por ela. Não havia exceções. Nenhum humano podia ser levado até Temiscira, mesmo que fosse para ter a vida salva. Quebrar essa regra significava apenas uma coisa: exílio.

Exílio. A palavra era um lastro indesejável, um peso insustentável. Uma coisa era transpor a divisa, mas sua atitude seguinte poderia apartá-la para sempre da ilha, de suas irmãs, de sua mãe. O mundo parecia grande demais; o mar, profundo demais. *Largue*. Simples assim. Se Diana largasse a garota, seria como se jamais tivesse saltado daquele penhasco. Voltaria a ser livre daquele fardo.

Pensou na firmeza e na fúria do punho cerrado da garota, na determinação em seus olhos antes de afundar com a onda. Sentiu o ritmo irregular do pulso dela, uma batida distante. *Viva, viva*.

E nadou até a margem.

Enquanto cruzava a divisa com a garota nos braços, o nevoeiro se dissipou e a chuva diminuiu. Um calor lhe invadiu o corpo. Era estranho ver as águas calmas e inertes depois da violência do mar, mas Diana não reclamou.

Quando seus pés tocaram a areia do chão, ela deu um impulso para cima, ajeitando os braços para erguer a garota de dentro d'água. Era de uma leveza assustadora. Diana parecia estar segurando um pardalzinho nas mãos. Não era de se espantar que o mar tivesse vitimado tão facilmente aquela criatura e seus companheiros tripulantes.

Diana a deitou delicadamente na areia e tornou a verificar seu pulso. Agora não havia batimentos. Ela sabia que precisava fazer o coração da garota bater, tirar a água de seus pulmões, porém a

lembrança do procedimento lhe era um pouco turva. Aprendera sobre ressuscitação de vítimas de afogamento, mas jamais pusera esse conhecimento em prática. Talvez não tivesse prestado muita atenção à época. Que probabilidade tinha uma amazona de se afogar, ainda mais nas águas calmas de Temiscira? Agora sua desatenção poderia custar a vida da garota.

Faça alguma coisa, disse a si mesma, tentando vencer o pânico. *Por que tirou a garota da água se não vai fazer nada?*

Diana pôs dois dedos no esterno da menina e foi descendo, à procura do que esperava ser o ponto certo. Entrelaçou as mãos e pressionou. Os ossos se curvaram sob suas palmas. Mais que depressa, Diana recuou. De que ela era feita? De bambu? Tornou a pressionar com delicadeza, depois de novo. Tapou o nariz da garota, aproximou a boca de seus frios lábios mortais e soprou.

Viu o peito da garota subir, mas dessa vez a força extra foi vantajosa. A garota soltou uma tosse súbita, convulsionando o corpo e cuspidando água salgada. Diana pôs-se de joelhos e deu uma gargalhada. Ela conseguira. A garota estava viva.

A realidade do que acabara de fazer a golpeou. Por todos os sabujos de Hades, ela havia conseguido de verdade! A garota estava mesmo viva!

E tentava se sentar.

– Pronto – disse Diana, firmando as costas dela com o braço.

Não podia simplesmente ficar ali parada olhando a outra se debater na areia feito um peixe, nem podia devolvê-la ao oceano. Podia? Não. Os mortais tinham exímio talento para se afogar.

A garota agarrou o torso de Diana, sorvendo o ar com afobação.

– Os outros – disse, ofegante.

Seus olhos estavam tão arregalados que Diana podia ver todo o branco ao redor das íris. Seu corpo inteiro tremia, e a amazona não sabia ao certo se de frio ou choque.

– Temos que ajudar...

Diana balançou a cabeça. Se havia outros sinais de vida em meio aos destroços, não tinha visto. Além do mais, o tempo passava mais depressa no mundo mortal. Mesmo que ela nadasse de volta, a tempestade já teria dado cabo dos corpos.

– Eles morreram – respondeu Diana, desejando ter escolhido as palavras com mais cuidado.

A garota abriu a boca, em seguida a fechou. Seu corpo tremia com

tanta força que Diana achou que a veria se desintegrar. Isso não podia acontecer, podia?

Diana observou o penhasco, acima da praia. Alguém poderia tê-la visto sair nadando. Tinha certeza de que nenhuma corredora havia escolhido aquele trajeto, mas qualquer uma poderia ter visto a explosão e ido investigar.

– Preciso tirar você da praia. Consegue caminhar?

A garota assentiu, mas rangia os dentes e não fez qualquer menção de se levantar. Diana tornou a encarar o penhasco.

– Sério, levante-se.

– Estou tentando.

Ela não parecia estar se esforçando. Diana vasculhou a memória em busca de tudo que ouvira a respeito dos mortais: hábitos alimentares, temperatura corporal, regras culturais. Infelizmente, sua mãe e suas tutoras estavam mais interessadas no que havia de pior neles: guerra, tortura, genocídio, poluição, erros gramaticais.

A garota trêmula na areia à sua frente não parecia se encaixar nesse padrão, não parecia má. Tinha mais ou menos a idade de Diana, a pele escura, os cabelos compridos num emaranhado de trancinhas cobertas de areia. Era visível que estava fraca demais para ferir qualquer um além de si mesma. Mesmo assim, podia representar grande perigo para Diana. Perigo de exílio. De banimento perpétuo. *Melhor não pensar nisso agora.* Em vez disso, recordou-se das aulas com Teuta: *Organize-se. As pessoas tendem a perder batalhas por não saberem que guerra estão lutando.*

Muito bem... A garota não podia caminhar longas distâncias na condição em que estava. Diana não tinha para onde levá-la. Tocou o ombro dela na esperança de reconfortá-la.

– Escute, sei que você está fraca, mas a gente precisa sair da praia.

– Por quê?

Diana hesitou, então optou por uma resposta vaga, ainda que tecnicamente verdadeira.

– Maré alta.

Pelo visto deu resultado, pois a garota assentiu. Diana se levantou e ofereceu a mão a ela.

– Estou bem – disse a garota, pondo-se de joelhos com um impulso e se levantando.

– Você é teimosa – comentou Diana, guardando certo respeito.

A garota tinha quase se afogado, mas não queria receber ajuda... e

certamente não gostaria da sugestão que Diana daria em seguida.

– Preciso que você monte nas minhas costas.

A garota franziu a testa.

– Por quê?

– Porque acho que você não vai conseguir subir o paredão.

– Não há outro caminho?

– Não.

Era mentira. Em vez de discutir, Diana virou as costas. Um minuto depois, sentiu um par de braços agarrar-lhe o pescoço. A garota deu um salto, e Diana estendeu os braços para trás, segurou suas coxas e ajeitou seu corpo.

– Segure firme.

A garota enganchou os braços em seu pescoço.

– Não tão forte! – protestou Diana, sufocada.

– Desculpe!

Ela afrouxou o braço. Diana começou a correr. A garota gemeu.

– Vai mais devagar. Acho que vou vomitar.

– Vomitar? – Diana vasculhou seus conhecimentos sobre as funções corporais dos mortais e, mais que depressa, reduziu o passo. – *Não se atreva!*

– Só não me deixe cair.

– Você pesa o mesmo que um par de botinas. – Diana avançou pelos grandes rochedos que formavam a base do penhasco. – Terei que usar os braços para escalar, então você precisa se segurar com as pernas também.

– Escalar?

– O paredão.

– Você está me levando *para o alto do penhasco*? Está louca?

– Apenas segure firme e tente não me estrangular.

Diana cravou os dedos na rocha e começou a escalada antes que a garota pudesse responder. Ela avançava depressa. O território era familiar. Diana subira aquele paredão incontáveis vezes desde que começara a frequentar a margem norte. Aos 12 anos, descobrira a caverna onde ele desembocava. Havia outras cavernas, mais abaixo, na lateral do penhasco, mas elas enchiam quando a maré subia.

A garota soltou outro gemido.

– Quase lá – disse Diana, para encorajá-la.

– Estou de olhos fechados.

– Boa ideia. Continue assim. É só não...

– Vomitar em cima de você?

– Isso – respondeu Diana. – Isso mesmo.

As amazonas não ficavam doentes, mas o vômito aparecia em inúmeros romances e em descrições particularmente vívidas nos livros de anatomia. Não parecia algo divertido...

Enfim Diana alcançou o trecho de terra que demarcava a entrada da caverna. A garota se soltou e suspirou fundo. A caverna era estreita e surpreendentemente profunda, como se alguém tivesse escavado a pedra até o centro do penhasco. As paredes negras cintilavam, sempre úmidas de maresia.

Quando pequena, Diana gostava de fingir que, caso seguisse andando, a passagem ultrapassaria o penhasco e desembocaria numa terra totalmente diferente. Só que isso não acontecia. Era só uma caverna e, por mais que ela desejasse, continuava sendo assim. Não adiantava imaginar.

Diana esperou a visão se ajustar e continuou caminhando caverna adentro, arrastando os pés. O antigo cobertor ainda estava lá – ainda que um pouco bolorento –, bem como sua latinha de suprimentos.

Ela enrolou o cobertor nos ombros da garota.

– A gente não vai para o topo? – perguntou a menina.

– Por enquanto não.

Diana tinha que retornar à arena. A competição àquela hora já devia estar quase no fim e ela não queria ninguém se perguntando onde ela havia se metido.

– Está com fome? – acrescentou.

A garota balançou a cabeça e respondeu:

– Precisamos chamar a polícia e o resgate.

– Impossível.

– Eu não sei o que aconteceu – disse a garota, recomeçando a tremer. – Jasmine e Ray estavam discutindo com o Dr. Ellis, então...

– Houve alguma explosão. Eu vi lá da orla.

– A culpa foi minha – lamentou a garota, aos prantos. – Eles morreram, e por minha causa.

– Não – replicou Diana com delicadeza, sentindo uma onda de pânico. – Foi a tempestade. – Pousou a mão no ombro da garota. – Qual é o seu nome?

– Alia – respondeu a menina, apoiando a testa nos braços.

– Alia, tenho que ir, mas...

– Não! Não me deixe aqui.

– Eu preciso. Eu... tenho que pedir ajuda.

O que Diana precisava era retornar a Éfeso e descobrir um jeito de tirar a garota da ilha antes que alguém descobrisse. Alia agarrou-lhe o braço e, mais uma vez, Diana se lembrou de como ela se agarrara àquele pedaço de casco.

– Por favor, não demore. Talvez possam mandar um helicóptero. Pode haver sobreviventes.

– Eu volto assim que puder – prometeu Diana e empurrou sua latinha para a garota. – Aqui tem pêssegos secos, sementes de noz-pili e um pouco de água fresca. Não beba tudo de uma vez.

Alia pestanejou.

– Tudo de uma vez? Quanto tempo você vai demorar?

– Umas horas, talvez. Volto o mais rápido possível. Aqueça o corpo e descanse. – Diana se levantou. – E não saia da caverna.

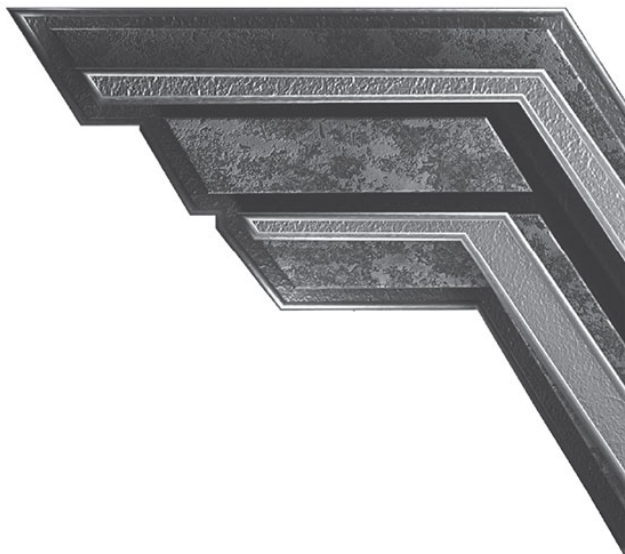
Alia ergueu a cabeça e a encarou. Tinha os olhos castanho-escuros e cílios fartos, o olhar temeroso, porém firme. Pela primeira vez desde que Diana a tirara da água, a garota parecia enxergá-la de verdade.

– Onde estamos? Que lugar é este?

Diana não soube o que responder, logo se limitou a dizer:

– Esta é a minha casa.

Então saiu da caverna antes que Alia pudesse fazer qualquer outra pergunta.



CAPÍTULO 2

Será que era melhor ter amarrado a garota?, perguntou-se Diana enquanto descia o penhasco, o sol do meio-dia a esquentar seus ombros depois do frio da caverna. *Não*. Ela não tinha corda, e não parecia correto amarrar uma garota que havia quase morrido. Porém, quando retornasse, precisaria ter as respostas na ponta da língua. Alia havia ficado abalada com o naufrágio, mas estava voltando a si, e obviamente não era idiota. Não aceitaria ficar na caverna por muito tempo.

Diana apertou o passo. Não fazia sentido ir a Bana-Mighdall para pegar a bandeira. Ela retornaria à arena e daria uma desculpa qualquer. Quanto mais se afastava do penhasco, mais estúpida parecia sua decisão. Um medo gélido lhe percorreu a espinha. A ilha tinha suas próprias regras e proibições, e nenhuma era sem motivo. Ninguém portava armas, exceto para treinamentos e exhibições. As poucas missões autorizadas fora da ilha eram as sancionadas pelo Conselho das Amazonas e pelo Oráculo – mesmo assim, somente com a intenção de preservar o isolamento de Temiscira.

Ela precisava devolver Alia o quanto antes ao mundo mortal. Dias se passariam entre os humanos enquanto ela esperasse na caverna. Poderiam ser enviados navios de resgate em busca do barco naufragado. Se Diana agisse rápido, talvez conseguisse despachar Alia em outra embarcação. Mesmo que a garota tentasse contar às

autoridades a respeito de Temiscira, não teria como descobrir o caminho de volta à ilha.

O som alto de uma corneta retumbou vindo de Éfeso, e o coração de Diana foi à boca. A corrida havia terminado. Alguém conquistara a coroa de louros que ela tivera certeza de que usaria naquele dia. *Eu salvei uma vida*, lembrou a si mesma, mas o pensamento não serviu de consolo. Se alguém ficasse sabendo sobre Alia, Diana seria expulsa para sempre. De todas as regras da ilha, a proibição aos intrusos era a mais sagrada. Somente pertenciam a Temiscira as Amazonas que haviam conquistado o direito a uma vida ali. Morriam em batalha cobertas de glória, provando a força de seu coração. Se nos últimos instantes de vida clamassem por uma deusa, poderiam receber a oferta de uma nova vida, uma vida de paz e honra entre irmãs. Atena, Chandraghanta, Pele, Banba... Deusas do mundo inteiro, guerreiras de todas as nações. Cada amazona conquistara seu lugar na ilha. Todas menos Diana, é claro.

Sentiu um arrepio cortante e suas entranhas se revolveram. Talvez o resgate de Alia não tivesse sido um passo em falso, mas algo escrito no destino de Diana. Se ela de fato nunca tivesse pertencido à ilha, talvez o exílio fosse inevitável.

Ela se apressou ao avistar as torres de Éfeso, mas seus pés sentiam o peso do pavor. Como encararia sua mãe depois disso? Antes do esperado, a estrada de terra se transformou em grossas placas de pedra de Ístria, brancas e gastas sob seus pés descalços. Ao adentrar a cidade, ela sentiu que as pessoas a encaravam do alto das sacadas e dos jardins abertos, acompanhando com olhos curiosos seus passos até a arena. Era um dos prédios mais lindos da cidade, uma coroa de reluzentes pedras brancas erigida sobre arcos delgados, cada um brasonado com o nome de uma campeã.

Diana cruzou o arco dedicado a Pentesileia e ouviu a gritaria e o estrondo de pés. Ao emergir na arena iluminada pelo sol, foi recebida por um cenário ainda pior que o esperado. Ela não tinha apenas perdido. Tinha sido a última a chegar. As vencedoras estavam no pódio, e a premiação dos louros acabara de começar. Naturalmente, Rani havia vencido. Sempre fora corredora de longas distâncias, desde a vida mortal. Diana gostava dela. Era gentil, humilde e tinha até se oferecido para ajudá-la nos treinos. A amazona se perguntava se seria cansativo ser esplêndida o tempo todo. Talvez as heroínas fossem assim mesmo.

Ao caminhar em direção ao palanque, ela se forçou a sorrir. Embora o sol a tivesse ajudado a se secar, ela tinha plena ciência da desgraça que estava sua túnica, dos nós que a água do mar deixara em seu cabelo. Se ela simplesmente agisse como se a corrida não tivesse importância, talvez acabasse não tendo. Porém, avançara apenas poucos passos quando Tec emergiu da multidão e largou o braço em volta de seu pescoço.

Diana enrijeceu o corpo e sentiu ódio de si mesma.

– Ai, pequena Píxide – sussurrou Tec. – Você atolou na lama?

Umas poucas risadinhas soaram na multidão. Todas compreenderam o insulto. Diana não havia sido forjada em batalha; fora esculpida no barro. Então, escancarou o sorriso.

– Sentiu saudade, Tec? Não é possível que não haja mais ninguém por aqui para você criticar.

Continue andando, Diana disse a si mesma. *Mantenha a cabeça erguida*. O problema era que Tec era uma general nata. Enxergava as fraquezas e sabia exatamente os pontos a atacar. *Você tem que dar o melhor de si*, advertira Maeve, *ou Tec não vai recuar*. *Ela é ponderada perto de Hipólita, mas no fim das contas é você quem vai ocupar aquele trono*.

Não se Tec conseguir o que deseja, pensara Diana.

– Não se chateie, Píxide – disse Tec. – Sempre há a próxima vez. E a seguinte. E a seguinte...

Ao caminhar entre as espectadoras, Diana ouviu as aliadas de Tec aderirem à conversa.

– Talvez alterem a linha de chegada na próxima corrida – disse Otrera.

– Por que não? – replicou Tira. – As regras são diferentes para a realeza.

Era um insulto dirigido a sua mãe, mas Diana sorriu, como se nada no mundo fosse capaz de aborrecê-la.

– Impressionante como tem gente que não cuida da própria vida...

– disse ela, enquanto caminhava até os degraus que levavam ao camarote real.

Algumas espectadoras menearam a cabeça em aprovação. Queriam uma princesa que não recuasse ao receber farpas gratuitas, que golpeasse com palavras em vez de socos. Afinal de contas, que mal havia feito Tec? Às vezes Diana desejava que Tec a desafiasse abertamente. Ela levaria a pior, mas preferia apanhar a passar o

tempo todo fingindo não se afetar com os insultos e as alfinetadas. Era cansativo saber que, a cada vez que vacilasse, haveria alguém por perto.

Entretanto, o pior nem era isso. Pelo menos Tec era honesta em relação ao que pensava. O pior era saber que as outras amazonas, embora a tratassem com gentileza, jamais acreditariam que Diana fosse digna... nem de andar entre elas, muito menos de portar uma coroa. E tinham razão: Diana era a única amazona que não nascera amazona.

Se Tec descobrisse sobre Alia, teria tudo o que sempre desejara: Diana banida da ilha, a garota de barro perdida para o mundo dos homens.

Bom, ela não vai descobrir, Diana prometeu a si mesma. *Tem que haver um meio de tirar Alia da ilha*. Só precisava arrumar um barco, despachar a garota e encontrar algum humano para recolhê-la do outro lado.

Ou poderia dizer a verdade. Enfrentar o ridículo. Um julgamento, se desse sorte; o exílio imediato, se não desse. Os ditames das deusas que haviam criado Temiscira não podiam ser ignorados, e nenhuma oferta a Hera ou oração a Atena mudaria o que ela havia feito. Sua mãe intercederia a seu favor? Ofereceria alguma justificativa pelos fracassos da filha? Ou simplesmente seguiria com a punição exigida por lei? Diana não sabia ao certo o que seria pior.

Esqueça isso. Ela daria um jeito de arrumar um barco.

Subiu os degraus até o camarote da rainha, com plena consciência de que toda a atenção havia se voltado do pódio das vencedoras para ela. A luz entrava filtrada pela cobertura de seda, formando uma sombra vermelha e azul sobre a plataforma, e o jasmim que descia dos parapeitos exalava nuvens de aroma doce. Não havia estações em Temiscira, mas Hipólita mandava trocar as vinhas e plantas a cada solstício e equinócio. É preciso marcar o tempo, explicara a Diana. *Temos que nos esforçar para manter nossa conexão com o mundo mortal. Não somos deusas. Temos sempre que nos lembrar de que nascemos mortais*.

Nem todas, pensara à época, mas nada dissera. Às vezes parecia que Hipólita se esquecia das origens de Diana. Ou talvez apenas desejasse esquecer. *As regras são diferentes para a realeza*.

Diana tinha certeza de que sua mãe a vira tão logo ela adentrara a arena, mas Hipólita se virou como se a percebesse pela primeira vez e

a recebeu com um sorriso. Abriu os braços e deu um breve abraço na filha. Era o apropriado a se fazer. Ela tinha perdido. Uma demonstração muito intensa de afeto seria considerada tola e inadequada. Um tratamento frio demais poderia ser encarado como rejeição e gerar repercussões de longo alcance. O abraço era como deveria ser e nada mais, equilibrado sobre o fino gume da política. Então por que isso ainda lhe dilacerava o coração?

Diana tinha noção de seu papel. Permaneceu ao lado da mãe durante a entrega das coroas de louros às vencedoras, sorriu e cumprimentou as competidoras daquela manhã. Contudo, sua aflição parecia ter criado tentáculos, e a apertava com mais força a cada instante. Ela disse a si mesma que não se atormentasse, que parasse de verificar a posição do sol no céu. Tinha certeza de que sua mãe percebera algo errado. Só esperava que Hipólita creditasse seu comportamento à vergonha de ter perdido a corrida.

Os jogos avançariam tarde adentro, seguidos por uma peça no anfiteatro à noite. Diana esperava estar de volta à caverna muito antes disso, mas não havia como escapar do primeiro banquete. Extensas mesas haviam sido dispostas nos jardins ao lado da arena, repletas de pão quente, pilhas de sibas cozidas, fatias de veado grelhado e jarras de vinho e leite de égua.

Diana se forçou a comer um pouco de arroz e peixe e empurrou um favo de mel fresco no prato. Era o que ela mais gostava, mas suas vísceras estavam se revirando de preocupação. Ela notou o olhar questionador de Maeve no outro lado da mesa, mas tinha que ficar com sua mãe. Além do mais, o que diria à amiga? *É claro que eu teria vencido, mas estava muito ocupada transgredindo as leis divinas.*

– No lugar de onde eu venho, a gente teria comido cordeiro grelhado no espeto – comentou Tec, empurrando o veado no prato. – Carne de verdade, não esta coisa.

Nenhum animal era criado para abate na ilha. Qualquer carne que se desejasse precisava ser caçada. Essa não era uma regra criada pelas deusas ou uma condição imposta pela ilha, mas uma lei de Hipólita. Ela valorizava todas as vidas. Tec valorizava o próprio estômago.

Hipólita se limitou a rir.

– Se não encontra uma carne que valha a pena comer, beba mais vinho.

Tec ergueu a taça e as duas brindaram, depois aproximaram as cabeças cochichando algo uma para a outra. Diana nunca vira alguém

fazer Hipólita rir como Tec fazia. Elas lutaram lado a lado no mundo mortal, governaram juntas e escolheram renunciar ao mundo dos homens. Eram *prota adelfis*, as primeiras amazonas em Temiscira, irmãs em tudo, menos em sangue. Tec não odiava a rainha, apenas o que fizera ao criar Diana. Hipólita gerara uma vida a partir do nada. Trouxera uma garota à existência em Temiscira. Criara uma amazona quando apenas os deuses poderiam fazer isso.

Certa vez, quando era pequena, Diana acordara em seu quarto no palácio e ouvira as duas. Levantara-se da cama e cruzara o corredor a passos surdos, o mármore frio sob os pés, até o pátio Iolanda.

Aquele era o coração da casa. Um amplo terraço de graciosas colunas, de onde se viam os jardins abaixo e a cidade. O palácio era repleto de objetos que remetiam ao mundo conhecido por sua mãe antes da ilha: uma xícara de ouro, um cílice preto e raso com pinturas de mulheres dançando, uma sela de feltro acolchoado, peças de um quebra-cabeça que Diana jamais fora capaz de completar. Entretanto, o pátio Iolanda não guardava segredos. Percorria toda a extensão oeste do palácio e era aberto de três lados, de modo que vivia inundado pela luz do sol e pelo som das borbulhas dos chafarizes nos jardins abaixo. Em suas colunas, jasmims doces e suaves se enroscavam, e sua balaustrada era marcada por vasos de laranjeiras que atraíam abelhas e beija-flores.

A jovem e sua mãe faziam a maior parte das refeições ali, em uma mesa comprida que estava sempre abarrotada dos livros de Diana, taças com água ou vinho pela metade, um prato de figos, um punhado de flores recém-colhidas. Era onde Hipólita recebia as amazonas recém-chegadas a Temiscira depois da purificação e explicava, com sua voz baixa e graciosa, as regras da ilha.

Com Tec, no entanto, deixava de ser a rainha honrada e benevolente. Também não era a mãe que Diana conhecia, mas outra pessoa, meio louca e negligente, que se largava na poltrona e ria fazendo barulho.

Hipólita não estava rindo naquele dia. Andava de um lado para outro no terraço, as sedas do vestido cor de açafão drapejando atrás dela, feito um estandarte de guerra.

– Ela é uma *criança*, Tec. Não representa perigo algum.

– Ela é um perigo a todo o nosso estilo de vida – respondeu Tec. Estava sentada em um banco diante da extensa mesa, em sua roupa de montaria, os cotovelos apoiados na mesa e as pernas estiradas à

frente. – Você conhece a lei: ninguém de fora.

– Ela não é de fora. É uma garotinha. Foi feita com a terra desta própria ilha, moldada pelas minhas mãos. Nunca esteve *fora*.

– Existem regras, Hipólita. Nós somos imortais. Não fomos feitas para conceber, e a ilha foi planejada para as que conheceram os perigos do mundo dos homens, sabem o que é lutar contra a incessante maré de violência mortal e escolheram abdicar disso. Você não tinha o direito de tomar essa decisão por Diana.

– Ela será criada num mundo sem conflito. Caminhará numa terra onde nunca se derramou sangue.

– Pois então como saberá valorizá-la? Essa não foi a intenção dos deuses. Eles criaram as leis por uma razão, e você as subverteu.

– Os deuses a abençoaram! Dotaram Diana do sopro da vida, fizeram com que o meu sangue corresse nas veias dela, concederam a ela suas dádivas.

Hipólita se sentou ao lado de Tec.

– Seja sensata – prosseguiu. – Você acha que foi o meu poder que deu a vida a ela? Sabe que nenhuma de nós faz esse tipo de mágica.

Tec segurou as mãos de Hipólita. Sentadas daquele jeito, de mãos dadas, parecia que as duas estavam fazendo um pacto, tramando um plano mirabolante.

– Hipólita – disse Tec, com delicadeza –, quando é que os deuses concederam tamanha dádiva sem cobrar um preço? Sempre há um custo, mesmo que ainda não tenhamos testemunhado.

– E o que você deseja que eu faça?

– Não sei.

Tec se levantou e apoiou as mãos na balaustrada, observando o obscuro trecho de cidade e mar. Diana recordava a surpresa que sentira ao ver a quantidade de lanternas ainda acesas nas casas abaixo, como se aquela fosse a hora estipulada para as discussões dos adultos.

– Você nos pôs numa posição impraticável. Isso ocasionará um ajuste de contas, Hipólita, e só porque você quis alguém para chamar de sua.

– Ela pertence a *nós*, Tec. A todas nós.

Hipólita pousou a mão no braço de Tec e, por um instante, Diana achou que as duas fossem fazer as pazes. Então Tec se desvencilhou.

– A escolha foi *sua*. Diga o que quiser, alteza, mas seremos nós a pagar o preço.

No momento presente, Diana observava sua mãe e Tec conversando como se nem aquele debate nem todos os anteriores importassem, como se a frequente tortura que infligia à jovem fosse uma brincadeira afetuosa. Hipólita sempre desconsiderara o comportamento e a frieza de Tec, alegando que aquilo acabaria à medida que os anos passassem e Temiscira não fosse acometida por nenhum desastre. Em vez disso, só havia piorado. Já tinha quase 17 anos e a única coisa diferente era que ela agora representava um alvo maior.

Diana olhou o relógio de sol no centro da área das festividades. Fazia quase três horas que Alia estava sozinha na caverna. Não tinha tempo para se chatear com Tec. Precisava descobrir como conseguir um barco.

– Precisa estar em algum lugar, princesa? – disparou Tec, como se lesse os pensamentos dela.

Ela exibia uma expressão especulativa. Enxergava demais. Sem dúvida era o que fazia dela uma líder tão boa.

– Não – respondeu Diana, em um tom cordial. – Por quê? Você quer me ver longe?

– Ora, o que a faria pensar uma coisa dessas?

– Já chega disso – ordenou Hipólita com um aceno de mão.

Como era de se esperar, os músicos começaram a tocar e a mesa do banquete foi preenchida de canções e risadas. Diana remexeu a comida no prato e fez o possível para se alegrar enquanto o sol se arqueava rumo a oeste. Não podia ser a primeira a ir embora e correr o risco de parecer emburrada por conta da derrota. Por fim, Rani se levantou da mesa e se espreguiçou.

– Quem topa correr até a praia? – perguntou. – Ninguém me pega! – gritou, erguendo a bandeira de seda vermelha.

As Amazonas se levantaram empurrando as cadeiras para trás, gritando e fazendo algazarra, e dispararam atrás de Rani rumo à costa antes do início da rodada seguinte de jogos. Diana aproveitou a chance para escapulir até o cantinho onde Maeve a esperava. Ela usava uma túnica verde-acinzentada de veludo amarrotado que mal servia de vestido, combinada apenas com um par de sandálias e um pequeno diadema de contas verde-folhagem trançado nos cabelos vermelhos.

– Acho que você esqueceu as calças – disse, ao receber o abraço de Maeve.

As duas rumaram para o palácio.

– Duas coisas que eu mais amo neste palácio: a falta de chuva e a falta de decoro – respondeu Maeve. – Nossa, achei que aquela refeição não fosse acabar nunca!

– Pois é. Eu estava sentada bem na frente da Tec.

– Ela foi grosseira com você?

– Não mais do que de costume. Acho que estava se comportando bem por causa da minha mãe e da Rani.

– É difícil ser mesquinha perto da Rani. Ela sempre faz a gente sentir que o melhor passatempo do mundo é se aprimorar.

– Ou brasonar a silhueta dela numa moeda.

As duas passaram sob uma colunata com espessas videiras enroscadas.

– Maeve – disse Diana, no tom mais displicente possível –, você sabe se o Conselho mencionou alguma missão por vir?

– Não comece com isso de novo.

– Só estou perguntando.

– Mesmo se houvesse, sua mãe nunca deixaria você participar.

– Ela não pode me prender aqui para sempre.

– Na verdade, pode. Ela é a rainha, esqueceu?

Diana fechou a cara, mas Maeve continuou:

– Ela usará qualquer desculpa para manter você. Por sinal, você ofereceu uma ótima hoje. O que deu errado?

Diana hesitou. Não queria mentir para Maeve. Nem para ninguém. No entanto, se compartilhasse o segredo, a amiga seria forçada a revelar o crime dela, ou a guardar a confidência e correr o risco de ser exilada também.

– Havia umas rochas bloqueando a estrada norte – respondeu Diana. – Algum deslizamento.

Maeve franziu o cenho.

– Deslizamento? Você acha que alguém seguiu você?

– Você acha que alguém me sabotaria? Tec não iria...

– Ah, não?

Não, pensou, porém não disse. *Tec não acredita que precisa me sabotar. Acha que eu dou conta de me arrebrantar sozinha.* E Diana provara que ela estava certa.

– Ei – disse Maeve, apertando os ombros da amiga. – Outras corridas virão e...

Maeve agarrou o braço de Diana, revirou os olhos e desabou de

joelhos.

– Maeve! – gritou.

Diana a segurou. A pele de sua amiga estava estranha. Quente demais.

– O que houve?

– Não sei – respondeu Maeve em arquejos.

Ela então se curvou, soltando um uivo baixo de dor. Um segundo depois, Diana sentiu o eco da dor de Maeve. Todas as amazonas eram unidas pelo sangue, até Diana, através de sua mãe. Quando uma sofria, todas sofriam.

Algumas mulheres correram prontamente até elas, com Tec na dianteira.

– O que aconteceu? – perguntou Tec, ajudando Diana a levantar Maeve.

– Nada – respondeu Diana, entrando em pânico. – A gente só estava conversando, e ela...

– Cães do inferno – praguejou Tec. – Ela está ardendo em febre.

– Infecção? – perguntou Tira.

Diana balançou a cabeça.

– Ela não está ferida.

– Será que foi alguma coisa que ela comeu? – sugeriu Otrera.

– No banquete? – zombou Tec. – Não diga asneiras. Maeve, você comeu alguma coisa na mata? Cogumelos?

Maeve balançou a cabeça. Seu corpo convulsionou em um soluço fraco.

– Vamos pô-la na cama e tentar baixar essa febre – disse Tec. – Pegue água e gelo. Tira, vá chamar Yijun. Ela tem experiência em medicina de combate. Vamos levar Maeve para o dormitório do palácio.

– Ela agora mora em Caminus – lembrou Diana.

As novas amazonas passavam os primeiros anos no dormitório anexo ao palácio antes de decidir em que parte da cidade gostariam de viver. Diana visitara o novo alojamento de Maeve fazia pouquíssimo tempo.

– Se isso for contagioso, quero que ela fique isolada. O dormitório está vazio, lá é mais fácil deixá-la de quarentena.

– Acha que pode ser contagioso? – perguntou Otrera, horrorizada.

– Ande – ordenou Tec.

Tira correu rumo à cidade para encontrar a médica, e Diana

disparou até a cozinha do palácio para pegar uma jarra com gelo. Ao adentrar o dormitório, viu Maeve coberta com um lençol fino, trêmula. Diana apoiou a jarra e olhou a amiga, impotente.

– O que é?

– É uma febre – respondeu Tec, em um tom seco. – Ela está doente. Aquilo não podia estar acontecendo. Não era possível.

– Amazonas não ficam doentes.

– Bom, ela está – retrucou Tec.

Tira irrompeu no quarto, os cabelos louros esvoaçantes.

– A médica está vindo, mas outros dois alarmes foram disparados na cidade.

– Febre? Estavam no banquete?

– Não sei, mas...

De súbito, o quarto inteiro se mexeu. As paredes estremeeceram, e o chão se ergueu feito uma besta retornando de um sono profundo. A jarra de gelo tombou e se espatifou no chão. Tira foi empurrada contra a parede, e Diana precisou agarrar o batente da porta para não cair.

Na mesma rapidez com que começara, o tremor parou. Os únicos indícios do acontecido eram a jarra quebrada e as lanternas que ainda balançavam nos ganchos.

– Pelas tranças de Freia! – exclamou Tira. – O que foi isso?

Tec tinha a expressão impassível.

– Um terremoto.

– Aqui? – indagou Tira, incrédula.

– Preciso encontrar a rainha – disse Tec. – Esperem a médica.

Apressada, Tec saiu do quarto, esmagando sob as botas as lascas de vidro e gelo.

Diana desdobrou um cobertor e cobriu Maeve. Afastou os cabelos ruivos do rosto da amiga. Os olhos dela se mexiam de maneira irrequieta sob as pálpebras pálidas. *Contágio. Quarentena. Terremoto.* Essas palavras não pertenciam a Temiscira. *E se tiverem vindo com Alia?* E se Diana tivesse trazido desgraça a seu povo?

Nenhum mortal podia pôr os pés em Temiscira. A lei era clara. Na história das Amazonas, apenas duas mulheres ousaram violá-la. Kahina retornara de uma missão trazendo nos braços uma criança mortal, no desespero para salvá-la da morte no campo de batalha. Implorara para ter permissão de criar a menina na ilha, mas por fim as duas foram exiladas para o mundo dos homens. A segunda foi Nessa, que tentou esconder o amante mortal a bordo de um navio que retornava a

Temiscira.

Na infância, Diana pedira incontáveis vezes para ouvir a história de Nessa. Contorcia-se na cama, antecipando o tenebroso final: a imagem de Nessa parada na costa, sem armadura, enquanto “a terra tremia e os ventos uivavam, de tão irritada que estava a ilha, de tão irados que estavam os deuses”. Diana jamais se esqueceu do último trecho da história, como narrado pelo poeta Evandre:

Uma a uma, suas irmãs viraram as costas, como deviam. Embora chorassem, suas lágrimas salgadas eram como nada para o mar. Nessa, então, transpôs a clemência e adentrou as brumas, e as terras adiante, onde os homens inalam a guerra feito ar, onde a vida é como o bater das asas de uma mariposa; quase invisível, incompreensível, antes de esvanecer. O que dizer de seu sofrimento, exceto que foi breve?

Diana sentira calafrios com o desdém dessas palavras. Observara as mariposas aglomeradas ao redor das lanternas do terraço de sua mãe e tentara firmar os olhos no borrão de suas asas. Presente, ausente. Rápido assim. Mas agora eram as outras palavras de Evandre que ela recordava com um terrível senso de reconhecimento. *A terra tremia e os ventos uivavam, de tão irritada que estava a ilha, de tão irados que estavam os deuses.* Quando Diana resgatara Alia, acreditara estar assumindo um risco para si mesma, não para suas irmãs, não para Maeve.

Diana apertou a mão da amiga.

– Eu já volto – sussurrou.

Ela saiu em disparada pelo pátio ladeado de colunas que conectava o dormitório ao palácio.

– Tec! – gritou ela, correndo para alcançá-la.

Assim que Tec se virou, outro tremor as atingiu. Diana caiu por cima de uma coluna, batendo os ombros na pedra e sentindo uma dor intensa. Tec mal reduziu o passo.

– Volte para a sua amiga – disse, enquanto Diana subia atrás dela a escadaria para os aposentos da rainha.

– Tec, o que está causando isso?

– Não sei. Algum desequilíbrio.

Tec adentrou a sala superior dos aposentos da rainha sem hesitar. Hipólita estava diante da extensa mesa conversando com uma de suas

corredoras, uma garota de andar ligeiro chamada Sabaa.

Assim que as duas entraram, Hipólita ergueu o olhar.

– Mandei chamar uma corredora logo depois do primeiro terremoto.

Ela dobrou a mensagem que havia redigido, selou com cera vermelha e marcou-a com seu anel.

– Vá até Bana-Mighdall o mais rápido que puder, mas tome cuidado. Tem algo errado na ilha.

A corredora desceu as escadas e desapareceu.

– Houve pelo menos três relatos de doença – disse Tec.

– Tem certeza? – perguntou Hipólita.

– Eu mesma vi uma das vítimas.

– Maeve – acrescentou Diana.

– Pode ser que esteja atingindo as amazonas mais jovens primeiro – disse Hipólita.

– Nem todas – murmurou Tec, olhando de esguelha para Diana.

O olhar de Hipólita, no entanto, estava focado no mar a leste.

– Teremos que consultar o Oráculo – disse ela, com um suspiro.

Diana sentiu um nó no estômago. O Oráculo. Não haveria como esconder.

Tec assentiu, resignada. Visitar o Oráculo não era uma decisão trivial. Requeria um sacrifício, e se o Oráculo considerasse insatisfatória a oferta de uma amazona, poderia infligir qualquer número de punições.

– Vou acender as chamas sinalizadoras para reunir o Conselho – disse Tec, e desapareceu sem mais palavras.

Tudo estava acontecendo depressa demais. Diana seguiu Hipólita até seu quarto.

– Mãe...

– Se elas cavalgarem depressa, o Conselho deve estar reunido ainda na próxima hora – disse Hipólita.

Algumas integrantes do Conselho viviam em Éfeso ou Bana-Mighdall, mas outras preferiam as partes mais isoladas da ilha e tinham que ser convocadas pelas chamas.

Hipólita tirou as roupas de montaria confortáveis e o diadema de prata que usara na arena. Um instante depois, emergiu do quarto trajando sedas no tom roxo-escuro de ameixas maduras, o ombro direito coberto por uma espaldeira e escamas de malha reluzente. A armadura era puramente ornamental, o tipo de vestimenta usada em

assuntos de Estado. Ou reuniões de emergência do Conselho.

– Pode me ajudar a prender o cabelo? – perguntou Hipólita.

Ela se sentou diante do imenso espelho e escolheu um diadema dourado, cravejado de robustas ametistas brutas, de um estojo com interior de veludo. Diana achava bizarro ficar ali, trançando os cabelos negros da mãe enquanto o mundo à volta delas podia estar desabando, mas uma rainha jamais se mostrava a seu povo sendo nada menos que uma rainha.

Diana reuniu coragem. Precisava contar à mãe sobre Alia. Não podia deixá-la comparecer a uma reunião do Conselho sem saber disso. *Talvez não seja Alia. Pode ser um distúrbio no mundo dos homens. Alguma coisa. Qualquer coisa.* Mas Diana não acreditava nessa hipótese. Quando o Conselho consultasse o Oráculo, Alia seria descoberta e Diana seria exilada. Sua mãe seria vista como fraca, indulgente. Nem todas amavam Hipólita como Tec, e nem todas acreditavam que as Amazonas devessem ser governadas por uma rainha.

– Mãe, hoje, durante a corrida...

Hipólita encarou Diana pelo espelho e bateu as mãos espalmadas.

– Falamos sobre isso depois. Não há vergonha em perder.

Não era nem de longe a verdade.

– Não é isso – retorquiu Diana.

Hipólita colocou mais dois brincos de ametista nas orelhas.

– Diana, você não pode mais se dar ao luxo de ser derrotada assim.

Não achei que fosse vencer...

– Não?

Diana sentiu ódio da mágoa que a dominou, da surpresa evidente em sua voz.

– É claro que não. Você ainda é jovem. Ainda não tem a força das outras nem a experiência. Achei que pudesse ficar entre as classificadas, ou pelo menos...

– Ou pelo menos não humilhá-la?

Hipólita ergueu uma sobrancelha.

– Não se derruba uma rainha com uma derrota numa corridinha, Diana. Mas você não estava pronta, e isso significa que terá que se esforçar ainda mais para se recuperar no futuro.

A avaliação de sua mãe a respeito de suas chances foi como o abraço calculado na plataforma. Igualmente prática, dolorosa.

– Eu estava pronta – respondeu Diana, em tom de teimosia.

O olhar de Hipólita era tão gentil, amoroso e piedoso que a jovem

quis gritar.

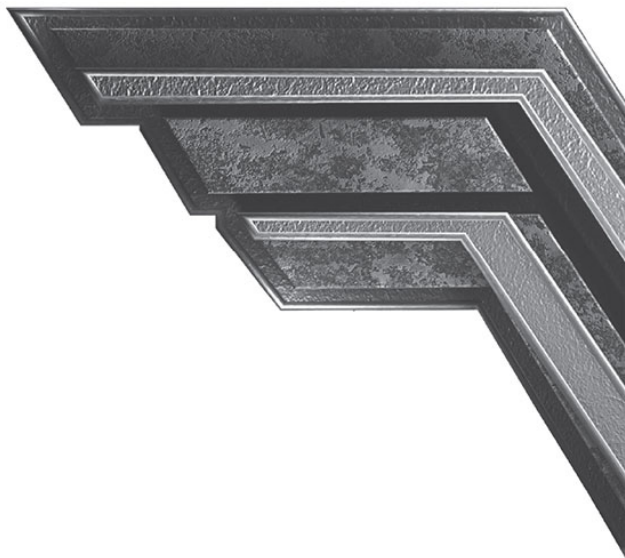
– Os resultados falam por si. Sua hora chegará.

Entretanto, não chegaria. Não se nunca lhe fosse dada uma oportunidade. Se sua própria mãe duvidava que ela pudesse vencer a porcaria de uma corrida. E Alia. *Alia*.

– Mãe... – tentou Diana outra vez.

Contudo, Hipólita foi saindo depressa dos aposentos. A luz das lanternas refletiu o dourado de sua armadura. A terra tremeu, mas os passos dela não falsearam, como se até seu caminhar declarasse: “Sou uma amazona; seu tremor é sensato.”

Diante do espelho, Diana se viu refletida – uma garota de cabelo escuro em roupas desgrenhadas, os olhos azuis transtornados, mordendo o lábio inferior. Ela endireitou os ombros, firmou o maxilar. Podia não ser rainha, mas as integrantes do Conselho não eram as únicas que podiam peticionar ao Oráculo. *Eu sou princesa de Temiscira*, disse ela à garota no espelho. *Vou atrás das minhas próprias respostas*.



CAPÍTULO 3

Diana correu até seu quarto para trocar de roupa e equipar uma bolsa de viagem com cobertor, corda, lanterna, pedra de isqueiro e as faixas que usava como proteção nas mãos ao lutar – serviriam como ataduras em uma emergência. Quatro horas haviam se passado desde que ela deixara Alia na caverna. A garota devia estar apavorada.

Pela coroa de Hera, e se ela tentar descer?

Diana estremeceu só de pensar. Alia tinha a resistência de um saco de gravetos. Se tentasse sair da caverna, acabaria apenas se machucando. Entretanto, não havia tempo para voltar ao penhasco. Se quisesse consertar a situação, teria que chegar ao Oráculo antes do Conselho.

Diana abriu uma caixa verde esmaltada que guardava ao lado da cama, então hesitou. Jamais tinha ido ver o Oráculo, mas sabia que era perigoso. Ela enxergava o que havia dentro do coração de uma amazona e o futuro mais distante. Em meio à fumaça de seu fogo ritualístico, rastreava milhares de vidas por milhares de anos, atenta ao movimento das marés e ao que poderia ser feito para alterar seu curso. O acesso a suas previsões tinha sempre um custo altíssimo. O essencial era se aproximar com uma oferta que agradasse ao Oráculo, algo pessoal e essencial à suplicante.

A caixa continha os objetos mais estimados de Diana. Ela enfiou a caixa na mochila e disparou escadaria abaixo. Passara o banquete

inteiro estocando comida, mas parou na cozinha para pegar um cantil de vinho com especiarias. Embora a cozinha fosse sempre uma bagunça, naquele dia a equipe trabalhava séria e determinada. Odores estranhos subiam dos panelões em nuvens de vapor.

– Casca de salgueiro – disse uma das cozinheiras, ao ver Diana abrir uma tampa para espiar. – Estamos extraindo ácido salicílico para ajudar a baixar as febres.

Ela entregou a Diana o cantil de pele de cabra.

– Diga a Maeve que estimamos uma rápida melhora – completou.

Diana só conseguiu agradecer. Não queria ampliar ainda mais a lista de mentiras do dia.

As ruas da cidade estavam tomadas de alvoroço e clamor, fervilhando de gente para cima e para baixo com comida, remédios e equipamentos para escorar os prédios danificados pelos tremores. Diana ergueu o capuz. Sabia que devia estar ali no meio, colaborando, mas se suas suspeitas em relação a Alia estivessem certas, a única solução seria removê-la da ilha o mais depressa possível.

Ao avistar o porto, ficou claro que roubar um barco seria quase impossível. O vento havia se transformado em ventania, e o céu estava escuro feito ardósia. As docas se apinhavam de amazonas tentando proteger a esquadra antes que a tempestade desabasse com toda a força.

Diana pegou a saída oeste da cidade, o caminho mais curto até o templo do Oráculo. A estrada era margeada por bosques de oliveiras e, tão logo ela se viu sob a proteção da mata, disparou a correr o mais rápido que pôde.

Em pouco tempo as oliveiras ficaram para trás, dando lugar a vinhas, a um corredor de pessegueiros abarrotados de frutos e às colinas baixas que ladeavam o pântano no centro da ilha.

Quanto mais Diana se aproximava do pântano, mais seu desconforto crescia. Ele ficava à sombra do monte Ptolema, e era o único lugar da ilha que jazia ao abrigo quase permanente do sol. Havia histórias de amazonas que adentraram aquelas profundezas para visitar o Oráculo e emergiram aos prantos ou completamente loucas. Clarissa, que solicitara uma audiência no templo, retornara à cidade gaga e trêmula, os vasos oculares rompidos, as unhas em cotocos de tão roídas. Clarissa jamais comentara sobre o que vira, mas desde então ela, que era uma guerreira experiente que ingressava nas batalhas armada apenas com um machado e sua coragem, passara a

dormir com uma lanterna acesa ao lado da cama.

Diana sentiu um calafrio ao adentrar o pântano, com suas sombrias árvores envoltas em véus de musgo, as raízes expostas e emaranhadas a projetar silhuetas bizarras nas águas escuras. Ela não ouvia os sons da tempestade que se avultava, nenhum canto familiar de pássaros, nem mesmo o vento.

O pântano entoava sua própria canção funesta: o agito e os respingos da superfície da água ao ser tocada por uma criatura de costas ossudas que se desvaneceu chicoteando o rabo comprido, as corridinhas dos insetos, os sussurros que ecoavam e sumiam sem motivo. Diana ouviu seu nome, um sopro gélido nos ouvidos. No entanto, ao se virar, não viu ninguém. Avistou algo de pernas compridas e peludas agitando um galho de árvore e apertou o passo.

Diana seguiu rumo ao que imaginava ser o oeste, penetrando mais o pântano à medida que a escuridão se adensava. Agora tinha certeza de que estava sendo seguida, talvez por várias criaturas. Ouvia o roçar de pernas rastejando acima de sua cabeça. À esquerda, vislumbrava o que parecia ser olhos negros e brilhantes em meio a grinaldas de musgo murcho, feito renda cinza.

– Nada a temer aqui – disse a si mesma, e quase ouviu a risada grave e gorgolejante do pântano.

Com um arrepio, ela empurrou uma cortina de vinhas unidas por teias de aranha, então parou. Imaginara que o templo do Oráculo seria como os prédios abobadados dos livros de história, mas agora se via diante de uma densa mata de raízes de árvores, uma barricada de galhos trançados que se avultava feito a muralha de uma fortaleza. Era difícil dizer se fora construída ou simplesmente brotara do pântano. Bem no centro havia uma abertura, uma bocarra mais escura e profunda que um céu sem estrelas. De dentro emanava um murmúrio grave e dissonante, o zumbido faminto de um enxame, um ninho de vespas.

Diana reuniu coragem, ajeitou a bolsa e avançou por um caminho de pedras negras e molhadas que levava à entrada, saltando de uma a outra por sobre um espelho opaco de água túrgida e cinza, as sandálias escorregando no dorso brilhante das pedras.

O ar perto da entrada era estranho e carregado. Caía pesado sobre sua pele, úmido, quente e incômodo, como a língua indolente de um animal. Ela acendeu a lanterna pendurada em sua mochila, respirou fundo e entrou.

No mesmo instante, a luz se apagou e Diana ouviu um barulho atrás de si. Ao se virar, viu as raízes nodosas se enroscando por sobre a boca do túnel. Correu de volta, mas era tarde demais. Estava sozinha na escuridão.

Seu coração disparou feito uma lebre dentro do peito. Para além do zum-zum vibrante dos insetos ela ouvia as vinhas e raízes se contorcendo à sua volta, e de súbito teve a certeza de que simplesmente se fechariam, aprisionando-a para sempre no interior da muralha trançada.

Ela se forçou a avançar, as mãos estendidas diante do corpo. Sua mãe não temeria uns galhinhos de árvore. Tec sem dúvida lançaria um olhar paralisante àquelas raízes.

O murmúrio se tornou mais alto e humano, um suspiro lamentoso que ia e vinha, tal qual o choro de uma criança. *Não estou com medo. Sou uma amazona e não tenho nada a temer.* Aquele lugar, no entanto, parecia mais velho que a ilha. Parecia mais antigo que tudo.

Gradualmente, ela percebeu que o túnel se inclinava para cima, e que era possível ver um pouco da textura das paredes de raízes trançadas. Em algum ponto mais acima, havia luz.

O túnel deu lugar a um salão redondo, de teto aberto. O céu que via agora era negro e repleto de estrelas. Ela entrou em pânico, imaginando que teria perdido a noção do tempo no túnel, então percebeu que as constelações estavam todas trocadas. Fosse lá que céu ela estivesse vendo, não era o verdadeiro.

As paredes de arbustos espinhosos sustentavam tochas iluminadas com chamas prateadas que não produziam calor, e um fosso de água limpa circundava todo o perímetro do salão. No centro, em um círculo de pedra totalmente plano, uma mulher de capa jazia sentada ao lado de um braseiro de bronze preso a um tripé por uma delicada corrente. Dentro dele ardia uma chama peculiar, de um laranja vibrante, soprando uma coluna de fumaça no céu rajado de estrelas.

A mulher se levantou e seu capuz caiu para trás, revelando os cabelos acobreados e o rosto sardento.

– Maeve! – gritou Diana.

O rosto do Oráculo foi se transformando. Primeiro uma criança de olhos arregalados, depois uma sábia velha encarquilhada, depois Hipólita. Um monstro de presas negras e olhos de opala, depois uma beldade ardente, o nariz reto e os lábios carnudos emoldurados por um elmo dourado. Ela deu um passo à frente; as sombras se

transformaram. Agora era Tec, mas já tocada pela idade, a pele escura cheia de vincos, grisalha nas têmporas. Diana só queria dar meia-volta e correr. Permaneceu onde estava.

– Filha da Terra – disse o Oráculo. – Faça sua oferta.

Diana se forçou a não se encolher. *Filha da Terra. Nascida do barro.* Pretendia o Oráculo insultá-la com essas palavras? Não importava. Diana tinha um motivo para estar ali.

Ela deitou a bolsa no chão e a abriu para procurar a caixa verde. Sua mão tocou um pente de jade que Maeve lhe dera em seu último aniversário; um leopardo de cornalina, o pequeno talismã que ela carregava no bolso havia anos, as costas côncavas no ponto onde ela esfregava o polegar; e uma tapeçaria com a conjunção dos planetas na hora de seu nascimento. Era toda malfeita. A mãe e ela a haviam cosido juntas, e Diana, querendo ficar mais tempo com Hipólita, desfazia fileiras de pontos todas as noites, na esperança de que as duas ficassem para sempre trabalhando naquele projeto. Ela sentiu o forro da caixa, fechando os dedos no objeto que buscava.

Diana encarou o fosso. Não havia um caminho óbvio para chegar ao outro lado, mas ela não pediria instruções. Ouvira o suficiente a respeito do Oráculo para saber que, se seu sacrifício fosse aceito, ela teria permissão de fazer três perguntas, nada mais.

Adentrou a água. Pôde ver seu pé no fundo, a pele mais pálida sob a superfície, mas não sentiu nada. Talvez o rio fosse mera ilusão. Ela avançou até a ilha de pedra. Ao pisar a pedra lisa, o murmúrio de vozes ficou indistinto, como se ela adentrasse o olho de uma tempestade.

Diana estendeu a mão, que esforçava para manter firme – não queria tremer diante do Oráculo –, e abriu os dedos, revelando a ponta da flecha. Cobria quase toda sua palma, e entre as fissuras do vértice cruel e afiado viam-se manchas de um vermelho tão escuro que parecia negro sob a luz gélida das tochas.

A risada do Oráculo saiu seca como o crepitar do fogo.

– Traz para mim um presente que despreza?

Diana se retraiu, em choque, fechando a mão para proteger a ponta da lança e aproximando-a do coração.

– Isso não é verdade.

– Eu só digo a verdade. Talvez *você* não esteja pronta para ouvir.

Diana tornou a encarar a bolsa, pensando se deveria tentar outra oferta. No entanto, o Oráculo disse:

– Não, Filha da Terra. Eu não quero as suas joias e bugigangas infantis. Vou ficar com a flecha que matou sua mãe. Por mais que despreze o objeto, sei o quanto o valoriza, e o sangue de uma rainha não é uma oferenda pequena.

Relutante, Diana tornou a estender a mão. O Oráculo arrancou a flecha ensanguentada de sua palma. Seu rosto mudou. Era Hipólita outra vez, mas agora sem presilhas nem tranças nos cabelos negros. Os cachos caíam por sobre os ombros, e ela usava uma túnica branca com bordados dourados. Estava como Diana se lembrava no dia em que a mãe a encontrara aos prantos nos estábulos, depois de entreouvir a conversa de duas amazonas antes da cavalgada diária.

Elas disseram que eu sou um monstro, contara à mãe. *Disseram que sou feita de barro*. Hipólita secara suas lágrimas com a manga da túnica, e naquela noite entregara a flecha a Diana.

Com a voz de Hipólita, o Oráculo disse as mesmas palavras que ela dissera sentada à luz da lanterna ao lado da cama de Diana:

– *Não existe alegria em ter nascido mortal. Você jamais terá que conhecer a aflição que é ser humana. Dentre todas nós, apenas você jamais conhecerá a dor da morte.*

As palavras não significaram muito para Diana à época, mas ela jamais as esquecera, e jamais soubera explicar por que estimava tanto aquela flecha. Sua mãe tivera a intenção de adverti-la, para que ela se lembrasse de valorizar a vida que lhe fora concedida. Para Diana, entretanto, aquele era o objeto que a unia a um mundo maior.

O Oráculo assumiu outra vez o rosto da Tec idosa. Atirou a ponta da flecha no braseiro e uma chuva de faíscas alaranjadas se elevou.

– Você hoje me traz presentes de morte – disse o Oráculo. – Bem como trouxe a morte ao nosso litoral.

Diana olhou bruscamente para cima.

– Você sabe sobre Alia?

– É essa a sua primeira pergunta?

– Não! – retorquiu Diana, mais que depressa.

Precisava ser mais esperta.

– A terra treme. O talo que nunca definha começa a se exaurir.

– Tudo por minha causa – disse Diana, desconsolada. – Tudo por causa de Alia.

– E das que vieram antes dela. Faça suas perguntas, Filha da Terra.

Uma pequena parte de Diana tinha a esperança de estar errada, de que o resgate de Alia e os desastres em Temiscira tivessem sido mera

coincidência. Agora ela não podia escapar do que havia feito e dos problemas que havia desencadeado. Se quisesse consertar as coisas, teria que elaborar as perguntas certas.

– Como posso salvar Temiscira?

– Nada faça.

O Oráculo abanou a mão, e a fumaça do braseiro formou um arco por sobre o fosso. Acima dele, Diana viu uma figura a encará-la de dentro d'água. Era Alia. Diana percebeu que estava vendo o interior da caverna do penhasco. A garota estava encolhida debaixo do cobertor, trêmula, os olhos fechados, a testa lustrosa de suor.

– Mas ela não estava ferida... – protestou Diana.

– A ilha a está envenenando, bem como ela está envenenando a ilha. Mas Temiscira é mais velha e forte. A garota morrerá, e com ela a mácula do mundo mortal. A maioria das suas irmãs sobreviverá. A ilha pode mais uma vez ser purificada.

A maioria sobreviverá? Maeve viverá? As palavras ardiam na língua de Diana, implorando para sair.

– Eu não entendo – disse Diana, tomando cuidado para não entoar uma pergunta. – Não estou doente, e Alia estava bem quando saí de lá.

– Você pertence à ilha, nasceu incorrupta, *athanatos*, imortal. Não adoecerá como suas irmãs. Sua proximidade pode prolongar a vida dela, até aliviá-la, mas não é capaz de curar. Ela morrerá e a ilha viverá. Tudo será como deve ser.

– Não – retrucou Diana, surpresa com a raiva em sua voz. – Como faço para salvar a vida de Alia?

Lá se fora a segunda pergunta.

– Você não deve.

– Essa não é a resposta para a minha pergunta.

– Então chame-a pelo nome dado a seus ancestrais, *haptandra*, a mão da guerra. Olhe dentro da fumaça e descubra quem ela é.

Novamente a fumaça emergiu de dentro do braseiro e se espalhou acima d'água, mas desta vez, ao olhar, Diana foi engolfada pela chama. Viu-se parada no meio de um campo de batalha, rodeada de soldados abatidos, os corpos espalhados em meio a ruínas, os membros boiando numa costa de cinzas negras. Ela se encolheu ao ver estrondear um gigantesco veículo blindado, uma máquina de guerra como a dos livros, esmagando os corpos sob as rodas. Pôde ouvir explosões em rajadas ligeiras.

Com os olhos fixos no horror à sua volta, ela deixou escapar um

ganido de impotência. Poucos centímetros adiante, jazia Maeve, uma espada cravada no coração, jogada no chão como um inseto. Os corpos que rodeavam Diana eram de amazonas. Seu olho avistou uma mecha de cabelos negros: sua mãe, com a armadura de batalha esmagada e destruída, o corpo descartado como lixo.

Ela ouviu um grito de guerra e se virou, buscando uma arma que não possuía. Então viu Tec, o corpo reluzente de suor, os olhos injetados pela batalha, enfrentando uma espécie de monstro saído das histórias, metade homem, metade chagal. O monstro cravou as presas na garganta de Tec, sacudindo-a feito uma boneca, atirando-a para o lado. Tec caiu, o sangue a jorrar de sua jugular aberta. Ela cravou os olhos em Diana, com um brilho acusativo.

– Filha da Terra.

Diana arfava, lutando para respirar. A imagem ficou mais nítida, e ela viu o próprio reflexo na água, o rosto molhado de lágrimas.

– Está derramando sal na minha poça divinatória – disse o Oráculo. Diana enxugou as lágrimas do rosto.

– Não pode ser. Eu vi monstros. Vi as minhas irmãs...

– Alia não é uma garota comum. Ela carrega a morte.

– Como todos os mortais – retrucou Diana.

O que Alia tinha de diferente? A ilha a havia rejeitado como faria com qualquer presença humana. Se Diana pudesse tirá-la de Temiscira, tudo voltaria ao normal.

– Ela não carrega a *própria* morte, mas a do mundo. Acha que foi por acaso que aquele barco chegou tão perto de nossa costa? Alia é uma Semente da Guerra, nascida da mesma linhagem de Helena, que foi gerada por Nêmesis.

– Helena? Não Helena de...?

– Por dez anos a Guerra de Troia perdurou. Nenhum deus foi poupado. Nenhum herói. Nenhuma amazona. Assim será se Alia tiver permissão para viver. Ela é *haptandra*. Onde for, haverá conflito. A cada respiração, ela nos aproxima do Armagedom.

– Mas foi a beleza de Helena que causou a guerra.

O Oráculo fez um gesto de desprezo com a mão e as tochas bruxulearam.

– Quem é que conta essas histórias? Contos de deusas vingativas que brincam com vidas humanas por vaidade? É claro que os homens creem que o poder de uma mulher jaz na delicadeza de suas feições, na perfeição de suas formas. Entretanto, você sabe mais, Filha da

Terra. O sangue de Helena trazia em si a guerra, e em seu 17.º aniversário esses poderes chegaram ao ápice. Isso acontece com todas as Sementes da Guerra. Assim será com Alia. Você viu nas águas.

– Uma linhagem de Sementes da Guerra.

Seria possível? Como poderia uma mortal, mesmo uma cuja linha genealógica levasse a Nêmesis, a deusa da retribuição, causar tanta desgraça?

O Oráculo a observava atentamente.

– Preste atenção, Filha da Terra. Quando uma Semente da Guerra nasce, a destruição é inevitável. Cada uma delas foi catalisadora de todos os grandes conflitos do mundo dos homens. Com a vinda da lua nova, os poderes de Alia atingirão o ápice, e a guerra chegará.

Ela fez uma pausa.

– A menos que morra antes – completou o Oráculo.

– A explosão não foi acidental – disse Diana, compreendendo. – Alguém queria ver Alia morta.

– Muitos farão o possível para que o mundo não adentre uma era de derramamento de sangue. Contudo, você não precisa fazer nada. Apenas espere e a garota morrerá, como deveria ter acontecido no naufrágio. É o melhor caminho.

Diana franziu o cenho. Havia lido as histórias. Sabia como os oráculos falavam.

– O melhor caminho – refletiu.

O Oráculo contorceu a boca, como se de fato pudesse ler os pensamentos de Diana. Pela primeira vez, ela se perguntou por que o Oráculo escolhera aparecer com o rosto de Tec. Para amedrontá-la? Intimidá-la?

– O melhor caminho, mas não o único.

Um fogo prateado cintilou nos olhos do Oráculo, como se eles ardessem com a mesma luz das tochas nas paredes.

– Faça a última pergunta e saia deste lugar.

Diana abriu a boca, mas o Oráculo ergueu a mão graciosa.

– Pense bem. Não sou sempre tão benevolente com as oferendas que aceito. Você se preocupa com o destino de uma garota quando o que está em jogo é o futuro do mundo. Em vez disso, preocupe-se com seu próprio futuro. Não gostaria de saber se Tecmessa está certa a seu respeito? Se trará a glória ou o desespero às amazonas? Em algum momento sua mãe se cansará de governar. Não deseja saber se será uma rainha no futuro? Posso mostrar tudo isso, Filha da Terra.

Diana hesitou. Pensou nas palavras de Tec, nas recusas de sua mãe. O Oráculo poderia dizer que ela era uma abominação, ultrajada em segredo pelos deuses, destinada a levar somente a desgraça a seu povo. Mas e se o Oráculo dissesse que ela carregava a graça dos deuses, que poderia ser uma bênção a seu povo? Isso absolveria sua mãe e faria cessar as infundáveis especulações a respeito de Diana. Tec nunca mais poderia dizer nada contra as duas.

Porém, isso faria de Diana mais amazona? *Eu posso perguntar como obter a aprovação delas. Posso perguntar como conquistar a glória em batalha.* Ela pensou na mão de Alia agarrando o casco, na pulsação da garota, em seus dedos diligentes. Uma garota ressuscitada pela própria respiração de Diana.

Se eu salvar meu povo, Alia morre. Se salvar Alia, verei minhas irmãs massacradas. Na verdade, a pergunta era simples.

– Como faço para salvar todo mundo?

A fúria dominou as feições do Oráculo. Sua imagem foi se alterando. Uma serpente, Tec, um crânio, um lobo de gengivas negras. Olhos de pedras preciosas, cobras enroladas na cabeça e saindo pela boca.

– Teimosa como todas as garotas! – vociferou ela. – Impulsiva como todas elas!

As palavras saíram antes que Diana pudesse pensar:

– E você, nunca foi uma garota teimosa e impulsiva?

A pergunta era inútil, mas já não importava. Diana fizera uma pergunta importante, e a ira do Oráculo a fazia crer que havia sido a correta. O murmúrio agonizante se elevou à volta delas, um lamento sofrido entremeado por uma mágoa feroz, e nele Diana ouviu os ecos dos gritos de suas irmãs naquele terrível campo de batalha.

Quando o Oráculo falou, já não era Tec. Tinha um rosto diferente, que parecia talhado pela própria luz.

– A Semente da Guerra deve chegar à nascente em Terapne antes do pôr do sol do primeiro dia de Hecatombaion. A Semente da Guerra será purificada onde Helena descansa, expurgada da mácula da morte que manchou sua linhagem desde o início. Lá seu poder será selado e jamais passado a outras.

Terapne. Grécia. Significava sair da ilha. Impossível. Ainda assim...

– A linhagem de Sementes da Guerra seria interrompida?

O Oráculo nada disse, mas também não negou. Se Alia morresse em Temiscira, uma nova Semente da Guerra nasceria – talvez em um

mês, talvez em cem anos, mas aconteceria. Se elas conseguissem chegar à nascente a tempo, se Diana levasse Alia até lá sob sua proteção, tudo mudaria.

– Eu vejo você, Filha da Terra. Vejo seus sonhos de glória. Mas o que *você* não vê é o perigo. Facções do mundo dos homens perseguem a Semente da Guerra. Umas desejam acabar com sua vida para garantir a paz; outras desejam protegê-la para que se inicie uma era de conflitos. Em menos de duas semanas começará o Hecatombaion. Não ache que poderá chegar à nascente a tempo. Você é uma garota.

Diana cerrou os punhos, pensando na flecha ensanguentada que o Oráculo havia aceitado como sacrifício. O sangue de sua mãe. O mesmo sangue que corria nas veias de Diana.

– Eu sou uma amazona.

– Você é? Não é uma heroína. Não foi testada em batalha. Esta tarefa está muito além de suas habilidades e força. Não arruíne o mundo em prol do próprio orgulho.

– Isso não é justo – retrucou Diana. – Estou tentando fazer o que é certo.

No momento em que essas palavras saíram, Diana soube que não eram a pura verdade. Ela queria a glória. Queria a chance de provar seu valor, não apenas numa corrida ou luta, mas numa tarefa heroica, incontestável. Queria argumentar com o Oráculo, mas que sentido havia em se discutir com uma anciã que tudo via?

– Vá para casa – disse o Oráculo. – Volte para Éfeso. Conforte sua doce amiga. Diga a ela que o sofrimento em breve acabará. Quando o Conselho chegar, nada direi. Ninguém jamais precisará saber o que você fez. Seu crime permanecerá em segredo e você não terá que temer o exílio. A ilha voltará a ser o que era, o mundo estará salvo e você poderá viver em paz com suas irmãs. Contudo, se tirar a garota da ilha...

O murmúrio se transformou num uivo, em mil uivos, gritos se elevando da terra chamuscada, o clangor de espadas, os lamentos dos mortos, a desgraça de suas irmãs mil vezes amplificada. O som de um futuro que Diana poderia evitar sem ter que fazer absolutamente nada.

– Vá – ordenou o Oráculo.

Diana deu meia-volta e correu, tornando a adentrar a escuridão do túnel, incapaz de escapar daquele uivo terrível. Corria sem cautela. Ralou o ombro na parede de arbustos espinhosos, tropeçou e caiu de joelhos com a inclinação da passagem subterrânea. Então se levantou

e voltou a correr, com aquele terrível e angustiante som vibrando em seus ossos e lhe chocalhando o crânio.

As raízes se abriram diante dela, que saiu cambaleante do templo e adentrou a água salobra do pântano. Seguiu rastejando, resfolegante, e se jogou rumo à ribanceira. Correu, tentando se distanciar o máximo possível do templo.

Somente depois de deixar a escuridão das árvores e chegar ao topo do primeiro grupo de colinas baixas, Diana se permitiu parar. Experimentou o aroma doce e fresco das melaleucas, os respingos de água da chuva na pele. Mesmo assim, não se sentia segura.

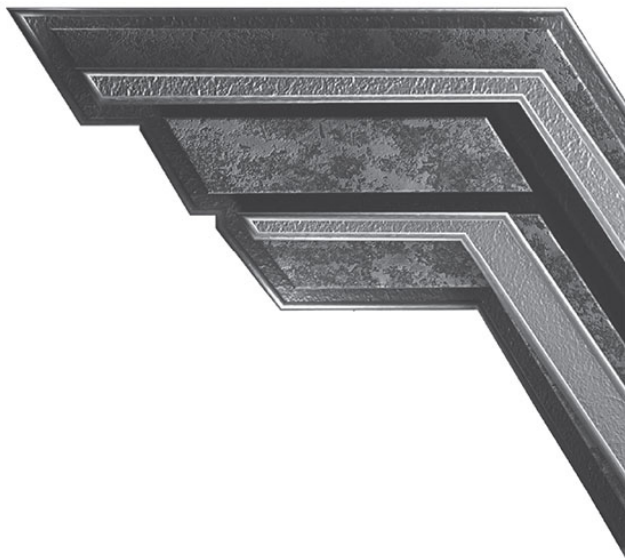
Eu sou uma amazona.

Em meio ao farfalhar das folhas, ouviu o escárnio do Oráculo:

Você é?

Ela não podia arriscar. Não podia colocar em perigo a vida de suas irmãs por uma garota que mal conhecia. Fora tola em pular no mar aquela manhã, mas agora poderia fazer a escolha certa.

A terra estremeceu sob os pés dela. Um raio cortou o céu. Ela firmou a bolsa no ombro e rumou para a caverna. Alia estava morrendo. Se Diana não poderia salvá-la, pelo menos era possível evitar que morresse sozinha.



CAPÍTULO 4

Tomada pelo estado de pânico e pela adrenalina, Alia achava que talvez tivesse exagerado nos detalhes de sua salvadora. Mas não. A garota estava de volta à caverna, e era exatamente como ela recordava: 1,80 metro de altura e deslumbrante. Era gigantesca! Parecia uma professora de crossfit.

Talvez eu esteja delirando. Ela sabia que estava com febre e calafrios, mas não conseguia entender os sintomas. A dor de cabeça e a náusea podiam resultar de uma concussão. Ela sem dúvida batera a cabeça com força durante o naufrágio do *Tétis*. Contudo, não queria pensar nisso – no choque da explosão, nos gritos de Ray, na força da água cinza que a arrastara. Era melhor manter o foco na caverna, no cobertor que lhe envolvia o corpo. Se tinha sido apenas uma concussão feia, sua tarefa era ficar acordada até receber ajuda. Sucesso! Lá estava o auxílio, na forma de uma garota com cara de supermodelo que fazia bico como lutadora de vale-tudo. Ou vice-versa.

Entretanto, onde estava a equipe de resgate? O helicóptero? O paramédico para piscar uma lanterna nos olhos de Alia e dizer que tudo ficaria bem?

– Só você? – perguntou ela, enervada com a fraqueza da própria voz.

A garota se sentou ao lado dela.

– Você comeu alguma coisa?

– Estou sem fome.

– Pelo menos beba um pouco d'água.

Alia não tinha forças. Sentiu uma leve pressão sobre os lábios.

– Beba – ordenou a garota.

Alia conseguiu dar uns goles.

– A ajuda está vindo?

A garota hesitou.

– Creio que não.

Alia abriu os olhos. Conseguira controlar o pânico até então, mas já sentia suas garras tentando se libertar.

– Por causa dos terremotos?

Ao primeiro tremor, Alia se arrastara até a entrada da caverna, morrendo de medo de que uma rocha cedesse e a esmagasse. Contudo, voltou assim que deu uma olhadela para a altura da queda até o mar. Encolhera-se no cobertor, lutando contra o medo crescente.

Uma coisa de cada vez. Estou numa ilha... talvez haja atividade vulcânica. É só esperar o socorro chegar. Ela fizera sua parte. Mantivera a lucidez, conseguira não gastar energia chorando e gritando. Então, onde estava o resgate?

A garota tinha uma expressão angustiada, o olhar voltado para os próprios pés. Alia percebeu que ela tinha trocado de roupa. Na praia usava uma espécie de túnica branca, mas agora trajava calças de couro marrom e o que parecia uma mistura de camisa regata e top esportivo.

– A ilha é muito isolada – disse a garota. – Não... não foi possível contatar o resgate.

– Então o resto da tripulação...?

– Sinto muito.

Aquelas palavras não faziam muito sentido para Alia. Nada fazia sentido. Ela fechou os olhos, a garganta doendo de tanto chorar. Sua melhor amiga, Nim, costumava chamá-la de pé-frio, porque uma série de problemas acontecia à sua volta. Brigas pipocavam nas festas que frequentava. Casais começavam a discutir a troco de nada. Houve até a vez que um show gratuito no Central Park se transformou num caos. Agora não parecia tão engraçado.

Pensar em Nim, em sua casa, na segurança de sua cama, fez Alia desabar no choro.

– Eram amigos? – perguntou a garota, baixinho.

– Eu mal os conhecia – admitiu Alia. – Preciso de um médico. Tem alguma coisa errada. Acho que bati a cabeça no naufrágio. Posso estar com hemorragia interna.

Enquanto falava, porém, Alia percebeu que sua dor de cabeça havia melhorado desde que a garota aparecera. Talvez estivesse apenas desidratada.

– Sua embarcação explodiu – disse a garota. – Antes de afundar.

Alia recostou a cabeça na parede da caverna.

– Sim, eu me lembro.

– Na praia, você disse que era culpa sua.

As palavras lhe golpearam o coração feito um soco.

– Eu disse? Não devia estar pensando direito.

– Você acha... É possível que tenha sido intencional? Alguma bomba?

Alia arregalou os olhos.

– Que papo é esse?

– Será que o naufrágio foi proposital?

– Não, claro que não...

Alia hesitou. Todos os avisos paranoicos de Jason retornaram.

Nós somos alvos, Alia. Nosso dinheiro. A fundação. Temos que ficar espertos.

Espertos significava uma equipe de guarda-costas treinados na cobertura. Um motorista armado para levá-la à escola todas as manhãs e deixá-la em casa todas as tardes. Nada de excursões com a turma. Uma agenda que descrevia cada minuto de seu dia para que Jason sempre soubesse onde ela estava, verões passados no mesmo lugar todos os anos, vendo as mesmas pessoas, olhando a mesma personagem. Era uma boa vista. Alia sabia que não tinha do que reclamar. *Mas isso nunca foi impeditivo, certo?* Ela adorava reclamar com Nim em todas as ocasiões. E aceitara avidamente a oportunidade de passar um mês com gente diferente, longe das regras ridículas de Jason.

Talvez não tão ridículas. Poderia alguém ter plantado uma bomba no barco? Teria alguém da tripulação explodido o *Tétis* de propósito? Sua expressão de medo deve ter ficado evidente, pois a garota se inclinou para a frente e perguntou:

– É possível?

Alia não queria responder. Se alguém tivera a intenção de explodir o barco, de matar pessoas inocentes só por causa dela e da fundação,

então Jason estava certo em relação a tudo, e ela havia sido a maior idiota da face da Terra.

- É possível – admitiu ela, relutante. – Já que eu sou uma Keralis.
- Nome grego.
- Meu pai era grego. Minha mãe era de Nova Orleans.

As pessoas sempre queriam saber de onde vinha sua cor. Alia estendeu a mão para o cantil de água. De fato sentia-se um pouco melhor, embora tremesse ao levar o cantil aos lábios. A amazona firmou o braço de Alia para ajudá-la a beber.

– Obrigada. Você nunca ouviu falar da Fundação Keralis? Dos Laboratórios Keralis?

- Não. O que isso tem a ver com a explosão?
- Subitamente, Alia ficou desconfiada.
- Quem é você?
 - Eu? Meu nome é Diana.
 - Diana de quê?
 - Por que o meu nome interessa?

Por quê? Porque mesmo que aquela garota morasse em uma ilha remota, *tudo mundo* conhecia o nome Keralis. Isso era parte do problema.

Como Diana havia chegado tão depressa ao local do naufrágio? E se estivesse sabendo da bomba no barco? Alia balançou a cabeça bem de leve e foi recompensada com uma onda de tontura que lhe revirou o estômago e a deixou sem ar. Ela pressionou a cabeça na parede da caverna e esperou passar. Não estava pensando direito. Não havia razão para que uma garota tentasse matá-la, depois salvasse sua vida e a enfiasse numa caverna.

- As pessoas odeiam os meus pais; agora me odeiam também.
- Sei – respondeu Diana. – Seus pais são assassinos?
- Oi?

Alia a olhou de soslaio.

– Eles eram biólogos – prosseguiu ela. – Bioengenheiros. Existe gente que se incomoda com alguns trabalhos que eles fizeram em genética e com a política da fundação.

Diana franziu o cenho, como se tentasse assimilar toda aquela informação.

- Acha que foi por isso que alguém tentou matar você?
- Por que mais seria?

A garota ficou em silêncio. Alia sentiu outra onda de náusea. Gotas

de suor frio brotaram em sua testa.

– Preciso de um médico.

– Não tem ninguém na ilha que possa ajudá-la.

– Não há um barco ou coisa parecida que possa me levar de volta a Istambul ou ao porto mais próximo?

– Não.

Alia encarou Diana, sentindo o pânico assumir o controle.

– O que acontecerá comigo?

Diana desviou o olhar. Alia cobriu o rosto, humilhada por tornar a ser ameaçada pelas lágrimas. Não entendia o que estava acontecendo, só sabia que, desde a infância, nunca se sentira tão cansada e assustada. Como as coisas podiam ter dado tão errado e tão depressa?

– Eu nunca devia ter saído de casa. O Jason me mandou ficar em Nova York. Disse que era mais seguro. Mas eu queria tanto.

Diana pegou outro cobertor da mochila e cobriu Alia. Cheirava a sálvia e lavanda.

– O que você queria?

– É besteira – respondeu Alia.

– Por favor. Eu quero saber.

Alia tornou a fechar os olhos. Sentia-se fraca demais para falar, mas a culpa e a vergonha eram mais fortes que o cansaço.

– Existe um programa para os alunos de biologia chamado Verão no Mar. A gente ganha créditos para a faculdade. É bem difícil de entrar, mas pensei em me inscrever e ver o que acontecia. Acabei sendo aceita, e percebi...

– O quanto queria ir.

– É – respondeu Alia, com um sorrisinho que logo se desvaneceu. – Eu menti para o Jason.

– Quem é Jason?

– Meu irmão mais velho. Ele é um ótimo irmão, o *melhor*. Só que é superprotetor. Eu sei que ele me proibiria de viajar, então disse que os pais da Nim tinham me convidado para passar um tempo na casa de praia deles, em Santorini. Você não faz ideia de como foi difícil guardar segredo. Eu tive que arrumar um visto, todos os atestados médicos, mas de repente comecei a fazer tudo isso. Larguei meus guarda-costas no aeroporto e só liguei para o Jason quando já estava embarcando no *Tétis* em Istambul.

Alia soltou um soluço.

– Ele ficou tão furioso. Eu juro, ele sempre foi muito calmo, mas

estava gritando. E me proibiu de ir... *proibiu*. Eu desliguei na cara dele.

– Ele manda em você? – perguntou Diana. – Muitos homens gostam de exercer autoridade sobre as mulheres. Pelo menos foi o que ouvi dizer.

Alia soltou uma bufada, mas Diana parecia séria.

– Bom, claro, mas o Jason não é desse tipo. Ele só ficou preocupado comigo, não queria que eu corresse perigo. Achei que se mostrasse a ele que conseguia dar conta disso sozinha, ele seria obrigado a parar de me tratar feito bebê.

Diana soltou um suspiro.

– Sei como é. Minha mãe também não acha que eu consigo dar conta de nada sozinha.

– Está brincando? Você salvou a minha vida. Me carregou *nas costas* até uma caverna. Você parece capaz de fazer *tudo que quiser*.

– Na minha família, entre... as minhas amigas, eu sou a mais fraca.

– Não me parece nada fraca.

Diana a encarou por um longo instante.

– Você também não me parece fraca.

Alia sorriu.

– Mas o Jason tinha razão. Se eu tivesse ficado em Nova York, se simplesmente tivesse dado ouvidos a ele, ninguém teria morrido. Eu nunca deveria ter saído de casa.

Diana franziu o cenho.

– Se você tivesse ficado em casa, talvez outras pessoas tivessem se ferido. Seus amigos ou sua família.

– Talvez – disse Alia, mas a ideia não foi muito reconfortante.

– E você tinha esse sonho... de estudar, de conquistar méritos.

– Bom, pelo menos de conseguir crédito para a faculdade.

– Como pode ser errado querer provar o seu valor? – perguntou a garota, com um brilho feroz no olhar. – Você não errou em ser ousada.

– Mas o Jason...

– O Jason não pode proteger você para sempre. Não podemos passar a vida nos escondendo, imaginando o que poderíamos conquistar se tivéssemos a chance. Precisamos *nos arriscar*. Você foi corajosa em embarcar.

– Eu fui burra. Tudo o que aconteceu só provou que Jason estava certo.

– Não. Você sobreviveu ao naufrágio. Quando as ondas vieram,

você segurou firme. Talvez seja mais forte do que pensa, do que todo mundo imagina.

Diana se levantou.

– Talvez eu também seja – completou, oferecendo a mão a Alia. – A gente precisa tirar você daqui.

– Achei que você tinha dito...

– Eu sei o que disse. Quer sair desta ilha ou não?

Alia não fazia ideia do que causara a reviravolta, mas a garota gigantesca dada não se olhava os dentes.

– Quero – respondeu com avidez.

Tomou a mão de Diana e se levantou devagar, tentando enfrentar a onda de tontura que a invadia.

– O que faremos? Você tem um barco ou coisa assim?

– É mais complicado que isso. Preciso que você confie em mim. As pessoas aqui... Existem riscos terríveis, e as coisas que você... Bom, só me prometa que, se a gente escapar dessa, você não falará desta ilha a mais ninguém.

Alia ergueu as sobrancelhas. A garota estava de brincadeira com ela, ou seria um tantinho doida?

– Ok, claro.

– Jure pelo que é mais sagrado.

Talvez mais que um *tantinho* doida.

– Juro por Jason, por Nim e pela chance de entrar numa universidade de ponta.

Diana inclinou a cabeça para o lado.

– Esse juramento terá que servir.

Ela deu as costas para Alia.

– Suba.

– A gente tem mesmo que fazer isso de novo? – resmungou Alia.

Ela não se sentia exatamente ágil, mas era meio humilhante montar nas costas de alguém feito uma criança de 5 anos.

Diana deu de ombros.

– Veja por você mesma.

Depois da primeira olhadela aterrorizante lá para baixo, Alia evitara deliberadamente a entrada da caverna, mas agora juntou o cobertor nos ombros e tornou a espiar a beirada. A queda até os pedregulhos de rocha parecia ainda mais íngreme que de manhã.

Agarrada com firmeza à mão de Diana e à rocha áspera da boca da caverna, ela olhou para cima. De alguma forma, o abrupto penhasco

que se elevava no céu tempestuoso parecia duplamente mais assustador que a queda.

– A gente vai subir? – perguntou ela.

– *Eu vou.*

– Comigo nas costas?

– Você é bem leve. Fico me perguntando se não tem deficiência de cálcio.

– Ei! Meu cálcio está ótimo.

– Seu tônus muscular é fraco também.

– Prefiro fortalecer a mente – respondeu Alia, em tom de soberba.

Diana não se convenceu.

– A maioria dos filósofos concorda que corpo e mente precisam estar em harmonia.

– Seeei. Tipo a história de “nove entre dez dentistas”? – perguntou Alia.

Ela duvidava que esses filósofos algum dia tivessem sido obrigados a jogar queimado durante a educação física.

Ela suspirou. Mesmo em sua melhor forma, a subida teria sido impossível para ela. Alia olhou Diana com cautela. Jamais se considerara baixa, mas parecia um yorkshire perto da garota. Não era só por conta da altura da garota; ela tinha um jeito majestoso. Feito um arranha-céu. Ou o monte Rushmore, só que menos escarpado.

Alia endireitou a coluna.

– Ok, faremos do seu jeito.

Diana assentiu e se virou, fazendo um gesto para que Alia subisse em suas costas. A garota enganchou as mãos por trás dos joelhos de Alia, ajeitando-a no lugar feito uma mochila.

Lá se vai a minha dignidade, pensou Alia.

– Upa, upa, cavalinho – disse Alia, num tom irônico.

– Ei! Eu não sou sua montaria – respondeu Diana.

Ela trotou... *correu* até a boca da caverna. Sem avisar, cravou os dedos na rocha e se balançou para fora. Alia fechou os olhos com força e se segurou firme, tentando não pensar nos impiedosos rochedos abaixo.

– Pois bem – disse Alia, o queixo enfiado no ombro de Diana, tentando se distrair. – Já que estamos nos dependurando num penhasco juntas, precisamos nos conhecer melhor... Você tem algum hobby?

– Minha mãe está tentando me fazer aprender lira.

– Escolha interessante. Irmãos?

– Não.

– Apelido?

Por sob o corpo, Alia sentiu a garota tensionar os músculos.

– Não.

Certo... melhor parar com o papo furado.

Diana foi avançando aos poucos, procurando pontos onde se segurar, progredindo constantemente na subida do penhasco. Vez ou outra soltava um resmungo, mas não estava arquejante nem bufando como Alia estaria.

Assim que Alia começou a se perguntar quanto exercício aeróbico aquela garota fazia, o penhasco estremeceu e balançou. O pé de Diana resvalou e elas se soltaram.

Alia deixou escapar um grito, e seu coração subiu à garganta. As duas pararam com um solavanco, penduradas no ar, sustentadas apenas pela mão direita de Diana cravada na rocha. Alia pôde ver um filete de sangue vindo de algum ponto entre seus dedos.

O ímpeto de olhar para baixo, de ver o quanto haviam caído, a dominou. *Não olhe*, comandavam seus centros de lógica. Contudo, o resto do sistema nervoso havia entrado por completo no modo de luta ou fuga. Ela olhou para baixo. Foi arrebatada pela tontura. Nada havia além do mar ondulante e das gigantescas rochas negras, as cristas das ondas batendo e espumando nas protuberâncias.

Alia tornou a erguer os olhos e viu os dedos ensanguentados de Diana, que escorregavam devagar. Ela própria sentia as mãos suadas; seu corpo deslizava. Contorceu-se para manter a força da mão.

– Fique parada – vociferou Diana.

Alia congelou.

Diana soltou um som entre rugido e grunhido e impulsionou o corpo para cima, balançando o braço esquerdo até o alto da cabeça. Por um instante, Alia achou que as duas estivessem caindo. Então os dedos de Diana encontraram um ponto de apoio, o pé se firmou e as duas começaram a subir outra vez.

Alia sentiu a tensão nas costas de Diana, a contração de seus músculos. As duas continuaram avançando, cada vez mais para cima. A garota não arriscava olhar para baixo de novo. Longos instantes depois, Diana a puxou para o topo do penhasco.

Alia rolou para sair de cima dela. Diana pôs-se de pé em um salto, espanando a terra. E ofereceu a mão para Alia.

– Me dê um minuto – disse Alia, tentando fazer com que seus batimentos voltassem ao normal.

– Por que *você* está cansada?

– A gente quase morreu!

Diana inclinou a cabeça para o lado.

– Quando?

– *Lá embaixo!*

Qual é o problema dessa garota?

Alia pegou a mão que a garota ofereceu e se levantou. As nuvens estavam carregadas e nodosas, e o vento agitava seus cabelos. Ela tocou as tranças no couro cabeludo. Estavam rígidas por conta do sal e da areia.

Uma nova tempestade, ou talvez a mesma que assolara o *Tétis*, tornava a se aproximar. Ela espiou a extensão da costa, mas não viu farol ou porto algum, nenhum vestígio de civilização. O lugar era mesmo isolado.

Alia olhou para o mar à procura de algum sinal do *Tétis* e da tripulação. Jasmine, Ray, Luke, a Dra. Ellis. *Podem me chamar de Kate*, dissera ela. Contudo, todos a chamavam de Dra. Ellis mesmo assim. Sobre o que Ray e Jasmine discutiam quando os ventos se adensaram? Eles tinham sofrido um desvio de rota, os instrumentos começaram a emitir leituras sem sentido, e uns começaram a culpar os outros.

A tripulação vinha se atacando mutuamente desde o embarque. Alia se isolara dos outros, sentindo uma profunda decepção. Seu mês a bordo do *Tétis* deveria servir para mostrar a Jason que ela podia se cuidar sozinha, mas também para que tivesse a chance de fazer novos amigos longe da Academia Bennett e para fugir da tensão que parecia acompanhá-la por toda parte. Em vez disso, a viagem fora mais do mesmo. Ray e Luke quase brigaram por causa de uma lista de músicas. E agora os dois estavam mortos.

– Talvez a gente deva ficar onde está – disse Alia.

Ela estava péssima antes de Diana aparecer, mas agora, fora da caverna, sentia os pulmões mais abertos e um pouco menos de tontura.

– Vão mandar grupos de busca atrás do navio – explicou-se. – Talvez a gente consiga achar um jeito de enviar um sinal da costa.

Diana balançou a cabeça.

– Ninguém a encontrará aqui. Ninguém nunca encontra.

Alia ergueu a sobrancelha, desconfiada.

– Aqui é tipo um Triângulo das Bermudas?

– Tipo isso. A ilha é quase impossível de se encontrar. Não aparece em nenhum mapa.

– Duvido! O Google deve ter essa ilha registrada.

– O Google é o seu deus? – perguntou Diana.

– Eu passo muito tempo conectada, mas não precisa exagerar.

Diana a encarou, inexpressiva, então fez um gesto para que Alia a acompanhasse.

– Venha. Estamos muito expostas aqui.

– Acho que a mata não é um lugar muito bom para ficar numa tempestade – comentou Alia.

Diana mordeu o lábio, como se não tivesse considerado aquilo.

– Imagino que não faça muito tempo ruim por aqui – completou ela.

– Nunca – respondeu Diana. – Mas tem que ser na mata. Não podemos ficar a céu aberto.

Um calafrio percorreu os braços de Alia, e nada teve a ver com a tempestade ou suas roupas úmidas.

– Como assim?

– As pessoas que vivem nesta ilha vieram para cá porque não querem ser encontradas.

– Tipo você?

– Eu... eu não tive escolha. Nasci aqui.

Alia estremeceu. *Fique calma, Alia.*

– Esse pessoal não é de alguma milícia esquisita ou coisa assim, certo?

– Na verdade, muita gente é... militar.

A coisa só melhorava. Na melhor das hipóteses eram um bando de loucos. Se não gostavam de intrusos, obviamente não gostariam de uma garota negra de Nova York.

– E ninguém tem telefone? Rádio?

– Nenhum contato com o mundo exterior.

– E se alguém fica doente ou se acidenta?

– Aqui isso não é um problema – respondeu Diana. – Ou não costumava ser.

Alia tinha conseguido a proeza de naufragar na ilha dos malucos! Perfeito.

– Será que não dá para a gente roubar um barco ou coisa assim? – perguntou ela.

– Considerei fazer isso, mas as docas estão abarrotadas. Perceberão se alguém levar uma embarcação, ainda mais durante uma tempestade. E acho que precisaremos de mais que um barco para chegar a Terapne.

– Terapne? Onde fica isso?

– Sul da Grécia. Golfo da Lacônia.

Se Alia estava se lembrando direito das aulas de geografia, aquilo não fazia sentido. O *Tétis* naufragara a apenas poucos dias de distância de Istambul. Mesmo que tivessem desviado totalmente da rota, não fazia sentido irem até tão longe. Por que não Tessalônica, ou mesmo Atenas?

– Isso fica a centenas de quilômetros daqui. A gente não consegue navegar até tão longe.

– Claro que não.

Alia respirou fundo. Seu peito doeu como se tivesse levado um soco. Seu corpo estava coberto de hematomas. Além do mais, sentia-se tonta e nauseada. Tinha que ir a um médico. Tinha que ir para uma cidade de verdade.

A menos que Diana estivesse mentindo ou delirando (as duas coisas sem dúvida eram possíveis), ela estava presa numa ilha repleta de gente esquisita, então tinha que ficar esperta. *Jogue o jogo*, disse a si mesma. *A garota quer ir para o sul da Grécia? Sem problemas.* Alia podia concordar e sorrir, desde que fosse levada a qualquer lugar onde houvesse telefone.

Ela enrijeceu o corpo e adentrou com Diana o silêncio verde da floresta. Era como entrar num mundo alienígena. Quando Alia era pequena, seus pais a levaram em uma viagem à floresta tropical brasileira, para que Jason e ela conhecessem as novas espécies de plantas sendo descobertas ali e os medicamentos desenvolvidos a partir delas.

Aquela floresta era similar e, ao mesmo tempo, totalmente diferente. As árvores não se pareciam com nada do que ela conhecia, e algumas eram gigantescas. As raízes percorriam o chão em grossas espirais, cobertas de vinhas vicejantes com flores em forma de trombeta. O ar tinha um aroma doce e parecia seda na pele de Alia, e as gotas de chuva por todos os cantos faziam o musgo, as folhas e os ramos brilharem como se cravejados de pedras preciosas.

Que ótimo lugar para uma seita.

Alia sabia que era melhor ficar de boca fechada, mas não resistiu:

- Por que temos que ir ao sul da Grécia?
- A sua expedição não foi atacada por causa do trabalho dos seus pais. Você está sendo caçada.
- Caçada – repetiu Alia, em um tom frio. – Porque eles querem comer a minha carne e usar minha pele para fazer lindas bolsas?
- Porque você é *haptandra*.
- Como é que é?
- Você é uma Semente da Guerra.
- Eu não estou a fim de brincadeira.

Diana olhou para trás e lançou um olhar aturdido.

– O Oráculo disse que a gente tem que chegar à nascente em Terapne antes do pôr do sol do primeiro dia de Hecatombaion. É onde está a tumba de Helena, onde ela foi descansar ao lado de Menelau. Quando você e a sua linhagem forem purificadas na nascente, você não será mais uma Semente da Guerra. Nunca mais precisará temer por sua vida.

- Ah, sim – disse Alia. – Agora faz total sentido.
- Tenho esperança de que os seus inimigos acreditem que você está morta, mas temos que nos preparar para qualquer coisa depois de sairmos da ilha.
- Entendi – respondeu Alia.

Eu vou é me preparar para encontrar a primeira delegacia e ficar bem longe de você.

Diana parou abruptamente e levou um dedo aos lábios. Alia assentiu, então foi engatinhando atrás dela e espiou por entre as folhagens.

Não sabia ao certo o que esperava ver. Talvez algum tipo de forte ou acampamento militar. Em vez disso, avistou uma estrada larga que levava a uma cidade construída em algum tipo de pedra dourada, reluzente à meia-luz – uma cidade de conto de fadas, cheia de arcos e torres, alpendres abertos abarrotados de flores em cascata, com tetos abobadados e tendas de seda sustentadas por elegantes colunas.

Mulheres iam e vinham pela estrada, com certa urgência. Algumas usavam calça de couro e tops em faixa parecidos com o de Diana, mas outras vestiam sedas radiantes. Pareciam um grupo de artistas se preparando para dominar o palco.

Diana encarou Alia e fez um sinal.

– Isso é algum tipo de treco militar cujo significado eu deveria entender? – sussurrou Alia.

Diana deu um suspiro irritado.

– Tente andar sem fazer barulho. Para uma pessoinha tão pequena, você é barulhenta demais.

– Eu não sou pequena – protestou Alia.

Sendo sincera, ela não era exatamente *desenvolta*, mas não daria de cara com uma árvore ou coisa parecida.

Elas continuaram avançando pela mata, abrindo caminho por entre os galhos. Diana tinha o andar confiante e nunca parava para descansar, mas Alia se sentia pior a cada passo. Não fazia ideia do tempo que haviam demorado no trajeto, mas perdera os tênis de lona no naufrágio e, apesar do musgo que cobria o chão da floresta, seus pés protestavam a cada raiz, calombo e pedrinha.

Por fim, Diana parou. Desta vez, deitou-se de bruços e rastejou, feito uma lagarta, até uma árvore. Alia parou por um instante. Era para fazer o mesmo? Deu de ombros, então também se deitou de bruços e foi atrás. As duas emergiram bem no alto de uma espécie de cidadela murada.

– As paredes racharam – disse Diana, com a voz tomada pela tristeza. – Ficaram de pé por quase três mil anos.

Agora Alia sabia que a garota era louca. Não havia como aquele prédio existir por tanto tempo. Parecia novíssimo, apesar da grande rachadura em uma das paredes cor de areia.

Enquanto observavam, Alia viu mais duas mulheres de calça de couro e top correndo por sob um arco. Ao ressurgirem, havia uma terceira com elas. Tinha um braço só, tatuado com o que parecia...

– Aquilo é cota de malha?

Diana assentiu.

– Everilde se disfarçou de cavaleiro para poder lutar nas Cruzadas. A tatuagem cobre o torso inteiro.

– Uau. Parece saída de uma feira medieval. O que está escrito no ombro?

Diana piscou os olhos, os cílios negros retintos salpicados de gotas de chuva.

– Paz. Em árabe. Ela fez quando Hafsa chegou à ilha. As duas trabalham nas salas de treinamento, mas com a tempestade e os terremotos Éfeso deve estar precisando de toda ajuda possível. Diana grunhiu. – Minha mãe me matará.

– Por quê?

– Eu devia estar lá, ajudando. *Assumindo um papel de liderança.*

Alia quase soltou uma gargalhada. Ao que parecia, até o pessoal da seita tinha que corresponder à expectativa das mães.

– Que lugar é este?

– A armaria.

Parecia lindo demais para uma armaria.

Quando as mulheres foram embora, Diana desceu a barragem com Alia e se meteu em um arco repleto de flores. Alia estendeu a mão e tocou uma flor cor de creme, com pétalas de pontas vermelhas e úmidas de chuva. Jamais vira uma flor tão perfeita. Era quase do tamanho de sua cabeça.

– Dedaleiras – disse Diana. – Lírios-de-gericó, nastúrcios. São todas plantas associadas à guerra ou à vitória. Minha mãe gosta de flores temáticas.

– Estranho? Nãããã... – murmurou Alia.

Quando as duas adentraram a armaria, porém, o queixo de Alia desabou. O aposento era um imenso hexágono encimado por um enorme domo. Cada parede exibia uma arma diferente: espadas, machados, adagas, bastões, coisas com pregos, forcados e uns ganchos arrepiantes que Alia não sabia nomear. As paredes pareciam organizadas em ordem cronológica, com as armas mais antigas e rústicas no topo e as contrapartes mais modernas e lustrosas perto do chão.

– Nenhuma arma de fogo – mencionou ela.

Diana a encarou como se ela fosse louca.

– Esse é o armamento do covarde.

– Hummm – respondeu Alia, num tom diplomático.

Armas de fogo, contudo, eram as mais eficazes. Havia uma razão por que os policiais não circulavam pelas ruas com machados. *Uma seita contrária a armas de fogo e amante da horticultura.* Talvez fossem hippies que por acaso colecionavam armas.

– O que é isso? – perguntou Alia, apontando para um cajado com uma garra gigante na ponta.

– Um *zhua*. Serve para roubar o escudo de um oponente a cavalo.

– Parece o esfregão mais mortal do mundo.

Diana refletiu.

– Talvez, com um paninho, sirva para limpar o sangue do adversário depois, mas eu não recomendaria. Seria muito pouco prático.

Elas cruzaram o amplo salão, passando por um piso coberto de

tatames e por manequins claramente projetados para luta.

– Vocês deixam tudo isso solto por aí? Não é meio perigoso?

– Não é permitido o uso de nenhuma arma fora da armaria, a menos que tenha sido sancionada para exibição.

– E se alguém roubar alguma?

– Roubar? Por que roubariam? Essas armas pertencem a todas.

Alia, em silêncio, acrescentou *socialista* à listagem de adjetivos da seita. Jason não aprovaria. Entretanto, ela não queria pensar no irmão, ou em como deveria estar preocupado. Ou no fato de que talvez não tornasse a vê-lo se não encontrasse um meio de sair dali.

As duas passaram por outro arco e adentraram um aposento menor. A luz era mais fraca ali, filtrada pelos painéis azuis do domo de vidro tingido. A câmara era repleta de redomas de vidro revestidas com espelhos, dando a impressão de que os objetos flutuavam à luz colorida. Era como estar no centro de uma safira.

Cada redoma guardava um figurino diferente: uma placa peitoral de bronze batido e um par de sandálias gastas; um fragmento de aço e couro do que Alia pensou ser uma armadura samurai; peles pesadas e alforjes ornados com contas; um macacão de piloto que parecia vindo dos anos 1920... Alia não entendia muito bem de moda militar, mas Nim saberia. Talvez fosse ali que Amelia Earhart tivesse ido parar. Porém, ao olhar mais de perto, ela viu que a parte de cima do macacão estava cravejada de buracos de bala. Espiou a pesada armadura encouraçada na redoma de trás. Havia um buraco, como se tivesse sido perfurada por uma lança.

Havia algo mais: a armadura, o corte das roupas, os braceletes, botas e coroas. Alia ficou paralisada. Havia visto umas vinte ou trinta pessoas na estrada para a cidade... e nenhum homem sequer.

– Espere aí – disse Alia.

Diana estava parada diante de uma redoma de vidro no centro do salão, maior e mais brilhante que as outras, iluminada por uma ofusca luz branca vinda do topo do domo.

– Tem algum homem nesta ilha? – perguntou Alia.

Diana balançou a cabeça.

– Não.

– *Nenhum?*

– Não.

– Caramba, vocês são algum tipo de seita radical?

– Não – respondeu Diana, franzindo o cenho.

- São lésbicas?
- Claro que não.
- Sem problema se forem. A Nim é. Talvez seja bi. Acho que ela ainda está se descobrindo.
- Quem é Nim?
- Minha melhor amiga.

Minha única amiga, pensou Alia, mas não disse. Jason não contava. E Theo era mais “o amigo de Jason” do que dela.

- Algumas gostam de homem, outras gostam de mulher, outras gostam dos dois, outras não gostam de nada.
- Então por que não tem homem nenhum?
- É uma longa história.
- E como você *nasceu* aqui, se não entram homens?
- Essa história é mais longa ainda.

Diana se virou outra vez para a redoma. Hesitante, ela a abriu. Como se sentisse medo de que o metal a queimasse, enfiou o braço dentro do estojo e pegou uma coroa delgada de ouro, com um imenso rubi em formato de estrela no centro.

Alia já havia visto várias joias em um monte de socialites da Park Avenue, mas nada feito aquilo.

- De quem é isso?
- Meu, eu acho. Minha mãe mandou fazer quando eu nasci. Mas nunca usei.
- O rubi é de verdade?

Diana assentiu e abriu um sorrisinho.

– Vermelho, como Sirius, a Estrela Canina. Meu nome é em homenagem à caçadora Diana, e eu nasci sob a constelação preferida dela, Órion. A pedra foi cortada a partir da coroa da minha mãe. – Diana apontou para a grande tiara que pendia suspensa no estojo, com um rubi muito maior no centro. – São pedras-do-coração. Funcionam como uma espécie de bússola.

Ela removeu o rubi em forma de estrela do lugar e devolveu o diadema à base.

- Espero que ninguém dê falta.
- Dar falta de um rubi desse tamanho? Imagina.

Diana correu os dedos pelos outros itens que estavam ali: um cinturão dourado cravejado de joias vermelhas e nacos de topázio do tamanho das unhas de Alia; um elegante arco desencordado e uma aljava de couro adornado, cheia de flechas; um par do que parecia

largos braceletes de ferro; e algum tipo de corda, enrolada feito uma cobra.

– Precisaremos disso – disse Diana, pegando o laço. Ele cintilou quando ela o afivelou na cintura, como se feito de um material diferente de uma corda comum. Diana tocou um dos braceletes de ferro. – Minha mãe me trazia aqui toda semana quando eu era pequena. E contava as histórias por trás de cada coisa, de todas as mulheres que vieram para cá. Estas são as relíquias das nossas grandes heroínas. Fragmentos da vida que tiveram antes de chegar à ilha, e das batalhas que lutaram para preservar a paz depois disso. Ela me contou as histórias de todas. De todas, menos a dela.

Devem ser relíquias de família, pensou Alia.

Então o bracelete que Diana estava tocando *se mexeu*. Alia recuou, quase esbarrando no estojo atrás de si.

– O que diabo aconteceu?

Era como se o metal estivesse se fundindo. O bracelete deslizou e se fechou no punho de Diana.

– O... que... diabo... aconteceu? – repetiu Alia, enquanto o segundo bracelete deslizava para o outro punho de Diana.

Diana parecia tão chocada quanto Alia. Ergueu as mãos diante de si e encarou os braceletes, incrédula e boquiaberta.

Eu tive uma concussão, murmurou Alia mentalmente. *É óbvio que eu tive uma concussão. Na verdade, talvez esteja em coma. Bati a cabeça durante a explosão e agora estou num hospital na Turquia. Só preciso acordar, porque Nim se mijará nas calças quando eu contar a ela sobre a ilha mágica de mulheres.*

– Talvez seja um sinal – disse Diana.

– De quê? – conseguiu perguntar Alia, com um ganido.

– De que a minha busca é justa. De que estou fazendo a escolha certa.

– De me ajudar a sair da ilha? Sem sombra de dúvida. A mais justa.

Alia avaliou a corda e os braceletes. Apesar do que Diana dissera sobre porte de armas, se algo daquilo fosse real, poderia haver toda uma galera da seita de mulheres circulando com machados de batalha e esfregões da morte naquele exato instante.

– Talvez fosse melhor levarmos mais alguma coisa.

– Tipo o quê?

– É você que está falando de inimigos atrás de mim. Será que a gente não precisa de uma besta ou de uma lança? Algo pontudo, tipo

aquela espada?

– Os outros artefatos? Seria roubo.

– E os braceletes?

– São meus desde que nasci.

– Será então que não podemos pegar algo *emprestado* das salas de treinamento?

– A gente não vai até a nascente para começar uma batalha. Estamos indo até lá para *prevenir uma*.

– É, mas você conhece o ditado: às vezes a melhor defesa é o ataque.

Diana ergueu a sobrancelha.

– E às vezes a melhor defesa é não aparecer com uma espada gigante.

– Falou a garota de 1,80 metro de altura que me carrega feito uma mochila. Ninguém tentaria nada contra você.

– Você ficaria surpresa. Eu...

Outro tremor percorreu o chão, fazendo o recinto nadar em luz azul.

– Ande – disse Diana, agarrando Alia pelo braço e afastando-a da redoma, que tombou para o lado e desabou sobre o chão de pedras, mandando lascas de vidro pelos ares. – Preciso tirar você desta ilha.

Alia tentou manter o ritmo de Diana quando as duas saíram da armaria em disparada. Sua cabeça latejava, e a náusea havia retornado ainda pior que antes. Nacos de pedra despencavam do imenso domo, espatifando-se nos tatames da sala de treinamento enquanto Diana e Alia zigzagueavam em direção à entrada.

Ao se aproximarem do arco, Diana agarrou a mão de Alia e as duas dispararam em direção à mata. Só pararam depois de subir a barragem e se esconder sob as árvores. Alia sentia o peito prestes a explodir. Sabia que estava fora de forma. Nim estava sempre tentando convencê-la a praticar ioga, e Jason vivia praticamente em união estável com a esteira, mas aquilo era diferente. Sua cabeça girava, e a dor pressionava seu crânio em um persistente latejo.

– Preciso parar – disse ela, curvando o corpo.

Sua visão estava turva. Sentiu algo escorrer pelos lábios, e viu sangue ao tocar o rosto.

– O que está acontecendo comigo?

Diana tirou da mochila um pedaço de pano, umedeceu com água da chuva e delicadamente limpou o nariz e a boca de Alia. Ao sentir

seu toque, Alia percebeu que a dor cedeu um pouco, e a visão clareou.

– Preciso tirar você da ilha.

– A ilha é uma metáfora – disse Alia a si mesma. – Quando a gente sair da ilha, eu acordarei.

– Não é uma metáfora – respondeu Diana. – A minha casa está matando você antes que você possa destruí-la. A gente tem que seguir em frente. Quer que eu a carregue?

– Não – respondeu Alia, dispensando a mão de Diana. – Estou ótima.

Diana balançou a cabeça, mas não discutiu. Alia seguiu atrás dela se arrastando, apoiando-se nos troncos das árvores quando necessário, ouvindo o ribombar da respiração em seus pulmões, chapinhando pelos trechos de terra que a chuva transformara em lama. Percebia os pássaros que se abrigavam entre as grandes folhas verdes, o farfalhar de suas asas. Ouvia os gritos dos macacos, embora não visse sinal deles. Aquele lugar era tão vivo, inundado de vida, embebido nela.

O que é real e o que não é?, perguntou-se Alia. Talvez a ilha fosse e suas percepções, não. Ela podia ter sofrido um dano cerebral no naufrágio. Seu corpo definitivamente fora tomado de adrenalina. Ou talvez ela estivesse em algum hospital, numa máquina de ressonância magnética, e tudo aquilo fosse alucinação. Gostava dessa ideia. Os médicos descobririam qual era o problema com sua mente e dariam um jeito. A ciência podia consertar qualquer coisa, com tempo e recursos. Seus pais haviam lhe ensinado isso. O mundo possuía lógica, padrões escondidos que se revelavam a quem aprendesse a enxergá-los. O que eles pensariam de árvores gigantes e joias que pareciam ter vida própria? *Diriam que havia uma explicação. E encontrariam uma.*

Alia cambaleava atrás de Diana pela mata, colina abaixo. As árvores foram se adelgaçando e gradualmente deram lugar a uma clareira. Ela teve a sensação pungente de escorregar de um mundo a outro. As duas acabavam de sair de uma floresta de vegetação densa, apinhada de flores e pássaros canoros de cores vivas. Agora ela olhava o que só podia ser descrito como um prado: extensas colinas ondulantes de juncos maleáveis em tons de cinza e verde-claro que se mesclavam às cores do céu coberto de nuvens.

Alia tentou tomar fôlego, enquanto Diana não parecia nem um pouco ofegante.

– Isso não faz sentido. Esse relevo é totalmente errado para este clima.

Diana se limitou a sorrir.

– A ilha é assim. Ela dá presentes.

Alia tentou não revirar os olhos.

– Minha mãe nunca fala sobre a vida antes da ilha – prosseguiu Diana. – Mas ama este lugar. Acho que a faz se lembrar das estepes.

Diana ficou ali parada um bom tempo, encarando o gramado. Alia não sentia vontade alguma de recomeçar a caminhar, mas tinha a nítida impressão de que as duas deveriam correr.

– Então... – começou Alia.

Diana balançou a cabeça e levou um dedo aos lábios.

– Não me mande me calar... – resmungou Alia.

– Escute.

– Só consigo escutar o vento.

– Aqui – disse Diana.

Ela tomou a mão de Alia. Foi se agachando, puxou a garota consigo e pousou sua mão na terra úmida.

– Está sentindo?

Alia franziu o cenho, então... um tremor, diferente dos terremotos. Mais parecido com o tamborilar da chuva.

– Feche os olhos – murmurou Diana.

Alia a encarou com desconfiança e obedeceu. O mundo escureceu. Ela sentiu o cheiro de tempestade no ar, a intensa fragrância musgosa da mata atrás delas, e algo mais, um aroma quente que não soube nomear. Ouviu o farfalhar isolado do vento roçando a grama. Então, um relincho suave, a princípio tão leve que a fez duvidar. Ouviu de novo, e os sons se uniram a uma suave batida vinda da terra: corpos se deslocando juntos, um tropel de cascos.

Ela abriu os olhos. Sentiu que abria um sorriso.

– Cavalos?

Diana sorriu e assentiu. As duas se levantaram.

– Onde estão? – perguntou Alia.

– Aqui no campo. A cavalaria fantasma.

Diana desenganchou da cintura a corda dourada e começou a avançar pela grama alta. Chegava até suas coxas, quase até a cintura de Alia, causando uma comichão em suas pernas nuas que a fazia pensar em teias de aranha.

– Minha mãe e suas irmãs podiam cavalgar qualquer corcel e extrair o melhor dele, disparar flechas dependuradas numa sela, mirar de cabeça para baixo – disse Diana. – Quando Maeve chegou à ilha...

Bem, a cavalaria fantasma foi um presente da deusa Epona. Um agradecimento a Hera e Atena, por terem concedido a imortalidade a Maeve.

Diana fez um gesto para que as duas parassem, e Alia viu que ela tinha amarrado a corda, formando um laço. Diana o balançou de leve nas mãos, ganhando velocidade.

Alia ouviu os sons se aproximando ainda mais, o estrondo de cascos que parecia ecoar os batimentos de um coração, dobrando, triplicando. A grama alta se movia contra o vento, como se pisoteada por uma força invisível. A mente de Alia recusava aquilo.

Não pode ser. Não pode.

Diana tinha os olhos fechados. Permanecia parada, com o rosto inclinado para o vento, escutando, rodopiando o laço num ritmo lento e constante. Soltou a corda, que parecia brilhar em suas mãos. Ela traçou uma longa linha reluzente sob o céu cinzento e caiu em torno do pescoço de uma imensa égua branca que um instante antes não estava lá. Foi como se o laço a tivesse feito aparecer.

Alia deu um passo para trás, o coração disparado no peito. Diana afrouxou o laço, ajeitando-o no lugar enquanto a égua balançava a reluzente crina branca, frustrada, e parava de andar. Ela puxou de leve e o animal reduziu o passo, recuou e soltou um relincho alto e irritado.

– Está tudo bem, Quione – murmurou ela, a voz baixa e suave. – Sou eu.

A égua dançou para trás, jogando a crina. Diana deu outro puxão leve, os músculos dos braços aparentes por sob a pele bronzeada.

Ela assobiou baixinho e a égua abanou as orelhas. Foi se acalmando, de má vontade, pisando os cascos na grama com baques suaves, e soltou uma bufada em desagrado. Quando Diana tornou a apertar o laço, o animal avançou. Ao se aproximar, ela abraçou o pescoço e deu um tapinha nos flancos da égua, que encostou a cabeça nela.

– É a preferida de Maeve – disse Diana.

Alia sentiu a tristeza e a preocupação em sua voz. Diana abriu um sorriso encorajador e acenou para que Alia se aproximasse.

– Pode vir.

Alia hesitou. Com cautela, estendeu a mão para afagar o focinho aveludado da criatura. Muitos de seus colegas de escola cavalgavam, mas ela jamais vira um animal como aquele, branco feito alabastro,

entalhado em mármore, uma égua que parecia saída do monumento central de uma praça. Os cílios eram branquíssimos como a crina, mas os olhos não tinham parte branca. Eram de um violeta-escuro profundo, quase negro.

A égua – *a égua invisível*, corrigiu Alia mentalmente, depois rejeitou – inclinou a cabeça e Alia sentiu uma pequenina fração do terror que a acompanhava desde a libertação do naufrágio. De súbito, viu que piscava os olhos para afastar as lágrimas. Pensou em um copo cheio até a borda, a tensão na superfície para que o líquido não entornasse. O animal era quente ao toque. Ela via a curva de seus cílios compridos. Era real como nada mais havia sido desde o frio das ondas. Se aquela criatura era possível, então *tudo aquilo* poderia ser real. Era demais.

Alia fechou os olhos e encostou a testa na crina da égua, feita de seda bruta.

– Você a chamou de quê?

– Quione. Quer dizer “neve”.

– E ela foi um presente?

– Isso. Quando uma amazona monta uma égua da cavalaria fantasma, ela fica tão invisível quanto o animal.

– Por que a gente consegue vê-la agora?

– Por causa do laço. Ele sempre mostra a verdade.

Alia respirou fundo e estremeceu, a meio caminho de soluçar.

– Pode perguntar ao laço se eu vou chegar em casa?

– Não é assim que funciona. E você não pode ir para casa, Alia. Ainda não. Alguém tentou matar você.

– Por causa da fundação.

– Por causa de quem você é. Você representa perigo para muita gente. Precisamos levá-la à Grécia, à nascente de Terapne.

Diana sussurrou na orelha de Quione e agarrou várias mechas de sua crina. A égua soltou um relincho de desaprovação, mas permaneceu no lugar, batendo os imensos cascos.

– O que está fazendo? – perguntou Alia.

– Precisamos disso para sair da ilha.

Outro tremor se avultou e a égua deu um passo para trás, puxando o laço das mãos de Diana. Diana deu um passo à frente de Alia, os braços bem abertos, a expressão serena. Quione se agitou um pouco, depois se acalmou. Diana esperou mais uns instantes e pegou a corda. Deu umas pancadinhas no flanco do animal.

– Daqui a pouco vai melhorar – disse ela, baixinho. – Eu prometo.

Diana removeu o laço do pescoço da égua e Alia, estupefata, viu Quione se desvanecer. Mágica. Aquilo era mágica de verdade. O tipo de mágica dos filmes. Ainda não havia varinhas ou feiticeiros, mas se ela ficasse mais tempo na ilha talvez até visse um dragão. *Tudo parece tão real*, pensou, seguindo Diana pelo prado. Porém, era provável que as ilusões funcionassem assim.

Em dado momento, ela percebeu que o terreno começava a parecer familiar. A distância, viu o mar. Elas haviam retornado ao penhasco.

– Não voltarei para a caverna – disse Alia, teimosa.

– Caverna, não – corrigiu Diana. – Abrigo.

Alia avançou com cuidado até a beirada do penhasco e olhou para baixo. Havia uma pequena praia cravada na costa, feito a parte de cima de uma interrogação.

– Ok, mas não tem a menor chance de eu montar de novo nas suas costas.

– Posso jogar uma eslinga – sugeriu Diana, tirando da mochila um pedaço de corda comum.

– Não rola. Não vou descer esse penhasco.

– Eu não vou deixar você se machucar.

– Sabe de uma coisa, Diana? A gente acabou de se conhecer, então talvez você ainda não tenha se ligado, mas eu não sou que nem você. Sou grata por ter salvado a minha vida...

– Algumas vezes.

– Ok, algumas vezes, mas o dia de hoje foi intenso demais. Eu não percorro quilômetros de trilhas nem faço nenhum tipo de escalada que não envolva cordas de segurança, um pátio interno e algum cara empolgado no chão da academia me dando gritos de incentivo. Estou fazendo o que posso, mas estou quase perdendo as estribeiras aqui!

Diana a observou por um longo instante, e Alia teve plena certeza de que a garota, se quisesse, podia simplesmente jogá-la por cima do ombro. Mas Diana assentiu e se curvou em uma delicada mesura.

– Desculpe.

Aparentemente, as garotas da seita também tinham boas maneiras.

– Sem problemas – respondeu Alia, envergonhada pelo acesso de raiva.

Pelo menos isso significava que não haveria mais subida na garupa. Diana a conduziu pelo penhasco até o início de uma descida estreita e íngreme. Alia engoliu em seco e fez o possível para fingir

confiança.

– Bem melhor.

– Do meu jeito seria mais rápido – ofereceu Diana.

– Devagar e sempre se vence a corrida.

– Isso é uma mentira.

– Diga isso a Esopo.

– Esopo nunca existiu. As histórias creditadas a ele foram obra de duas escravas.

– Típico dos homens. Vou refletir a respeito no caminho até lá embaixo.

Alia começou a andar, escolhendo cada passo com cuidado, morrendo de medo de errar a pisada e ultrapassar a beira.

– Levará uma hora desse jeito – disse Diana.

– Levarei o tempo que precisar.

Naquele instante outro tremor se abateu, e Alia grudou o corpo na lateral do penhasco.

– Tem certeza de que quer ir por aí? – perguntou Diana.

– Positivo – respondeu Alia.

– Muito bem. Me espere na areia.

– Você não vem?

– Eu vou do meu jeito.

Diana jogou a mochila pela lateral do penhasco até o abrigo abaixo. Então disparou a correr pela extensão do topo. Alia levou as mãos à boca, incrédula. Ela não podia estar pretendendo...

Diana saltou. Por um instante, só se via sua silhueta atrás da massa de nuvens, os dedos dos pés esticados, os braços apontados. Parecia que abriria as asas e simplesmente alçaria voo. *Coisas mais estranhas aconteceram hoje*. Em vez disso, seu corpo descreveu um arco e desapareceu pela lateral do penhasco.

– Exibida – resmungou Alia, e seguiu pelo caminho.

Enquanto avançava, pé ante pé, ela dividia a atenção entre tentar encontrar o melhor ponto para a pisada seguinte e olhar o mar, procurando Diana em meio ao balanço das ondas cinzentas. A arrebentação estava fortíssima, batendo no abrigo com uma fúria incessante. E se Diana simplesmente tivesse sido arrastada para baixo? E se tivesse quebrado a deslumbrante cabeça numa pedra?

Quanto mais longe ia, mais sua cabeça doía e mais enjoada ela se sentia. Ao chegar à base do penhasco, tinha as coxas trêmulas e os nervos em frangalhos, de tanto medo da queda. Não havia sinal de

Diana. Alia percebeu que não tinha ideia do que faria se ela não retornasse. Escalaria de volta até o topo? Não sabia se tinha força. Esperaria até ser encontrada por alguma riponga colecionadora de armas? E tudo o que Diana dissera sobre a Grécia e sobre Alia representar perigo?

– A garota é louca – disse Alia a ninguém, num tom resolutivo. – É isso que dá crescer numa seita.

Pois é, mas é você quem está numa praia falando sozinha.

Louca ou não, Alia sentiu o nó em seu peito se desfazer ao olhar o mar e avistar Diana cruzando o oceano, os braços entrecortando a água em movimentos ritmados. Havia algo atrás dela, uma coisa imensa que surgia e desaparecia no espaço entre as ondas.

Ao chegar à margem, Diana emergiu com água escorrendo dos cabelos escuros, cordas jogadas nos ombros, os pés pisando fundo na areia, cada músculo de seu corpo tensionado durante a caminhada. Alia levou um longo instante para perceber o que havia nas cordas.

Diana havia resgatado o *Tétis* do fundo do mar.

Um arrepio chacoalhou Alia até os ossos. Um dos mastros ainda estava intacto; o outro havia se soltado da base. A proa estava completamente destruída. A explosão deixara apenas um recorte irregular de madeira e fibras de vidro onde deveria estar o restante do barco. *Você está sendo caçada...*

Diana não compreendia. A família de Alia fora alvo por tanto tempo, primeiro ao ser acusada de “brincar de Deus” com sua pesquisa, depois por conta das regras que a Fundação Keralis condicionava a qualquer doação assistencial. Ainda se especulava que o acidente que matara seus pais havia sido um plano de assassinato. Uma investigação minuciosa provara que aquela terrível noite fora resultado de nada além de uma estrada escorregadia e motoristas distraídos. Porém, a cada par de anos, algum jornal ou blog criava uma nova teoria da conspiração para as mortes de Nik e Lina Keralis. Alia recebia um e-mail de algum repórter curioso, ou passava numa banca de jornal e dava de cara com a foto do casamento de seus pais, e a ferida tornava a se abrir.

Ela se lembrava de estar no banco de trás com Jason, que tinha a silhueta banhada pela iluminação da rua, e os pais à frente, discutindo sobre que ponte pegar no caminho de volta para casa. Essa era a última lembrança que ela guardava: a mãe tamborilando no volante, o pai batendo o dedo na tela do telefone e insistindo em dizer que já

estariam em casa àquela hora se tivessem pegado a ponte Triborough.

A estranha sensação de guinarem para o lado errado, a força cinética fazendo o carro cruzar três pistas de tráfego durante a derrapagem. Ela se lembrava da batida do carro na mureta divisória, do guincho agudo do metal se rasgando, e então nada mais. Tinha 12 anos. Jason tinha 17. Ao acordar no hospital ainda sentia o cheiro de borracha queimada, que levou dias para se dissipar e dar lugar ao fedor nauseante de desinfetante hospitalar. Jason estava lá, um imenso corte suturado na bochecha, os olhos vermelhos de tanto chorar. Michael Santos, o padrinho dos dois, também estava, com seu filho, Theo, que abraçara Jason e segurara a mão de Alia.

Olhar os destroços do *Tétis* trazia a mesma sensação de acordar naquela cama de hospital, como se o luto a invadissem de uma só vez. *Você está sendo caçada*. Teria Alia sido o motivo do naufrágio? Teria sido ela a razão pela qual Jasmine, Ray e os outros haviam partido para sempre?

Diana já tinha desatado os nós das cordas, e agora destruía o casco como se desmembrasse uma lagosta para o jantar.

– O que está fazendo? – perguntou Alia, encarando-a com nervosismo.

Talvez as integrantes da seita misturassem esteroides nas vitaminas mastigáveis.

– Precisamos de uma embarcação para ultrapassar a divisa.

– Que divisa?

Diana hesitou.

– Quis dizer o mar aberto. Este casco não serve para nada, mas acho que podemos improvisar uma jangada com a vela e parte do convés.

Alia não queria tocar o barco. Não queria ter nada a ver com ele.

– Uma jangada? Nessa arrebentação? Por que a gente não espera a tempestade passar?

– A tempestade não passará. Só piorará.

Diana espiou a água.

– A gente podia tentar nadar – continuou a dizer –, mas se nos separarmos...

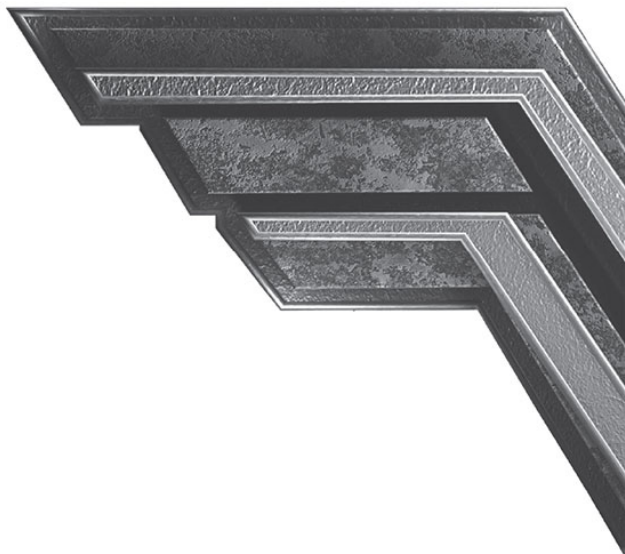
– Tudo bem – disse Alia, ajudando Diana a posicionar um fragmento de casco no ombro e parti-lo.

Nesse momento, Diana contorceu o corpo, cheia de dor.

– O que foi? – perguntou Alia, em pânico.

Ela começara a enxergar Diana como invulnerável.

– Maeve – respondeu Diana. – As outras. Precisamos correr. Daqui a pouco será tarde demais.



CAPÍTULO 5

Elas trabalharam durante quase uma hora. Os terremotos já vinham com mais frequência, e vez ou outra o penhasco se desprendia atrás delas. Diana notou a palidez de Alia, que tentara ajudar por um tempo, mas por fim desistira, recostando-se no arremedo de jangada e sorvendo o ar em arquejos fracos.

Ela parecia melhor durante a escalada, quando estava bem perto de Diana. *Sua proximidade pode prolongar a vida dela, até aliviá-la, mas não é capaz de curar. Ela morrerá e a ilha viverá.* Alia estava morrendo e, embora Diana ainda estivesse bem, sentia a dor e a confusão de suas irmãs através do laço de sangue que a unia a todas as amazonas. O que uma sofria, todas sofriam. O ato de lutar, mesmo nos treinos, significava também suportar a dor da oponente. Se uma delas morresse... Não, Diana não permitiria.

– Agente firme, Maeve – sussurrou ela.

As duas encordoaram a jangada o mais depressa possível. Diana içou a vela, amarrando mechas da crina de Quione nos nós do cordame. Assim, a cada nó, uma seção da jangada desaparecia. Seria invisível a partir da margem de Temiscira e da costa sul da Grécia. Diana esperava entrar com a jangada o mais perto possível de Gytheio. De lá seria uma caminhada de dois dias até Terapne. No estado em que estava, Diana duvidava que Alia fosse capaz de correr. Talvez elas pudessem conseguir uma das máquinas sobre as quais ela

lera.

– Você sabe dirigir um... automóvel? – perguntou Diana enquanto prendia o arremedo de leme.

– Carro? Não. Em Nova York não tem por que aprender.

Diana franziu o cenho.

– Bom, mesmo a pé, teremos tempo suficiente para chegar à nascente antes do início de Hecatombaion.

– E o Hecatombaion seria o quê, exatamente?

– O primeiro mês do antigo calendário grego. Costumava marcar o início do ano.

– Entendi. Hecatombaion. E a galera toda vai pra festinha na nascente!

– Que galera?

– Ai. Certo. Só nós duas vamos então.

Diana tinha a estranha sensação de que Alia não desejava ir à nascente, mas com isso ela se preocuparia mais tarde. Trançou uma mecha da crina de Quione nos próprios cabelos e fez o mesmo com os de Alia, depois a ajudou a embarcar e se abaixou para agarrar as bordas da jangada.

Diana enfiou a jangada na água e entrou, sentindo o oscilar da arrebenção. Afrouxou a vela bem pouquinho e pôs a mão no leme.

Enquanto avançavam pelo mar, Diana olhou para trás e viu o pequeno abrigo diminuir de tamanho a cada segundo que se passava. *Não é tarde demais*, pensou. *Dê meia-volta. Deixe a ilha fazer seu trabalho.* Em vez disso, pediu a Alia que soltasse a vela e observou o vento preencher a lona. A jangada contornou a crista de mais uma onda, descendo pelo outro lado com uma queda de revirar o estômago.

Elas ultrapassaram as rochas que demarcavam a divisa e adentraram a névoa. Não houve mudança na temperatura desta vez e Diana se questionou se saberia detectar o fim da travessia. As ondas pareciam mais agitadas, mas era difícil ter certeza. Então Alia inclinou a cabeça para o céu e respirou fundo. Diana pôde ver a cor retornando a seu rosto. Os terremotos cessariam em Temiscira? Ou seria exigido algum sacrifício para expurgar a ilha da influência de Alia?

Diana olhou para trás, para casa. Jamais estivera tão distante, jamais vira seu lar de tão longe. A névoa se dissipou um pouco e ela pôde enxergar a silhueta da ilha, a curva da costa, as torres de Éfeso num extremo e o grande domo de Bana-Mighdall do outro, os cumes e

vales de suas montanhas verdes formando as curvas de uma odalisca.

O nevoeiro se cerrou. Temiscira desapareceu. Se ela tentasse retornar naquele momento, a ilha a reconheceria? Iria recebê-la de volta?

De volta para o quê?, perguntou uma voz sombria dentro de si. Se o Oráculo não revelasse a Hipólita a terrível traição que ela cometera contra seu povo, se ela permanecesse na ilha, seria apenas a filha mimada de Hipólita. Jamais teria a chance de trilhar o próprio caminho.

Hipólita poderia alegar que Diana era uma amazona, mas antes de tudo era sua filha, preciosa demais, frágil demais para correr riscos. As outras amazonas sempre a enxergariam assim: não como uma irmã de verdade, mas como a filha de sua rainha. Ela sempre seria uma intrusa, um ponto fraco a ser explorado.

No entanto, se fizesse as coisas direito, se levasse Alia à nascente, não cumpriria apenas uma missão, mas uma jornada heroica, como as designadas aos campeões nos dias antigos. A linhagem de Sementes da Guerra seria interrompida. Alia viveria, a guerra seria evitada e Diana provaria o seu valor. Até lá, Hipólita e Tec já saberiam tudo a respeito da transgressão de Diana. Ela teria que enfrentar um julgamento frente ao Conselho das Amazonas, mas precisava acreditar que seria perdoada.

Interromper o ciclo de Sementes da Guerra? Prevenir não apenas uma, mas incontáveis guerras futuras? Era um feito digno de uma amazona. Haveria punição, mas certamente não exílio. *Você ainda terá que olhar Maeve nos olhos e contar a ela que foi a causadora de seu sofrimento.* Essa seria a pior punição, a mais difícil de suportar.

Naturalmente, ela podia fracassar. Podia salvar aquela garota e arrastar o planeta a uma era de guerra que ultrapassaria as fronteiras do mundo mortal e atingiria sua casa. Diana se lembrou da visão do corpo de sua mãe caído sem vida no chão, do olhar agonizante e acusativo de Tec, do chão reduzido a cinzas, do cheiro de sangue e carne queimada no ar, da hedionda criatura com cabeça de chacal. Seu erro poderia custar muito a elas.

Não. Havia uma razão pela qual ela assistira ao naufrágio do *Tétis* e resgatara Alia do mar. A ela fora concedida a chance de trazer paz ao mundo e dar um fim ao ciclo de guerra que Alia trazia no sangue. Ela não falharia. E não se deixaria conduzir pelo medo.

A névoa era fria, e as ondas rolavam sob elas como criaturas vivas.

Diana enfiou a mão no bolso e segurou a pedra-do-coração. Sentiu a rigidez de suas pontas facetadas na palma da mão.

– Alia – chamou ela, contra o vento. – Me dê a mão.

Alia cambaleou até a popa da jangada. Agarrou a mão de Diana, molhada de chuva e respingos do mar, a pedra entre as palmas das duas.

– Pronta? – perguntou Diana, com a outra mão no leme.

– Pronta – respondeu Alia, com um firme aceno de cabeça.

Diana sentiu um sorriso lhe tomar o rosto.

– O destino nos aguarda.

Ela se concentrou na imagem do mapa da Grécia, no golfo da Lacônia, no buraco na costa sul. *Guie-nos*, rogou.

Nada aconteceu.

De súbito veio a Diana o pensamento mortificante de que talvez ela não tivesse entendido bem como funcionava a pedra-do-coração. E se seu desejo não fosse forte o bastante para conduzir a pedra? As duas ficariam perdidas no mar, presas naquela jangada, e ela jamais veria Temiscira outra vez.

Então a jangada começou a girar. As águas rodopiaram, elevando-se em uma lenta espiral, formando uma parede à volta delas, uma coluna revolta de mar cinzento e espumoso, agitando-se com cada vez mais violência, cada vez mais alto, até o céu se transformar numa diminuta agulha de luz bem acima delas.

Com um estalido alto, uma vela se rasgou e foi tragada pelo funil. A jangada se balançou, despedaçando-se sob elas.

– Não me solte! – gritou Diana, segurando Alia com firmeza.

– Está brincando? – gritou Alia de volta.

As duas estavam encharcadas, emboladas sob o leme a seus pés, as palmas unidas com tanta força que Diana sentia as bordas da joia lhe cravando a carne.

Tec tinha razão. Os deuses estão irados. Nunca a quiseram na ilha. Fora uma arrogância imensa achar que lhe enviariam Alia como uma chance de provar sua grandeza. Haviam-na mandado como isca, e agora ela e a Semente da Guerra morreriam juntas, tragadas pela imensa boca do mar.

O estrondo das águas revoltas lhe preenchia os ouvidos e sacudia seu crânio. O vento e o sal a açoitavam com tanta força que ela não conseguia manter os olhos abertos. Ela se aninhou, colada em Alia, e sentiu seu pulso (ou seria o próprio?) contra a palma de sua mão.

De uma só vez, o mundo se calou. O estrondo não se abrandou; simplesmente desapareceu. Diana abriu os olhos e viu a coluna desabando em uma imensa queda d'água, encharcando as duas e sacudindo a jangada enquanto o mar jorrava por debaixo delas. O nevoeiro desceu pelo toco do mastro, e a jangada foi parando de chacoalhar sobre águas sinistramente imóveis.

As duas estavam envoltas em escuridão. Teria a noite caído no mundo mortal? Teriam elas perdido ou ganhado tempo ao usar a pedra-do-coração? Elas ainda se deslocavam, levadas por uma maré forte, mas a arrebentação havia se reduzido a uma ínfima ondulação.

Diana e Alia se entreolharam. Os cabelos de Alia formavam uma massa de tranças molhadas, os olhos arregalados. Diana suspeitou que estivesse igualmente estupefata.

– Funcionou? – perguntou Alia.

Devagar, elas soltaram as mãos. A pedra-do-coração estava coberta com o sangue das duas. Diana a limpou nas calças e a enfiou no bolso.

Ela olhou em volta. A jangada fora reduzida quase à metade do tamanho com que deixara a ilha. O mastro estava despedaçado, com pedaços dos cordames pendurados. Pelo nevoeiro, Diana viu o primeiro cintilar de luzes. Eram mais brilhantes que as lanternas de Temiscira, mais fortes que a luz das tochas, agulhas rígidas a reluzir feito estrelas capturadas – brancas, azul-claras, douradas, verde-prata.

– Funcionou – respondeu Diana, ainda meio incrédula. – Funcionou mesmo.

Ela tinha conseguido! Havia deixado Temiscira. Cruzara a fronteira do mundo dos homens.

As luzes se multiplicaram à volta delas, mais do que Diana jamais teria imaginado. Ela ouvia a água batendo nas laterais da jangada, além de outro som, profundo e retumbante: buzinas de navios, um som que só tinha ouvido a grande distância da ilha.

As luzes, no entanto, estavam muito perto, eram muito brilhantes, abundantes. Estariam as duas tão perto de uma cidade? E por que o mar Jônico estava quieto feito um reservatório?

A névoa se dissipou e Diana avistou mais uma luz ardendo no céu, diferente das outras. Uma tocha amarela erguida pela estátua de uma amazona, o rosto rígido emoldurado por uma coroa feito um raio de sol, o vestido pregueado em cobre verde-acinzentado. Atrás dela, Diana viu as luzes de uma grande ponte.

– Isso está errado – disse Diana, levantando-se devagar. – Aqui não

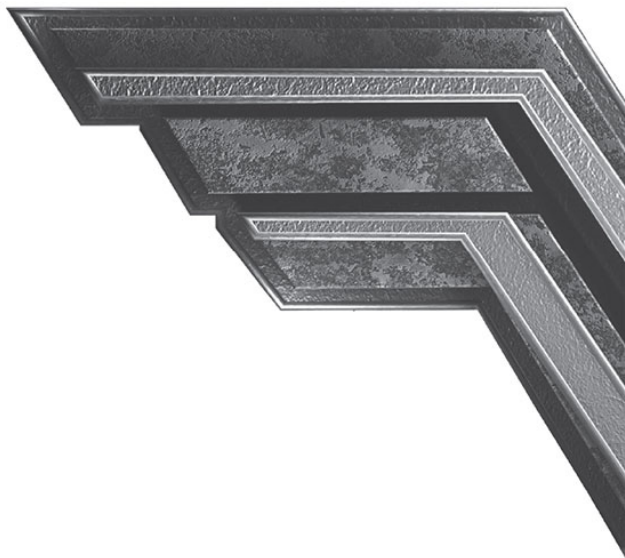
é a Grécia.

Alia jogou a cabeça para trás e soltou uma risada, um som de pura exuberância, alívio e... orgulho.

– Não! – sussurrou Alia.

Ela escancarou os braços, como se pudesse abraçar a cidade inteira, como se todas aquelas luzes estivessem acesas apenas para recebê-la.

– Bem-vinda à maior cidade do mundo, Diana. Isto aqui é Nova York. – Ela deu um rodopio e ergueu o rosto para o céu. – Minha casa!



CAPÍTULO 6

O que foi que eu fiz?

Diana sentia o toque estranho do ar em sua pele, arranhando os pulmões como areia. *Sentia* o gosto na boca e na língua, úmido e plúmbeo. As luzes na costa já não pareciam tanto estrelas, mas o reflexo dos olhos brilhantes de um predador, feito lobos à espreita na escuridão.

Ela se virou para Alia.

– O que você fez?

Alia ergueu as mãos.

– Você que estava guiando o leme.

– A *pedra-do-coração* estava guiando. Eu pensei na nascente. Mantive o foco na costa do...

Ao ver a alegria e o alívio no rosto de Alia, ela se calou. A *pedra-do-coração* supostamente atendia aos desejos da mulher que a controlava. Ao que parecia, o desejo de Alia fora maior.

– Você estava pensando na sua casa.

Diana não pôde evitar o tom de acusação. Alia deu de ombros.

– Sinto muito.

– Não, não sente.

Uma barca passou, deixando um rastro de ondas que abalou os fragmentos da jangada. As duas cambalearam e conseguiram se equilibrar, mas a jangada se enchia de água rapidamente. *Pense,*

Diana. Pense! A pedra-do-coração só podia ser usada para ir e voltar a Temiscira. Ela poderia retornar à ilha e tentar outra vez, mas seria uma boa ideia correr o risco de levar a Semente da Guerra de volta? Alia ou a ilha sobreviveriam àquilo?

A leste, ela viu a alvorada começando a rasgar o céu cinzento. Seus olhos perscrutaram o horizonte. Nova York. A ilha de Manhattan. Diana conhecia bastante os mapas por conta dos seus estudos, e sabia que estava a milhares de quilômetros de Terapne, da nascente e de qualquer esperança.

Ela soltou um suspiro de frustração.

– Como foi que isso aconteceu?

Alia abriu um sorrisinho.

– Venho me perguntando isso o dia inteiro.

Somente um dia havia se passado? De manhã, a grande preocupação de Diana era perder uma corrida. Agora ela tinha abandonado a única vida que conhecia, e provavelmente condenara o mundo a uma era sangrenta de guerra. Ao que parecia, *ela* é quem tinha o dom do desastre.

Bole um novo plano, disse a si mesma. *Guerreiros se adaptam.*

– Precisamos ir até a margem – determinou Diana.

Não era muito, mas era um começo. Afinal, as duas não tinham mastro, vela nem leme.

– Teremos que nadar – concluiu ela.

Alia se arrepiou.

– Primeira regra da vida em Nova York: não nade no rio Hudson. Faz ideia de como essa água é poluída?

Diana encarou o rio. Era de um azul opaco, quase cor de ardósia. Em nada lembrava as águas claras de casa. Ainda assim...

– Água é água – respondeu ela, mais esperançosa que confiante.

O vento e o mar haviam arrancado a mecha da crina de Quione das tranças de Alia. A trança da própria Diana também tinha se soltado. Elas ficariam visíveis tão logo saíssem da jangada, mas não havia nada a ser feito. Ela abraçou a garota.

– Eu sei nadar! – protestou Alia.

– Está escuro. Não arriscarei.

Além disso, agora que as duas haviam retornado ao mundo mortal, nada garantia que Alia não fosse simplesmente fugir a nado.

Diana mergulhou com a garota no rio, e seu corpo inteiro se encolheu. O frio ela havia antecipado, mas a água parecia *errada*. Era

densa e viscosa, feito uma mão úmida a agarrá-la.

– Ei! – reclamou Alia, contorcendo-se sob os braços de Diana. – Ei, ei, rume para o *leste*, na direção de Manhattan. Senão vamos parar em Jersey.

Diana chutou forte, ávida por sair com Alia daquela... sopa... o mais depressa possível. De repente, Alia enrijeceu em seus braços.

– O que foi? – perguntou Diana. – Os venenos da água estão afetando você?

– Eu me lembrei.

– De quê?

– *Disso*. Você me salvando do naufrágio.

– É bem improvável. Você estava inconsciente.

– Eu me lembro da água ficando quente. – Ela fez uma pausa. – E de pensar que tudo ficaria bem.

Diana pôde ouvir o alívio em sua voz, a convicção de que as coisas tinham ficado bem. *Ela acha que está em segurança*, percebeu. *Acha que acabou*.

– Ali – disse Alia, espichando o pescoço. – Bem em frente. Aquele é o Battery Park.

Diana só conseguia enxergar a silhueta gigantesca que se elevava pela água. À medida que se aproximaram, ela finalmente viu que eram...

Ela piscou os olhos.

– São canhões?

– Eram. Tem um memorial de guerra lá.

Sua mãe havia contado que o mundo mortal era repleto de memoriais e monumentos a perdas. *Constroem com aço e pedras e prometem recordar*, dissera ela. *Mas nunca recordam*.

– Lá vem a balsa – disse Alia enquanto as duas cruzavam a esteira de um vagaroso navio. – Se nos virem...

– Prenda o ar.

– Mas...

Diana não esperou argumentação. Puxou Alia para debaixo d'água e continuou a nadar. Não sabia ao certo quanto tempo um mortal era capaz de prender a respiração, mas contou vinte segundos.

Quando as duas emergiram, Alia puxou o ar em uma longa inspiração e cuspiu água do rio.

– Ai, meu Deus, água no nariz! – exclamou ela. – A sua sorte é que eu estou superfeliz por estar em casa.

– Que ótimo que está de bom humor – resmungou Diana.

– Bom humor?! Estou sendo esmagada por uma gigante resmungona e provavelmente acabei de engolir lixo tóxico!

Diana soltou de leve a mão de Alia. Não era justo puni-la por seu desespero para voltar para casa. Contudo, isso não alterava o apuro em que as duas se encontravam. Hecatombaion começaria com a chegada da lua nova, e era possível que elas tivessem perdido mais do que algumas horas ao adentrar o mundo mortal.

Diana viu navios ancorados em frente ao parque, os conveses e mastros ainda iluminados por um brilho reluzente, mas seria um navio ligeiro o bastante para levá-las à Grécia a tempo? Diana pensou nos aviões que Maeve e ela às vezes avistavam sobrevoando Temiscira. Era disso que ela precisava. Só não fazia ideia de onde arrumar um.

Ao chegarem ao píer, Diana trocou a mão que firmava Alia e agarrou uma estaca.

– Segure o meu pescoço – orientou ela.

Ela antecipara uma discussão, mas aparentemente a alegria de Alia a deixara submissa. Ela enganchou os braços nos ombros de Diana sem reclamar. Até agarrava mais forte longe de Temiscira. Se a garota estava indo tão bem assim longe da ilha, a amazona só esperava que sua ausência tivesse efeito similar em Maeve.

Diana escalou o pilar e içou as duas pelo píer, largando Alia no chão com um baque forte. A garota caiu de costas e debateu os braços para cima e para baixo.

– O que está fazendo? – disse Diana.

– Estou comemorando.

Diana deu as costas para Alia e o rio, pretendendo deixar claro que não havia absolutamente nada para comemorar naquele desastre, e seus olhos viram a cidade pela primeira vez.

Ela chamava Éfeso e Bana-Mighdall de cidades, mas, se esse era o caso, seria preciso outra palavra para nomear o gigante resplandecente e agressivo que avultava diante de si, apinhado de picos e arestas. Uma cadeia de montanhas irregulares que deveria ocupar uma centena de milhas, mas fora espremida no menor espaço possível, dobrada em ângulos agudos, com planos brilhantes. E era viva. Mesmo àquela sonolenta hora da alvorada, a cidade se movia. Automóveis. Luzes elétricas nas mais diversas cores. Gente a pé com copos fumegantes de papel nas mãos, jornais enfiados debaixo do braço.

Era como encarar o Oráculo outra vez. O terror de estar diante do desconhecido. O frio na barriga.

– Tudo bem? – perguntou Alia, levantando-se e torcendo a camisa amarela suja e enlameada.

– Não sei – respondeu Diana, honestamente.

– Você nunca tinha mesmo saído daquela ilha?

– Você viu como é difícil sair da minha casa.

– Verdade.

Um homem passou correndo, secando o suor do rosto e cantando sozinho, em voz alta. Era alto, magro e *peludo*.

– Ele tem barba! – disse Diana, estupefata.

– Pois é, está meio que na moda agora.

Diana inclinou a cabeça enquanto o homem cantava aos berros e desaparecia pela trilha.

– Os homens costumam ter surdez tonal?

– Não. – Alia riu. – Mas, não queira ouvir o Jason num karaokê.

Diana respirou fundo, tentando clarear a mente. Não podia se deixar arrebatar ou distrair por aquele lugar. Tinha uma missão a cumprir.

– Onde posso arrumar um avião?

Alia passou por ela, mancando em direção à trilha que dava para o parque.

– A gente não precisa de avião. Precisamos de banho e comida quentinha.

Ela apontou para os pés descalços.

– E *sapatos*.

Diana foi atrás dela e bloqueou seu caminho.

– Alia, você não pode ir para casa.

– Diana...

– As pessoas que tentaram matar você acreditam que a Semente da Guerra esteja morta. Precisamos que continue assim até chegarmos à nascente.

Alia abriu a boca para argumentar, mas Diana a interrompeu:

– Sei que não acredita em mim, mas você também sabe que a explosão naquele barco não foi um acidente.

Alia fez uma pausa, então assentiu.

– Eu sei.

Diana sentiu uma onda de gratidão. Temia que Alia tentasse negar tudo o que acontecera, agora que estava em solo familiar.

– Então você deve saber que o mais seguro para todo mundo é que os seus inimigos acreditem na sua morte.

Alia esfregou o rosto.

– Está dizendo que, se eu voltar para casa, posso pôr o Jason em perigo.

– Isso.

– Não posso deixar o meu irmão achar que eu morri. Ele também pode ser um alvo.

– Assim que chegarmos à nascente...

– Pare de falar dessa nascente! Não tem a menor condição de irmos até lá. Não temos dinheiro, e imagino que você não tenha passaporte.

– O que é um passaporte?

– Pois é. Resolveremos uma coisa de cada vez. Posso ligar para o Jason...

Diana balançou a cabeça.

– Alguém sabia como encontrar você naquele barco. Podem estar monitorando a sua localização através do seu irmão.

Diana podia ver a incredulidade de Alia em duelo com o desejo de manter a família em segurança.

– Acho que eu... – começou Alia.

Uma bicicleta passou zunindo por elas, quase derrubando as duas.

– Imbecil! – gritou Alia.

O ciclista olhou para trás e ergueu o dedo do meio.

– Ele é um inimigo? – perguntou Diana.

– Pior! É um nova-iorquino. Senta aqui. Preciso pensar.

Diana se forçou a sentar e ficar parada. Queria agir, mas precisava do apoio de Alia se quisesse ter qualquer esperança de chegar à nascente.

– Ok – disse Alia, mordendo o lábio inferior. – Não podemos ir ao banco, porque não temos identidade. E você basicamente está me dizendo que não posso voltar para casa nem ir para os escritórios da Keralis, porque todo mundo está pensando que eu morri.

– E a gente quer que continue assim.

– Certo. Então eu cheguei em casa, mas, pelas suas regras, continuo à deriva.

Diana sentiu a frustração e a fadiga na voz de Alia. Ela hesitou. Sabia que pedia demais, mas era necessário. Os riscos eram muito grandes para que qualquer uma delas cedesse.

– Depois de tudo o que viu – disse Diana –, depois do que

enfrentamos, pode pelo menos confiar em mim o suficiente para que eu consiga protegê-la?

Alia tocou de leve no bracelete do pulso esquerdo de Diana, com o olhar pensativo. Estaria se lembrando do que acontecera na armaria?

– Talvez – disse Alia enfim. – Pelo menos agora o Jason terá um motivo real para ficar paranoico.

Ela ergueu a cabeça com um solavanco.

– É isso!

– Isso o quê? – perguntou Diana.

Alia deu um salto do banco.

– Já sei o que fazer. E agora que sei que não morrerei, estou faminta.

– Você mesma disse que a gente não tem dinheiro. Vocês aceitam permuta?

– Não, mas eu conheço um banco que não exige identidade.

– Muito bem – disse Diana.

Por enquanto ela não tinha muita escolha além de seguir o comando de Alia. Ela se localizaria, reuniria seus recursos.

– Fico feliz em sair deste lugar. O cheiro nesta parte da cidade é intolerável.

Alia mordeu o lábio.

– Não acredito que nadei no Hudson e estou prestes a pegar um metrô descalça. Com certeza morrerei de alguma doença. Vamos lá – disse ela, oferecendo a mão a Diana. – Você está na minha ilha agora.

Diana lera sobre metrôs, trens subterrâneos, trens-bala e turbinas a vapor. Isso fazia parte de sua educação, tentativa de sua mãe de lhe fazer compreender o inconstante mundo mortal. Contudo, havia uma diferença entre as impressões deixadas pelas longas horas de leitura em Éfeso e a realidade de um metrô nova-iorquino bramindo na escuridão.

Alia atravessara com ela o parque, passara pela estátua de um touro em bronze e por dois homens armados e fardados, parados no alto de uma comprida escadaria, que mal olharam as duas.

– Estranho – murmurara Alia. – Talvez tenha havido alguma ameaça de bomba.

Elas tinham descido até as entranhas da cidade e adentraram uma imensa câmara azulejada que desembocava em uma plataforma de trem. Saltaram por um vão, cruzaram duas portas metálicas e agora

estavam sentadas em bancos de plástico sob o brilho de luzes nada naturais, enquanto o trem rugia e guinchava feito uma espécie de demônio.

As portas de metal se abriam a cada parada, deixando o ar fragrante da plataforma invadir o vagão às lufadas, e mais passageiros embarcavam, espremendo-se uns contra os outros.

– Galera da baldeação – disse Alia.

As palavras nada significavam para Diana. Havia pessoas de todos os tipos, cores e formas, algumas vestidas em tecidos finos, outras em trajes baratos. Percebeu que Alia mantinha os pés enfiados debaixo do assento, talvez para esconder que estavam descalços.

As duas atraíam alguns olhares, mas a maioria dos passageiros não tirava os olhos de pequenas caixas, que eles seguravam feito talismãs, ou encaravam o nada, com os olhos vazios e sem vida.

– Qual é o problema com eles? – sussurrou Diana.

– É assim que se anda de metrô – explicou Alia. – Primeira regra de Nova York: *não nade no rio Hudson*. Segunda: *não faça contato visual no metrô*.

– Por que não?

– Porque alguém pode vir falar com você.

– Isso seria ruim?

A perspectiva de ter tanta gente com quem conversar parecia um luxo inimaginável.

– Talvez não, mas em Nova York a gente nunca sabe. Aquela senhora, por exemplo.

Alia inclinou a cabeça bem de leve para uma mulher de meia-idade com um penteado meticuloso e uma grande bolsa de couro no colo.

– Ela até parece legal – prosseguiu –, talvez um pouquinho tensa, mas vai saber se não tem uma cabeça humana naquela bolsa.

Diana arregalou os olhos.

– Isso é comum?

– Bom, comum, não. Ela deve estar levando apenas lenços de papel e fotografias dos netos para mostrar, mas... é possível.

Diana refletiu.

– O contato visual direto pode ser considerado um ato de agressão entre os primatas.

– Agora você está entendendo.

Diana tentou não encarar muito intensamente, mas tirou vantagem da distração e do olhar perdido dos outros passageiros para analisá-

los, sobretudo os homens. Ela havia visto ilustrações e fotografias, mas eles eram mais sortidos do que imaginava: grandes, pequenos, magros, corpulentos. Ela via queixos duplos, maxilares firmes, cabelos longos e cacheados, cabeças raspadas feito melões.

– Ei – disse um jovem, à frente delas, para o passageiro atarracado e barbudo atrás. – Dá pra ser?

– Dá pra ser o quê? – respondeu o barbudo, estufando o peito.

O sujeito menor se aproximou.

– Você está no meu espaço. Que tal chegar pra lá?

– E que tal você ficar na sua?

Ele cutucou o peito do jovem com o dedo.

Alia revirou os olhos.

– Meu Deus, odeio o metrô.

Ela puxou Diana pelo cotovelo e foi andando. Avançou até o fim do carro, empurrou uma porta e foi procurar assentos em outro vagão. Diana olhou para trás. Os homens ainda se encaravam, e ela se perguntou se começariam a brigar ou se acalmariam e se afastariam, percebendo que não tinham acordado querendo briga. Teria sido o poder de Alia operando, ou pura e simplesmente Nova York?

O vagão onde elas entraram estava um pouco mais vazio, embora sem assentos livres. Perto de uma das portas, duas garotas dormiam recostadas uma na outra. Usavam vestidos transparentes e brilhosos, glitter nas bochechas, coroas de flores murchas nos cabelos trançados. Calçavam sapatos de salto alto e pontudo e tiras bem finas. As duas tinham as unhas dos pés pintadas de prateado.

– Onde acha que estão indo? – perguntou Diana.

– Devem estar voltando de algum lugar – respondeu Alia, um tanto melancólica. – Alguma festa. Devem ter virado a noite.

Elas pareciam mágicas, como se em meio a um sono encantado.

Um grupo de rapazes adentrou o vagão, falando alto e segurando recipientes que, a julgar pelo cheiro, continham café. Usavam o que Diana notou ser uma espécie de uniforme: paletó escuro e camisas branca, rosa-clara e azul-clara. Os homens riam e cochichavam entre si, olhando as meninas cintilantes.

Avaliando-as, percebeu ela. Havia desejo naqueles sorrisos.

Diana pensou em Hades, o senhor do submundo. Talvez ali ele fosse o senhor do metrô, cobrando pedágios e impostos de quem invadia seu território, seus acólitos de terno entrecruzando os trens na escuridão. Estariam as garotas de coroa florida atentas? Ou,

embaladas pelo sono e pela imprudência, poderiam de súbito desaparecer em alguma fenda profunda na sombra?

Um dos rapazes percebeu o olhar de Diana.

– Oi, lindinha – disse ele, escancarando um sorriso aos companheiros. – Gostou do que viu?

– *Lindinha*? Eu tenho 1,80 metro – respondeu Diana. – E ainda não tenho certeza se gosto do que vejo.

Alia soltou um ganido, e os companheiros do rapaz assobiaram e o cutucaram.

– Ah – retrucou ele, aproximando-se, ainda sorridente. – Aposto que posso convencê-la.

– Como?

– Digamos que eu não receba muitas reclamações.

– Das suas amantes?

O homem piscou os olhos. Tinha os cabelos louros e sardas no nariz.

– É, isso. Das minhas amantes.

– É possível que elas não reclamem para poupar os seus sentimentos.

– Oi?

– Se você conseguisse segurar uma mulher, talvez tivesse menos necessidade de dar em cima de estranhas.

Os companheiros do rapaz começaram a gargalhar.

– Você é meio metida, não é? – perguntou o homem louro.

Ele correu o dedo pelo braço de Diana, roçando sua pele.

– Eu gostei de...

– Ei – disse Alia.

Diana agarrou o dedo do homem e torceu com força. Ele soltou um grito estridente.

– Não gostei de sua atitude. Dá para ver por que você não faz sucesso com as mulheres.

– Me solte, sua...

Ela torceu ainda mais forte, e o rapaz caiu de joelhos.

– Você precisa de aulas – sugeriu ela, olhando os amigos. – Ou conselheiros melhores. Vocês não deviam deixar seu amigo passar vergonha.

Ela soltou o rapaz, que aninhou o dedo junto ao peito, gemendo bastante.

– Fica feio para todos vocês – concluiu Diana.

– Chamem a polícia! – gritou o homem.

– Ih – disse Alia. – Adivinha só, chegou a nossa estação.

Ela arrancou com Diana pela porta até a plataforma. Diana deu uma olhadela para trás. As meninas cintilantes acenavam.

Alia puxou Diana por uma escada de metal que andava sozinha, e as duas foram subindo até encontrar o calor opressivo do sol. Diana piscou os olhos, ajustando-se à luz e ao barulho. O extraordinário barulho. A cidade vista do parque emitia um sussurro ainda fraco de vida, mas agora a manhã havia chegado para valer, e elas se viram no meio do tumulto. Era como se a própria calçada sob seus pés e as paredes dos prédios à volta murmurassem uma vibração.

Havia gente por todo lado. Multidões, impressionantes bandos que se apinhavam nas esquinas e dobravam as curvas das ruas feito manadas. Cada superfície era tomada de imagens e placas, que exibiam promessas e comandos diretos. *Aja hoje. Dê diamantes. Conquiste seu diploma. Preços muito baixos. Encante seu homem.* Quem, exatamente? Diana reconhecia a maioria das palavras. Sabia que os números se referiam a moedas e preços. Outras mensagens eram menos claras. O que seria um bufê, e por que alguém pagaria por comida a quilo?

Nas placas, os homens e mulheres que a encaravam eram diferentes dos que transitavam pelas ruas. Tinham cabelos brilhosos e pele suave, perfeita e sem manchas. Talvez fossem ícones religiosos.

Ao lado dela, Alia soltou um gemido.

– Quer descansar? Ou posso...

– Você *não vai* me carregar pelas ruas de Manhattan.

– A gente já está chamando atenção mesmo – respondeu Diana, dando de ombros. – Não vejo que mal faria.

– Faria mal à minha dignidade.

Um jovem de camiseta e bermuda balançou a cabeça ao vê-las passarem.

– Ei, garota, você precisa descansar. Está com uma cara de...

– Perguntei alguma coisa? – retrucou Alia.

O homem ergueu as mãos em sinal de paz, sorrindo.

– Era seu amigo? – perguntou Diana.

As duas passaram por uma vitrine repleta de eletrônicos. Ela ficou tentada a pedir para entrar. Tudo era tão cheio de botões...

– Quem? – indagou Alia. – Aquele cara? Não.

– Então por que ele presumiu que podia comentar sobre a sua

aparência?

Alia riu.

– Os homens presumem demais.

– Você está *mesmo* parecendo cansada – observou Diana.

– Também não perguntei nada para você. Ei, você nunca tinha mesmo visto um homem?

– Só nos livros e bem de longe.

– E aí, o que achou?

Diana viu passar um sujeito de óculos.

– Bom, achei um pouco decepcionante. Pelas descrições da minha mãe, achava que seriam bem maiores e mais agressivos.

Alia soltou uma gargalhada.

– Se der tempo, vou levá-la a uma festinha. Aí você vai ver o que é agressividade...

– E por que eles têm esses olhos arregalados e a boca meio aberta? Isso é uma doença que aflige todos os machos, ou é particular aos homens da sua cidade?

Alia irrompeu em outra gargalhada.

– Essa é a reação a uma supermodelo de 1,80 metro que anda pela rua vestindo tirinhas de couro.

Alia sinalizou para que as duas parassem.

– Chegamos.

Diana espiou pela janela e viu fileiras de pequeninos bolos glacados.

– Comeremos aqui?

– Bem que eu queria. Assim que tiver dinheiro na mão, vou comer uns dez bolinhos.

– Por que não come logo um bolo grande?

– Porque... não sei muito bem. É o princípio da coisa.

Alia olhava para o lado oposto da rua, mas Diana não sabia ao certo o que prendia sua atenção. Havia uma grande placa em que se lia ENTRADA, mensagens anunciando o que pareciam ser tarifas por hora e um cartaz oferecendo desconto especial para “quem acorda com as galinhas”. Talvez fossem mercados de aves.

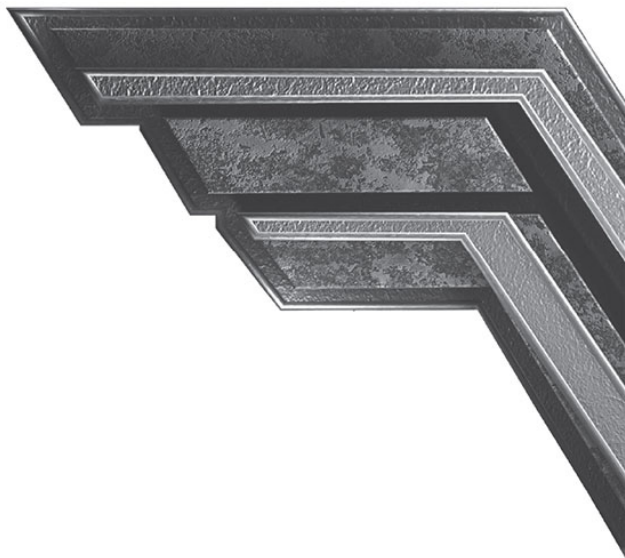
– Que lugar é esse? – perguntou Diana.

– Um estacionamento. É tipo um hotel para carros. – Alia rotacionou os ombros. – Pronta?

– Para quê?

– Você está em Nova York há quase duas horas – respondeu Alia. –

Já está na hora de arrombar um lugar.



CAPÍTULO 7

Alia ficou de olho na entrada da garagem, tentando parecer displicente e fazendo o melhor possível para ignorar os roncões no estômago. Poderia comer tudo o que havia na vitrine daquela padaria.

– Está pretendendo roubar um carro? – balbuciou Diana.

– Por que eu roubaria um carro? Não sei dirigir – comentou Alia, na esperança de soar mais calma do que estava de fato.

Ela estava basicamente prestes a cometer um crime. Não que Jason fosse dar queixa, mas não lhe agradava muito a ideia de ser pega. *Vá para casa*, gritava tudo dentro dela. *Recomece*. Ela agora estava jogando em casa. Deveria estar se sentindo mais calma, mais confiante que na ilha. Entretanto, nunca se dava bem no meio da multidão, e Manhattan era basicamente uma ilha gigantesca.

Observou um dos recepcionistas desaparecer pelos recônditos da garagem. O outro estava ao telefone no escritório, visível apenas pelo vidro. Talvez fosse a única oportunidade que elas teriam de entrar.

– Olha, você me pediu para confiar em você; agora estou pedindo para confiar em mim.

Diana baixou as sobrancelhas escuras e soltou um suspiro.

– Muito bem.

– Bom – disse Alia, tentando soar segura. – A primeira tarefa é passarmos por aqueles atendentes sem que eles percebam.

Ela saiu trotando pela rua, agachou-se da melhor forma que pôde e

foi se esquivando, colada à parede, aliviada ao ver que Diana a seguia.

– Parece que estamos infringindo a lei – sussurrou Diana enquanto as duas rastejavam pela rampa.

– Bom, não estamos infringindo nenhuma lei *a sério*. Estamos só tirando vantagem de umas brechas burocráticas.

Alia passou com Diana pela cabine e adentrou o vão das escadas, esperando não dar de cara com o outro atendente na subida. Ao chegarem ao terceiro andar, ela empurrou a porta. Estava silencioso, escuro e frio lá dentro. Não havia som além do ocasional guincho de pneus ou do ronco de motores ecoando de algum lugar do prédio cavernoso. Ela contou as vagas. Nunca estivera de fato naquela garagem, mas sabia que número procurava: 321. Vinte e um de março, aniversário de sua mãe.

Alia não pôde evitar a frustração. Não sabia ao certo o que esperar, mas o carro era um decepcionante e trivial Toyota Camry. Claro, era possível que ela tivesse entendido errado. E se o número da vaga fosse o aniversário de casamento de seus pais, não o aniversário de sua mãe? E se Jason não estivesse mais usando aquela garagem?

Ela espiou pela janela do motorista. O interior do carro estava imaculado: porta-copos vazios, um recibo dobrado no painel e lá, pendurado no espelho retrovisor, um pingente brasonado com uma flor-de-lis, símbolo de Nova Orleans, cidade-natal de Lina Mayeux. A mãe de Alia certa vez confidenciara que adorava a ideia de ter uma tatuagem de flor-de-lis para se lembrar de casa. *E por que não fez a tatuagem?*, perguntara Alia. Sua mãe apenas dera uma piscadela. *E quem disse que eu não fiz?*

Alia piscou os olhos para dissipar uma constrangedora comichão de lágrimas.

– Ok – disse ela. – Não surte, mas teremos que quebrar a janela.

– Por quê?

– A gente não tem chave, e eu preciso abrir o porta-malas.

– Mas o carro é seu?

– Do meu irmão.

– Talvez eu consiga abrir o porta-malas sem a chave.

Diana agarrou a beirada do porta-malas logo acima da placa e deu um puxão para cima. Em vez de a tranca ceder, o metal se desgarrou, com um guincho. Diana mordeu o lábio e deu um passo para trás. A traseira do carro parecia uma bolsa de moedas aberta.

– Desculpe.

Alia apurou os ouvidos para tentar escutar o som de passos correndo, mas aparentemente os atendentes não tinham ouvido o arrombamento, ou não deram a mínima. Ela olhou o porta-malas esgarçado, depois encarou Diana.

– Você disse que era a fraca da família, não foi?

Alia e Diana espiaram dentro do porta-malas. Havia uma lanterna industrial, cabos para carga de bateria e um saco enorme de lona grossa.

– Que Deus abençoe Jason, aquele louco paranoico.

– O que é?

– Uma bolsa de emergência.

Alia suspendeu o saco do porta-malas, deitou-o no chão e abriu o zíper.

– O Jason guarda essas bolsas para qualquer emergência.

Alia deixou de lado a maioria dos apetrechos: uma barraca de acampamento, um sistema de filtragem de água, capas de chuva, fósforos, alimentos liofilizados. Separou o kit de primeiros socorros. Seus pés mais tarde agradeceriam.

– É basicamente tudo o que precisamos para sobreviver a um apocalipse – explicou ela.

– Ele tem tanta certeza assim de que haverá um? – perguntou Diana.

– Não. Jason é tipo o maior escoteiro do mundo. Gosta de estar preparado para tudo.

– Isso é impossível.

– Tente dizer isso a *ele*.

Triunfante, Alia ergueu um enorme rolo de notas.

– Estamos ricos!

– Dá para pegar um avião com isso?

– Talvez um de controle remoto. Só tem mil dólares, mas já dá para arrumarmos um quarto e alguma coisa para comer enquanto descobrimos o que fazer.

Alia não deixou de reparar na expressão perturbada que cruzou o rosto de Diana. Sabia que ela acreditava de verdade em toda a coisa de Semente da Guerra, na era de derramamento de sangue, na nascente mágica. Alia não sabia ao certo o que pensar. Não podia negar as coisas bizarras que vira nas últimas 24 horas nem o fato de que as duas tinham viajado do Egeu ao Hudson no que parecera um piscar de olhos.

Parte dela ainda queria acreditar que tudo aquilo era um sonho realista, que ela acordaria em seu quarto em Central Park West sem jamais ter partido para Istambul. Entretanto, essa parte estava cada vez menos convincente. O retorno a Manhattan deveria ter feito a ilha de Diana parecer ainda mais fantasiosa, mas a visão daquela garota andando e falando num lugar tão costumeiro tornava tudo o que acontecera antes ainda mais real. Era como olhar por uma janela familiar e deparar com uma vista totalmente nova. Alia puxou uma pequena mochila de náilon vermelho de dentro do saco de lona maior. Poderia refletir sobre os acontecimentos na ilha depois. Naquele momento estava muito cansada e faminta para racionalizar.

– Você pode...

Ela estendeu o saco de lona. Enquanto Diana o devolvia ao portamalas e tornava a esmagar o metal para fechá-lo, Alia abriu a mochila vermelha e enfiou nela tudo de que precisava. A traseira do carro estava totalmente arrasada, toda amassada, mas pelo menos ninguém que passasse por ali saberia que fora arrombada.

As duas desceram as escadas de volta ao térreo e passaram, tranquilas e displicentes, pelo recepcionista.

– E agora? – perguntou Diana.

– Primeira parada, sapatos – respondeu Alia, embora temesse adentrar uma loja com os pés descalços e imundos.

Depois disso, realmente não sabia o que fazer. E havia outra coisa que a incomodava. Elas tinham visto soldados nas esquinas de todas as ruas principais ao entrar e sair do metrô. Isso a fez lembrar as imagens de Nova York depois do 11 de Setembro, quando a Guarda Nacional sitiara a cidade. Teria havido algum ataque enquanto ela estava longe? Ela queria tanto ter acesso à internet. Depois que estivessem acomodadas, ela teria que se conectar, ou pelo menos encontrar um jornal.

Havia uma loja na esquina. Assim que entraram, Diana soltou um grande suspiro e abraçou o próprio corpo.

– O ar é tão mais frio aqui.

A atendente atrás do balcão arqueou as sobrancelhas.

– Ar-condicionado, uma das maravilhas da tecnologia.

Alia pigarreou, pegou uma cestinha e puxou Diana para o corredor mais próximo.

– Olha só este lugar – disse Diana, maravilhada. – As luzes, a profusão de plástico. Tudo é tão *brilhante*.

Alia tentou conter um sorriso.

– Pare de brincar com os desodorantes.

– Mas parecem joias!

– Vamos andando.

Pelo canto do olho, Alia avistou um segurança no encalço delas.

Isso não surpreendia. Diana parecia uma garota perdida a caminho do trabalho no clube de strip dos bárbaros. Alia era uma garota negra de roupas sujas e sem sapatos. Eram o ímã perfeito para um segurança de loja. Ela quase podia ouvir a voz de sua mãe pedindo-lhe que tivesse cautela, que não chamasse atenção.

Não se meta em situações nas quais tenha que se explicar.

Lina, dizia seu pai, você está ensinando esses dois a imaginar repressão onde não existe. Está deixando os dois com medo. Esse era o único assunto a respeito do qual seus pais nunca haviam conseguido concordar.

Pelo menos ela tinha o bolso cheio de dinheiro. Parou diante de uma placa onde se lia DIVERSÃO DE VERÃO e pegou da prateleira o par de chinelos que parecia mais confortável, depois levou Diana ao corredor de produtos para o cabelo.

– Como pode haver tantos tipos? – perguntou Diana, correndo os dedos pelos frascos de xampu.

– O que você usa para lavar o cabelo em casa?

Diana deu de ombros.

– A gente faz o nosso próprio sabão.

– Eu imaginava – respondeu Alia.

Alia vasculhou as fileiras atrás de um condicionador intenso e um creme sem enxágue, para ajeitar as tranças. Quando criança, insistia em usar óleo de morango todo santo dia, até que sua mãe se recusou a comprar mais.

– Achei que a gente só tinha vindo comprar sapatos – disse Diana, enquanto Alia jogava os frascos na cesta.

– E outras necessidades.

– Mas...

– Confie em mim, é necessário.

O guardinha ao menos mantinha distância, mas Alia o via através do espelho, indo e vindo pelo corredor ao lado feito um tubarão à espreita, só esperando que ela criasse confusão ou não tivesse dinheiro para pagar as compras.

No trajeto até a caixa, Alia encheu a cestinha com balas, biscoitos e

refrigerantes, deixando claro que as duas estavam ali para gastar.

– Não quer nada? – perguntou a Diana. – É por minha conta.

Os dentes retos e brancos de Diana morderam o lábio de baixo.

– Eu nem saberia por onde começar.

– Se Jason estivesse aqui, tentaria convencer você a comer barrinhas de proteína ou granola. Sabia que teve um Dia das Bruxas em que ele distribuiu uvas-passas para todas as crianças do prédio? Disse que era o doce da natureza. As crianças do andar de baixo passaram meses me olhando feio.

– O doce da natureza? – perguntou Diana. – Tâmaras, talvez, mas não uvas-passas. Beterrabas, de repente. Contêm bastante açúcar.

– No ano seguinte foi ainda pior. Ele distribuiu escovas de dente.

Alia balançou a cabeça. Às vezes era difícil acreditar que os dois eram filhos dos mesmos pais.

– Para sua sorte, eu sou viciada em porcarias. Comeremos as melhores jujubas e os salgadinhos mais diversos. Depois que você provar para valer o tanto de sódio e xarope de glicose que os Estados Unidos têm para oferecer, nunca mais desejará voltar para casa.

Dessa vez Alia não conseguiu ignorar a expressão preocupada no rosto de Diana.

– O que foi?

Diana remexeu um saquinho de pretzels de iogurte.

– Acho que *não* poderei voltar para casa depois do que fiz.

– Eu sei que vocês não têm contato com o mundo externo, mas...

Diana abaixou a cabeça e a encarou com aqueles olhos firmes e azul-escuros. Alia, ao perceber, foi se calando.

– Está falando de ter me salvado – concluiu ela. – Você pode não conseguir voltar para casa porque salvou a minha vida.

Diana voltou a atenção a uma lata de amêndoas.

– Tem muita coisa em jogo. Não só para mim.

Alia se sentiu invadida por uma onda de culpa. Diana havia salvado sua vida não apenas uma vez, mas duas. Por mais que ela só desejasse achar um meio de voltar para casa e passar uma semana dormindo, vendo tevê e se esquecendo de que conhecera aquela garota, estava em dívida com ela. Sabia que devia dizer algo, mas em vez disso atirou para Diana uma camiseta.

– Toma aí – disse ela, tornando a rumar para a caixa.

Diana ergueu a camiseta.

– “Eu coração NY”?

– Eu amo Nova York.

– Isso está bem evidente.

– Não, a camiseta é para você.

– É uma afirmação muito forte. A cidade é sedutora, sem dúvida, mas...

– É para os idiotas pararem de encarar os seus peitos – disse Alia bem alto ao ver dois garotos de no máximo 13 anos espicharem o pescoço pelo corredor.

– Você quer que eu me cubra?

– Não estou querendo dar uma de puritana, mas você mesma disse que é melhor não chamarmos atenção. Ninguém resiste à combinação mágica de decote, couro e pele bronzeada.

– Qual o problema com pele bronzeada?

– Deixa para lá. Digamos apenas que você é tipo o sonho erótico de todo nerd esquisitão.

Diana olhou os garotos, ainda boquiabertos.

– Tenho certeza de que eles já viram peitos antes.

– Numa garota de verdade? Talvez. Mas parece que você nunca deixa de ser novidade.

Alia jogou duas calças de moletom e outra camiseta na cesta. Moletom no verão de Nova York lhe causava arrepios, mas não havia muitas opções.

– Mais roupas? – perguntou Diana.

– Confie em mim, se você quer mesmo a minha ajuda para chegar à Grécia, precisarei de roupas melhores que essas.

– Por quê?

– Você consegue se safar com esse visual de... – Alia acenou de leve para Diana. – Seja lá o que for. Mas eu não posso andar por aí parecendo uma desempregada indo jogar tênis.

– Por quê?

Alia se encrespou.

– Porque as pessoas veem coisas diferentes quando olham para mim.

– Porque você é baixinha?

– Eu não sou baixinha! Você que é gigantesca. E, não, é porque eu sou negra.

Ela tentou manter a voz baixa. Não queria falar sobre isso. Já era ruim o bastante quando algum professor resolvia fazer um “debate sobre raça” e ela tinha que ouvir um monte de alunos do Bennett

falando de cotas raciais, ou pior, indo se desculpar com ela ao final da aula.

Diana franziu o cenho enquanto Alia seguia ao caixa.

– Eu já li sobre os conflitos raciais da história do seu país. Fui levada a entender que haviam acabado.

O pai de Alia também queria acreditar nisso. Entretanto, nunca precisara viver na pele de sua mulher, nem na de seus filhos.

– Não acabaram. Acontecem todos os dias. Se não acredita em mim, dê uma olhada no segurança cafungando no nosso pescoço. Quando as pessoas olham para mim, não veem Alia Keralis. Veem só uma garota de pele escura, maltrapilha, de roupas rasgadas. Por isso, vamos sair daqui antes que aquele sujeito peça para eu abrir a minha mochila para dar uma olhada.

Elas jogaram as compras na caixa registradora.

– Está fazendo cosplay? – perguntou a garota atrás do balcão, mascando chiclete.

Diana se encolheu.

– Desculpe, o quê?

– Você é uma princesa guerreira?

– Como você descobriu?

– Ficou legal – respondeu a balconista.

As duas pagaram com algumas notas do enorme maço e o segurança parou de encará-las com desconfiança. Alia calçou os chinelos novos, grata ao ouvir o estalido que a borracha fazia no chão.

Carregadas de sacolas plásticas, elas cruzaram o pequeno parque em direção a Alphabet City e a um hotel meia estrela. Ela sabia que devia haver hotéis ou albergues mais próximos, mas estava sem seu celular para pesquisar e não queria ficar vagando pelas ruas atrás de informações. A voz dentro dela que a mandava ir para casa gritava cada vez mais alto.

– Você já se hospedou aqui antes? – perguntou Diana, desconfiada, quando as duas chegaram à fachada emporcalhada do hotel.

– Não – admitiu Alia. – Mas minha mãe e eu sempre passávamos por aqui.

Isso fazia parte de suas melhores lembranças: sentar-se com sua mãe no salão de Ebele, na avenida C, lendo ou só escutando as conversas das senhoras, passando horas vendo programas policiais na tevê. Depois da morte dos pais, Alia não suportava a ideia de voltar ao pequenino salão sem a mãe. A alternativa era encontrar um lugar

novo, mas não tinha muito interesse em um.

Ela não contara nada a Jason. Apenas perguntara a Dez, o motorista, se ele sabia aonde ir, e ele a levava ao salão de Ebele. Alia pensava estar pronta para adentrar aquela familiar porta. Sentiu-se bem ao ver o toldo de pintura alegre e olhar Ebele pela janela. Porém, assim que entrou, ao som do sininho da porta, o cheiro adocicado de química simplesmente a nocauteou. Antes que se desse conta, ela caiu no choro. Ebele e Norah a abraçaram forte e lhe entregaram lençinhos de papel.

Elas não fizeram alarido, não tentaram confortá-la nem perguntaram nada. Apenas ligaram a tevê, acomodaram-na em uma cadeira e começaram a trabalhar, como se nada tivesse acontecido, como se a vida de Alia não tivesse sido dilacerada. Ebele se tornara uma espécie de refúgio.

Alia estivera lá havia menos de uma semana, trançando os cabelos para a viagem. Elas assistiram a um bilhão de episódios de *Servos da Justiça*, pois Norah andava meio aficionada por assassinos em série. Na hora de ir embora, Alia sentia o couro cabeludo repuxando o crânio.

Ela passara sob a placa do hotel barato, com a imagem de uma lua dormindo. Sua mente estava concentrada nos preparativos para a viagem a bordo do *Tétis* e a saída de Nova York. Agora, tornando a olhar a placa, ela fechou a cara.

– Lua idiota.

O interior do hotel era igualmente deprimente. As paredes do saguão manchadas de umidade, o chão lascado em alguns pontos.

O sujeito esparramado atrás do balcão não parecia muito mais velho que Alia. Tinha um cavanhaque sujo que a fazia querer lhe oferecer um guardanapo. Essa era a parte que estava deixando Alia mais nervosa, mas ela fez o melhor que pôde para soar calma e controlada enquanto explicava que as malas das duas haviam sido roubadas no distrito portuário.

– Não sei, não – retrucou o homem, com um sotaque carregado. Russo, talvez. Sem dúvida do Leste Europeu. – Muita coisa ruim acontecendo. Preciso tomar cuidado.

– Tá brincando, né? – perguntou Alia, tentando fazer certo uso do charme natural que seu pai possuía. – Parecemos perigosas para você?

O sujeito ergueu bem a cabeça e encarou Diana.

– *Nie ne sme zaplaha* – disse Diana, num tom solene.

Alia a encarou. *Ela falava russo?* A expressão impassível do homem

não se alterou.

– Dinheiro – disse ele. – A semana inteira. Adiantado.

A semana inteira? Mesmo numa pocilga, isso as deixaria muito descapitalizadas. *Tudo bem*, pensou ela, contando as notas. *Você achará uma forma segura de contatar o Jason, e então dinheiro não será problema.*

E se você não pudesse se apoiar no nome e na fortuna dos Keralis?
Esse questionamento ficaria para outro dia.

– Quartos são limpos todas tardes – disse o atendente, enquanto o dinheiro desaparecia sob o balcão. – Não cozinhar nos quartos. Não mexer no termostato.

O homem bateu uma chave de metal no balcão. Nela havia uma etiqueta com o número “406” escrito a caneta.

– Se perder chave, paga multa de 150 dólar.

Ele franziu a testa para Diana.

– Estou de olho em você.

– Credo – disse Alia, enquanto as duas subiam as escadas. – O que foi que você disse a ele?

– Só falei que a gente não representava ameaça.

Alia revirou os olhos.

– Nem um pouco suspeito. Como foi que aprendeu russo?

– É búlgaro, e... não sei muito bem como.

– Quantas outras línguas você fala?

Diana parou, como se calculasse.

– Acho que todas.

Um dia antes, Alia teria considerado aquilo impossível, mas agora era só mais uma esquisitice a acrescentar à lista.

– Onde você estava enquanto eu passava duas horas fazendo lição de francês? – resmungou ela.

O hotel não possuía elevador, naturalmente, então elas subiram com dificuldade os quatro andares. Bem, apenas Alia. Diana disparou pelas escadas. Elas cruzaram um corredor comprido e úmido até o quarto.

A antiquada fechadura da porta a princípio não quis cooperar. Depois de uns minutos de palavrões e giros de chave, a porta se abriu. O quarto cheirava a cigarro velho e tinha um tapete que devia ser cor de esmeralda no início da vida, mas havia desbotado para um tom que Alia chamaria de “verão no pântano”. Uma passagem estreita levava a um minúsculo banheiro com azulejos brancos encardidos e um quarto

de teto baixo e duas camas estreitas, com uma mesinha de cabeceira surrada no meio. Sem telefone, sem televisão, só um radiador na parede e um ar-condicionado na janela. Alia deitou as sacolas no chão e apertou um dos botões. Nada.

– “Não mexer no termostato” o caramba.

Ela já suava.

Diana parou no meio do quarto, os braços ainda carregados de sacolas plásticas.

– Vocês moram mesmo em lugares assim? Sem vista para o céu? Com tão pouca luz e cor?

– Pois é – respondeu Alia.

Apesar de estar listando mentalmente os problemas do quarto, ela se pôs na defensiva.

– Tem gente que precisa – completou.

Diana acomodou sua carga com cuidado sobre a cama.

– Deve ser por isso que todo mundo tem cara de cansado. Vocês viajam em tubos subterrâneos, moram espremidos em coelheiras impróprias até para coelhos.

– A gente dá o nosso jeito – respondeu Alia, pegando as roupas limpas e os itens de higiene que haviam comprado.

– Eu não quis ofender – disse Diana. – Parece arrumadinho.

– Hummm – respondeu Alia, e ficou quieta.

Ela podia passar o dia inteiro defendendo Nova York, mas uma das infelizes vantagens de amar biologia era ter exata noção da resiliência dos germes e de onde os insetos gostavam de se esconder. Era óbvio que as duas acabariam topando com percevejos.

– Vamos tomar um banho e encontrar alguma coisa para comer.

– Não sei se é seguro andar por aí.

Alia abriu o saco de biscoitos.

– Você viu a muvuca que é esta cidade. A gente ficará bem. Além do mais, se tem alguém procurando Alia Keralis, não começará por aqui.

Ela enfiou uma mão cheia de salgadinhos na boca.

– Achei que a gente faria uma refeição decente – disse Diana.

– Aperitivos – respondeu Alia, com a boca ainda cheia.

Depois de conseguir engolir, agarrou os produtos de higiene e as roupas.

– Vou tomar banho primeiro.

No banheiro, Alia se poupou de encarar o espelho enquanto se

despia. Uma olhadela nos hematomas foi suficiente. Ela enfiou na lixeira a camisa polo do *Estudos ao Mar*. Não queria olhá-la nunca mais.

Os canos d'água rangeram quando ela abriu o chuveiro, mas a pressão não era tão ruim. Alia girou o termostato até o máximo e tentou esfregar a imundície e o sal do corpo. Havia inchaços e hematomas por toda parte. Uma coxa estava quase toda tomada de arranhões e esfoladuras, e uma das unhas do pé estava quebrada e enegrecida. Contudo, ela estava viva. Depois de tudo aquilo, estava viva.

O pânico e o pesar tornaram a invadi-la, avassaladores, e dessa vez ela não lutou. Recostou-se na porta de plástico do chuveiro e deixou-se dominar pelos tremores de soluços pesados e sem lágrimas. Não era o choro que ela queria. Não era o conforto de estar na própria cama, com um enorme pote de sorvete à mão e Nim a seu lado falando bobagens, mas teria que servir. Ela abriu a água gelada para esfriar o corpo. Alguns minutos depois, secou-se com uma das ásperas toalhas brancas e vestiu uma das calças baratas. Quase se sentiu humana novamente.

– Sua vez – disse a Diana.

Tão logo Diana desapareceu no banheiro, Alia pegou a mochila vermelha e rumou para a porta. Sabia que Diana não considerava seguro entrar em contato com Jason, mas precisava falar com o irmão.

Se alguém de sua equipe tivesse dado com a língua nos dentes para os inimigos da fundação a respeito do paradeiro de Alia, então Jason talvez estivesse confiando em quem não devia. Ela avistara o telefone descartável dentro da lona de Jason, na garagem, e conseguira metê-lo na mochila enquanto Diana estava de costas. Agora era só sair e ligar para Nim e combinar um encontro, ou pensar em como ela poderia convencer Jason a encontrá-la sem revelar que Alia havia retornado à cidade.

Ao estender a mão à maçaneta, no entanto, Alia parou. Ela havia desaparecido. A tranca ainda estava intacta, mas a maçaneta tinha sido arrancada da base. *Diana*. Humpf! Bela demonstração de confiança. Por outro lado, Alia *estava* planejando sair.

– Isso é inaceitável – resmungou ela, rasgando com os dentes um saco de balas. – Quando essa garota sair do banho, teremos uma conversinha.

– Sobre o que você gostaria de debater? – gritou Diana por sobre o

barulho da água corrente.

– Você consegue me *ouvir*? – perguntou Alia, incrédula.

Então se jogou na cama outra vez, derrotada.

– Deixa para lá – concluiu ela. – Claro que consegue.

Alia tinha toda a intenção de permanecer acordada para dizer a Diana exatamente como se sentia ao ver maçanetas desaparecendo, mas provavelmente adormecera, pois quando deu por si estava sendo acordada pela amazona. Ela tinha os cabelos úmidos e vestia a camiseta “Eu amo Nova York” e a calça de moletom cinza.

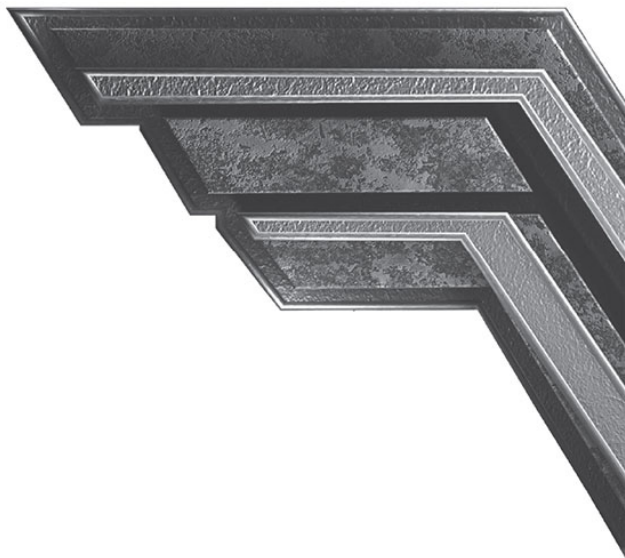
– O qu... – começou Alia, mas Diana lhe tapou a boca e levou um dedo aos lábios.

– Tem alguém tentando entrar no quarto – sussurrou ela.

Alia sentiu o coração disparar.

– A arrumadeira?

– A arrumadeira teria a chave. E os passos foram muito pesados. Alia, nos encontraram.



CAPÍTULO 8

– Fique aqui – disse Diana, desejando ter pegado alguma arma em Temiscira.

– Como podem ter me encontrado? – sussurrou Alia.

– A gente não sabe quais forças estão trabalhando contra você. Não faça barulho e fique imóvel. Se alguma coisa acontecer comigo...

A voz de Diana foi morrendo. Ela não sabia como terminar a frase. Supôs que devesse procurar extrair de Alia a promessa de tentar chegar sozinha à nascente. Entretanto, não havia tempo para juramentos.

– Corra – completou ela.

Alia assentiu, com os olhos arregalados.

Diana havia saído descalça do chuveiro. Cruzou em silêncio a estreita passagem até o banheiro, sentindo na pele o estranho roçar das fibras ásperas do carpete. Avançou os últimos centímetros rastejando, o coração batendo forte no peito. Seria uma luta de verdade, não uma sessão de treinamento na armaria.

Ela parou e esperou. Silêncio. Haveria imaginado a coisa toda? Outro hóspede poderia apenas ter confundido os quartos, tentado enfiar a chave e seguido em frente ao perceber o erro.

A porta tornou a se mover, bem de leve. Alguém tentava mexer na fechadura. Quando a tranca cedeu, ela ouviu um clique. Não houve tempo de pensar.

Diana dobrou os joelhos e desferiu um chute, dando com o pé no centro exato da porta. As dobradiças saíram voando, e ela ouviu um grito de espanto quando a porta acertou o intruso e o empurrou contra a parede.

Ela registrou uma silhueta grande. Um homem jovem, da mesma altura dela, ombros largos. Reflexos bons. Ele se recuperou depressa, assumindo posição de luta, e os dois se encararam à luz fraca do corredor, andando em círculos.

O rapaz deu um bote para cima dela. Ela lhe agarrou os ombros e deu um giro, tentando usar seu próprio impulso para derrubá-lo, mas ele se endireitou – reflexos *muito* bons – e recobrou o equilíbrio. Também era forte, o que a surpreendeu.

Contudo, não era um grande desafio para ela.

Ela corrigiu a empunhadura. Imprensou o agressor contra a parede, e sua camisa se embolou nas mãos dela. O gesso da parede se rachou. Ele soltou um ganido, e ela o empurrou de bruços no chão, imobilizando-o, um braço esticado e os tendões dobrados por conta da pressão.

– Quebrarei seu braço se você continuar se mexendo – avisou ela, enquanto ele se debatia.

– Diana!

Alia estava parada ao lado da porta destruída, encarando os dois, em choque.

– Mandei você ficar no quarto.

– Diana...

– A situação está sob controle. Eles nos subestimaram e mandaram um assassino fraco.

O rapaz imprensado grunhiu, tentando se desvencilhar. Diana deu um puxão em seu braço, e ele paralisou.

– Quem é o seu chefe? – rosnou ela.

Alia levou as mãos à boca. Curvou o corpo, os ombros trêmulos, e por um instante Diana achou que ela estivesse chorando. Todavia, ela estava... rindo? Estaria tendo algum tipo de ataque histérico?

– Diana, o assassino fraco é o meu irmão.

Diana encarou o homem preso em seus braços, o rosto plantado no imundo carpete verde do corredor.

– Tem certeza?

Alia soltou uma gargalhada.

– Tenho certeza, sim.

Diana mudou de posição, imobilizando o intruso com os joelhos, e encarou seu rosto furioso. Seu olhar ardia de raiva. Agora, olhando bem, ela percebeu que ele não usava roupas de assassino. Vestia uma camisa limpa de algodão branco, desabotoada na gola, as mangas dobradas até os cotovelos. Tinha a cabeça raspada e os mesmos olhos luminosos e a pele escura de Alia. Olhando direito, a semelhança era gritante.

– Por que você me atacou? – perguntou ela.

– Você que me atacou.

Diana se encolheu. Era verdade.

– Ora, por que você estava tentando entrar no nosso quarto?

O rapaz começou a se contorcer, e ela usou o peso do corpo para imprensá-lo de volta no chão. Irmão ou não, ela desconhecia suas intenções.

– Eu estava procurando a minha irmã – rosnou ele. – Quem diabo é você?

Alia pigarreou.

– Talvez seja melhor você deixar que ele se levante – pediu ela.

– Ainda não, mas não se preocupe. Ele não está machucado nem está correndo perigo.

– Tenho certeza de que o *ego dele* ficou ferido. E, sim, ele está correndo perigo, considerando que eu não sei o que vive escondido debaixo desse carpete.

– A gente devia fazer uma revista nele.

– Diana, ele é o meu *irmão*.

Relutante, Diana remexeu os tornozelos e se levantou, soltando o rapaz. Ofereceu-lhe a mão, mas ele a ignorou, sacudindo o braço em uma dramatização que ela julgou desnecessária.

Ele se pôs de joelhos e, com um único e ágil movimento, puxou um revólver de um coldre enquanto se levantava.

– Jason! – gritou Alia.

– Você estava certa. Devia ter me revistado. É importante...

Diana nunca tinha visto um revólver fora das páginas dos livros, mas havia sido treinada para desarmar um agressor. Empunhou a mão para a frente, acertando os pontos de pressão no punho do rapaz. A arma caiu de sua mão e, no mesmo instante, ela o imprensou contra a parede, a bochecha encostada no gesso.

– Ei! – disse Jason. – Eu só estava concordando com você... seja lá quem for. Alia, pode mandar ela parar?

– Não sei se devo. O que você está fazendo armado, Jason?

– Eu carrego para me proteger!

– E isso vem dando certo?

Diana deu uma sacudida nele.

– Eu não tirei os olhos da Alia nenhuma vez. Como você nos encontrou?

– O porta-malas com a bolsa de emergência tem um alarme para caso de roubo – respondeu ele. – Vocês ativaram o alarme durante o arrombamento, embora eu não tenha a menor ideia do que fizeram com aquele pobre carro. Perguntei se os atendentes tinham visto alguém circulando com uma mochila vermelha ou uma bolsa de lona, e eles se lembraram de vocês duas.

– Mas como você encontrou o hotel?

– O telefone na mochila.

– Telefone? – perguntou Diana.

– Isso – grunhiu ele. – Em toda bolsa de emergência tem um telefone descartável. Eu acompanhei o sinal até aqui.

– Você sabia disso? – perguntou Diana.

A culpa no rosto de Alia explicou tudo o que ela precisava saber.

Diana se lembrou de que Alia lhe pedira que devolvesse a bolsa de lona ao porta-malas. Teria feito isso de propósito, para que Diana virasse as costas? Ela ficou surpresa em sentir como a traição doía.

– Diana, solte o meu irmão. Por favor.

A contragosto, Diana soltou, mas dessa vez o revistou. Decidiu não pensar muito no fato de estar tão próxima de um macho – amigo ou inimigo – e ignorou o protesto alto que ele emitiu quando ela correu a mão por sua coxa.

– Você apontou uma arma para a gente – disse ela. – Seu desconforto é culpa sua.

– Estou tentando ensinar Alia a ter mais cuidado – retrucou ele.

– Lição aprendida, irmão mais velho. Valeu a pena?

Diana deu um passo atrás e o irmão de Alia se virou, ajeitando a gola da camisa.

– Feliz? – perguntou ele.

– Mais segura.

Ela esperou uma nova rodada de recriminações. Em vez disso, Jason se voltou para Alia. Cruzou a curta distância entre eles, puxou-a para si e a abraçou com força.

– Eu achei...

– Está tudo bem comigo – disse Alia, mas Diana pôde ouvir a hesitação em sua voz.

Diana se envergonhou da pontada forte de inveja que sentiu. Gostaria de ter alguém em quem se amparar, alguém que dissesse que ela não havia cometido um erro terrível, que não estava naquela sozinha.

Jason então se afastou e segurou Alia pelos ombros, com os braços esticados.

– Como você pode ser tão burra?

– Eu não sou burra – respondeu ela, desvencilhando-se de Jason e cruzando os braços.

– Tem ideia de como eu fiquei preocupado? Faz quase uma semana que perdemos contato com o *Tétis*!

– Uma semana? – perguntou Alia.

O coração de Diana deu um salto. Havia se passado uma semana? Elas certamente tinham perdido tempo na saída da ilha. Hecatombaion começava com a primeira lua nova após o solstício de verão, a fina foice branca da lua da colheita. Quanto tempo elas tinham?

– Quando foi a última lua cheia? – perguntou Diana.

Jason a encarou como se ela estivesse louca.

– Oi?

– Preciso de um calendário.

Ele fechou a cara e pegou o dispositivo retangular, que Diana percebeu ser seu telefone. Ela tocou a tela, hesitante.

– Eu não...

Ele arrancou o aparelho da mão dela, deu uns toquezinhos e mostrou a ela. Já estavam no final de junho. Segundo a tela, a última lua cheia havia sido em vinte de junho. Isso significava que o Hecatombaion começaria em sete de julho. Elas tinham pouco mais de uma semana para chegar à nascente.

Jason enfiou o telefone de volta no bolso.

– Você sumiu – disse ele a Alia. – Mandaram grupamentos de busca. Eu achei... Pelo amor de Deus, Alia, achei que você estivesse morta.

– Mas eu não morri, Jason. Estou aqui.

– Como isso é possível? Disseram que você tinha embarcado em Istambul. Você mudou de ideia?

– Eu...

– Tudo bem aqui?

O búlgaro da recepção estava parado no fim do corredor, arquejante. Levava tempo demais para ir investigar.

Como um só, os dois avançaram até a porta demolida, para bloquear a visão dele.

– Tudo ótimo! – disse Alia.

– Pode crer – completou Jason.

– *Vsichko e nared. Molya, varnete se kam zanimaniyata si* – disse Diana, no tom mais reconfortante possível.

O búlgaro soltou um “aham” pouco convincente e começou a descer as escadas.

– Devo perguntar? – disse Alia.

– Só disse que estava tudo bem e pedi que ele retornasse a seus afazeres.

– Nem um pouco suspeito – disse Jason.

Diana viu Alia conter um sorriso.

– Foi uma coisa totalmente cabível de se dizer.

– Entremos antes que ele mude de ideia e volte para olhar melhor – disse Jason. – Ajude aqui com a porta.

– Não precisa. Diana pode...

Alia começou a falar, mas Diana balançou sutilmente a cabeça. Uma coisa era Alia conhecer a sua força, mas quanto menos Jason soubesse de onde ela vinha e o que podia fazer, melhor.

– Pode o quê? – perguntou Jason, já erguendo um dos lados da porta.

– Pode ajudar – completou Alia.

Os três se espremeram na estreita passagem e fecharam a porta. Com o irmão de Alia parado ali, o quarto parecia ainda menor e mais xexelento. Mesmo tendo acabado de sair de uma briga, ele estava todo arrumadinho e imaculado, a camisa branca limpíssima, um pesado relógio reluzindo no pulso. Será que ela poderia convencer aquele garoto de sua causa? Poderia convencer Alia? Achava que teria tempo de expor seus motivos e chegar à Grécia. Agora tinha só poucos dias.

Jason circundou o quarto devagar, assimilando a visão da mobília deprimente, os sacos plásticos de bala.

– Eu tentando negociar favores com o governo turco e você aqui, fazendo festinha do pijama.

– Não é nada disso – argumentou Alia.

Jason jogou as mãos para cima, irritado.

– Então o que é? O que está fazendo num lugar deste, Alia? E como foi que chegou aqui?

Diana se sentou na cama. Alia havia mentido para ela.

– Você disse que não ligaria para ele.

– Eu não liguei – respondeu Alia.

– Mas sabia que ele rastrearía você.

– Achei que *pudesse*.

– Que diferença isso faz? – perguntou Jason, irritado.

Ele se virou para Diana, levando a mão ao ombro como se ainda sentisse dor.

– Quem é *você*? – continuou. – E que direito tem de impedir que a minha irmã entre em contato comigo?

Diana sentiu os nervos se exaltarem.

– Foi para a segurança dela mesma. Deuses! – disse ela, dando um salto da cama ao se dar conta. – Você pode ter sido seguido. A gente tem que sair daqui agora mesmo.

– *Deuses*? – perguntou Jason. – No plural?

– Não tem ninguém atrás de mim – insistiu Alia. – Estão pensando que eu morri.

Jason soltou um rosnado.

– Alguém pode me dizer que diabo está acontecendo?

Alia remexeu os pés, nervosa.

– Será que a gente pode só... se sentar por um minuto?

Jason olhou a cama mais próxima e fez uma leve careta. Afastou uma pilha de doces com um safanão desdenhoso e se sentou na beirada. Olhou em volta.

– Tem alguma coisa para beber?

– Refrigerante quente? – perguntou Alia, oferecendo uma garrafa de Coca-Cola.

– Tinha pensado em algo mais forte.

Alia ergueu a sobrancelha.

– Sérió?

– Tenho 21...

– Acabou de fazer.

– E acabei de ser agredido por alguém...

– Meu nome é Diana.

Jason pegou a garrafa de refrigerante da mão de Alia.

– Diana de quê?

Ela respondeu sem pensar.

– Diana, prince...

– Diana Prince – interrompeu Alia, mais que depressa. – O nome dela é Diana Prince.

– Isso – confirmou ela, grata pela ajuda, apesar de ainda estar com raiva de Alia. – Diana Prince.

Alia se acomodou na outra cama e fez um gesto para que a amazona sentasse. Relutante, Diana escolheu a beirada oposta.

Jason tomou um gole do refrigerante.

– Pode começar, Alia.

– Houve um acidente – respondeu ela.

Diana encarou Alia. Elas não podiam contar uma mentira dessas.

– Não foi acidente – corrigiu ela.

Alia respirou fundo.

– Ok, houve uma explosão a bordo do *Tétis*. Alguém...

Ela hesitou e Diana percebeu que era a primeira vez que Alia dizia as palavras em voz alta. Ela deixara a princesa afirmar, concordara até onde fora possível, mas jamais admitira de fato tudo o que havia acontecido.

– Acho que alguém tentou me matar – concluiu Alia.

Jason apoiou a garrafa na própria coxa.

– Eu disse para você não ir. Você sabe o tipo de ameaças que a fundação enfrenta. Eu avisei como era perigoso você ficar sem segurança.

Alia baixou os olhos.

– Eu não pensei...

– Não, você *não pensou*. Podia ter morrido.

– Eu teria morrido. Mas a Diana me salvou.

– Como?

– Eu vi a explosão da praia.

– E veio com ela até Nova York?

– Parecia o mais seguro a fazer.

Jason fez uma careta irônica.

– Bom, pelo menos alguém pensou.

– Isso não é justo – retrucou Alia, baixinho.

– Justo? – Jason se inclinou para a frente. – Você quase morreu. Eu quase perdi você. Depois do que aconteceu com a mãe e o pai...

– Eu...

– Se você queria tanto ir, devia ter falado comigo. A gente organizaria uma expedição.

Alia se levantou.

– Eu não queria uma expedição da Keralis – retrucou ela, andando de um lado a outro no minúsculo quarto. – Queria ser uma estudante, uma garota normal.

– A gente não é igual a todo mundo, Alia. Nossa família não tem esse luxo.

Diana não pretendia falar. Aquela batalha não pertencia a ela. No entanto, percebeu que havia aberto a boca.

– Ela tem o direito de tentar.

– Como é? – perguntou Jason.

– Não é justo exigir que uma pessoa viva pela metade – respondeu Diana. – Não podemos viver com medo. Ou fazemos as coisas acontecerem, ou as coisas acontecem com a gente.

Jason voltou o olhar frio e raivoso a ela.

– Pessoas morreram. Alia poderia ter morrido.

– Se ela tivesse ficado em Nova York, poderia ter acontecido o mesmo.

Agora foi Jason quem se levantou.

– Eu não sei quem você pensa que é, mas já cansei de levar bronca de uma adolescente.

Diana se levantou e o encarou.

– Eu podia ser um homem de 50 anos que você estaria errado do mesmo jeito.

Jason pegou a mochila vermelha e começou a avançar em direção à porta.

– Vamos embora, Alia.

Diana se meteu na frente.

– Não.

Um músculo se repuxou no rosto de Jason.

– Saia da minha frente.

– Você mesmo disse que ela está correndo perigo. Se houver alguém vigiando vocês...

– Eu tenho plenas condições de proteger a minha irmã. Temos uma extensa equipe de segurança formada por profissionais treinados.

– E você confia nessa gente?

– Mais do que confio numa estranha de calça de moletom que me imprensou contra a parede e fala búlgaro.

– Então me tira uma dúvida – pediu Diana. – Quando a Alia ligou para você de Istambul, você transmitiu a localização e os detalhes da

situação dela para a sua equipe de segurança?

– É claro. Eu...

Jason parou de falar e empalideceu.

– Jason? – disse Alia.

– A culpa é minha. Deve haver alguém na equipe... mas não entendo. Por que iriam atrás de Alia? Eu estou mais perto da empresa. Por que não vieram atrás de mim?

Diana quase sentiu pena dele.

– Você está lutando a batalha errada – disse ela, com delicadeza. – Sei que acha que isso tem a ver com os negócios da sua família, mas o alvo é a Alia.

– Diana... – disse Alia, advertindo-a.

– Do que você está falando? – perguntou Jason.

Alia puxou o braço de Diana.

– Deixa quieto.

– Por quê?

– Porque você parece uma louca quando fala desses assuntos – sussurrou Alia, furiosa. – Oráculo, Semente da Guerra, nascente mágica...

Jason ergueu bruscamente a cabeça.

– O que foi que você disse?

– Não é nada – disse Alia. – Só umas bobagens que a Diana herdou... da família esquisita dela.

O rosto de Jason estava completamente sério agora.

– O que vocês sabem sobre as Sementes da Guerra?

Alia encarou o irmão com um olhar confuso.

– O que *you* sabe sobre as Sementes da Guerra? – retrucou ela.

– É... um lance que eu achei nos papéis da mãe e do pai depois do acidente.

A informação pareceu golpear Alia fisicamente. Ela deu um passo para trás.

– *O quê?*

– Eu tive que vasculhar todos os documentos deles. Tinha um cofre no escritório.

– Por que você nunca me mostrou isso antes?

– Porque era tudo tão louco... Eu não... Eu já tinha coisa demais para dar conta depois da morte deles. Estava sobrecarregado. Era uma bizarrice danada sobre os ancestrais gregos do papai. Eu não quis jogar esse fardo em cima de você.

– Que *fardo*? – perguntou Alia, erguendo a voz, tomada pelo pânico.

– O fardo da sua linhagem de sangue – disse Diana.

Ela já não sentia raiva, apenas arrependimento. Lembrou-se da primeira visita que fizera à armaria. De mãos dadas com a mãe, escutara as histórias das amazonas, a coragem que haviam demonstrado em batalha, a grandeza de seus atos, suas casas, suas famílias, seus deuses.

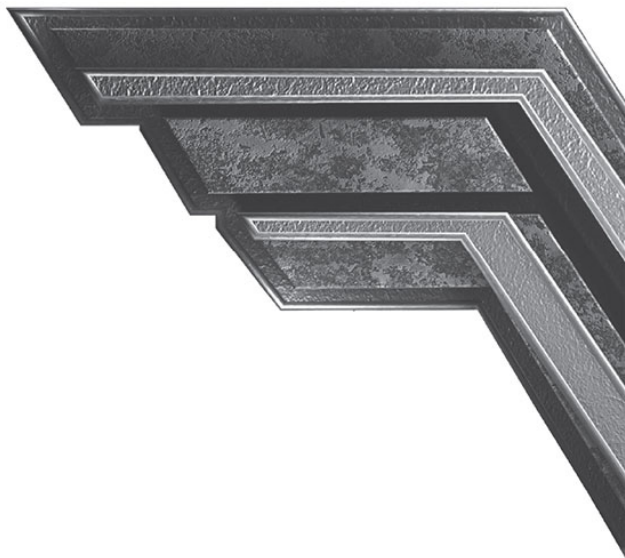
Qual é a minha história?, perguntara à mãe.

Ainda não foi escrita, respondera Hipólita com um sorriso. À medida que os anos se passaram, porém, Diana começara a odiar aquela lembrança, a ideia de que sua história já havia começado falha.

– Jason? – perguntou Alia, com os punhos cerrados.

– São só um monte de lendas, Alia.

– Conte-me – exigiu ela. – Conte-me tudo.



CAPÍTULO 9

Jason encarou Diana, quase desamparado.

– Não sei por onde começar.

Alia rangeu os dentes. Não estava nervosa. Não, isso não era verdade, ela *estava* furiosa, irada por Jason ter escondido tudo aquilo dela. No entanto, mais do que esmurrar o irmão, ela precisava saber o que ele sabia.

– *Comece* – exigiu ela, controlando a raiva.

Entretanto, foi Diana quem falou:

– As Sementes da Guerra são descendentes de Helena de Troia.

Alia podia ter esperado tudo, menos isso.

– Helena – repetiu ela, cética. – A do “rosto que lançou ao mar mil navios”?

– Não foi o rosto – respondeu Diana. – O poder de Helena não residia na beleza, mas no próprio sangue. O nascimento de uma Semente da Guerra sinaliza uma era de conflito. Se a Semente da Guerra morre antes de Hecatombaion do seu décimo sétimo ano de vida, nenhuma guerra se sucede. Contudo, se for permitido que seus poderes atinjam a maturidade...

Alia ergueu as mãos.

– Eu sei que *você* acredita nessas coisas, mas o Jason...

Só que o irmão não parecia incrédulo. Não estava zombando nem torcendo o lábio do jeito debochado que fazia Alia querer estapeá-lo.

Em vez disso, encarava Diana com profunda desconfiança.

– Como é que você sabe disso tudo? – perguntou ele.

Diana se remexeu, desconfortável.

– É uma história... uma lenda do meu povo.

– E quem é o seu povo?

Por que aquilo importava? Por que eram essas as indagações dele?

– Jason, você simplesmente não pode estar acreditando nisso.

– Não sei em que acredito. A mãe e o pai faziam referência ao que a sua amiga está descrevendo, essas Sementes da Guerra. Chamavam também de hap...

– *Haptandrai* – concluiu Diana.

– Isso! Havia outros nomes também, de quase todos os países.

– A mãe e o pai eram *cientistas* – protestou Alia. – Nós somos cientistas. Isso é... um monte de superstições. Historinhas para dormir.

Diana balançou a cabeça, mas não parecia frustrada, apenas triste, quase compassiva.

– Depois de tudo o que você viu, como ainda pode dizer isso?

Alia encarou os braceletes nos punhos de Diana. Lembrou-se da sensação de mais cedo, do metal entre seus dedos, frio e sólido. Real. Ela, no entanto, vira aquele mesmo metal se mover sozinho. Vira palácios que não deveriam existir, cavalos-fantasma. Viajara ao coração de uma tempestade.

– Existe uma explicação – respondeu Alia. – Sempre existe uma, mesmo que a ciência ainda não tenha encontrado.

– Era no aspecto científico que eles estavam interessados – disse Jason. – Eles traçaram a genealogia dos Keralis até a Grécia antiga, e também a de outras famílias e os desdobramentos da linhagem sanguínea de Helena. Mapearam a vida das Sementes da Guerra e as relacionaram aos acontecimentos do mundo.

Alia balançou a cabeça.

– Não.

– Achavam que talvez pudessem ajudá-la, com as informações corretas.

– E você acredita nisso tudo?

Jason jogou as mãos para cima.

– Talvez. Eu não sei. Você já viu como estão as coisas, Alia? Já viu os noticiários?

Alia plantou as mãos na cintura.

– A gente está na cidade há menos de 24 horas, tentando salvar

nossas vidas. Não estou inteirada das notícias.

– Pois tem muita coisa estranha acontecendo, e não é nada bom. Você deve ter visto os militares nas ruas.

– Achei que fosse um ataque terrorista.

– *Ataques*. No plural. Pelo mundo inteiro.

Ele pegou o telefone, deu uns toques na tela e entregou a ela.

Alia percorreu as manchetes, uma após a outra, com Diana espiando por sobre seu ombro. *Tentativa de golpe. Irrompe guerra civil. Crescem os bombardeios. Encerram-se os diálogos. Cerca de vinte mortos. Cerca de cem mortos. Milhares de mortos.*

Uma briga de socos explodira em plena Assembleia Geral da ONU. Reuniões de emergência foram convocadas pelo Congresso.

– Está começando – disse Diana, os olhos fixos na tela. – E só piorará. Se não chegarmos à nascente até o início de Hecatombaion, atingiremos o ponto de ruptura. A guerra será inevitável.

As imagens avançaram: explosões de bombas em cidades que ela desconhecia, casas reduzidas a entulhos, corpos estirados, um homem de pé num campo erguendo uma arma por sobre a cabeça, instigando uma audiência de milhares de pessoas. Alia clicou na imagem seguinte, um vídeo, e ouviu gritos em uma língua que não entendia. Viu uma multidão transpor uma barricada, a tropa de choque abrindo fogo.

– Você está dizendo... – Ela pigarreou antes de prosseguir. – Você está dizendo que eu sou a responsável por isso?

– Não é necessariamente a responsável, mas... – respondeu Diana.

Alia sufocou uma risada.

– Só algo que eu sou?

Nem Diana nem Jason pareciam saber como responder àquilo.

– Tinha outra palavra – disse Jason, por fim – nos registros que a mãe e o pai deixaram: *procatalysis*.

– Pré-catalisador? – perguntou Alia.

Parecia um termo científico.

– Faz referência ao significado original – respondeu Jason. – Vem do grego. Dissolver. Desintegrar.

– *Procatalysis* – murmurou Diana. – A que vem antes da dissolução do mundo.

Alia fechou a boca. Um suor frio irrompera em sua pele. Achou que vomitaria. Seus olhos registravam os horrores na tela, mas outras imagens também lhe assomavam à mente. A confusão no Central Park,

quando Nim e ela foram ao show de graça. A briga repentina no baile juvenil. Nim e Theo, em geral tão tranquilos e alegres, gritando um com o outro no banco de trás durante a viagem de carro até o Maine. As discussões... Tantas discussões, brigas, acusações que pareciam acontecer do nada. Debates em classe que desandavam. Professores que subitamente se enfureciam. O Sr. Kagikawa *estapeando* Kara Munro. Todos em choque. Ele demitido. Então todos se esqueceram, tocaram a vida.

Alia nunca havia parado para reparar. Era apenas a forma como a vida operava. Era por isso que ela gostava de ficar em casa, não apreciava aglomerações. O mundo era um lugar hostil. Talvez lamentasse o fato de que Nim e ela fossem pouco capazes de manter amizades, e dizia a si mesma que tudo melhoraria depois que ingressasse na faculdade. Havia passado mais tempo sozinha e se convencera de que era escolha própria.

Recentemente, ela tinha achado que uma mudança de ares ajudaria, que precisava sair de Nova York. Isso a levou diretamente ao terror a bordo do *Tétis*. Na verdade, até no voo para Istambul os passageiros trataram uns aos outros com grosseria. Mais uma vez a voz dentro de Alia gritara: *Vá para casa. Recomece.*

O mundo era mesmo um lugar hostil. Todavia, e se a hostilidade fosse decorrente *dela*?

Na tela, uma mulher corria de um edifício em chamas. Carregava nos braços o corpo inerte de uma criança. Suas roupas estavam manchadas de sangue, a boca aberta em um grito silencioso. *Eu fiz isso.*

Alia passou cambaleante por Jason e Diana e disparou para o banheiro. Desabou de joelhos nos azulejos do chão e vomitou no vaso sanitário.

Semente da Guerra. Procatalysia. Haptandra. Podiam chamar do que fosse. Soava como *monstro*. Ela não se lembrava de muita coisa sobre a Guerra de Troia. Achava que fosse tudo mitologia, poesia antiga. Achava que Helena fosse apenas a personagem de uma história. Talvez fosse. E provavelmente Alia também. Uma personagem assassina. O monstro que precisava ser abatido.

– Al? – chamou Jason, baixinho, da porta.

– Não me chame assim – murmurou ela do vaso, dando descarga.

– Alia...

– Você acredita que eu... Você acha que isso é verdade? –

perguntou ela, sem encará-lo.

Ele ficou em silêncio por um tempo.

– Acho que pode ser – disse, por fim. – Sim.

– Porque a mãe e o pai acreditavam?

– Em parte por isso. Uma parte do trabalho que estavam fazendo...

Eles tinham uma equipe pesquisando antigos campos de batalha, atrás do sangue de antigos heróis e reis, extraindo material biológico. Eles acreditavam, Alia. Achavam que poderiam fazer o bem com esse conhecimento. E queriam proteger você. Eu queria proteger você.

– Então todo esse tempo...?

– As ameaças à nossa família sempre foram reais. Mas...

– Mas vocês sabiam que alguém podia vir atrás de mim, para me matar antes que eu pudesse, tipo, destruir o mundo.

– Isso.

Alia apertou os olhos com as mãos. Sentia-se ridícula ali no chão do banheiro, esparramada, os cotovelos apoiados na borda do vaso, mas não foi capaz de se mover. Continuava vendo aquela mulher fugindo das chamas. Sentia o peso do corpo flácido da criança em seus braços.

– Talvez isso não fosse tão ruim assim – concluiu ela.

Ela ouviu passos, e Jason se agachou a seu lado. Abraçou-a pelos ombros.

– Sim, seria muito ruim. Guerras acontecem, Alia. Mesmo em gerações em que nenhuma Semente da Guerra nasce, as pessoas ainda arrumam desculpas para se matar. E quer saber de uma coisa? A humanidade sobreviveu a tudo. Talvez nossos pais tivessem razão, ou talvez seja só uma lenda. O que eu sei é que eles me pediram para proteger você, e é isso que eu farei.

Alia deu de ombros para afastá-lo, e fez esforço para se levantar.

– O que faz você ter tanta certeza de que pode?

Ela pegou a escova de dentes e espremeu uma massa imensa do creme dental que havia comprado, para tirar o gosto azedo da boca.

– Explodiram o meu barco – prosseguiu ela. – Mataram gente inocente para chegar até mim.

– A empresa tem uma choupana no Canadá. É isolada, segura. Vamos até lá, tentar descobrir o que está acontecendo e se existe alguma solução.

– Desculpe – disse Diana, do corredor. – Eu não posso permitir isso.

Jason se virou depressa para ela.

– Se você tentar fazer mal a ela...

– Eu arrisquei a minha vida para salvá-la – retrucou Diana. – Arrisquei tudo.

– Então você devia saber que o lugar mais seguro para ela é longe de tudo isso.

– Existe uma nascente em Terapne, perto da fronteira da antiga Esparta. Se Alia se banhar naquelas águas antes do pôr do sol do primeiro dia de Hecatombaion, o mundo não sofrerá uma nova era de derramamento de sangue, e o ciclo de Sementes da Guerra será quebrado.

– Terapne? – perguntou Jason. – Na Grécia? Você enlouqueceu?

– Alia – disse Diana, baixinho. – Por favor.

Alia encarou Diana através do espelho. Ela a havia resgatado das águas. Devolvera sua vida. *Arrisquei tudo*. E se Diana estivesse certa? E se houvesse um meio de impedir tudo aquilo? E se Alia pudesse consertar as coisas, em vez de deixar o mundo cair em guerra?

– Não – disse Jason, como se lesse seus pensamentos. – Eu nunca ouvi falar nessa nascente. Não estava em nenhum dos arquivos que a mãe e o pai deixaram.

– A nascente existe – disse Diana. – Fica perto do Menelaion, onde Helena está enterrada.

– Não vou arrastar a minha irmã por meio mundo e confiar a vida dela a uma nascente mágica.

Nesse momento foi Alia quem ergueu a sobancelha.

– Você acredita que eu sou o apocalipse no corpo de uma adolescente, mas não acredita em uma nascente mágica?

– É um risco muito grande.

Ele não acreditava em Diana. Por que deveria? Não tinha testemunhado o mesmo que Alia. Ela já não sabia distinguir o real do imaginário. E não importava. Essa era a realidade dela no momento.

– É um risco – concordou ela. – Mas é um risco que eu preciso assumir.

– Você realmente conhece essa garota? – perguntou Jason, acenando para Diana. – A gente precisa ter cuidado. As pessoas...

– Ela não quer o nosso dinheiro, Jason. Ela não é repórter. Não veio atrás de ouro. Ela salvou a minha vida.

– Isso não significa que você precisa se mandar para a Grécia com ela. Eu proíbo...

Alia ergueu o dedo para ele.

– Não *ouse* terminar essa frase. Jason, você é meu irmão mais velho, e eu amo você, mas isso é assunto meu. Se isso se desenrolar como você acha que vai, eu é que terei que viver sendo a maior assassina em massa de todos os tempos. Você não pode simplesmente esperar que eu me esconda no meio do mato.

– Alia – respondeu ele, desesperado –, isso não é responsabilidade sua. Vamos ao Canadá. Deixar o tempo passar. Nós...

– Corrija-me se eu estiver errada, Diana, mas a gente só tem uma chance, certo?

– Isso – respondeu Diana. – Você tem que chegar à nascente antes do pôr do sol do primeiro dia de Hecatombaion. Depois disso...

– Depois disso um monte de gente morrerá.

– Isso é daqui a menos de uma semana! – retrucou ele.

– Você não estava naquele barco, Jason. Se não fosse por minha causa, aquelas pessoas estariam vivas. Eu terei que conviver para sempre com isso. Não deixarei o Armagedom me pesar na consciência também. Você pode me prender. Pode tentar me impedir, mas *eu vou fazer isso*.

– Não – disse Jason, cortando o ar com as mãos em um gesto decisivo. – Eu fiz uma promessa para os nossos pais. Você não sabe...

– Você está tão certo de que pode nos impedir? – perguntou Diana.

– Como é que é?

Alia quase riu da expressão indignada em seu rosto.

– A Diana imobilizou você no chão com facilidade há poucos minutos – disse Alia. – Tenho certeza de que ela pode fazer outra vez.

– Você não pode tomar esse tipo de decisão – retorquiu Jason. – Ir embora com uma pessoa que mal conhece. *Você tem 17 anos*.

– Olha quem está me dando sermão sobre responsabilidade! O cara que se embebedou no último Natal e dançou até o chão com a peruca da tia Rachel! Pare de agir como se estivesse no comando.

– A gente concordou em nunca mais mencionar esse assunto – sussurrou Jason, furioso.

– Jason, eu vou fazer isso.

Pela primeira vez desde a explosão da bomba a bordo do *Tétis*, Alia se sentia fazendo uma escolha, não apenas se deixando levar pela maré. Ela estendeu o braço, tomou a mão dele e apertou com firmeza, tentando fazer com que compreendesse.

– A mãe e o pai desejariam que eu tentasse – disse Alia. – Eu sei que sim. E você também sabe.

Ela sentia o luto que os dois compartilhavam como um escudo indesejável a envolvê-los, uma muralha invisível que os separava do mundo. Às vezes parecia inquebrável, como se ninguém jamais fosse saber o que eles haviam passado, como era ter o próprio mundo dilacerado.

Por fim, ele retribuiu o aperto na mão dela.

– Ok.

– Hein?

A palavra pulou dos lábios dela. Jason nunca mudava de ideia. Podia dar aulas de teimosia às mulas.

– Você tem razão – disse ele, com um suspiro. – Os pais nunca se esquivariam de fazer o mais difícil, se fosse para salvar vidas. Peguemos o jato da empresa.

– Vocês têm um avião? – perguntou Diana.

Alia conteve um sorrisinho.

– Temos – respondeu Jason. – Podemos levar a equipe de segurança como escolta.

– Você não sabe em quem pode confiar – argumentou Diana.

– Podemos confiar em toda a equipe de segurança da cobertura. Se quisessem nos matar, já estaríamos mortos. Eles vigiam a gente até durante o sono, literalmente.

– Eu posso proteger a Alia – disse Diana.

– Claro – respondeu Jason, com desdém. – Uma adolescente protegendo outra adolescente. Olha, eu agradeço o que fez pela minha irmã, mas você é basicamente uma estranha. Eu assumo daqui em diante.

– Não posso concordar com isso.

– Eu não perguntei se você concorda. Minha equipe é formada por ex-militares de operações especiais. São os melhores do ramo, e isso é inegociável. – Ele se virou de volta para Alia. – Se quiser ir a essa nascente, a minha equipe de segurança vai com a gente.

– Beleza – respondeu Alia, avaliando as implicações do que estavam prestes a fazer. – Mas a Diana também vai.

Diana pestanejou, e Alia pôde ver a surpresa em seu rosto. *Minha mãe também não acha que eu consigo dar conta de nada sozinha.* Talvez as duas já estivessem cansadas de ser subestimadas.

Jason estreitou os olhos.

– De onde você é exatamente, Diana Prince?

– De uma ilha. No Egeu. Você não deve ter ouvido falar.

– E você não acha isso nem um pouco suspeito? – perguntou ele a Alia. – Por acaso, você é salva por uma garota de procedência duvidosa que sabe sobre as Sementes da Guerra e conhece uma nascente mágica com o poder místico de curar você?

– Jason, ela podia simplesmente ter me deixado morrer afogada. Como você disse, se ela quisesse me ver morta, eu já estaria morta. E a presença dela é inegociável.

Jason revirou os olhos.

– Ótimo. Junte as suas coisas. Vamos transferir você e a sua guarda-costas para a cobertura. Partimos amanhã.

– A gente devia partir agora – objetou Diana. – Imediatamente.

– Você tem um jato?

Diana cruzou os braços.

– Não.

– Então não é você quem decide quando partiremos.

– Dá para ver por que a Alia quis sair do país...

Alia se encolheu.

– Parem de brigar – pediu Alia.

– Só peguem as coisas de vocês – rosnou Jason, passando irritado por Diana.

– Cuidado com a porta...

Ouviu-se um estrondo, seguido de uma série de xingamentos raivosos.

Opa.

– Ele é exatamente como você descreveu – disse Diana. – Ele é dominador, arrogante, acostumado a conseguir sempre tudo o que quer.

– Ele não é assim de verdade.

Diana disparou um olhar desconfiado para Alia e retornou para arrumar seus poucos pertences.

– Ok, ele é exatamente assim – admitiu Alia. – Mas não costumava ser.

Diana enfiou seus couros e o rolo dourado num dos sacos de compras.

– Obrigada por não contar nada ao Jason sobre o meu lar. O meu povo... Você sabe que elas prezam o isolamento.

Alia assentiu, embora não compreendesse muito bem as regras do mundo de Diana. No entanto, devia a vida a ela. Ficar quieta em relação aos detalhes estranhos de sua criação era o mínimo que podia

fazer.

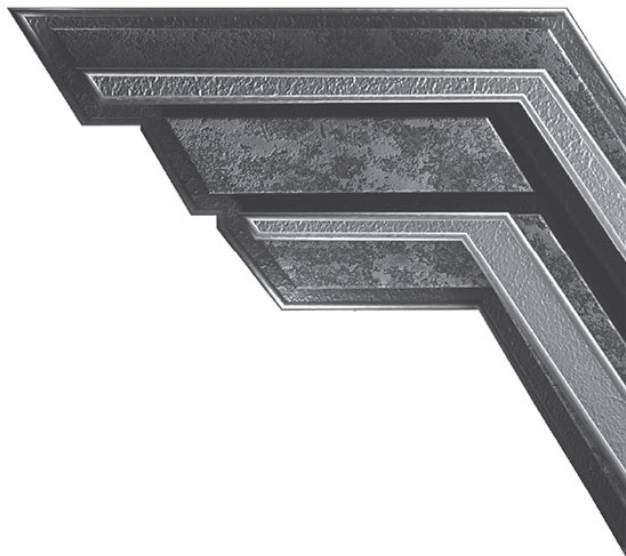
– E obrigada por insistir para que eu a acompanhasse – continuou Diana. – De todo modo eu encontraria uma forma de ir, mas foi muito importante para mim.

Alia enrolou uma trancinha no dedo.

– Então, sobre isso... – Ela respirou fundo e prosseguiu: – Se a gente não chegar à nascente a tempo...

– A gente vai chegar.

– Mas, se a gente não chegar, precisarei que você me mate.



CAPÍTULO 10

Se a gente não chegar, precisarei que você me mate.

Diana quis tirar essas palavras da mente no segundo em que Alia as verbalizou. E verbalizou com muita facilidade. *Facilidade demais*, concluiu Diana. Alia estava só assustada, afetada pela sua descoberta. Nada disso importaria quando chegassem à nascente.

Jason deu um telefonema rápido e conduziu as duas pela saída dos fundos do hotel, para o caso de alguém estar vigiando as dependências. Diana ao menos estava grata por ele levar um de seus avisos a sério.

O beco atrás do hotel estava tomado de odores pungentes que a mente de Diana mal podia assimilar. A combinação do fedor de verduras podres com o que parecia urina e fezes humanas, tudo agravado pelo calor do verão.

Os três cruzaram os fundos de uma instalação de limpeza, repleta de cabides móveis com roupas envoltas em plástico. O vapor doce e agradável foi bem-vindo após o beco. Então atravessaram a rua e avançaram pela calçada até outro beco, onde havia um carro preto e lustroso à espera deles.

– Oi, Dez – disse Alia para o motorista ao entrar.

– Oi, Al.

Diana percebeu que Alia não corrigiu o motorista pelo uso do apelido, como fizera com o irmão.

O ar dentro do carro era fresco e suave, e Diana se permitiu dar um suspiro pequeno e contido. Ficou surpresa em sentir como o interior do veículo era agradável, espaçoso e escuro feito uma caverna, os bancos negros costurados com uma precisão que jamais teria sido obtida à mão. Jason abriu um bar enfiado no painel do carro e se serviu de uma bebida. Diana observou as ruas passando lentamente pela janela de vidros escuros feito fumaça, os sons abafados por um murmúrio suave e reconfortante. Ela respirou fundo, inalando o aroma de couro e algo que não soube identificar.

– O que está fazendo? – disse Jason, ríspido.

Estava sentado de frente para Diana, observando-a com atenção.

– Não fiz nada.

– Você estava cheirando o carro – retrucou ele, virando-se para Alia. – Ela estava *cheirando* o carro.

Diana sentiu o rosto enrubescer de leve.

– Tem um aroma agradável.

– É cheiro de carro novo – explicou Alia, com um sorriso nos lábios. – Todo mundo adora. E o Jason é tão chato com a limpeza do carro que a Betsy nunca perde esse cheiro.

– Betsy?

Jason revirou os olhos.

– A Alia tem mania de dar nome a todos os carros. Como é que ela nunca cheirou um carro novo?

– Ninguém dirige onde ela mora – respondeu Alia, baixinho. – Eles são quase amish.

– Amish com treinamento de combate?

Diana ignorou a alfinetada.

– Por que não podemos ir para a nascente agora mesmo? – perguntou ela.

– A reunião anual do conselho dos Laboratórios Keralis é hoje à noite, seguida da recepção para os patrocinadores da fundação. Sairemos assim que terminar.

Diana se inclinou para a frente, esquecendo o cheiro agradável do carro.

– Quer que fiquemos em Nova York por causa de uma *feira*?

– Não é uma feira; é uma recepção. A nossa família representa a fundação. Se quisermos que continue assim, eu preciso estar lá. E a Alia também tem que comparecer.

– Um evento público?

Diana pôde ouvir seu tom de voz se elevando, mas simplesmente não acreditava no que estava ouvindo.

– Não é público – respondeu Jason. – É um evento particular no Templo de Dendur.

Diana franziu o cenho.

– Então quer dizer que é algum tipo de rito sagrado?

Jason tomou um longo gole da bebida.

– Onde foi que você encontrou essa garota? É uma exibição permanente no Metropolitan Museum of Art. Toda hora tem baile de gala lá.

– Baile de gala – disse Diana. – Posso estar enganada, mas acredito que seja mais uma palavra para *festa*.

– Espere um pouco! – disse Alia. – O que você quis dizer com “se quisermos que continue assim”? Como pode haver uma Fundação Keralis sem os Keralis?

Jason se recostou no banco. Diana sabia que ele era apenas poucos anos mais velho que Alia, mas carregava uma fadiga que lhe envelhecia o rosto.

– Você não vai às reuniões do conselho, Alia. Não lê os relatórios. A fundação anda levando uma surra da imprensa nos últimos tempos. Os lucros da empresa diminuíram. O conselho não leva a gente a sério. Se quisermos ser parte do legado dos nossos pais, temos que agir.

– Está dizendo que o conselho o impedirá de assumir o controle? – perguntou Alia.

– Michael está preocupado – admitiu Jason, com a expressão aflita. – Uma coisa é o meu envolvimento com caridade, mas ninguém acha o máximo ver um garoto de 21 anos assumindo uma corporação multibilionária.

– Quem é Michael? – perguntou Diana.

– Michael Santos – respondeu Alia. – Nosso padrinho. Ele vem comandando os Laboratórios Keralis desde que os nossos pais... desde o acidente. Mas agora...

– Ele quer que eu assuma mais responsabilidades.

Alia remexeu a bainha da camiseta.

– Seria tão ruim assim deixar o Michael à frente da empresa um pouquinho mais? Você podia terminar o MIT, fazer uma pós-graduação...

– Eu não preciso de diploma – disse Jason com rispidez. – Só preciso de um laboratório.

Diana se perguntou se ele estava tentando convencer Alia ou a si mesmo.

– E não posso perder a reunião de hoje à noite – continuou ele. – Seria muito importante apresentarmos uma frente unida na recepção.

– Isso é loucura – disse Diana. – Alia não tem a menor condição de comparecer.

– Concordo – interveio Alia. – Cem por cento.

Jason deu um suspiro de frustração.

– Só está dizendo isso porque odeia se arrumar.

– Acho que uma ameaça de morte é um motivo totalmente legítimo para eu não me meter num vestido.

– Ninguém ficaria sabendo da sua presença antes da hora. Eu mesmo achei que você estaria naquela viagem de estudos idiota...

– Idiota nada – resmungou Alia.

– Então todo mundo ainda acha que você está viajando. E as pessoas que atacaram o *Tétis* acreditam que você está no fundo do mar. Não esperam vê-la numa festa em Nova York hoje à noite. Ninguém espera.

– Mas se ela for vista... – começou Diana.

– Isso se converterá a nosso favor. Quando começar a correr a notícia de que ela foi vista em Nova York, estaremos num avião rumo à Grécia, enquanto eles correm atrás do próprio rabo em Manhattan. A segurança será de altíssimo nível.

Ele se inclinou para a frente.

– Alia, se não fosse seguro, você sabe que eu nunca sugeriria.

– Isso é verdade – concordou Alia, relutante. – Você é muito certinho.

– Cauteloso – corrigiu Jason.

Diana avaliou os ombros sólidos e o maxilar trincado de Jason.

– Ele parece bem tenso.

– Talvez porque eu tenha sido agredido por uma brutamontes num quarto de hotel.

Diana deu de ombros.

– Se você tenta invadir o quarto de uma mulher, tem mesmo que esperar uma surra.

– Surra? – perguntou ele, indignado. – Você me pegou de surpresa.

– Eu esfreguei sua cara no chão.

– Será que dá para vocês pararem? – perguntou Alia. – Preciso de um minuto para pensar.

Diana cruzou os braços e olhou pela janela, dizendo a si mesma que observasse ao redor, mordendo a língua para conter a torrente de palavras que queriam escapar. Que *arrogância* do garoto, tão seguro de seu poder, sustentado pelos adereços de sua riqueza. Ela achou que talvez o poder de Alia estivesse intensificando sua irritação em relação a ele.

Ou ele é simplesmente irritante.

O carro dobrou uma curva e adentrou um sombrio corredor que levava a um local subterrâneo. Se era onde Alia e seu irmão moravam, Diana supôs que, com as janelas escuras do veículo, alguém que observasse as idas e vindas de Jason a distância não teria como saber que ele não tinha retornado ao prédio sozinho. O carro cruzou inúmeras fileiras de automóveis reluzentes, muito mais lustrosos que os da garagem anterior.

– Lar, doce lar – disse Alia, com a expressão melancólica.

– Você pode não estar feliz por estar de volta – disse Jason, baixinho. – Mas eu estou.

Diana compreendia a tristeza de Alia. Ela tinha ido atrás de aventura e independência, mas só encontrara fracasso e sofrimento. Diana se perguntou se sentiria essa mesma tristeza ao retornar a Temiscira. *Se retornasse*. Não queria pensar nessa possibilidade. Ansiava pela chance de um feito heroico, e os heróis não sentiam saudade de casa. Era melhor se concentrar na tarefa que tinha em mãos: cuidar da segurança de Alia e chegar à nascente.

O motorista estacionou o carro na frente de um discreto par de portas de metal.

– Isto é seguro? – perguntou Diana enquanto eles saíam do veículo, e Jason apertou um botão.

– Este elevador é exclusivo da cobertura – respondeu ele. – Ninguém mais tem acesso.

Diana olhou em volta, desconfiada, quando as portas se abriram e os três adentraram a pequena cabine. Havia elevadores em Temiscira, operados por roldanas e usados para deslocar carga pesada. Além do painel de botões à direita da porta, ela supôs que nada houvesse de diferente, ainda que fosse mais luxuoso. O chão era carpetado, as paredes, espelhadas. Ela olhou de esguelha o próprio reflexo, os cabelos escuros ainda úmidos do banho, a camiseta amarrotada, os olhos azuis meio confusos. Parecia uma estranha. Ela cruzou olhares com Jason através do espelho e percebeu que ele a observava outra

vez. Ele pegou uma chave do bolso, enfiou em uma fechadura ao lado do painel e apertou C.

O elevador deu um tranco e disparou para cima. Diana tentou manter a expressão neutra enquanto subia, com o estômago em algum ponto perto da área dos pés. Com certeza aquele elevador *não* era como os de Temiscira.

Ela respirou fundo pelo nariz e tentou afastar a terrível sensação de suas entranhas e se concentrar no que Jason dissera a respeito da segurança do elevador. E daí que o acesso à cobertura era restrito? Tinha que haver escadas em algum lugar. Alguém determinado poderia simplesmente demolir o prédio inteiro com explosivos. O que eram mais umas poucas vidas perdidas se fosse possível prevenir uma guerra mundial?

Um instante depois, o elevador parou com um solavanco e as portas se abriram para um cavernoso corredor de dois andares de altura. A luz do sol entrava por uma claraboia, iluminando uma escadaria de madeira encerada que subia em curva por uma parede formada por painéis. Os azulejos do piso formavam um mosaico de espirais em preto e branco.

Diana ficou tensa ao ver dois sujeitos grandalhões de terno escuro parados ao lado das portas, mas eles simplesmente cumprimentaram Jason e Alia com um aceno de cabeça.

– Este é o Meyers, e este é o Perez – disse Jason a Diana quando passaram. – Os dois serviram às operações especiais da Marinha e estão com a minha família há quase dez anos. Se não forem de confiança, são os assassinos mais lerdos do mundo.

Diana não abriu a boca. Se aprendera alguma coisa de suas leituras sobre política era que até um homem leal poderia ser influenciado diante das circunstâncias apropriadas.

Os três adentraram uma grande sala de estar com vista para um terraço de pedras cinza quadriculadas, separado por uma cerca viva muito bem aparada. Mais adiante se via um feixe de céu azul bem aberto, que acendeu o coração de Diana. Pelo teto da sala de estar se espalhavam esferas coloridas de vidro soprado, dando a impressão de que um jardim submerso havia florescido acima deles.

Jason avançou até a cozinha, colocou as chaves no balcão e abriu o que parecia uma geladeira.

– Suco? – perguntou.

Alia assentiu. Jason apoiou no balcão três copos, uma jarra de suco

e um frasco de leite. A garota encheu o dela com suco de laranja, acrescentou um respingo de leite e empurrou a mistura para Diana.

– Prove – disse ela. – É delicioso.

– É nojento – disse Jason, servindo para si um copo de suco de laranja puro.

Diana teve a sensação de que os dois já haviam feito aquilo mil vezes, como um ritual de chegada em casa. Aceitou o copo que Alia lhe oferecera e deu uma golada. Doce Deméter, era *mesmo* nojento. Contudo, ela se forçou a beber tudo e sorriu, para não concordar com Jason.

– Refrescante – conseguiu dizer.

Jason ergueu uma sobrancelha.

– Não está enganando ninguém.

Ele recostou o corpo na pia.

– Passe uma hora comigo na festa – disse a Alia. – A gente cumprimenta as pessoas, distribui uns sorrisos, depois vamos de helicóptero direto para o aeroporto, ver essa tal nascente de vocês.

– Quanto tempo leva o voo até a Grécia? – perguntou Diana.

– Umas doze horas, mais ou menos. Já mandei mensagem para o nosso piloto, Ben. Podemos voar até Calamata. Fica a umas duas horas de Terapne.

Se ele estivesse certo, poderiam estar na nascente em menos de 24 horas, dias de sobra até a lua da colheita.

– Alia, precisamos disso – argumentou Jason. – Tem gente no conselho com ideias próprias a respeito dos rumos que os Laboratórios Keralis devem tomar. O único motivo de ainda não terem se voltado contra mim é porque sabem como ficariam mal publicamente. Precisamos manter desse jeito. Mostrar a eles que estamos preservando a tradição iniciada por nossos pais. Mostrar a eles... que ainda somos uma família.

Alia remexeu o copo nas mãos. Diana percebeu o efeito das palavras de Jason. E considerou que podia respeitar a seriedade com que ele encarava as responsabilidades. Mesmo sendo um dominador.

– O que você acha? – perguntou Alia a Diana.

Diana apertou os lábios. Sabia que ir à festa não era uma escolha sábia, mas também compreendia que Alia e Jason corriam um risco diferente. Eles tinham uma vida à qual desejavam retornar ao fim daquela jornada. Ninguém saberia da presença de Alia antes que ela se misturasse aos convidados, e se algum espião passasse a informação

adiante, eles estariam longe da festa antes que os inimigos de Alia pudessem agir.

– Uma hora – respondeu Diana, por fim. – E só.

– Então ok – disse Alia. – Eu vou.

Um largo sorriso iluminou o rosto de Jason, formando uma covinha na bochecha esquerda e transformando por inteiro suas feições.

– Obrigado.

Alia retribuiu o sorriso.

– Está vendo, Jason? Você conseguiria as coisas com mais frequência se defendesse suas ideias feito gente, em vez de apelar para “obedeça ou enfrente as consequências”.

Ele deu de ombros, ainda sorrindo.

– “Obedeça ou enfrente as consequências” é tão mais eficaz...

– Posso chamar a Nim?

O sorriso desapareceu.

– Alia...

– Se a Nim não for, eu vou à festa de moletom.

Jason soltou um suspiro.

– Beleza.

Alia estendeu o braço.

– Celular.

Jason enfiou o telefone na mão dela com uma expressão resignada.

– Vamos – disse Alia a Diana, já se direcionando para a entrada, concentrada no telefone.

Quando Diana fez menção de segui-la, porém, Jason se meteu na frente. Todo o afeto do instante anterior havia desaparecido.

– Quem é você? – perguntou ele, baixinho. – Pode acreditar que mandarei meu pessoal escavar toda e qualquer informação possível a seu respeito, Diana Prince.

– Boa sorte – respondeu ela.

Ele franziu o cenho.

– Se você machucar a minha irmã...

– Eu não faria mal a Alia. Arrisquei muita coisa para trazê-la até aqui.

– Você fica dizendo isso... O que eu quero saber é o que você ganha.

Como ele podia questioná-la daquele jeito, sabendo quanto estava em jogo?

– Um futuro – respondeu ela, embora soubesse que essa não era a história toda.

Eu vejo você, Filha da Terra. Vejo seus sonhos de glória.

Jason soltou uma risada grave.

– Não sei se você é uma fanática ou trapaceira. Também não tenho certeza do que é pior.

– É tão difícil assim acreditar que estou tentando fazer a coisa certa?

– É.

Diana franziu a testa. Que tipo de vida aquele rapaz levava, para ter crescido tão incrédulo?

– Não quero nada de você nem de Alia além da chance de pôr este mundo no lugar.

– Ser um Keralis significa que todo mundo quer alguma coisa de você. Sempre. A Alia é a única família que eu tenho. Se...

– Então talvez você devesse parar de intimidá-la.

Jason pestanejou.

– Eu nunca...

– Desde que o conheci, você só fez ditar o comportamento dela, chamá-la de idiota e desprezar as tentativas dela de seguir os próprios sonhos.

– Estou permitindo que ela vá atrás dessa nascente ridícula, não estou?

– “Permitindo”?

Jason bufou.

– Alia não tem estrutura para lidar com o mundo. Ela levou uma vida muito protegida.

– E isso é culpa de quem? – Diana sentiu a raiva se intensificando.

– Você não pode imaginar a coragem e a resiliência que eu a vi demonstrar.

– No longo tempo em que se conhecem?

– Talvez, se você enxergasse as coisas com mais sinceridade, se escutasse com mais atenção, ela não sentisse que precisa mentir para você.

Jason cerrou o maxilar e deu um passo à frente.

– Você não sabe nada sobre mim ou sobre a Alia, então fique na sua e não se meta no meu caminho.

– Se não fosse por mim, você nem saberia o seu caminho.

– Se fizer o menor movimento que pareça...

Diana se inclinou. Estava cansada das ameaças daquele garoto. Os dois eram quase da mesma altura, e ela o encarou facilmente de igual para igual.

– Você vai fazer o quê?

– Acabar com você.

Diana não pôde evitar. Ela riu.

– Qual é a graça? – rosnou ele.

Como ela poderia explicar? Ela vira a morte da própria mãe e de suas amigas através do Oráculo. Arriscara-se ao exílio e quase se afogara para chegar até ali. Além disso, depois de entrar em embate direto com a grande Tecmessa, general das amazonas, e tolerar seu escárnio, era difícil temer um garoto mortal.

– Você pode ser bonito, Jason Keralis, mas não é nada intimidador.

Ele pestanejou.

– *Bonito?*

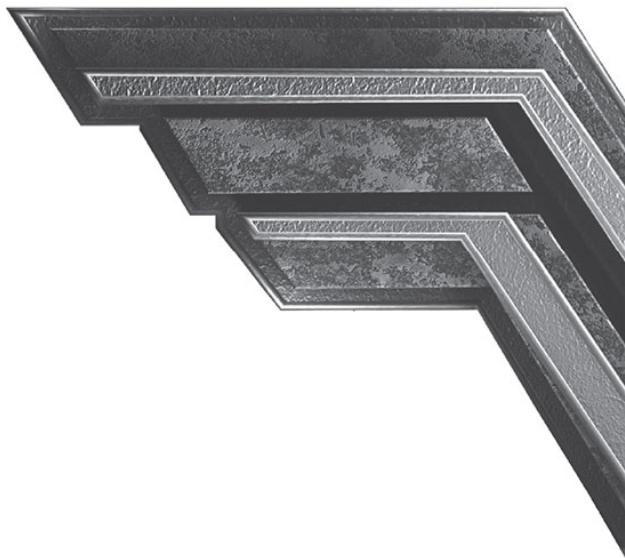
– Jason está de babaquice? – gritou Alia, de algum ponto da cobertura.

– Está! – respondeu Diana, sem tirar os olhos de Jason. – Pode me dar licença?

Ela o agarrou pelos ombros e ele emitiu um grunhido quando ela o levantou e o tirou do caminho.

Diana seguiu em frente a passos firmes, sem se dar ao trabalho de olhar para trás, mas ainda pôde ouvir o resmungo de Jason:

– *Bonito?*



CAPÍTULO 11

Alia parou no meio da escadaria da entrada enquanto Diana vinha da cozinha. Como ela conseguia fazer uma camiseta vagabunda parecer indumentária real?

– O que o Jason falou? – perguntou Alia. – Ele foi asqueroso?

– Foi – respondeu Diana, subindo as escadas atrás dela. – Suponho que tenha bons motivos, mas o jeito dele me dá vontade...

– De apunhalá-lo com um lápis?

– Não exatamente. Mas ele é mesmo irritante.

O telefone vibrou e Alia deu uns saltinhos de felicidade.

– Nim está vindo!

– Seria melhor se ela não fosse vista entrando no prédio.

Alia fez uma pausa, os pés no degrau acima. Era fácil demais escapar da realidade de sua situação. Era como se sua mente não aceitasse o que estava acontecendo e insistisse em retornar ao comportamento padrão.

Ela mandou uma mensagem de texto para Nim, pedindo que pegasse um carro e usasse o elevador particular. Eles poderiam mandar Perez descer com uma chave.

– Essa Nim é confiável? – perguntou Diana.

– É claro. Mas vamos poupar a garota de todo esse papo de Semente da Guerra, sim?

No topo da escada, Alia hesitou. Ansiava por seu quarto, suas

roupas, um longo cochilo. Em vez disso, forçou-se a virar à direita e seguir pelo corredor. A luz do sol que entrava pelas claraboias formava retângulos no piso branco e preto.

– O desenho é diferente aqui – percebeu Diana.

– É, os azulejos do saguão de entrada formam um fractal. Estes são uma sequência de DNA. – Alia deu de ombros. – Isso que dá entregar dinheiro na mão de nerds da ciência.

Ela parou diante da porta dupla do escritório de seus pais, as mãos apoiadas nas maçanetas, então respirou fundo e abriu.

Houve uma época em que aquele era seu cômodo favorito da casa. As paredes, formada por painéis da mesma madeira de tom quente da escada, uma delas ocupada por uma imensa lareira, abrigavam várias prateleiras de livros. Uma pequena mesa e duas cadeiras jaziam diante da lareira fria. Havia um livro aberto no braço de uma das cadeiras, exatamente onde Lina Keralis havia deixado. *Morte nas nuvens*, de Agatha Christie.

– Mamãe amava mistério – disse Alia, tocando de leve a lombada do livro aberto. – E suspense. Gostava de enigmas. Dizia que a ajudavam a relaxar.

Diana correu a mão pela cornija de pedra da lareira e pegou uma fotografia.

– São os seus pais?

Alia assentiu.

– E Neil deGrasse Tyson no meio.

Diana devolveu delicadamente o porta-retratos.

– Este quarto é tão diferente do resto da casa.

Era verdade. O restante da cobertura era moderno e arejado, mas o escritório dava a sensação de que seus pais haviam roubado a biblioteca de alguma mansão inglesa.

– Eles adoravam esse clima de Velho Mundo.

– Bom, velho é relativo – murmurou Diana.

Alia se lembrou de Diana ter comentado que as muralhas de sua ilha datavam de mais de três mil anos.

– Eles diziam que passavam o dia trabalhando num laboratório estéril; queriam que a volta para casa fosse uma espécie de fuga.

Alia tornou a tocar a lombada do livro na cadeira de sua mãe. Uma garrafa de vinho e duas taças jaziam sobre uma mesa baixa. Tudo parecia tão imediato, como se eles pudessem retornar a qualquer instante. Alia sabia ser meio assustador, e deprimente, sem dúvida,

mas não conseguia se forçar a fechar o livro.

– Simplesmente não acredito que a minha mãe esconderia de mim um segredo tão grande – disse ela.

– Talvez ela não quisesse que você se sentisse diferente – disse Diana. – Talvez quisesse que você tivesse a chance de ser como as outras pessoas.

Alia soltou uma bufada.

– Não dá para ter muita esperança nisso.

Ela cruzou a mesa dupla onde os pais gostavam de trabalhar, um defronte ao outro.

– Por quê? – perguntou Diana.

Alia se jogou na velha cadeira de seu pai, deu um empurrão na beirada da mesa e rodopiou na poltrona.

– Bom, Nim e eu somos as duas únicas meninas negras da minha série, sendo que na escola inteira tem no máximo uns dez.

Rodopiou de novo, no sentido oposto.

– Sou uma nerd completa.

E tornou a girar.

– E me sinto mais à vontade com um livro na mão do que em festas. Então, pois é, sem muita chance de ser normal. Além do mais, você devia ter me visto quando eu usava aparelho.

– Aparelho?

– Nos dentes – retrucou ela, arreganhando os lábios. – Aposto que os seus dentes são naturalmente retos e branquíssimos.

Ela deu umas pancadinhas na mesa e prosseguiu:

– Sei que a mamãe tinha um cofre onde guardava as joias e tal, mas não sei onde fica.

– No painel ao lado da colcha – disse Jason, parado à porta.

– Que colcha bonita – elogiou Diana.

– Sim, é obra da Faith Ringgold, uma artista incrível! – explicou Alia. – Minha mãe amava os trabalhos dela.

Ele contornou a mesa e deslizou um painel próximo à colcha, revelando um pesado cofre cravado na parede. Digitou uma comprida combinação no painel numerado, então apertou uma tela vermelha. Alia ouviu um leve estalido metálico e um clique. Jason abriu a porta do cofre.

– Aqui – disse ele, entregando um pen drive a Alia. – A maioria dos arquivos está aí. Nossos pais guardavam cópias físicas também, se você quiser. E isso aqui.

Ele tirou do cofre um estojo estreito de metal e o depositou na mesa.

Alia olhou o estojo, desconfiada.

– O que é isso?

– Um registro de todas as Sementes da Guerra conhecidas. Não sei como arrumaram isso, nem como passou de uma família a outra.

Alia girou o ferrolho e ergueu a tampa. Dentro havia um pedaço de papel; um pergaminho amarelo, enrolado num tipo de madeira envernizada. Ela tocou de leve o papel, então recolheu a mão. Até que ponto desejava saber? Não, um cientista não podia pensar dessa maneira. Não era assim que seus pais a haviam ensinado.

Ela tirou o rolo da caixa e começou a abrir. Esperava uma espécie de árvore genealógica, mas parecia uma linha do tempo. Havia inscrições em diversas línguas, nomes e datas rascunhados em caligrafias distintas, com tintas diferentes, uma delas num tom de marrom antigo que poderia ser sangue.

As primeiras palavras estavam escritas em grego.

– O que significa? – perguntou Alia, com os dedos sobre a escritura.

– Helena... – começaram Diana e Jason, ao mesmo tempo.

– Filha de Nêmesis – prosseguiu Diana. – Deusa da retribuição divina, nascida com a guerra no sangue, primeira das *haptandrai*.

– Espere um pouco – protestou Alia. – Achei que Helena fosse filha de Zeus e Leda. O cisne, sabe?

– Essa é uma das histórias. Em outras, Helena e seus irmãos eram filhos de Zeus e Nêmesis e foram só criados por Leda.

– Retribuição divina – disse Alia. – Que... animador.

– Também era conhecida como Adrasteia.

– A inescapável – disse Jason.

– Aposto que devia ser divertida – comentou Alia.

Ela franziu a sobrancelha.

– Você já disse essa palavra. *Haptandrai*.

Jason assentiu.

– O sentido é meio nebuloso. A raiz pode significar acender ou atacar, mas também apenas tocar.

– A mão da guerra – murmurou Diana.

Alia encarou Jason.

– Você aprimorou o grego porque o papai era grego, ou por conta dessa coisa de Sementes da Guerra?

– Um pouco dos dois – admitiu ele.

Alia não ficou muito surpresa. Jason sempre fora mais interessado no lado dos Keralis que no dos Mayeux.

– Só que a sua tradução não é totalmente precisa – retrucou Diana.

– A raiz pode significar outras coisas. Agarrar, lutar com, acasalar.

– *Acasalar?* – exclamou Alia.

– Eu não precisava saber disso – disse Jason.

– Faz certo sentido – explicou Diana, dando de ombros. – Helena não era uma coisa só, e pode haver muitas razões para a guerra.

Alia não queria analisar aquela questão com muita profundidade. Voltou a atenção outra vez ao pergaminho, desenrolando-o mais um pouco. Ela se enganara; não parecia tanto uma linha do tempo, mas um cruzamento entre sismógrafo e eletrocardiograma. O nome de cada garota era seguido de uma série de picos identificados com incidentes conflituosos, cada um maior que o outro, feito colinas que se transformavam em montanhas, culminando num ápice de violência a penetrar o topo do pergaminho, com picos de variação, até que por fim tornava a desabar.

– Evgenia – murmurou Alia, tocando um dos nomes inscritos no pergaminho. – A Guerra do Peloponeso. Parece que durou quase sessenta anos.

– Mais – disse Jason. – Foi o início do fim da democracia grega.

– Livia Caprenia – disse ela. – O saque de Roma. Angeline de Sonnac, a Sétima Cruzada.

Ela foi correndo os dedos sem seguir uma ordem particular, de era em era, garota em garota, tragédia em tragédia.

– Guerra dos Cem Anos. Guerra das Rosas. Guerra dos Trinta Anos. Elas sabiam? – A voz de Alia soou resfolegante aos próprios ouvidos. – Helena sabia que era causadora da Guerra de Troia, mas essas garotas sabiam o que eram? O que causavam, simplesmente por respirar?

– Talvez – disse Jason. – Acho que não. Como poderiam?

– Alguém fez esses registros.

Alia tinha os olhos colados no papel.

– Ah, Deus! – exclamou ela. – Primeira Guerra Mundial. Segunda Guerra Mundial. Está me dizendo que fomos responsáveis por isso?

– *Não* – disse Diana, abraçando Alia pelos ombros. – A Semente da Guerra é uma catalisadora. Não é a causadora. Você não pode levar a culpa pela violência praticada pelos homens.

Alia respirou bem fundo.

– Olhe – disse ela, apontando o dedo para o ano de 1945.

Ao lado havia uma anotação: Irene Martin. N. Primeiro de dezembro. Uma série de pequenos picos se seguiam, no mesmo padrão das outras anotações. A princípio moderados, bem espaçados, então subindo em linhas irregulares, uma mais próxima à outra. Os picos chegavam ao ápice em 1962, então desabavam abruptamente.

Irene Martin. M. Vinte e sete de outubro.

Diana franziu o cenho.

– O que estava acontecendo em 1962? Não me lembro...

– Eu também não me lembrava – disse Jason. – Tive que pesquisar. Foi a Crise dos Mísseis de Cuba. Os soviéticos e os americanos chegaram à beira da guerra nuclear.

– Mas aí a Semente da Guerra morreu?

Nem Diana nem Jason olharam para ela.

– Ah – disse Alia, baixinho, tornando a tocar as datas. – Ela não morreu. Foi assassinada. Nunca chegou a fazer 17 anos. Foi localizada e morta, pois sabiam que a coisa só ia piorar.

– Alia – interveio Jason –, ainda houve guerras depois da morte da Semente da Guerra. Vietnã, Camboja, incontáveis conflitos no Oriente Médio e na África.

– Mas quem é que sabe como teria sido pior se Irene Martin tivesse continuado viva?

Alia esfregou o rosto com afobação. Quando havia começado a chorar?

– Escute aqui – disse Diana, apertando os ombros de Alia. – Nós chegaremos à nascente. Mudaremos tudo isso.

– Você não sabe disso.

– Sei, sim. Chegaremos à nascente. Interromperemos a linhagem. E nunca mais haverá outra Semente da Guerra. Nenhuma garota terá que carregar esse fardo. Nem você.

– Isso aí – disse Jason.

– Você não acredita na nascente – disse Alia, fungando alto.

– Eu acredito... – retrucou ele. – Acredito que, se tudo isso teve um início, então tem que ter um fim.

Um zumbido quebrou o silêncio do quarto. Alia olhou o celular.

– Nim chegou.

– Vá lavar o rosto – disse Jason, pegando o aparelho. – O Perez abrirá para a Nim subir. Mandarei levarem os arquivos para o jato, e poderemos analisá-los durante o voo. Vocês duas deviam preparar a

mala de viagem também.

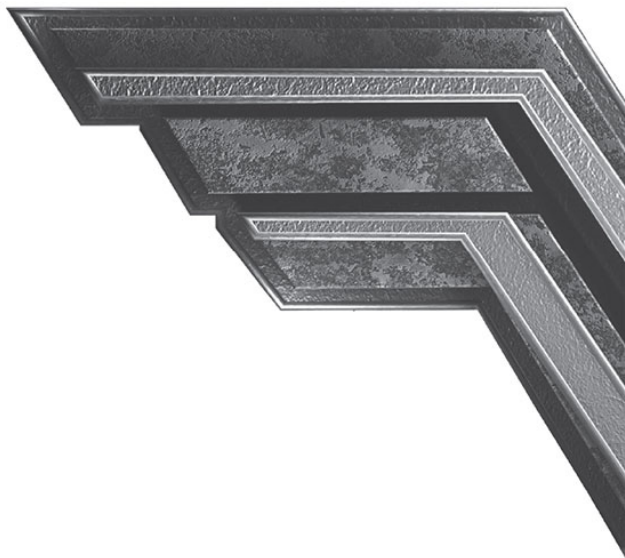
Ele abraçou a irmã.

– Alia, nós...

– Não – respondeu ela, afastando-se dele e de Diana.

Alia ignorou o lampejo de mágoa que cruzou a expressão de Jason enquanto ela rumava para a porta. Não podia deixar que ele a confortasse. Ele não podia consertar nada. A única coisa que podia reparar tudo aquilo era a nascente.

Alia deixou Jason com os arquivos e as trevas que seus pais haviam largado para trás.



CAPÍTULO 12

Diana encontrou Alia em um grande aposento, deitada numa cama com dossel repleta de lençóis brancos. O quarto tinha um imenso raio de sol entalhado no piso de madeira, e uma das paredes exibia a pintura de um lago enevoadado, cheio de ninfeias.

– Monet – disse Diana, buscando o nome na lembrança das aulas de história da arte.

– Eu era doida pela história de *O príncipe sapo* quando era pequena, sabe? – explicou Alia, olhando para o teto. – Minha mãe não se amarrava muito em princesas, então fechamos com *O lago das ninfeias*.

No entanto, a vista da janela, uma ampla faixa de bosque gramado, já havia capturado a atenção de Diana. Daquela altura, a cidade se transformava. Era como abrir a caixa de joias de sua mãe... Uma cidade de torres prateadas e misteriosas estruturas em ferro, com janelas que reluziam à luz da tarde. Os contornos do parque eram rigorosamente simétricos e delimitavam onde ele terminava e onde a cidade começava. Parecia que alguém havia cravado uma porta para outro mundo bem no meio da cidade: um lugar verde e exuberante, mas encerrado de todos os lados por uma mágica poderosa.

O quarto de Alia também parecia repleto de pequenas mágicas. Sua escrivaninha estava apinhada de livros escolares. Uma pequena ampolheta jazia ao lado da luminária, mas com a areia toda alojada do lado de cima. Diana sacudiu a ampolheta, depois a virou e soltou

um arquejo.

– A areia aqui dentro corre para cima?

Alia ergueu a cabeça do travesseiro, desinteressada.

– Ah, é. É por causa da densidade do líquido que tem dentro, em vez de ar.

Num canto da escrivaninha havia uma fotografia emoldurada: Alia e Jason mais jovens num calçadão, os cabelos trançados, ela cheia de grampinhos na cabeça. Atrás deles estava o mesmo casal que Diana reconheceu da foto no escritório: um homem de rosto duro e amigável, olhos azuis cintilantes, bochechas vermelhas de sol, e uma mulher de pele escura e uma nuvem macia de cabelos presos atrás do rosto por uma faixa vermelho-vivo. Estavam todos numa pose cômica, flexionando os músculos. Jason exibiu um largo sorriso, a covinha cravada bem fundo na bochecha esquerda. Talvez Alia tivesse razão a respeito de quanto ele havia mudado.

– E o que é isso? – perguntou Diana, apontando para uma prateleira com uma pilha organizada de caixas estampadas.

– Aha... É coisa de nerd.

– Me conta.

– A cada aniversário eu tento recolher algo que tenha o elemento químico cujo número atômico corresponda à minha idade, feito o Oliver Sacks. Ele era neurocientista.

– Eu sei. Eu li os livros dele.

Alia endireitou a coluna.

– Sério?

– Tentamos acompanhar o mundo de fora.

Alia desabou de volta no travesseiro.

– Bom, pois é, tomara que eu chegue ao argônio.

Diana ouviu passos na escada e retesou o corpo, em preparação. Alia confiava em Nim, mas Diana não podia se dar ao luxo.

A porta se abriu com um tranco e uma garota irrompeu no quarto. Bem, parecia mais um furacão humano. Usava botas abertas nos dedos amarradas até os joelhos gordinhos e um vestido solto e cintilante. Tinha uma lateral da cabeça raspada, e o resto dos cabelos lisos e escuros caía para a frente, tapando um dos olhos. O outro era preto retinto, com delineador dourado na pálpebra. A orelha aparente era cravejada de prata e pedras, do lóbulo ao topo.

– *Não acredito* que você durou, o quê? *Uma semana* na Turquia? Achei que essa seria a grande aventura, Alia. O momento de soltar as

amarras e...

Ao avistar Diana parada junto à janela, a garota foi baixando a voz.

– Nossa Senhora!

– Como? – disse Diana.

– Nim... – retrucou Alia, em tom de advertência.

A garota avançou. Tinha o rosto redondo, os ombros redondos, tudo redondo.

– Poornima Chaudhary – disse ela. – Mas pode me chamar de Nim. Ou do que quiser, honestamente. Nossa, que altura você tem?

– Nim! – vociferou Alia.

– A pergunta é totalmente cabível. Tudo em nome da pesquisa. A sua mensagem dizia que precisamos de roupas.

Nim enganchou a mão num dos pilares da cama.

– Por favor – murmurou ela –, diga que essa garota é menos mala que a última com quem você me forçou a sair. Sem querer ofender – disse a Diana. – A Alia tem um dedo ruim para escolher gente. Eu sou a exceção à regra.

Ela estreitou o único olho visível.

– Você está com hematomas? Que diabo aconteceu na Turquia?

– Nada – respondeu Alia, afofando os travesseiros e se escorando. – Acidente de barco. Tiveram que encurtar a viagem.

Diana se surpreendeu com a facilidade de Alia para mentir. Porém, quantas lágrimas ela própria havia escondido de Maeve? Algumas mágoas era preciso suportar sozinha.

Nim cruzou os braços, tilintando os braceletes.

– Você parece ter andado chorando.

– Só estou cansada por conta do fuso.

– Você *nem* ficou fora tanto tempo para ser afetada pelo fuso.

– Eu...

– Não estou reclamando – retrucou ela, erguendo as mãos. – O verão neste lixo de cidade é uma droga sem você.

Nim lançou um olhar avaliador para Diana.

– E eu *adorei* a lembrancinha que você me trouxe.

Alia atirou nela um travesseiro.

– Nim, pare de flertar. A sua função aqui é de emergência da moda.

– Sua vida é uma eterna emergência da moda. Tanto dinheiro, tão pouco chiquê. Não estou certa, amiga grandona? – Nim se virou para

Diana. – Afinal de contas, quem é você?

A amazona absorveu o olhar perspicaz e inquisitivo de Nim, a cabeça inclinada para o lado. Parecia um pardal vívido e bochechudo.

– Diana – disse ela, com um sorriso. – Mas pode me chamar de Diana.

– Você vai ajudar a gente ou não? – perguntou Alia.

– Claro que vou – respondeu Nim. – Adoro gastar o seu dinheiro. Mas como foi que o Jason convenceu você a ir a uma festa?

– Ele usou a melhor cartada dele: culpa.

– Típico. Muito bem, suas lindas – disse Nim, chicoteando uma fita métrica e abrindo o que Diana percebeu ser um computador sobre a escrivaninha de Alia. – Vamos às compras.

– A gente não pode sair – retrucou Diana. – Já estamos nos arriscando demais.

Nim puxou um par de óculos de plástico verde e apoiou sobre o pequenino nariz.

– Que história é essa agora?

– Jason voltou a endurecer a segurança – respondeu Alia, mais que depressa. – Rolaram umas ameaças.

– Que doido, não é? – perguntou Nim a Diana. – Dá para imaginar uma vida confinada?

– Para com isso, Nim.

A amiga abanou a mão, num gesto desdenhoso.

– Alia, um dia a gente conhecerá todos os lugares do mundo. Um dia a libertarei. E não se preocupe – completou, para Diana. – As compras vêm até nós.

As três se agruparam em torno do computador de Alia: Nim no teclado, as outras duas aninhadas atrás. A hora seguinte foi um borrão de conversas confusas e imagens passando na diminuta tela. Nim entendia bastante de tecidos e modelagens, e ao que parecia já havia ajudado Alia a fazer compras daquela forma. Tirou as medidas de Diana enquanto punha a amiga a par de suas semanas anteriores, do curso que acabara de concluir num lugar chamado Parsons e do horror que estava o calor na cidade.

Diana basicamente ouvia e assentia, apreciando a tagarelice. Nim lembrava um pouco Maeve, mas de um jeito mais vívido, mais animado e atrevido. *A gente dança de um jeito diferente quando sabe que não viverá para sempre.* Seria disso que Maeve falava? Havia uma imprudência na alegria dos mortais que agradava a Diana. Não havia

freio.

– Você está quieta demais – disse Nim, olhando desconfiada para Diana e se afastando da escrivania. – Não está com raiva por alguma coisa que eu falei, está?

A princesa ficou surpresa.

– De forma alguma. Por que pensou isso?

Nim deu de ombros. Pegou o celular e enviou outra mensagem de texto.

– Nada pessoal. É só que eu nunca me dou bem com as amigas da Alia. A gente tende a se entender melhor sozinhas.

– É verdade – concordou Alia, pensativa, apoiada na prateleira.

– E somos maravilhosas! – disse Nim. – Mesmo que a Alia seja o maior pé-frio. Se qualquer coisa pode dar errado perto dela, dará. Eu juro, ela é um ímã de drama.

Alia apontou para a tela.

– Foco.

Porém, Diana sabia que Alia estava pensando em todos os momentos tensos, nas desavenças, nas oportunidades perdidas de fazer amigos sob uma nova ótica.

Diana espiou Nim, a cabeça inclinada para o lado, um bico pensativo, batendo o dedo na tela do celular. Sentia hostilidade *real* em relação a ela? Achava que não. Ela se perguntara se o embate com Jason sofrera influência dos poderes de Alia, mas parecia estar se dando bem com Nim. O Oráculo afirmara que Alia não causaria o seu adoecimento; talvez os poderes da garota não a afetassem.

– Nim, você e o Jason se dão bem?

– Até onde é possível alguém se dar bem com aquele mala.

Nim rodopiou na cadeira e levou uma mão ao peito.

– Não me diga que você gostou dele – completou.

Alia bateu a cabeça na prateleira.

– Podemos não falar sobre isso?

Nim remexeu os dedos, como se lançasse um feitiço.

– As garotas perdem a noção por completo perto de Jason Keralis.

– É o fator bilionário – retrucou Alia.

– Não é só o dinheiro: é o maxilar, a atitude fria. Eu tive umas três quedas pelo seu irmão antes de amadurecer a ponto de perceber que ele é um mala sem alça.

– Isso não é segredo, Nim. Você roubava as camisetas dele.

Nim cruzou os braços, mas as bochechas morenas coraram.

– E daí?

– As camisetas *sujas* dele.

Diana fez uma careta, mas Nim não se retraiu.

– Só estou dizendo que a maioria dos caras ricos e jovens ou são herdeiros trevosos com “terceiro” no final do nome, ou empreendedores digitais nojentos. A veia de cientista louco do Jason é atraente.

Alia bufou.

– Por favor, vamos mudar de assunto.

– O padrão é totalmente diferente para as garotas. Os caras não acham a nossa inteligência algo sensual.

– Você não pode estar falando sério – disse Diana, horrorizada.

Alia atirou um travesseiro na amiga.

– Ela *não* está falando sério. Nim, você é a pior pessoa.

– Sou a melhor. E não tenho culpa se vivemos sob a mão do patriarcado. Por que você não grita com o seu irmão por ser instrumento disso? Ele só fica com supermodelos!

– O que é uma supermodelo? – perguntou Diana.

Nim a encarou.

– Pois é, a Diana estuda em casa – explicou Alia.

– Debaixo de uma pedra? – retrucou Nim.

– Os pais dela são megaestranhos. Meio hippies, sabe? Sem tevê.

Nim tomou uma mão de Diana entre as suas.

– Eu lamento muito.

– Eu dou conta – respondeu Diana, erguendo a sobrancelha.

– Sério? – perguntou Nim, com uma sinceridade tão profunda que Diana não pôde evitar uma risada.

Nim agarrou a outra mão de Diana, estendendo seus pulsos.

– Uau, que máximo seus braceletes. São soldados?

– É... são.

– Não dá nem para ver a junção. Que trabalho incrível. Que material é esse? Parece um tipo de liga, mas...

– A Nim faz joias – explicou Alia.

Nim largou as mãos de Diana.

– Não diga que eu faço joias. Fica parecendo que eu monto bijus de miçanga para vender na praia. Eu faço *arte*.

Alia revirou os olhos.

– Ok, que tal assim? A Nim é supertalentosa com tecidos e tudo que seja visual, e por isso eu a aturo.

– Ei! Eu sou uma ótima companhia.

Alia escancarou um sorriso torto.

– Isso também.

– O que essas modelos têm de “super”? – inquiriu Diana, ainda curiosa. – Elas têm poderes?

Nim irrompeu em uma gargalhada.

– *Amei* essa garota. Isso, as supermodelos têm o poder de fazer você comprar coisas de que não precisa e se achar um lixo humano.

Seria verdade?

– Você usou essa palavra para me descrever – disse Diana a Alia. – Não parece um elogio.

– É um elogio – retrucou Alia, atirando-se na cama. – A Nim é que está se achando muito esperta.

– Falando nisso – lembrou Nim, olhando o telefone. – Marie escolheu um monte de roupas para a gente. Devem chegar daqui a umas duas horas.

Ela pulou na cama e se acomodou ao lado de Alia.

– Você ficará divina!

– Eu não preciso ficar divina – retrucou Alia. – Só aceitável.

Nim ergueu o dedo mindinho.

– O bem, o mal...

Alia suspirou e enganchou o dedinho no de Nim.

– E o escambau.

Ela deu uma olhadela para Diana.

– Você deve estar achando tudo isso uma bobagem, não é?

Diana não sabia ao certo que tipo de ritual acabara de testemunhar.

– Os vestidos? – perguntou ela. – A vestimenta é importante. Passa uma mensagem.

– Isso! – declarou Nim, os punhos erguidos para o alto em vitória.

– *Nããooo* – gemeu Alia, enterrando a cabeça nos travesseiros. – Agora são duas.

– Você disse a mesma coisa lá na farmácia – observou Diana, inclinando-se na mesa.

– Mas existe uma diferença entre ter um visual respeitável e ser o centro das atenções.

– Talvez você possa encarar a roupa como uma armadura – sugeriu Diana. – Quando uma guerreira se apronta para a batalha, não se preocupa só com a praticidade.

Alia rolou para o lado e apoiou a cabeça numa das mãos.

– Eu ficaria mais preocupada em não morrer.

– Sim, mas a intenção também é intimidar. Uma general faz uso de sua posição. O mesmo é verdade para os atletas, numa competição.

– Verdade! – disse Nim. – Eu li que os jogadores de futebol jogam com mais agressividade quando estão de uniforme preto ou vermelho.

– A Nim adora cultura inútil – disse Alia.

– Adoro *informação*.

Diana pegou a fita métrica de Nim de cima da mesa e enrolou-a num dedo.

– De onde eu venho... recebo muita atenção por causa da minha mãe.

– Quem é a sua mãe? É famosa?

– Bom...

– Só localmente – interrompeu Alia.

– Enfim – disse Diana –, eu sei que terá gente me julgando, então preciso pensar no que vestir. A minha mãe também. Ela faz isso muito bem. E não tem a ver só com batalhas. Às vezes tudo parece uma luta. Tipo enfrentar um jantar, sabe?

– Ou andar pela rua – completou Nim.

– Ou passar uma hora inteira numa festa – disse Alia.

Diana percebeu que sorria.

– É só uma hora. A gente dá conta.

Depois elas estavam a caminho da nascente, prestes a alterar o futuro.

Ouviu-se uma batida à porta, e Jason meteu a cabeça para dentro.

– Preciso sair para a reunião daqui a pouco. O trânsito está péssimo.

– Diga que você não usará isso na festa – falou Nim.

Jason vestia um terno similar aos dos homens de negócios no trem. Ele deu um puxão na manga, um pouco constrangido.

– Eu tinha planejado vestir o smoking no escritório. E olá, Nim. Que bom que você vai com a gente hoje.

– Eu não perderia por nada, Jejê.

– Meyers e Perez as levarão para a festa. Dez dirigirá, mas mandei que pegasse um carro novo. Se alguém estiver seguindo a nossa frota, perderá as idas e vindas.

Jason estendeu um pedaço de papel, que Nim arrancou de sua mão.

– Se precisarem falar com ele, usem este número. Dei um celular descartável codificado para ele.

– Um celular descartável codificado? – repetiu Alia. – Você por acaso tem um sobrando?

– Alia, o que é que eu sempre digo?

– Que você só assiste a reality shows como exercício antropológico?

Nim soltou uma gargalhada, e Jason revirou os olhos.

– Não – respondeu ele. – Aproveite o melhor, mas se prepare para o pior.

– Que sábio, Jason – disse Nim. – Já parou para pensar como é difícil aproveitar qualquer coisa quando estamos nos preparando para o pior?

Ele a ignorou.

– Eu e o Theo encontramos vocês na festa às 20h30. Não se atrasem.

– Ai, meu Deus, o *Theo* vai? – indagou Nim. – Isso que é se preparar para o pior.

– Mas e... – disse Diana.

– A nossa carona para casa? – perguntou Jason, com um meneio soturno de cabeça. – Estará a postos.

Ele saiu, batendo a porta.

– Obrigada pelo conviteeee! – gritou Nim.

– Só não coloque fogo em nada – respondeu Jason, com a voz já abafada pela porta.

Nim rodopiou em uma pirueta e fez uma pose.

– Só na pista de dança. Quem está com fome?

Uma ceia fria havia sido posta para elas na cozinha, e Diana percebeu que devia haver empregados na casa, serviçais circulando despercebidos. Esperava que a confiança de Jason na lealdade da equipe fosse justificável, e que tanto ele quanto Alia tivessem razão sobre valer a pena se arriscarem indo à festa.

Mesmo assim, estava contente por ainda não terem partido para a Grécia. Quando a linhagem de Sementes da Guerra fosse interrompida, Diana teria que voltar para casa e enfrentar as consequências. Com o jato de Jason à espera, ela podia pelo menos aproveitar mais umas horas observando o mundo mortal. Havia tanto para ver, e ser Diana Prince lhe garantia algumas vantagens. Era libertador ser julgada pelas próprias palavras e ações, não por suas origens ou pelas escolhas

de sua mãe.

Enquanto as três rodeavam o balcão e enchiam os pratos de comida, Diana se perguntou se Alia e Jason já teriam usado a enorme sala de jantar ou dado festas no imenso terraço. Ou seriam sempre os dois, comendo de pé no balcão da cozinha com o amigo confiável da vez, olhando a bela vista e compartilhando o casarão com os fantasmas de seus pais?

Diana se sentia sozinha em Temiscira, mas Alia vivia igualmente isolada naquela cidade gigantesca. O palácio de Éfeso era grande, mas havia sido construído como um espaço de convivência, um lugar onde as pessoas circulavam em busca de audiências com sua rainha, onde aulas eram ministradas. As mulheres que serviam a Diana e sua mãe também eram suas amigas, com quem elas treinavam e compartilhavam refeições. De alguma forma serviam a Temiscira, mas eram todas guerreiras, todas iguais. Esse era um dos motivos por que muitas delas consideravam que não deveria haver rainha, e sim um conselho eleito. Talvez o feito de Diana libertasse tanto Alia quanto a si própria. Talvez desse a ela a chance de pertencimento entre suas irmãs, e à garota a oportunidade de levar a vida com o mínimo de paz.

– Curioso como você se esqueceu de mencionar que o Theo Santos vai à festa hoje à noite – disse Nim, enchendo a boca de queijo.

– Eu não sabia – respondeu Alia.

– Devia ter me contado.

– Quem é Theo Santos? – perguntou Diana, pegando um cacho de uvas de uma tigela.

– O secretário do Jason.

– É um amigo da família – explicou Alia.

– Gatinho.

– Ele é um pouco atraente, sim – comentou Alia.

– Mas é sem graaaaça. Geralmente está metido em algum quarto escuro jogando e evitando contato humano real.

Alia atirou uma cenoura em Nim.

– Contato humano real é algo superestimado.

Assim que os vestidos chegaram, Perez desceu para pegá-los com Nim a tiracolo. Eles retornaram com dois cabideiros de metal abarrotados de sacos plásticos pretos, que Meyers ajudou a levar para cima. Diana se sentiu um pouco culpada em ver os dois sofrendo para subir a escadaria, mas achou melhor deixar que resolvessem a questão

sozinhos.

De volta ao quarto de Alia, Nim logo começou a abrir os zíperes e remover o conteúdo dos sacos, revelando fileiras de tecidos brilhosos e adornados. Havia também várias sacolas menores, repletas de caixas de sapatos e xales transparentes.

Alia soltou um suspiro.

– Vamos logo com isso.

– Armadura, lembra? – retrucou Diana, cutucando-a com o cotovelo.

Alia se apurou e levou uma pilha de vestidos para o banheiro.

– Não sei por que me dou ao trabalho – resmungou Nim, empoleirando-se com Diana na cama de Alia para esperar. – Ela sempre escolhe a roupa mais sem graça, sempre um preto básico. Se tiver formato de saco, melhor ainda.

– Talvez seja mais fácil assim. Sempre se fazer de invisível, em vez de se preocupar com o que os outros pensarão.

– Mas isso também é uma escolha, certo? – rebateu Nim, com surpreendente empatia. – Porque os outros sempre olharão. Sempre julgarão. Então cabe a você escolher: se calar ou responder.

Diana teve a sensação de que Nim não falava de Alia. A diminuta garota vestia roupas bem características e tinha um discurso decidido. Mas sua confiança era pulsante e agressiva, como uma bela flor protegida por espinhos.

– O que acha que os outros veem quando olham para você? – perguntou Diana.

Nim se virou para ela.

– O que você vê?

– Uma garota arrojada, talentosa e audaciosa.

Nim se jogou para trás, num desmaio exagerado.

– Pode ficar aqui para sempre?

– O que foi aquilo que você e a Alia fizeram? – perguntou Diana, tentando se lembrar. – “O bem, o mal...” É de uma peça de Shakespeare, não é? Mas o final estava errado.

Nim se apoiou nos cotovelos.

– É besteira.

– Me conta.

Nim se levantou da cama e caminhou até uma penteadeira, onde havia uma colagem dela e de Alia. Removeu uma foto da moldura e a ergueu: três garotas de vestidos pretos retalhados e chapéus pontudos.

– No nosso primeiro ano na escola, eu, a Alia e uma garota tailandesa, a Preeda, fomos escaladas para interpretar as bruxas em *Macbeth*. Isso mesmo. Da escola inteira, as três minorias étnicas foram escolhidas como bruxas. As pessoas nos viam nos corredores e fingiam guinchar e gritar. Achavam hilário.

Diana sempre lamentara não ter crescido com outras crianças, mas aquilo era cruelíssimo.

– O que vocês fizeram?

Nim enfiou a foto de volta na colagem.

– A gente simplesmente caiu dentro. Todas as noites caíamos na gargalhada, surtávamos e fazíamos de tudo para errar as falas. “O bem, o mal...”

– E o escambau – completou Diana, sorrindo.

– Anda, Alia! – gritou Nim para a porta do banheiro fechada. – Você terá que escolher uma roupa, e a gente já sabe que será um vestido preto de mangas compridas, no melhor estilo diretora de escola...

A porta se abriu, e o queixo de Nim caiu.

– Ela não escolheu o preto – observou Diana.

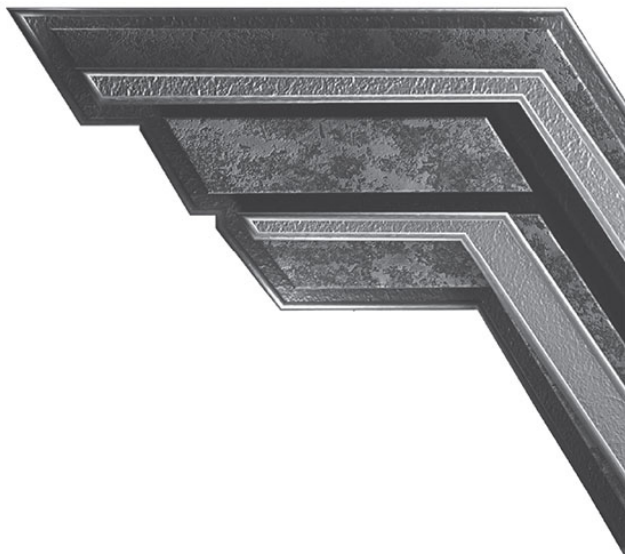
– Não mesmo – disse Nim, suspirando.

Alia usava um vestido de escamas douradas cintilantes que pareciam reluzir por debaixo d’água... não. Pareciam refletir o sol no elmo de uma guerreira.

– Você bateu a cabeça na Turquia? – perguntou Nim, incrédula.

Alia escancarou um sorriso, e Diana remexeu o quadril.

– Bela armadura.



CAPÍTULO 13

As três já estavam bem atrasadas. Nim prendeu metade das tranças de Alia no alto da cabeça e entrelaçou nelas uma corrente dourada, depois escolheu para si um macacão vermelho e um vestido azul-marinho para Diana. O tecido era de ótima qualidade, mas meio duro na cintura e um pouco justo demais nos quadris, como se tivesse sido elaborado com pouca consideração ao conforto.

– Está bonita – disse Alia. – Elegante.

Diana franziu o cenho.

– Queria outra fenda na lateral.

– Uma fenda tudo bem, duas é demais – disse Nim.

– Uma só é inútil – retorquiu Diana. – Com duas seria mais fácil vestir.

– Tenho certeza de que não vai rolar nenhuma corrida de obstáculos hoje – comentou Alia, enquanto Nim jogava para Diana uma bolsa de festa prateada.

– Precisarei de uma coisa maior – disse Diana.

– Por quê? – indagou Nim. – Essa bolsa é perfeita.

Diana retirou o laço da bolsa de lona.

– Preciso guardar as minhas coisas.

Meyers e Perez transfeririam para o jatinho o restante dos pertences das duas, incluindo os couros de Diana, mas ela não podia se separar do laço de sua mãe e da pedra-do-coração.

– O que é isso? – perguntou Nim, estendendo a mão para tocar o rolo dourado. – De que é feito?

Diana hesitou, mas deixou Nim tocar as fibras cintilantes.

– É uma herança de família.

– Não me entenda mal, é maravilhoso, mas você não pode sair com isso por aí como se fosse laçar o DJ.

– Vai chamar atenção – confirmou Alia.

– Espere – disse Nim. – Me dê isso aqui.

– O que você vai fazer? – perguntou Diana, com o cenho franzido.

– Vou comer – respondeu Nim, revirando os olhos. – Não farei nada de mais, pode confiar.

Ela estirou a corda no carpete, virou as costas para as duas e se pôs a trabalhar, cantarolando baixinho. Instantes depois, ergueu um *capelet* aberto, feito de nós cintilantes. Era um cruzamento entre xale e casaqueta.

– Dê uma giradinha, sua árvore magnífica.

Diana deixou que Nim a ajudasse a vestir sua criação brilhosa e olhou o próprio reflexo no espelho atrás da porta do closet de Alia. O laço tinha um toque frio à pele e pesava de leve sobre os ombros, mas reluzia feito ouro com seus movimentos, como se ela tivesse enganchado os braços num campo de estrelas cadentes.

– Perfeito – disse Nim, com um suspiro alegre.

Estava mesmo. Mais ousado e extravagante que tudo o que ela vestira na vida. Era *divertido*. Diana sempre tivera as próprias roupas escolhidas pela mãe, sempre se deixara levar pelo desejo de pertencer, de parecer uma amazona. Naquela noite, porém, Diana podia ser tudo o que desejasse. Uma gargalhada lhe subiu à garganta, e ela abriu os braços e deu um rodopio, vendo o brilho dourado pelo canto do olho. Sentia-se transformada.

– Nim – disse ela, toda contente. – Você é um gênio.

– Eu sei! Mas o cabelo vai para cima.

Nim prendeu os cabelos de Diana num coque e as três dispararam escadaria abaixo. Meyers e Perez aguardavam para escoltá-las ao carro. Juntos, eles percorreram a curta distância até o museu.

– Lá está – disse Alia, apontando o local pelo vidro escurecido.

Diana espiou o contorno de janelas altas e arqueadas, reluzindo ao brilho do anoitecer que se avultava.

Dez seguiu em frente, e Diana percebeu que ele estava circundando o prédio, para fugir da entrada principal. Quando o carro parou,

Meyers e Perez balbuciaram qualquer coisa junto ao punho da camisa. A amazona levou um instante para compreender que estavam se comunicando por meio de um dispositivo. Eles saíram do carro primeiro. Diana viu mais guardas parados à porta, mas mesmo assim permaneceu ao lado de Alia. Não pretendia confiar naqueles homens só porque Jason o fazia.

Eles adentraram um átrio sombrio, de teto alto. A distância, Diana ouviu vozes e um volume de música. Lembrou-se da infância no palácio, quando caía no sono ouvindo ao longe o som dos desvarios das amazonas no pátio abaixo. O museu dava um pouco essa sensação, como se o prédio inteiro estivesse dormindo enquanto os adultos festejavam.

Ela viu dois homens se aproximando e se empertigou, para bloquear o acesso a Alia.

– Eu disse às oito – reclamou Jason, adentrando uma poça de luz. – Vocês...

Ao cravar os olhos em Diana, ele se calou subitamente. Lá estava aquele olhar estranho que ela passara a manhã inteira vendo nos homens: o rosto atônito, a boca entreaberta.

– O que foi que eu disse? – murmurou Nim. – Sei o que estou fazendo.

Jason também havia trocado de roupa. Ainda usava terno, mas era preto e lustroso. Ele voltou a si e fechou o rosto em uma carranca.

– Estão atrasadas.

– Ficar bonita assim toma tempo – respondeu Nim, dando de ombros.

– Podem se esforçar o quanto quiser – disse o acompanhante de Jason, um rapaz magro, alto, de pele escura e exuberantes tranças no alto da cabeça. – Nunca será tão elegante quanto eu.

– Que surpresa – respondeu Nim. – Theo está com Jason.

– Podemos não começar com isso hoje? – pediu Alia.

– Ela tem razão, Nim – disse Theo. – Seja madura. Não quero você começando a envenenar a garota nova contra mim. Oi, garota nova.

– Theo, não comece – disse Jason, em tom de ameaça.

– Eu só falei oi!

Theo Santos era um pouco mais baixo e bem mais magro que Jason. Usava um bem ajustado terno verde-escuro, e tinha uma expressão franca que o fazia parecer bem mais jovem que o amigo.

– Permitam que eu me corrija – disse Theo, enfiando as mãos nos

bolsos da calça e remexendo os calcanhares dos sapatos de bico fino. – Vocês estão *quase* tão deslumbrantes quanto eu.

– Isso foi horrível – disse Nim. – Tenta de novo.

Eles começaram a caminhar em direção aos sons da festa, escoltados por Meyers e Perez.

– Nim – disse Theo –, você está parecendo um docinho delicioso, um *petit four* falante... e provavelmente venenoso.

– Quer uma mordida? – disse Nim.

– E você... – disse ele, olhando para Diana. – Nossa, que linda visão cravejada de estrelas. Qual é o seu nome?

– É uma amiga da Alia. Deixe a garota em paz – retrucou Jason.

– Não ligue para ele – disse Theo. – Só está azedo porque teve que vir de casazinho comigo.

– Achei que ele gostaria de acompanhar o mais deslumbrante de todos – respondeu Diana.

Theo soltou uma gargalhada.

– Ah, eu gostei dela.

– E o que achou da Alia? – perguntou Nim.

– Cala a boca, Nim – retrucou Alia entre os dentes.

Theo olhou para trás e ergueu os dois polegares.

– A Alia está bonitona!

– Nossa, obrigada – murmurou Alia.

Eles adentraram um amplo salão cheio de gente e ecos. Era um recinto extraordinário. A parede mais distante, de inclinação angulada como a face de uma pirâmide, era toda feita de janelas, exibindo a noite que caía por sobre o parque adiante. Havia convidados sentados à beira de uma piscina refletora retangular com bordas de pedra cinza, outros aglomerados em torno de mesas decoradas com orquídeas brancas e velas bruxuleantes. O foco do salão, no entanto, era o que Diana percebeu serem ruínas: uma imensa porta de pedra, que ela suspeitou que um dia tivesse sido a entrada de um pátio, e o templo em si, colunado e repleto de hieróglifos.

Minha mãe é mais antiga que essas pedras, pensou ela enquanto o grupo se juntava ao enxame de convidados. No mundo mortal, o meu povo fica em exibição em museus, é mito. Lenda. Artefato. Hipólita e as amazonas haviam desaparecido do mundo muito antes da construção daquele templo. Diana olhou os convidados, todos bebendo, rindo, levando aos lábios taças de vinho. *Vidas como o bater das asas de uma mariposa. Presente, ausente.*

– Este salão foi projetado para reproduzir a localização original do templo – disse Nim, com os olhos brilhando, enquanto eles seguiam até uma das mesas altas.

A presença de Jason e Alia já era percebida. Cabeças se viravam e mãos se erguiam em acenos para cumprimentá-los.

– A piscina representa o Nilo – prosseguiu Nim –, e a parede envidraçada ecoa os penhascos.

– Sabe o que ninguém pediu? – indagou Theo. – Cultura inútil.

Jason encarou Theo.

– Pega um champanhe para você.

– Adoro esse tipo de ultimato – respondeu Theo, batendo uma continência.

– Obrigada – disse Nim, assim que ele se afastou. – Não sei o que rola com esse cara, mas eu tenho o desejo constante de empurrá-lo do alto de uma escada.

– Eu acho que sei o que rola com ele – murmurou Alia.

– E ele nem se deu ao trabalho de elogiar você de uma maneira decente – resmungou Nim, acompanhando Theo com o olhar enquanto ele passava no meio da multidão.

– Tudo bem – respondeu Alia.

Diana conseguiu sentir a mentira na resposta de Alia.

– Reconheço o seu esforço – disse Jason, de um jeito rígido.

Ele deu uma olhadela para Diana.

– Você está bonita. Todas vocês.

– Você tem sorte por ser rico, senão não conseguiria nada com ninguém – disse Nim.

Diana esperou a resposta afiada de Jason, mas em vez disso aquele sorriso largo reapareceu, marcando a covinha.

– Está se esquecendo da minha beleza.

Alia revirou os olhos. Jason ajeitou o punho das mangas, o semblante sóbrio retornando na mesma rapidez com que desaparecera.

– Essa foi a última revirada de olhos da próxima hora, combinado?

– Calma, preciso de mais uma.

Alia revirou os olhos de maneira teatral.

– Beleza – disse ela. – Terminei.

Jason contorceu o canto da boca, como se lutasse para não rir outra vez.

– Espero sorrisos e uma tentativa de demonstrar alegria por estar aqui.

– Isso não era parte do acordo.

– Alia...

Ela forçou um sorriso alegre.

– Melhor?

– Meio assustador, mas sim.

– Calma aí – disse Nim. – Você precisa de pó compacto.

Enquanto Nim retocava a maquiagem de Alia, Diana aproveitou para conversar com Jason.

– Eu vi os guardas armados parados nas portas leste e sul, e também na entrada.

– Mas...

– Estão distribuídos muito por igual.

– Eu não sou idiota – retrucou Jason. – Também tenho integrantes da segurança vestidos à paisana.

– Dois no bufê, um perto dos músicos, e pelo menos três perto do perímetro oeste.

Jason pestanejou, com evidente espanto.

– Como conseguiu localizá-los?

Diana franziu o cenho. *Era óbvio, não era?*

– Dá para saber que estão armados pelo caimento das roupas. E estão se portando de maneira diferente dos outros convidados.

Os olhos de Jason perscrutaram a multidão, e Diana se perguntou se ele próprio era capaz de localizar seu pessoal.

– Só fique alerta – disse ela. – Se eu consigo identificar, talvez os nossos inimigos também consigam.

Ela se preparou para uma repreensão, mas Jason simplesmente assentiu.

– Ah, e talvez seja bom vocês darem uma circulada – continuou ela, quando um garçom esbarrou em outro, derrubando sua bandeja de comida no chão. – Não fiquem muito tempo num lugar só.

Ela ainda não compreendia os limites do poder de Alia ou como ele funcionava, mas sabia que a proximidade era um fator.

– Entendido – respondeu Jason.

– A gente vai começar a circular? – perguntou Alia.

Jason assentiu e estendeu o braço.

– Fique de olho na gente – disse ele a Diana, entre os dentes.

– Tentarei não me meter no caminho – retrucou ela.

Diana o viu tornar a contorcer o canto da boca. Ainda era um arrogante dominador, mas pelo menos sabia rir de si mesmo. Talvez

começasse a perceber que a presença da amazona era uma vantagem. Ela não queria ficar guerreando a cada passo da jornada à nascente.

Diana passou a meia hora seguinte circulando com Nim entre os convidados, sem tirar os olhos de Alia e Jason. Não foi fácil. O salão estava lotado, e o eco do vozerio nas pedras a deixava tensa. Além disso, ela tinha a sensação de estar tentando decifrar muitos sinais ao mesmo tempo. Conseguira localizar quase toda a equipe de segurança de Jason, mas a festa em si era outra história.

À primeira vista, não era radicalmente diferente das celebrações em Temiscira. Por mais que o estilo das roupas fosse outro, ainda era um conjunto de gente usando sedas e cetins, taças na mão, uns entediados, outros ansiosíssimos. Mas havia uma estranheza na forma como os grupos de convidados se separavam e se reorganizavam. Os homens avançavam para trocar cumprimentos enquanto suas companheiras permaneciam atrás; instantes depois, as mulheres se juntavam, apertavam as mãos, às vezes se abraçavam. O poder circulava de maneira particular ali, guiado por correntes invisíveis, revolvendo e pairando primariamente ao redor dos homens.

Eu não pertenço a este lugar. A frase ecoou alto na mente de Diana, mas ela não sabia ao certo se era sua voz ou a do Oráculo que falava com tamanha convicção. Afastou o pensamento. Dali a uma hora estaria a caminho da Grécia. Àquela mesma hora, no dia seguinte, eles já teriam alcançado a nascente, e a tarefa de Diana teria chegado ao fim. Por aqueles poucos momentos, ela poderia se permitir aproveitar as novidades daquele lugar.

Percebeu que Nim sussurrava uns nomes.

– Você conhece todo mundo aqui?

– Não, mas sei que estilistas estão usando – respondeu Nim, desandando a entoar uma série de nomes que pareciam italianos.

– Mais cultura inútil?

– *Informação.* O design está intimamente ligado ao envio de informações. Todo este salão foi construído para mandar mensagens que você nem imagina que está recebendo. As linhas de visão, a disposição do piso de azulejos.

– Você vê o mundo de maneira diferente.

– Ver é fácil. A parte difícil é ser vista. Por isso estou sempre tentando convencer a Alia a sair mais.

Nim pegou um espeto de camarão da bandeja de um garçom que passava.

– Quando eu entrei para a Bennett – continuou –, parecia que ninguém me via, onde quer que eu fosse. Quer dizer, as pessoas me *viam*. Rapaz, como *viam*. Mas eu era só a indiana gorda e baixinha que levava comida estranha para o lanche.

– O que foi que mudou? – perguntou Diana.

– Alia. Ela foi a primeira pessoa que olhou os meus croquis e elogiou. Até usou num baile um dos primeiros vestidos que eu fiz. Era horroroso.

Diana teve que rir, mas realmente parecia algo que Alia faria.

– Foi ela quem sempre me apoiou – prosseguiu Nim – e me fez continuar perseguindo o design.

– E a sua família?

– Faça-me o favor. Eles *têm* que falar que eu sou uma boa estilista. É obrigação deles.

Diana pensou na frase da própria mãe. *Não achei que você fosse vencer.*

– Não necessariamente.

– Ai, cara, você tem uma dessas famílias difíceis? Não posso acreditar numa coisa dessas.

– Por que não? – perguntou Diana, com cautela.

– Porque o mundo inteiro adora dizer que não podemos fazer tal e tal coisa, que não temos talento. Quem mora com a gente devia ficar do nosso lado. Quem escreve a história são as pessoas que desconhecem a palavra “impossível” e nunca desistem de tentar.

Enquanto Nim falava, o próprio ar à volta dela parecia crepitar. Diana considerou comentar que ela daria uma excelente general, mas optou por outra observação.

– Alia tem sorte de ter você como amiga.

– Ah, pois é, nós duas temos sorte. Não conheço muita gente que me aguentaria.

Alia viu as duas pelo reflexo da piscina e se separou do casal com quem ela e Jason conversavam. Correu na direção delas como se temesse que Jason a agarrasse pelas costas.

– Por favor, me matem – resmungou ela. – Estou com as bochechas doendo de tanto sorrir, e meus dedos estão latejando nesses sapatos. Eu juro, está sendo a hora mais longa da minha vida.

– “Mi-mi-mi. Estou em um festão onde todo mundo quer falar comigo” – retrucou Nim. – E não ouse falar mal desses sapatos. Eles são lindos!

– Não sei dizer se o seu irmão está satisfeito – disse Diana, olhando para Jason.

Ele encarava atentamente alguma coisa e assentia. Parecia à vontade, relaxado, mas Diana enxergava a tensão em seus ombros. Tinha uma postura de guarda, inseguro de onde poderia vir o golpe, mas certo de que viria, cedo ou tarde.

– Ele também não gosta dessas festas, não é?

– Você reparou? – disse Alia, perscrutando a multidão. – Eu odeio quem ele se torna nesses eventos. Parece um ator em cena. Sorri e bate papo, mas eu sei que ele odeia cada minuto.

– Falando em odiar cada minuto – interrompeu Nim, com a expressão azeda.

Theo caminhava na direção delas.

– Não tenho condições de encarar mais uma palavra desse cara! Chamarei a Gemma Rutledge para dançar.

– Ela é lésbica? – perguntou Alia.

– Que importância isso tem? Ela está usando um Badgley Mischka. Só quero olhar o vestido mais de perto.

– Puxa – disse Theo, chegando com duas taças de champanhe. – Espantei a Nim. Que pena. Essa garota só piora a cada dia.

– Deixa a Nim em paz – retrucou Alia.

– Sim, senhorita!

– E o que você está fazendo com champanhe? Ninguém aqui tem idade para beber.

Theo deu uma golada de uma das taças.

– Não me diga que você também me enxotará.

Diana acompanhou o olhar de Theo até Jason, que agora papeava com um grupo de rapazes bronzeados e com os cabelos cuidadosamente despenteados. Suas gargalhadas ásperas e os modos espaçosos a fizeram se lembrar dos rapazes no trem. E havia algo na forma com que avaliavam os arredores...

– Eles parecem os donos do salão – disse Diana.

– Verdade – comentou Theo.

– Alguns deles são filhos de integrantes do conselho – explicou Alia. – O Jason está só cumprindo obrigação.

– Se filiando à Legião dos Manos? – perguntou Theo.

– É um clube? – perguntou Diana.

– Tipo isso – respondeu Theo. – E o Jason tem a ilusão de que, comigo longe, esses caras acabem se esquecendo de que ele é negro e

contem a ele a senha do clubinho.

Diana observou Jason com mais atenção, lembrando-se do que Alia dissera sobre como o mundo a enxergava. Talvez ele tivesse boas razões para se portar com tanta cautela.

– Pense da seguinte forma – disse Alia. – Se estivesse com o Jason, você teria que bater papo com eles.

Theo estremeceu.

– E óbvio que o papo seria sobre futebol americano – acrescentou Alia.

Theo desabou por cima de uma mesa, como se tivesse levado um golpe fatal.

– Me salve, garota nova – implorou, com um arquejo. – Você é a minha única esperança.

Diana não fazia ideia do teor daquela conversa, mas afastou uma das velas para que a manga da camisa de Theo não pegasse fogo.

– Olhem só – disse ela, inclinando a cabeça para Jason, que havia se separado dos amigos e caminhava em direção a eles.

– Acho que o recreio acabou, Alia.

– Rápido – pediu Alia –, me enfiem debaixo do bufê.

– Tarde demais – respondeu Theo, endireitando-se e dando outra golada no champanhe.

– Já veio me arrastar de volta? – perguntou Alia a Jason.

– Você prometeu.

– Alia! – gritou uma voz estrondosa.

Diana viu Theo se encolher. Um homem com peito de pombo e barba grisalha se aproximou da mesa, com outro sujeito a tiracolo. Espremeu Alia num abraço, depois se afastou e a encarou.

– Jason contou dos seus planos de viagem para o verão.

Alia sorriu.

– Eu não quis perder a chance de conhecer alguns dos apoiadores da fundação.

Diana se impressionou com a tranquilidade de Alia ao mentir. Ao mesmo tempo percebeu como devia ter sido fácil para ela fingir que pretendia ir à nascente com Diana, ou enfiar o celular na bolsa sabendo que seu irmão as rastrearía a partir do sinal. *Não se esqueça, ela disse a si mesma. Apesar dos vestidos, das risadas e da sensação de bem-estar, lembre que você não sabe quase nada sobre essa gente, e não esqueça a facilidade com que eles mentem.*

– Fico muito feliz por estar aqui, interessada – comentou o homem.

– Devia ter visto o seu irmão na reunião do conselho mais cedo. Ele nasceu para isso.

– Eu tive um bom professor – respondeu Jason, parecendo contente.

– Papai sempre teve muito talento para dar ordens – disse Theo, dando uma golada no champanhe.

Papai. Então o homem barbudo era Michael Santos, pai de Theo, padrinho de Alia e Jason. Ao lado dele, os três pareciam absurdamente jovens.

Michael soltou uma risada relaxada, mas a alegria não chegou a seus olhos castanhos.

– Eu sempre posso contar com o Theo para manter meu ego sob controle.

Ele virou as costas para o filho.

– Alia, Jason – prosseguiu –, este é o Dr. Milton Han. Está fazendo um trabalho fantástico com remediação ambiental, e acho que pode dar um rumo interessante aos Laboratórios Keralis.

O Dr. Han apertou a mão de Jason.

– Eu conheci o seu pai no MIT. Ele foi um dos pensadores mais inteligentes e criativos que já vi.

– Posso garantir que daremos seguimento a essa tradição.

– Andei lendo sobre uns trabalhos muito empolgantes com biocombustíveis – comentou Alia. – O foco primário da sua pesquisa é o uso de bactérias na eliminação de resíduos ou na conversão?

O Dr. Han levou um susto, como se de fato enxergasse Alia pela primeira vez.

– Idealmente na conversão, mas até lá ainda pode ser um longo caminho.

Theo riu baixinho.

– *Não teste Alia Keralis, a garota gênio* – disse ele, entre dentes.

Diana se lembrou do que Nim dissera: *a parte difícil é ser vista*. Não sabia ao certo o que Theo via quando olhava para Alia, mas estava claro que ele prestava atenção.

Enquanto Alia e Jason batiam papo com o Dr. Han, Diana entreouve Michael.

– Estou vendo que começou rápido – sussurrou ele para Theo, encarando as duas taças na mão do filho.

Theo abriu um sorriso hesitante, mas respondeu:

– O senhor não vive dizendo para eu me esforçar?

– O que você está fazendo aqui? Esta é uma noite importante.

Theo bebeu uma das taças de um gole só.

– Jason quis que eu viesse, então eu vim. Chocante, eu sei.

– Você não nos constrangerá hoje à noite – sussurrou Michael, furioso. – Não com tanta coisa em jogo.

– O senhor conheceu a Diana? – perguntou Theo. – Diana, este é o meu pai, Michael Santos. O salvador dos Laboratórios Keralis. É um superestrategista, mas não uma pessoa que eu chamaria de divertida.

Michael ignorou o filho e estendeu a mão a Diana.

– Muito prazer. Você é uma das amigas da Bennett? Só se vê a Alia com aquela indiana gorducha.

– Não sei bem de quem o senhor está falando – respondeu Diana, sentindo a raiva subir. – Só conheci sua amiga Nim, a brilhante estilista.

Theo abriu um sorriso e ergueu a segunda taça de champanhe.

– Quer um gole para tirar o gosto de pé que ficou na boca?

– Fica na sua – sussurrou Michael.

– Eu ficaria – respondeu Theo em voz alta, passando na frente do pai. – Mas prometi uma dança a Alia.

– Ah, foi? – retrucou Alia, encarando Theo.

Ele agarrou a mão dela e se curvou em uma mesura teatral.

– Não mudará de ideia agora, certo? – perguntou, puxando-a para a pista de dança. – Meu frágil coração não suportaria.

Com um olhar nervoso para o Dr. Han, Michael soltou outra risada.

– Garoto impetuoso. Se fosse tão dedicado quanto Jason...

Diana, contudo, não escutava. Toda sua atenção se voltara para Alia desaparecendo em meio à multidão. Ela cruzou olhares com Jason, que estendeu a mão.

– Peço mil desculpas, Dr. Han – disse ele. – Mas me deu uma vontade incontrolável de dançar.

Diana ergueu as sobrancelhas. Talvez nem todos os mortais fossem mestres do subterfúgio.

Ela deu a mão a Jason, e os dois foram abrindo caminho entre os convidados até a pista de dança. Diana se permitiu um pequeno suspiro de alívio ao avistar Alia e Theo se remexendo sob o brilho das luzes. Ela gargalhava e parecia bem, mas a amazona não pretendia perdê-la de vista, não importavam quantos guardas seu irmão houvesse posicionado.

Jason a conduziu pela pista, deslizando a mão por detrás do xale

de laço dourado ao puxá-la para perto, os dedos tocando a pele de suas costas nuas. Ela se enrijeceu, e corou ao perceber que ele havia notado.

– Se a gente vai dançar, terei que tocar em você – disse ele, num tom confuso.

– Eu sei disso – respondeu Diana, irritada pela aspereza de sua voz.
– De onde eu venho não se dança assim.

Alia soltou outra gargalhada. Theo a rodopiou pelo braço e a curvou para trás.

– Nem assim, na verdade.

Era reconfortante manter o foco em Alia e Theo, em vez de na ínfima distância entre sua pele e a de Jason. Por que estar tão perto de alguém fazia seu coração acelerar? Seria apenas porque ele era um macho? *É novidade*, disse a si mesma. Ou talvez fosse porque naquela postura ereta, a mão agarrada à dele, os corpos separados por um suspiro, tudo era muito similar ao instante que antecedia um abraço. Ou uma luta. Por que os dois não podiam simplesmente lutar? Teria sido mais fácil. E ela teria vencido.

Jason pressionou com firmeza as costas de Diana, e ela quase perdeu o chão.

– O que está fazendo? – perguntou ela, num tom mais irritado do que pretendia.

– Estou tentando conduzir.

– Por quê?

Já era difícil demais executar aqueles movimentos estranhos com sapatos novos e um vestido emprestado sem ele empurrá-la.

– Porque é assim que se faz.

– Que resposta preguiçosa.

Ele soltou uma risadinha surpresa.

– Talvez seja. Foi assim que eu aprendi. Acho que não sei fazer de outro jeito.

Algo dentro de Diana relaxou.

– Gosto quando você é honesto – disse ela, percebendo a verdade nas palavras que proferia.

– Quando eu defendo as minhas ideias feito gente? – rebateu Jason, com um gracejo na voz.

Ela se deixou ceder à pressão de sua mão, à inclinação de seu corpo... por ora. A dança podia ser diferente da luta, mas ainda era preciso cuidado ao ter a guarda ocupada.

– Melhor – murmurou ele. – Da próxima vez, você pode conduzir.
Que próxima vez?

A risada de Alia saiu flutuando em meio à multidão. Jason rodopiou Diana graciosamente, entrecortando os outros casais de modo a manter a irmã e Theo no campo de visão. Os dois gargalhavam, rodopiando numa espiral meio ébria. O estilo de dança de Theo sem dúvida era mais teatral que o de Jason.

– Não costumo ver a Alia rindo – disse Jason.

– Suspeito que ela diria o mesmo de você.

Ele deu de ombros, bem de leve.

– Pode ser. Ela tem que conhecer mais gente, se divertir mais, mas com o perigo...

– Ela está se divertindo agora.

– Bom, eu prefiro que ela não se divirta demais com o Theo.

Depois do showzinho de Theo com o pai, Diana também não sabia ao certo se ele era o melhor para Alia. Mesmo assim, era difícil não pensar no que ele dissera sobre Jason não o querer por perto.

– Achei que vocês fossem amigos.

– Nós somos. Mas o Theo não é exatamente... estável. Ele se apaixona e depois muda de ideia feito uma criança numa loja de brinquedos.

– Parece que o pai dele concorda com você.

Jason se encolheu.

– Eu sei. Ele é duro com o Theo, mas eu compreendo a frustração dele. O filho é brilhante. Entende de programação, consegue invadir praticamente qualquer sistema de segurança. Só que passa o tempo inteiro jogando.

– Isso é ruim?

– Ele podia ganhar muito dinheiro com isso, se é do que você está falando.

– Não é – respondeu Diana, irritada.

– Só acho que ele poderia fazer muita coisa boa, se quisesse.

Jason ergueu o braço, pressionou as costas de Diana com a outra mão e girou seu corpo em um círculo estreito.

– Mas o Theo não me escuta, igualzinho à Alia.

– Ninguém gosta de receber ordens. Você escolheu o seu futuro. Alia merece a mesma oportunidade.

– Ela não está pronta. Confia nas pessoas com facilidade demais. Em você, por exemplo.

Aquela história outra vez. O receio de Jason era compreensível, mas essa avaliação de sua irmã era tão equivocada. Diana se afastou um pouco, para poder encará-lo.

– Alia não confiou em mim porque é ingênua. Ela se apoiou em mim porque foi preciso.

– E agora você ganhou um acesso conveniente à nossa casa e a uma festa com as pessoas mais poderosas de Nova York.

– Não há nada de conveniente nisso para mim.

Jason suspirou com força, e Diana percebeu que prendia a mão dele feito um tornilho, à medida que sua raiva subia. Ele a agarrou pela cintura e a trouxe mais para perto, o olhar furioso.

– O que a trouxe até aqui, Diana Prince? Como é que você sabe lutar daquele jeito? Como identificou a minha equipe de segurança?

Parte dela quis se desvencilhar, mas ela se recusou a ceder. Em vez disso se aproximou, quase encostando a boca na dele. Jason arregalou os olhos.

– Você acha mesmo que conseguirá essas respostas me intimidando? – perguntou ela.

Ele engoliu em seco, mas tentou recuperar um pouco a compostura.

– Eu tenho muito talento para conseguir o que quero.

Diana ergueu o queixo.

– Acho que você cresceu muito acostumado a não ouvir um não.

– Ah, foi?

– Mas você não faz ideia de como eu gosto de dizer não.

Jason retorceu o canto da boca, revelando de leve a covinha, e Diana sentiu uma onda inesperada de triunfo.

– Você acha que eu sou um tirano – disse ele, transferindo o peso sem esforço, usando o próprio impulso para conduzi-la.

– Acho.

– Um babaca?

Em outra passada suave e segura, ele roçou a coxa na dela, enquanto os dois deslizavam pela pista.

– Acho.

– Um aprendiz de ditador?

Parecia um tanto extremo, mas ela assentiu mesmo assim. Jason gargalhou.

– Você deve estar certa.

Tirando vantagem da surpresa de Diana, ele deu um rodopio. As

luzes da pista rodopiaram junto, e ela sentiu a força da música se elevar pela pista enquanto ele a conduzia de volta à órbita.

– Eu sei o que as pessoas pensam de mim. Sei que não sou divertido feito o Theo, nem charmoso como eram os meus pais. Nada é fácil para mim. Mas eu também sei que estou lutando pelo que é certo.

Ela invejava a confiança dele, a convicção em sua voz.

– Como pode ter tanta certeza? – perguntou.

– Porque eu sei o que significaria perder tudo isso. Alia quer que eu deixe o Michael assumir as rédeas, que eu me divirta mais. Ela não entende a rapidez com que a gente pode perder tudo o que os nossos pais demoraram a construir.

Diana pensou em sua mãe sentada à mesa do pátio Iolanda, conversando com uma amazona atrás da outra, as longas reuniões, os debates e jantares, enquanto a filha esperava por um instante de seu tempo.

Nunca pode parecer que estou me esquivando dos meus deveres, dizia ela. *Para as amazonas, preciso ser em primeiro lugar a rainha, e em segundo a sua mãe.* Diana de fato não compreendia, e nem o queria. *A Tec não pode fazer isso?*, perguntava. Hipólita, contudo, apenas balançava a cabeça. *Se a Tec fizer o meu trabalho, as amazonas começarão a vê-la como sua rainha. É preciso que seja eu, Diana. E, um dia, quando eu me esgotar deste trabalho e desta coroa, será você.*

– O que foi? – perguntou Jason. – Estou vendo que você deseja falar alguma coisa.

Diana o encarou.

– Quando a gente cavalga, a montaria aprende a sentir as mãos no controle das rédeas; ela se acostuma a responder aos nossos comandos. É perigoso deixar outra pessoa tomar as rédeas por muito tempo.

Uma expressão de preocupação cruzou o rosto de Jason.

– É exatamente isso.

Ele deu outro rodopio em Diana. Dessa vez, ao trazê-la de volta, ela sentiu uma hesitação que não havia antes.

– O que houve? – perguntou ela, olhando para Alia por sobre o ombro. – Alguma coisa errada?

– Ela está bem – disse Jason. – Está tudo bem. É só que você é a única...

Os músculos de seus ombros desabaram sob a mão dela, e ele deu de ombros, quase irritado.

– Você é a única que não fica me mandando relaxar.

Tenso. Tanto Alia quanto Diana haviam usado essas palavras para descrever Jason. Entretanto, talvez ele fosse assim porque não podia se dar ao luxo de não ser.

– O Michael tem que entender – arriscou ela.

Porém, a carranca de Jason se intensificou.

– Os meus pais confiavam plenamente no Michael. Às vezes me pergunto se não era confiança demais.

Ele a encarou, com um olhar de culpa, e ela percebeu como uma dança guardava perigos. A música, o brilho das luzes, aquele meio abraço. Era muito fácil revelar segredos, esquecer-se do mundo à espera por detrás da última nota musical.

– Isso não é justo – corrigiu Jason. – Ele fez muito pela nossa família. Mesmo assim...

Ao olhar para Alia e Theo, Diana viu os dois em outro intenso rodópio.

– Mesmo assim...? – inquireu ela.

– Muita gente lucraria demais com a morte dos meus pais. Michael nunca caiu nas teorias conspiratórias. Fez de tudo para conduzir uma investigação minuciosa, mas nada surgiu de suspeito. As estradas estavam molhadas. Meus pais estavam discutindo.

– Mas você acha que tem mais coisa aí.

– Você não entende – respondeu ele, com um longo suspiro. – Eles andavam discutindo cada vez mais.

Apesar do calor no salão, um arrepio desceu pelos ombros de Diana.

– Você acha que a Alia foi o motivo?

– Eu não sei. Se o poder dela...

– Você parece imune a ele – observou Diana. – Sua amizade com o Theo é muito forte. Você e a Nim discutem, mas parecem gostar genuinamente um do outro.

– Mas e se os nossos pais não fossem imunes? E se... E se não estivessem brigando por conta dos problemas no laboratório, ou porque o amor tinha acabado? E se... Sei lá.

– Sabe, sim – afirmou Alia.

Ela estava parada ao lado dele, no vestido de escamas douradas, com Theo ainda enganchado em sua cintura. Seus olhos escuros, arregalados e assustados, exibiam uma dor concreta.

– Você acha que eu matei os dois – concluiu ela.

– Não, Alia, não foi isso que eu quis dizer...

– Então *o que* você quis dizer, Jason?

Diana se odiou por ter sido tão inconsequente, por ter se perdido nas perguntas de Jason.

– Eu... eu só... – balbuciou Jason. – Eu não...

– Foi o que eu pensei.

Alia deu meia-volta e disparou por entre os convidados.

Theo balançou a cabeça, encarando Jason como se ele fosse um estranho.

– Por que você foi dizer isso?

– É complicado – retrucou Jason. – Você não entenderia.

Theo se encolheu.

– Provavelmente não entenderia – disse ele, dando de ombros para tentar mostrar desinteresse.

– Preciso ir atrás dela – disse Jason. – Ela não...

– Não – interrompeu Diana. – Eu vou.

– Eu sou o irmão dela...

Mas eu sei como é sentir que a sua mera existência é um crime.

Diana deu meia-volta e se misturou à multidão antes que Jason pudesse concluir.

– Alia! – gritou ela, passando entre os convidados.

Alia cambaleou, mas seguiu em frente. Ao topar com um canto vazio aos fundos do salão, apoiou-se na parede e arrancou os sapatos, segurando-os em uma das mãos. Com a outra, afastou as lágrimas que Diana percebeu que começaram a irromper.

Ela se lembrou de Alia saindo do banheiro de “armadura” dourada, os ombros altivos, a cabeça erguida feito a de uma rainha, e sentiu que algo belíssimo havia se perdido.

Diana se aproximou devagar, temendo que Alia tornasse a fugir. Apoiou-se a seu lado na parede sem dizer uma palavra sequer, e por um longo instante as duas permaneceram ali, em silêncio, observando os convidados, encobertas pelas sombras fatiadas de luz colorida. Ela hesitou, sem saber por onde começar, mas Alia falou primeiro:

– Por que eles não me mandaram embora? – indagou ela, um rio de lágrimas descendo pelo rosto. – Se os meus pais sabiam o que eu era, por que não me mandaram para algum lugar onde eu não pudesse fazer mal a eles?

Pelo menos era um começo.

– Você não sabe se foi você quem causou o acidente.

– Jason acha que foi.

– Jason estava só falando, tentando desanuviar a mente. Ele não culpa você. Ele *ama* você.

– Como ele pode *não* me culpar? – retorquiu Alia, com um soluço preso na garganta. – *Eu* me culpo.

Diana lutou em busca de palavras reconfortantes, e as únicas que encontrou foram as que sussurrava para si mesma quando a ilha ficava pequena demais, quando as farpas de Tec machucavam demais.

– Não podemos evitar a forma como nascemos ou o que somos. Mas podemos escolher o rumo de nossas vidas.

Alia balançou a cabeça, cheia de raiva.

– Diga logo que uma parte de você queria nunca ter me salvado – disse. – Tanto você quanto eu sabemos que eu tinha que ter morrido naquele naufrágio.

O Oráculo não havia dito basicamente a mesma coisa? Diana quase acreditara, mas agora se recusava.

– Se você tivesse se afogado naquele dia, ou se morresse agora, seria apenas uma questão de tempo até a próxima Semente da Guerra nascer. Se chegarmos à nascente...

– E daí se chegarmos à nascente? – inquiriu Alia, furiosa.

Uma mulher de tafetá preto a encarou, curiosa. Ela se afastou da parede, virou-se para Diana com os olhos negros em chamas, e baixou a voz.

– E daí se a nascente me consertar, me purificar ou sei lá o quê? Isso não trará de volta a Dra. Ellis, nem a Jasmine, nem a tripulação do *Tétis*. Tampouco os meus pais.

Diana respirou fundo e tocou os ombros de Alia, desesperada por fazê-la compreender.

– A minha vida inteira... a minha vida inteira eu ouvi os outros se perguntarem se eu tinha o direito de ter nascido. Talvez eu não tivesse esse direito. Talvez nem eu nem você devêssemos existir, mas estamos aqui. A gente tem esta chance, e talvez isso não seja coincidência. Talvez tenhamos sido as escolhidas para interromper este ciclo. Juntas.

Alia a encarou, e Diana esperou que ela estivesse sendo tocada pelas palavras.

– Seus pais achavam que talvez tivesse uma forma de transformar o seu poder, o legado do sangue das Sementes da Guerra, em algo bom. Se você for à nascente, cumprirá essa promessa de uma forma

diferente.

Alia pressionou os olhos com a base das mãos, como se tentasse empurrar de volta as lágrimas.

– Diana, jure para mim que se a gente não conseguir, se qualquer coisa acontecer, você acabará com isso. Eu não posso ser a razão de o mundo ir para o inferno.

Diana baixou as mãos. *Se a gente não chegar, vou precisar que você me mate.* Ela esperava que aquelas palavras tivessem sido ditas por impulso, que fossem resultado do choque, que Alia fosse abandonar essa ideia.

– Eu não posso fazer isso. Eu... não assassinarei ninguém.

– Você me salvou daquele naufrágio – respondeu Alia, com a voz firme e resoluta. – Você me tirou daquela ilha. Não pode exigir que eu viva assim.

Uma sensação de náusea subiu pelas entranhas de Diana. Fazer aquele juramento significaria dar as costas a tudo em que ela acreditava. Que a vida era sagrada. Que a violência nunca era a única escolha, mesmo quando parecia. Alia, porém, precisava de força para seguir adiante, e talvez essa funesta esperança fosse a única maneira de fortalecê-la.

– Então façamos um pacto – respondeu Diana, embora sentisse que as palavras eram erradas. – Você concorda em lutar com todas as forças para chegar àquela nascente?

– Beleza. E se não bastar?

Diana respirou fundo.

– Então eu pouparei o mundo e tirarei a sua vida. Mas quero a sua palavra.

– Você tem a minha palavra.

– Não, não um voto de mortais. Quero um juramento de amazona.

– O quê? – perguntou Alia, arregalando os olhos.

– É o meu povo. Mulheres nascidas da guerra, destinadas a serem governadas por ninguém além de si mesmas. Este pacto será feito com as palavras delas. De acordo?

Alia assentiu, e Diana levou a mão ao coração.

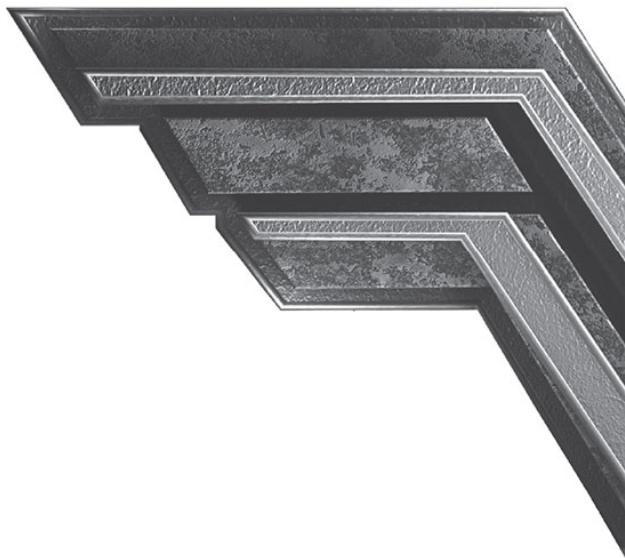
– Irmã na batalha, sou seu escudo e sua lâmina. Enquanto respiro, seus inimigos não têm refúgio. Enquanto vivo, sua causa é a minha causa.

Alia levou a própria mão ao coração e repetiu as palavras. Enquanto falava, Diana sentiu o poder do juramento envolvê-las,

unindo-as. Era um voto que Diana jamais compartilhara, um voto que poderia fazer dela uma assassina. Ela, porém, não se permitiu pestanejar.

– Muito bem – disse Alia, com um suspiro trêmulo. – Vamos encontrar o Jason e dar o fora daqui.

No mesmo instante, o ar se dilacerou à volta delas. Um ruído alto e ritmado invadiu os ouvidos de Diana. Ela reconheceu aquele som; era o mesmo da cena que vislumbrara nas águas do Oráculo. Armas de fogo.



CAPÍTULO 14

Diana se atirou no chão por cima de Alia enquanto a terrível cacofonia de tiros preenchia a galeria, atordoando-lhe os sentidos. Era tão *mais alto* que na visão.

– Alia – começou ela, mas as palavras foram abafadas pelo barulho.

A imensa parede de vidro se despedaçou, fazendo desabar uma cascata de estilhaços. Diana saltou e protegeu Alia com o próprio corpo. Cacos pontudos de vidro lhe atingiam as costas e os ombros como ferroadas de vespas, enquanto o povo gritava à volta delas.

Homens de colete preto à prova de balas começaram a descer de rapel pelo imenso buraco onde antes havia as janelas e aterrissaram perto da piscina refletora. Os convidados partiam aos berros em direção às portas, o som dos tiros ecoando pelo salão.

Diana arrastou Alia para trás de uma mesa.

– Temos que sair daqui.

– Os outros... – protestou Alia.

Os homens avançavam pelo lado oposto da galeria, empurrando os convidados para longe e iluminando os corpos que jaziam no chão, para examinar suas feições.

Estavam claramente procurando alguém. E não pretendiam levar a pessoa dali com vida. Diana e Alia não tinham muito tempo.

Ela farejava o medo no suor dos convidados. Sentia o coração

disparado no peito, como se tivesse acordado subitamente. Puxou os nós do *capelet* que Nim fizera com seu laço. Não havia tempo para desatar todos. A única arma que ela tinha era inútil.

– Não podemos simplesmente ficar presas aqui – disse Diana, amarrando na cintura a corda cheia de nós para liberar os movimentos da mão. – Precisamos correr até as portas.

– Não estou vendo os outros – disse Alia, olhando ao redor da mesa. – A gente não pode sair sem eles.

Embora Diana tivesse o coração acelerado, sabia adotar e descartar estratégias com lucidez; sua mente assimilava a planta do salão e calculava a posição dos agressores. Os outros convidados, em pânico, se amontoavam diante das portas do salão aos empurrões e cotoveladas, mas ela suspeitou que os soldados já tivessem barrado a passagem aos corredores e avançassem para bloquear as portas. Sempre que alguém tentava fugir pela janela quebrada, era abatido por uma bala. Diana perscrutou as sombras acima da piscina refletora, onde sabia que haveria atiradores à espreita.

Uma bala acertou o piso de ardósia ao lado da mesa, mandando pelos ares uma nuvem de pedra pulverizada. Diana se perguntou o que um tiro poderia fazer em seu corpo, mas não tinha tempo para se preocupar com isso. Precisava garantir a segurança de Alia.

– Diana!

O grito veio do outro lado do templo, quase inaudível em meio ao caos. Jason e Theo estavam agachados debaixo de outra mesa. Ela olhou Jason e apontou para os fundos do templo. Era o único ponto do salão que fornecia uma boa posição defensiva. Se conseguisse levar Alia até lá, Diana teria tempo de localizar Nim e talvez pensar num plano de fuga.

– Eu encontrarei a Nim – disse ela. – Mas precisamos levar você até os fundos do templo. Não podemos ficar sentadas aqui esperando que eles nos encurralem.

– Ok – respondeu Alia. – Ok.

Diana, porém, não sabia ao certo até que ponto ela estava assimilando suas palavras.

– Quando eu contar até três, quero que dê um rolamento para a direita e vá até a mesa ao lado, entendeu? É assim que a gente fará. Eu conto até três e você rola, sem pestanejar. Vou levá-la até o Jason e o Theo.

– Prometa que encontrará a Nim.

– Sua causa é a minha causa – respondeu Diana.

Alia piscou os olhos, como se o terror tivesse repellido o juramento de sua mente.

– Tudo bem – disse ela, agarrando o punho de Diana. – Cuidado.

Diana sentiu um sorriso sombrio surgir nos lábios. Estava com medo, mas enfrentá-lo trazia uma onda de excitação. A luta com Jason no corredor do hotel tinha sido uma briguinha. Aquilo era uma batalha. De súbito ela já não sentia vontade de ter cuidado. Era esse o significado de ser uma amazona? A lâmina de uma espada cegava se ficasse muito tempo sem uso. Ela estava pronta para afiar a sua.

– No três.

Ela se agachou.

– Um.

Cruzou as mãos nas pernas da mesa.

– Dois.

Assentiu para Alia.

– Três!

Esperou apenas o tempo de ver Alia se jogar e sair rolando, então virou a mesa, ouvindo o som das louças desabando no chão. O tempo foi cravejado de tiros. Ela arrancou os pés de metal da mesa e a arremessou com toda a força.

A mesa girou no ar feito um imenso disco e colidiu com o grupo de soldados, mas ela não parou para vê-los cair. Pulou atrás da mesa seguinte, com uma pancada forte e nada graciosa em Alia, acompanhada por uma saraivada de balas.

– De novo! – gritou ela.

Alia rolou e Diana arremessou a mesa, mergulhando no chão enquanto uma bala acompanhava sua cambalhota. Solto um sibilo ao ser acertada no ombro de raspão. A dor parecia mais a de uma queimadura leve.

Diana ouviu o som forte de botas no chão.

– Eles estão dando a volta. Continue avançando! – ordenou a Alia.

Porém, era tarde demais: um soldado já encurralava as duas pela esquerda. Ela o viu erguer a arma e atirar. Jogou o corpo na frente de Alia e sentiu as balas acertando seu braço, a lateral do corpo. Uma dor desconhecida a martelou em golpes agudos; cada tiro era um punho de fogo que lhe tirava o ar dos pulmões.

De repente, ela ouviu um *clang*. Diana olhou para baixo e notou que uma das balas havia acertado seu bracelete. Ele nem amassara,

mas o ricochete do projétil foi direto na direção do soldado. Um círculo preto irrompeu na coxa do homem, que gritou e desabou no chão, agarrando a perna.

– Ele acertou você? – gritou Alia, arquejante, debaixo dela. – Está ferida?

– Estou bem – respondeu ela.

Porém, não era a pura verdade. Embora não estivesse sangrando, sua pele estava coberta de marcas vermelhas, e seu corpo doía como se tivesse levado a pior surra de sua vida. Talvez uma amazona de força plena tivesse conseguido desviar as balas. Diana só sabia que não queria levar mais tiros.

Empunhando uma arma, Jason olhou para Diana e espiou os fundos do templo.

– Alia, preciso que você corra até o templo – disse Diana. – Até o Jason. Eu darei cobertura.

– Como? – gritou Alia. – Você não está armada.

Eu sou a arma, pensou ela.

– Apenas vá.

– Não vou deixar você aqui sozinha.

– Alia, agora!

Alia correu. Dessa vez, ao arremessar a mesa, Diana não recuou. *Isso é loucura!*, gritou uma voz dentro dela, mas àquela altura dez soldados já abriam fogo.

Ela não parou para pensar; simplesmente se permitiu reagir. O ar se agitava com a rajada de balas, o tempo parecia correr em câmera lenta. Aquilo não era um treinamento. Seus músculos respondiam velozmente, sem esforço, com movimentos instintivos. Ela esqueceu a dor e disparou até a fila de homens. Via borrões prateados e ouvia a estranha música do impacto das balas nos braceletes, como o forte rufar da chuva num telhado metálico.

Ela rolou em uma cambalhota, se levantou e encarou as faíscas em seus punhos, efeito de uma nova chuva de balas. Ouviu o som dos gatilhos, o estalido dos invólucros de metal batendo no chão, sentiu o cheiro acre e quente que reconheceu como pólvora.

– Que droga é essa? – gritou alguém.

Diana continuou avançando pela fileira de homens, destruindo sua formação, mandando-os pelos ares. Sentiu uma onda de mãos a agarrá-la; os soldados que não tinham sido abatidos começaram a atacá-la, tentando derrubá-la no chão. Eram insubstanciais,

gravetinhos de lenha. Ela seguiu arremessando os homens, e um deles acertou a entrada do templo com tanta força que entortou o pilar de pedra.

É só isso?, perguntou uma voz dentro dela. *Covardes com armas na mão? Eu quero um desafio.*

Diana ouviu um som diferente, feito o disparo de fogos de artifício. Do lado oposto da piscina, um homem apontava algo para ela. Era bem maior que as outras armas, com um cano que parecia uma pavorosa bocarra.

– Diana, se abaixe! – gritou uma voz.

Nim. Estava no chão, no ponto onde antes se posicionaram os músicos. Seu rosto estava tomado de lágrimas, o forte lápis preto dos olhos lhe escorria pelas bochechas, e Diana viu que uma bela loura de vestido de gala jazia sem vida a seu lado.

Enquanto o chiado alto crescia, o pânico inundou o corpo de Diana. Seus músculos estavam ávidos por se evadir, fugir, partir. Em vez disso, ela escutou o instinto de luta que lhe fora insuflado durante as incontáveis horas de treinamento na armaria, que brotara dentro dela com o sangue de sua mãe e a bênção dos deuses. O chamado da guerreira que não a permitia retroceder. Se não havia escudo, ela faria um.

O chão era todo revestido de imensos azulejos de ardósia. Ela espalmou as mãos, enfiou o dedo no estreito espaço entre duas placas, ignorando a dor, e puxou uma delas.

O homem da arma grande atirou. Diana viu cintilar um clarão azul e foi golpeada com força por uma muralha de pressão, que a ergueu do chão, transformando em pó a placa de laje em suas mãos. Aterrisou na parede, soltando o ar com um grunhido. Então tornou a se levantar, sacolejando o corpo para afastar a força do impacto. Que *coisa* era aquela?

Diana ouviu o guinchado elétrico recomeçar enquanto a arma retomava o funcionamento. Desta vez, no entanto, o soldado mirava para o templo. Ela registrou Jason tentando abrigar uns convidados, captou o comando firme de sua voz em meio ao caos. Não via Alia, mas ela só podia estar atrás do templo com Theo.

Diana sabia que não alcançaria o atirador a tempo de detê-lo. Encarou os azulejos presos ao chão, deu uma corrida, saltou em direção ao soldado e aterrisou com força, com toda a energia. Os azulejos se ergueram em uma onda, e o homem de arma em punho

gritou enquanto o chão se elevava sob seus pés. Ele desabou.

Diana disparou até ele, arrancou a arma de seus braços e a partiu em duas. O homem recuou, agachado, os olhos arregalados e apavorados.

O sujeito pegou uma segunda arma e disparou, mas Diana já havia previsto a intenção pelo movimento de seus ombros. Ela já erguia os punhos para desviar as balas, os braceletes retinindo feito címbalos sob uma dança sangrenta. Uma das balas rebateu em seu punho direito e acertou o braço do homem. Ele ganiu. Ela o agarrou pela gola da camisa.

– O que é você? – perguntou o homem, num arquejo.

Cem respostas lhe vieram à mente, mas ela optou pela mais fácil.

– Uma turista – disse ela, arremessando-o na piscina.

Diana arrancou mais duas placas de ardósia da beirada da piscina, deu um passo atrás e as arremessou nos atiradores no balcão. Era como derrubar alvos de cerâmica. A diferença era que esses alvos grunhiam e urravam, em vez de explodir pelos ares.

Os outros soldados ao redor já se recuperavam, pondo-se de pé. Diana correu até Nim e a puxou por debaixo do braço.

Ela soltou um gritinho. A amazona não sabia ao certo o que ela havia visto, o que *todos eles* a tinham visto fazer, coisas que nem ela sabia que era capaz.

Diana tornou a ouvir a preparação das armas. Dessa vez estava pronta para o tiroteio que se seguiria. Mergulhou no chão, protegendo o corpo de Nim da queda, e rolou com ela até os fundos do templo. Alia agarrou a amiga e a abraçou com força, as duas aos prantos, e outra rodada de tiros entrecortou o ar.

– Você conseguiu – disse Jason, em um arquejo agradecido.

Diana viu que ele tinha reunido um bom número de convidados atrás do templo. Alguns ainda se aglomeravam diante das portas, tentando abri-las, mas pelo menos não seriam mortos pelos atiradores.

Diana e os outros se agacharam, encostados na parede do templo. Não havia muito tempo. Ela viu suas expressões tomadas de medo enquanto Alia abraçava Nim e Theo com força. O olhar de Jason era vivaz, o maxilar contraído. Apenas ele parecia pronto para lutar.

– Eles explodirão o lugar – disse Diana o mais alto que pôde por sobre o estrondo do tiroteio.

– O helicóptero... – começou Alia.

– Estava no telhado – respondeu Jason, balançando a cabeça.

O tiroteio parou.

Sob o silêncio assustador, Diana ouviu os murmúrios e gritos dos soldados. Falavam uma língua diferente da de Alia e Jason, mas Diana compreendia. *Alemão*. Eles repetiam a mesma palavra: *Entzünderin*. Incendiária. Poderiam estar falando das bombas, mas Diana teve a sensação de que se referiam a Alia.

– Estão preparando explosivos.

– Explodirão o museu? – perguntou Nim, com os olhos arregalados. Theo balançou a cabeça com força.

– Que história é essa? O que é que eles querem?

– Explicamos depois que sairmos daqui – respondeu Jason.

– Se sairmos daqui – retrucou Alia. – Não tem helicóptero...

Jason franziu o cenho.

– E se eu conseguir trazer o jatinho até aqui?

– Mas onde ele pousaria? – perguntou Theo. – Precisamos de uma pista.

– O gramado do Central Park – sugeriu Nim.

– É uma longa corrida até o parque – comentou Alia.

Jason apontou com a cabeça na direção das portas bloqueadas.

– Primeiro temos que sair daqui – disse ele.

– Vocês sairão – respondeu Diana. – Eu farei isso acontecer.

Jason deu uns toquezinhos no telefone e falou rapidamente.

Diana não fazia ideia da probabilidade de uma aterrissagem, mas tinha que acreditar haver uma saída. Não apenas por Alia, mas por todos que haviam vestido seus melhores trajes e ido até ali para beber e dançar. Ela sentia a frágil brevidade de suas vidas mortais, como o brilho de vaga-lumes numa vidraça.

– Ben está vindo – disse Jason. – Precisamos ir até o parque.

Graças a todos os deuses. Havia uma chance. No entanto, a única saída era a parede de janelas estilhaçadas à esquerda deles, que estava exposta demais. Diana não podia servir de escudo para todos, e bastaria uma única bala desgovernada. Ela não podia deixar isso acontecer. Eles precisavam de cobertura. De *muita* cobertura. Ela tocou a parede do templo e se perguntou se era forte o bastante para o que estava imaginando.

– Posso dar cobertura para vocês saírem correndo até a parede de vidro. Encontro vocês lá embaixo.

Alia agarrou o braço de Diana, os olhos ardendo de medo.

– Você não vem?

– Estão barrando a saída dos outros convidados. Eu não deixarei gente inocente aqui para morrer.

– Diana...

– Fique com o Jason; ele cuidará de você.

– Eles estão muito bem armados – disse Theo. – Você não conseguirá.

– Fiquem abaixados. Quando eu der o sinal, vocês disparam para o canto mais próximo da parede de vidro.

– Como é que a gente saberá... – disse Alia.

– Confie em mim, vocês saberão. Este templo vai ruir, e vocês precisam estar do outro lado quando isso acontecer.

Jason ofereceu a arma a ela.

– Pelo menos leve isso.

Ela ergueu uma sobancelha. Não tinha medo daqueles homens, apenas do mal que podiam fazer aos outros, e não recorreria àqueles horríveis brinquedos.

– Vou ignorar esse insulto, Jason Keralis. Agora vão.

Assim que dispararam, Diana colou o ombro à parede do templo. Jogou todo o peso contra as antigas pedras, os músculos rígidos e fatigados, cheia de dor em todos os pontos atingidos pelas balas. Cravou os pés no chão de ardósia, procurando uma força que parecia além de seu alcance. E se seu poder tivesse atingido o limite e ela não pudesse protegê-los? *Não*. Ela se recusava a acreditar nisso. Prendeu a respiração e duplicou os esforços, gritando de tanta força, fazendo romperem as costuras do vestido.

– Nunca mais uso nada sem tiras – resmungou ela.

Algo no templo rangeu. Diana sussurrou uma prece rápida às deusas, implorando pela clemência de Ísis, e *empurrou*. A pedra estremeceu sob as palmas de suas mãos.

– Agora! – gritou ela.

O templo colapsou com um rugido estrondoso, enviando uma descomunal cortina de poeira pelo ar. Ela impulsionou as pernas para a frente, e a imensa pilha de pedras deslizou, com um barulho ensurdecedor, bloqueando o canto noroeste da parede de vidro.

A barricada perfeita para distrair os soldados enquanto os outros escapavam.

Agora, porém, os convidados gritavam e corriam, amontoando-se diante das portas fechadas. Ela precisava de um aríete. Cravou o olhar num dos pilares caídos do templo. Era imenso e irregular, mas ela

conseguiu equilibrar a coluna nos braços, sentindo a pedra áspera nas palmas das mãos. Não sabia o que os soldados haviam erigido para bloquear as portas de saída, mas passaria.

– Saiam da frente ou serão esmagados! – ordenou ela, avançando em direção à saída, surpresa com a autoridade que irrompeu em sua voz.

Bom, pensou ela, todos esses anos escutando as ordens da Tec devem ter servido de alguma coisa.

E funcionou, pois a massa de gente começou a se afastar.

Ela intensificou a força e empurrou o pilar em direção às portas. Elas cederam com um estrondo terrível, esparramando a parede de sacos de areia que os homens haviam erigido logo atrás. Com o impulso Diana foi deslocada até o corredor, passando por homens atônitos de coletes. Ela soltou o pilar, que bateu com força na parede.

Uma torrente de convidados começou a transpor os soldados atordoados. Diana tentava retornar ao salão do templo, enfrentando a maré de gente. Um dos homens se pôs em seu caminho, de arma em riste.

– Em nome de quem você luta? – inquiriu ele.

Seus cabelos eram louros claríssimos e aparados rente à cabeça. Ela o agarrou pelo pescoço e o atirou contra a parede, arrancando a arma de suas mãos.

– Saia da minha frente.

Passou por ele a passos firmes, mas ele agarrou seu braço.

– A nossa causa é justa – disse o homem, em tom de súplica. – A Semente da Guerra deve morrer antes da lua da colheita. Você não imagina os horrores que se desencadearão.

– Ela é uma garota, e merece uma chance – disse Diana.

– Não a esse preço.

– Quem é você para fazer essa avaliação?

– E quem é você? – inquiriu o soldado.

Diana encarou seus determinados olhos azuis. Ele tinha razão. Ela estava brincando com o futuro do mundo. Sob outras circunstâncias, os dois poderiam ter sido aliados.

– Seja lá quem for o seu líder – disse ela –, diga a ele que existe outra saída. Existe uma cura, e nós vamos atrás dela.

– Você enlouqueceu – respondeu ele. – A Semente da Guerra precisa ser detida.

Talvez Diana estivesse louca, mas sua escolha já estava feita. Ela

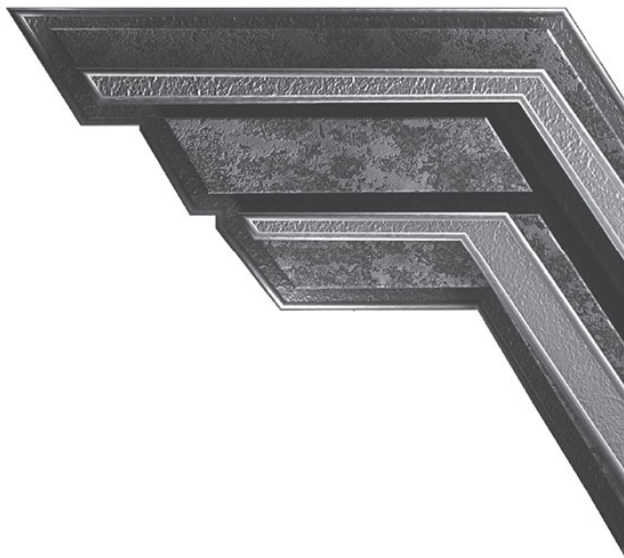
tornou a imprensar o soldado contra a parede.

– Então tente nos impedir.

Ela passou por ele em disparada, avançando em direção à parede de vidro. Então ouviu o homem:

– Que se dane! Posso ter falhado com a Semente da Guerra, mas matarei sua guarda-costas.

De algum lugar ela ouviu um botão sendo apertado. Saltou por sobre as ruínas do templo e se lançou pela parede aberta. Atrás de si, ouviu uma explosão ensurdecedora e sentiu uma onda de calor nas costas. Foi arremessada pelo ar. Seus braços giraram feito um cata-vento, e a força da bomba a carregou para muito longe, bem depressa.



CAPÍTULO 15

Alia sentia os pulmões ardendo enquanto cambaleava pela East Drive, desviando do tráfego de sábado à noite, registrando em lampejos rápidos o guincho dos freios e os berros das buzinas dos carros enquanto o pânico se avultava dentro dela. Sentia a mão de Nim segurando a dela, a dor das solas dos pés tocando a calçada.

O grupo atravessou a rua e foi se arrastando parque adentro. Ao pisar a grama verde e macia, Alia tropeçou e caiu. Um *bum* soou atrás deles. Ela deu um giro e viu subir uma nuvem de chamas pela lateral do museu, feito o desabrochar de uma flor.

Diana.

Nim puxou seu braço. Jason gritou. Ela mandou que seus pés se mexessem, mas não conseguia desviar os olhos do incêndio que arruinara o salão de onde eles haviam acabado de sair, ainda iluminado pelos holofotes externos do museu, como se ninguém tivesse percebido o que estava acontecendo. No entanto, ela ouvia as sirenes. Onde estava Diana? Se tivesse conseguido escapar, deveria estar correndo atrás deles, atravessando a rua naquele instante. Todavia, não estava. Talvez não tivesse conseguido. Talvez estivesse caída em meio às ruínas do templo. Talvez tivesse sido capturada.

– Alia, precisamos nos mexer. *Agora.*

Jason agarrou o punho da irmã e começou a puxá-la.

Alia deu uma olhada para trás. O grupo seguiu avançando pelas

árvores, cruzando os campos de beisebol. Jason gritava ao celular enquanto a esplanada do Central Park surgia.

Alia ouviu ao alto um guincho ensurdecedor. Jason abriu os braços.

– Pare!

– Cacete! – exclamou Nim.

Um jato rugia acima, absurdamente perto, roçando as rodas nos topos das árvores.

Todos ergueram as mãos, enquanto o vento os açoitava com uma chuva de poeira e seixos. Aos sacolejos, o jato tocou o vasto gramado do parque, erguendo um rastro de terra enquanto as rodas rasgavam o solo.

– Tem espaço suficiente? – perguntou Theo.

– O gramado tem pouco mais de 20 hectares – respondeu Nim.

– Mais cultura inútil? – gritou Theo. – Só quero saber se a pista é suficiente.

O jatinho reduziu a velocidade e se aproximou da linha das árvores.

– Não vai dar – disse Jason.

Alia levou as mãos à boca. O avião, porém, foi deslizando e parou a poucos centímetros das árvores. Theo deu um berro ao ver o jato descrever uma curva lenta e fechada.

– Vamos lá! – gritou Jason.

O grupo disparou pelo gramado, e Alia deu mais uma olhadela em direção às árvores. O parque estava escuro e silencioso.

O jato era azul e dourado, com a logomarca dos Laboratórios Keralis brasonada na lateral: um *K* dourado, ladeado por folhas de loureiro. Alia viajara algumas vezes ali. Enquanto se aproximavam, ela pôde ver os sulcos profundos que o jato havia feito na grama.

A porta lateral se abriu, e as escadas foram baixadas. Um homem musculoso, de cabelos acobreados, colocou o corpo para fora e acenou para cumprimentá-los.

– Acho que aqui tem menos filas que no aeroporto JFK – comentou o homem.

Ben Barrows. Já voava com a família havia muito tempo. Alia se lembrou de que ele era militar da reserva.

Jason arrebanhou todos pela escada e para dentro do avião.

– Como você fez isso, Ben?

– Talento, coragem e uma sorte do cacete – respondeu ele. –

Desculpem, crianças.

– A gente acabou de sair de um tiroteio – disse Theo, desabando numa das poltronas da antessala do avião. – Acho que nossos ouvidos vão sobreviver à sua boca suja.

– Preciso que se acomodem nos assentos e apertem os cintos para a decolagem. Todo mundo.

– Você vai conseguir decolar? – perguntou Jason.

– Sim. Aterrissar de novo é que será difícil. O trem de pouso sofreu umas avarias.

– Difícil até que ponto? – perguntou Nim.

– Eu dou meu jeito. Mas precisamos sair daqui, senão a defesa aérea virá atrás da gente. Avisei ao Teterboro que precisava fazer um pouso de emergência, mas eles vão perceber que não cheguei ao LaGuardia. Se não decolarmos agora, não conseguiremos nos afastar da costa.

– Apertem os cintos, todo mundo – ordenou Jason. – Ben, ponha a gente para voar.

Os outros obedeceram, sentando-se na fileira de assentos defronte à antessala e afivelando os cintos. Ben estendeu o braço e tocou a alavanca ao lado da porta, mas Alia o agarrou.

– Não – disse ela. – A gente não pode deixá-la aqui, Jason.

Ben hesitou, alternando o olhar entre Alia e o irmão. Jason apontou para um dos assentos vazios.

– Alia, sente essa bunda aí. Você viu a explosão...

– A gente não sairá sem ela.

– Ben – disse Jason. – Vá em frente.

Alia avançou para bloquear Ben, mas Jason a agarrou pelos ombros, afastou-a da porta e a acomodou num assento. Ben puxou a alavanca, e a porta começou a se fechar.

O punho de Jason era firme feito aço.

– *Alia* – disse ele, cheio de raiva. – Diana estava tentando proteger você. Todos nós estamos. Precisamos sair daqui agora, senão ninguém sobreviverá a esta noite.

O avião deu uma guinada para a frente, e Alia percebeu que Ben havia retornado à cabine do piloto. Uma explosão de tiros irrompeu do lado de fora.

– Gente? – disse Nim.

Alia deu um empurrão em Jason. Como ele não saiu do lugar, ela lhe mordeu a mão. Com força.

Ele soltou um grito e ela o empurrou, avançando até Theo e Nim para espiar pela janela, enquanto o estrondoso avião disparava pelo terreno irregular.

Diana cruzava o gramado em disparada, o vestido azul todo rasgado, os cabelos escuros esvoaçantes. Um grupo de soldados surgiu dos arbustos, em seu encalço.

– Jason, ela está vindo! – gritou Alia.

Jason tornou a segurar o braço da irmã, tentando puxá-la. O avião ganhava ainda mais velocidade. Theo e Nim se agarravam aos assentos.

– Esses homens estão vindo atrás de *you*, Alia. Para matar você.

Sua causa é a minha causa.

Uma voz ecoou pelo rádio:

– Learjet N-535T, temos veículos de emergência em rota para o local do acidente. Favor informar o seu status.

– Ben, se você decolar, está demitido! – berrou Alia.

– Ela não pode demitir você! – retorquiu Jason.

– É ele quem assina os cheques – disse Ben, olhando para trás.

– Alia, nós temos que ir! – gritou Jason.

– Diana! – berrou Alia em vão, o rosto colado à janela.

Como se tivesse escutado, Diana aumentou a velocidade.

– Caramba – disse Theo. – Como essa garota corre.

Ela parecia voar, de tão ligeiras as passadas. Alia podia ver as pontas do vestido chamuscadas e os hematomas em sua pele, mas ela parecia inteira e sem ferimentos.

Alia espalmou a mão na lateral do jato e encarou Jason.

– Abra a porta – exigiu ela.

– A gente não pode parar, Alia. Não tem pista suficiente.

O jato seguiu em frente, sacolejando cada vez mais rápido.

– Precisamos da ajuda dela para chegar à nascente! – insistiu Alia.

Então ela viu. A dúvida permeava o rosto de Jason. Ele concordara em ir à nascente para dar esperança a Alia, mas ele próprio jamais acreditara.

– Jason, se você não abrir essa porta, eu darei um jeito de acabar com a minha vida antes da lua nova. *Juro pela vida dos nossos pais.*

As palavras o atingiram feito um soco. Alia quase se arrependeu, mas se era o necessário para que ele a escutasse...

– Mas que droga – praguejou Jason.

Ele avançou até a porta e puxou a alavanca. Imediatamente, um

alarme soou.

A voz de Ben ecoou pelo rádio:

– Não sei o que estão aprontando aí atrás, mas eu sou o comandante e quero que parem com isso.

– Diana! – gritou Alia outra vez.

A porta se escancarou feito uma casca de ostra, deixando adentrar o ar da noite. Alia viu os campos de beisebol iluminados e Diana em disparada em direção ao jato.

Ela berrava alguma coisa, mas Alia não tinha certeza do que era.

– Tem algo errado! – gritou Alia.

– Não, sua idiota – retrucou Theo. – Ela está mandando você sair da frente.

Theo se levantou num impulso e afastou Alia da porta no mesmo instante em que Diana deu duas passadas imensas e *saltou*, lançando-se pelo ar feito um míssil. Mergulhou para dentro do avião, engatando numa cambalhota e acertando com força a poltrona. A lateral do jato foi cravejada de tiros.

Jason empurrou a alavanca para cima e a porta começou a deslizar de volta. O jato decolou, fazendo revirar o estômago de Alia. Ela cambaleou para trás e esbarrou em Theo, quase caindo em seu colo.

Jason empurrou a irmã num assento e se sentou ao lado dela.

Alia ouviu um terrível som de trituração enquanto o avião tremia e sacolejava. As *rodas*, percebeu ela. Havia resvalado os topos das árvores. Ela ousou olhar pela janela enquanto o avião se arqueava sobre o parque. Espichando o pescoço, só conseguiu distinguir os campos de beisebol, os homens parados sobre o gramado devastado.

Ela pestanejou, tentando clarear a visão. Por um breve instante achara que... mas era impossível. Ela bateu a cabeça de novo? Estariam o medo e a adrenalina lhe pregando peças? Pensou ter visto uma carruagem arrastada por quatro imensos cavalos negros cruzando o gramado em direção aos soldados. O capacete do condutor, adornado por uma pena, refletia o clarão dos holofotes. Alia se espreguiçou. Precisava de uma boa noite de sono. Precisava de um *mês* inteiro.

– Learjet N-535T, você não está autorizado para decolagem – disse a voz pelo rádio. – Informe seu status.

O ruído de estática morreu assim que Ben desligou o comunicador.

– Meu status? Pensando em trocar de profissão – disse ele. – Todo mundo bem aí atrás?

– Você me diga, Ben – respondeu Jason.

– A situação agora é esperar para ver. Espero não ser abatido no ar pela Força Aérea.

Alia engoliu em seco. Espiou pela janela e viu as luzes da cidade darem lugar à vasta e interminável escuridão do Atlântico. Ela veria a morte chegar? Tentou respirar, controlar os batimentos cardíacos. O silêncio dominava a cabine. O único som era o ribombar dos motores do avião; todos aguardavam, perguntando-se com o que topariam no meio da escuridão.

Atrás de si, Alia notou que Jason tinha aberto o lábio durante a confusão e tinha a manga do paletó quase toda arreventada. Do outro lado do corredor, viu Theo com a cabeça para trás e os olhos fechados. Não sabia se ele estava rezando ou se de fato caíra no sono. O olhar de Nim estava perdido à frente. Seus olhos estavam sujos de rímel e havia sangue no vestido; seu peito subia e descia em soluços ligeiros de pânico. Alia desejou poder abraçá-la, dizer que tudo ficaria bem. Mas era mentira. Nada estava bem. Talvez nada jamais voltasse a ficar bem.

Diana se sentara numa das poltronas cor de creme e permanecia imóvel, os dedos cravados nas almofadas. Ela provavelmente nunca tinha pisado em um avião. Seu vestido fora reduzido ao que parecia um figurino esfarrapado de patinação no gelo. O tecido tinha as bordas chamuscadas de preto – tudo, menos o laço enrolado em seu quadril, ainda tão intocado quanto na saída para a festa. Diana tinha uns pontos de pele rosada.

Onde as balas pegaram, percebeu Alia. As feridas já haviam cicatrizado.

Alia sabia que Diana era forte e que em sua ilha operava algum tipo de mágica, mas aquilo era diferente. Ela tinha arremessado mesas feito discos. Saltara para dentro de um avião em movimento. Sobrevivera a uma explosão e um tiroteio com pouco mais de alguns galos e arranhões.

Theo balançou a cabeça e riu, um som estranho no silêncio da cabine.

– Caramba, Jason. Você é mesmo o mestre das festas.

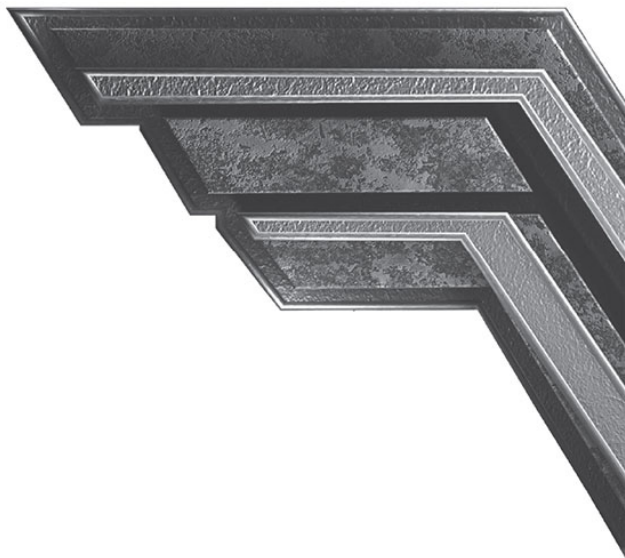
Nim enterrou o rosto nas mãos. Jason olhou para Diana.

– O que ela é? – murmurou ele entre os dentes, tão baixo que apenas Alia pôde ouvir.

Amazona. Nascida da guerra, destinada a ser governada por

ninguém além de si mesma. Entretanto, esse segredo não cabia a Alia revelar.

– Eu não sei – respondeu Alia. – Mas estou contente por ela estar do nosso lado.



CAPÍTULO 16

Eles permaneceram sentados em silêncio, até que a voz de Ben irrompeu no alto-falante:

– Estão liberados para circular pela cabine, meus caros delinquentes. Estamos livres.

Alia deu um suspiro trêmulo de alívio, e Jason lhe apertou a mão.

Theo desafivelou o cinto e cambaleou até o bar do jato, ao lado das poltronas. Não havia turbulência, mas Alia não o culpava pela falta de firmeza nas pernas.

– Já vai começar a beber? – perguntou Nim, o rosto inexpressivo e molhado de lágrimas.

– Não – respondeu Theo. – Vou *continuar* a beber.

– Theo – disse Jason, em tom de ameaça.

– Será que dá para vocês relaxarem? – retrucou Theo. – Só quero um refrigerante. Fico meio ruim do estômago quando voou de avião, e quase morrer também não ajuda muito.

Alia quis rir, mas temia acabar desatando a chorar. Ela se sentia abalada e exausta, mas também grata. Theo estava vivo. Nim também. Mais uma vez ela havia escapado da morte. Todos haviam escapado. Talvez Diana tivesse razão, e as duas estivessem *mesmo* destinadas a sobreviver e chegar à nascente.

Alia sabia que todos precisavam falar, mas queria organizar as ideias e tomar um banho. O jato possuía um chuveiro, então ela pegou

a bolsa de viagem, acomodada junto à bolsa de Diana, rumou para o banheiro e tirou o vestido dourado.

A água estava quente e agradável, mas o banho não demorou muito. Ela saiu do chuveiro e encarou o próprio reflexo no espelho. Tinha o corpo tomado de novos cortes e arranhões. Sabia que ganharia mais hematomas por conta de todas as cambalhotas e quedas durante o tumulto. Além disso, tinha bolhas nos pés, graças aos sapatos ridículos que Nim havia levado.

Ela olhou as roupas de festa e começou a ser assaltada pelos eventos da noite, dos dias anteriores. *Calma, Alia*. Dali a um dia, tudo estaria acabado.

Vestiu a calça jeans que havia levado e uma camiseta velha e gasta que ganhara na colônia de férias de ciências uns anos antes, com o desenho de uma dupla hélice de DNA. Ao se olhar no espelho, franziu o cenho, tomada pela lembrança da briga que irrompera no piquenique aquele ano. Todas as crianças, inclusive ela, acharam hilário. Apelidaram a confusão de Grande Batalha Nerd. Depois do fim da briga, no entanto, Alia ouviu uma conversa entre dois orientadores. Um garoto fora asfixiado quase até a morte por um dos integrantes da equipe, e um princípio de incêndio ocorrera no salão de jantar. Por sorte não havia se espalhado. Depois disso, as atividades da colônia de férias foram permanentemente encerradas.

À época, fora apenas uma situação chocante que suscitou debates entre a garotada, uma história que Alia relatara em casa a seus pais e Jason. Naquele instante, entretanto, ela recordou a expressão de seus pais ao saberem da briga, os olhares trocados. Daquele verão em diante eles começaram a passar as férias viajando juntos ou hospedados numa das casas da família. Ela nunca mais partira em colônias de férias.

Alia não sabia ao certo o que fazer com o desastre que se tornara seu lindo vestido, então o embolou e o enfiou no fundo da bolsa. Nim ficaria horrorizada, claro, mas ela não aguentava olhar aquela roupa. Foi atravessada por um arrepio de vergonha ao se lembrar de como se sentira feliz e esperançosa, imaginando o olhar de Theo.

Agora tudo não só parecia bobo, como perigoso. Diana tinha razão: as pessoas que a perseguiam eram incansáveis. Claramente possuíam recursos e estavam dispostas a usá-los, primeiro em inocentes a bordo de um barco no mar Egeu, agora à vista dos integrantes mais abastados da sociedade nova-iorquina.

Alia desembolou a bela corrente dourada das tranças, calçou os tênis e deu uma última olhada no espelho. Semente da Guerra. Teria o legado de Helena sido passado a ela pela linhagem do pai? Teria chegado a Alia pelo nome Keralis? Não importava. Ela também era filha de sua mãe. Pensara ter invocado toda sua bravura ao fugir de Nova York e se inscrever na excursão a bordo do *Tétis* sem a permissão de Jason, mas estivera redondamente enganada. Aquilo tinha requerido uma ínfima fração de sua coragem. Desde então, ela enfrentara um naufrágio, um afogamento e um tiroteio e ainda estava viva, ainda de pé.

Ela garantiria que nenhuma garota tivesse que viver com aquela maldição. Sabia disso por conta da criação que recebera. Apesar de toda a cautela, sua mãe jamais desejara que Alia fosse submissa. *Olhe-os nos olhos*, ela sempre dizia. *Deixe claro quem você é*. Quando alguém perguntasse de *onde* ela vinha. Quando algum colega da Bennett quisesse saber se ela era bolsista.

Olhe-os nos olhos.

Outra lembrança ocorreu a Alia: ela no escritório da cobertura, sua mãe lhe enfiando uma agulha no braço e enchendo a seringa de sangue. “Só uma testagem”, explicara, cobrindo o local da injeção com algodão e curativo adesivo e dando um beijinho em seu rosto. Alia jamais desconfiara.

Os pais de Alia acreditavam que a herança de Alia pudesse trazer algo de bom, que seu terrível poder pudesse servir a um propósito melhor. Eles não tinham vivido para fazer disso uma possibilidade, mas Alia poderia ao menos garantir que o mundo não pagasse por sua escolha de mantê-la viva.

– Eu sou Alia Mayeux Keralis – disse ela, surpresa com a firmeza em sua voz. – E impedirei uma guerra.

Ela juntou as tranças no alto da cabeça, fez um coque e retornou para a frente do avião. Theo jazia esparramado numa das poltronas acolchoadas. Nim ainda estava inclinada para a frente, com a cabeça enfiada nas mãos. Alia se sentou ao lado dela e empurrou delicadamente o ombro da amiga com o seu.

– Tudo bem?

– Não – respondeu Nim, com o rosto coberto.

– A Gemma...

– Eu a vi morrer – disse Nim, ainda sem olhar para Alia. – Não, mentira. Foi tão depressa que eu não consegui ver. A gente estava

conversando. Eu estava olhando as borboletas no vestido dela. Pensando na cor, no número de contas. Estava pensando que a Gemma era muito bonita, mas... – Nim soltou um soluço. – Mas muito chatinha – prosseguiu ela. – Aí todo mundo começou a gritar. Ouvimos os tiros. Tentamos nos abaixar. Por que atiraram nela?

– Acho que não era essa a intenção – respondeu Alia.

Acho que eles não estavam nem aí. Ela mal conhecia Gemma Rutledge, mas a garota parecia legal. Toda aquela gente com quem ela reclamara de ter que conversar parecia. Quantos haviam sido feridos? Mortos? Ela se agarrava firme à promessa de Diana de que aquela missão tinha um propósito, de que tudo aquilo teria um significado se elas conseguissem chegar à nascente.

– Tem um chuveiro – disse Alia. – E uns uniformes dos Laboratórios Keralis, se você quiser se trocar.

Nim se sentou e esfregou o dorso da mão nos olhos, feito uma criança ao despertar de um sono profundo.

– Eu não quero me trocar. Quero saber o que está acontecendo. O que foi que acabou de acontecer? – perguntou ela, em tom de súplica. – Por que Jason estava armado? De *quem* estamos fugindo?

Nim se virou para Diana.

– E como foi que você fez aquelas coisas?

Diana permanecia sentada na banqueta, de pernas cruzadas, desatando metodicamente os nós de seu laço. Não disse uma palavra; apenas encarou Alia, à espera.

– E aí? – perguntou Theo, apoiando o copo de refrigerante na barriga. – Acho que é justo perguntar o que está acontecendo. Mesmo que a pergunta venha da Nim.

– Cala a boca – disse Nim. – O que você está fazendo aqui, para começo de conversa? Não deveria estar preocupado com o seu pai?

– Meu pai não estava mais na festa.

– Oi? – perguntou Jason.

Ele havia desaparecido nos fundos do avião, e voltou vestindo jeans e camiseta. Deitou uma pilha de moletons num dos assentos e começou a revirar o kit de primeiros socorros do jato.

– Meu pai vazou – disse Theo. – Disse que tinha uma conferência com um pessoal de Singapura ou algo assim.

– Quando foi isso?

– Não sei – respondeu Theo. – Ele queria que eu fosse junto. “Theo, você passará vergonha, blá-blá-blá.” O de sempre. Foi em algum

momento entre o sumiço da Alia e o ataque.

Alia sentiu um bolo no estômago. Teria sido coincidência? Cruzou olhares com Jason e sentiu que ele pensava o mesmo. Michael estaria envolvido? E se ele soubesse a respeito dela? Ele era como um pai para os dois, mas “como um pai” *não era* um pai. Talvez estivesse disposto a fazer o sacrifício que os pais de Alia não haviam feito.

– Não se preocupem tanto, pessoal – disse Theo. – Eu telefono para ele quando a gente pousar.

– Não! – gritaram os dois em uníssono.

– Por que não? – indagou Theo, erguendo as sobrancelhas.

Jason pressionou a ponte do nariz entre os dois indicadores.

– É muito importante que ninguém saiba onde a gente está, nem para onde estamos indo.

– Ok – respondeu Nim. – Está ótimo. Que tal vocês explicarem o motivo?

Jason e Alia fizeram o possível. Responderam a todas as perguntas de Theo e Nim, uma atrás da outra. No início as dúvidas vinham em sequência: quem os havia atacado? Por quê? Os atiradores eram terroristas? O que queriam? Era por causa da fundação? No entanto, enquanto Jason explicava com toda a calma que aquelas pessoas tinham outras intenções e que Alia era o centro de tudo, Nim e Theo foram se calando.

Jason deixou de lado o kit médico e passou adiante alguns arquivos impressos, uma cópia do pergaminho e um laptop com os documentos que estavam no pen drive. Um dos arquivos continha grandes blocos de texto ilegíveis e outros que pareciam incompletos, mas era mais do que o suficiente para a argumentação.

Alia sentia como se estivesse nua no meio da Times Square. A história soava muito menos implausível pelas palavras de Jason, sobretudo com o endosso de tantos documentos. No entanto, aquilo só piorava as coisas. Ela já havia aceitado de bom grado que Theo passasse a vida a enxergá-la apenas como uma garotinha chata, mas e se ele agora olhasse para ela e visse um monstro? E Nim, que fora sua amiga para tudo? Esse “tudo” jamais incluía a responsabilidade pelo fim do mundo.

Theo, enfim erguendo os olhos dos arquivos de Jason, levou a atenção a Diana.

– E você? É o quê? Neste exato momento, meu palpite é... supersoldado do governo?

– O quê? – perguntou Diana.

– Você sabe... tipo uma máquina assassina geneticamente modificada.

Diana apertou a corda cintilante que jazia em seu colo.

– Eu não sou uma assassina.

Ela proferiu as palavras cheia de convicção, o queixo erguido num ângulo quase majestoso. No entanto, o juramento das duas ainda ecoava dentro de Alia. Diana o honraria.

– Ok, ok – disse Theo. – Membro de um esquadrão de ninjas biônicos?

– Também não tenho treinamento ninja – retrucou Diana, encarando o laço. – De onde eu venho, a gente treina para a guerra.

– Por quê?

– Porque os homens são incapazes de viver sem lutar, e nós sabemos que um dia a luta nos alcançará.

– Mas as coisas que você fez... – disse Nim.

– Eu sou mais forte e rápida que... bom, que as pessoas comuns. Todas as minhas irmãs são.

– E você consegue espantar balas feito mosquitos, derrubar templos e sobreviver a bombardeios? – perguntou Nim.

Diana abriu a boca, depois fechou, insegura do que dizer. Não parecia a garota corajosa e confiante que arrasara sem esforço a soberba dos rapazes de paletó no metrô. Parecia atordoada, meio perdida. Como uma garota que perdera a hora numa festa e ficara sem carona para casa.

– Honestamente, não tenho total certeza do que sou capaz de fazer – disse Diana. – Nunca tinha feito antes.

– Pois então você aprende muito rápido – resmungou Jason, enquanto tirava do kit médico um rolo de gaze e embalagens de aspirina.

Alia quis avançar pelo corredor e estapear o irmão. Ela sabia que Jason estava ávido por respostas concretas, mas Diana havia salvado a vida de todos eles. Merecia guardar quaisquer segredos que desejasse.

– Digamos que eu escolha acreditar nisso tudo – disse Nim. – O que acontece agora?

– Nós vamos até a nascente – respondeu Diana.

– Em Esparta – disse Theo –, onde os caras circulam aos berros em cuequinhas de couro.

– Nunca ouvi falar nessa história em particular – respondeu ela. –

Mas foi em Esparta que Helena nasceu e cresceu, e onde foi cultuada após a morte.

Alia achou aquilo esquisito.

– As pessoas cultuavam Helena? Achei que todo mundo a odiasse.

– Havia os que odiavam. Mas Helena não foi apenas a causadora da Guerra de Troia. Era mãe e esposa, e também foi uma menina um dia. Dizem que ela apostava corridas pelas margens do rio Eurotas – explicou Diana, com um leve sorriso. – E ganhava.

Era estranho pensar em Helena antes de ser *Helena*.

– A tumba dela fica em Terapne? – perguntou Alia.

– Isso mesmo – respondeu Diana. – É chamada de Menelaion, mas antes era conhecida como a Tumba de Helena. *A Semente da Guerra será purificada onde Helena descansa.*

Nim tamborilava os dedos no joelho, por sobre o macacão desfiado.

– Beleza, então só precisamos chegar à nascente antes que os caras maus alcancem a Alia.

A garota quis entoar uma longa prece de agradecimento por Nim estar assimilando tudo aquilo numa boa, sem tentar se jogar do avião. No entanto, se pretendiam dizer a verdade, tinham que contá-la por inteiro.

– Na verdade – explicou Alia –, não sei ao certo se *eles* são os caras maus.

– Eles explodiram a ala Sackler do Met – rebateu Nim. – São *monstros*.

Theo deu uma golada no refrigerante.

– Ou talvez só não sejam amantes da arte.

– São pessoas dispostas a qualquer coisa para ver Alia morta – disse Jason, num tom soturno. – E muita gente perdeu a vida por causa disso.

– Certo – disse Theo, baixinho. – Desculpe.

Jason tinha razão, mas Alia também sabia que todos ali estavam tentando lidar com seus medos e horrores da melhor forma possível.

Ela apontou para o laptop apoiado na banqueta.

– Pelo visto tem muita gente procurando identificar e erradicar as Sementes da Guerra...

– Em outras palavras, *você* – disse Theo.

– Isso mesmo, eu. E essas pessoas têm excelentes motivos.

Nim afastou uma mecha de cabelos negros do olho.

– O quê?

Alia soltou um suspiro.

– Eles não sabem sobre a nascente. Estão só tentando impedir uma guerra mundial. Então, para todo mundo além dos aqui presentes, eles são bonzinhos.

– Isso é perfeito – disse Theo, se sentando.

– Como assim? – perguntou Jason, de braços cruzados.

– Nós somos os vilões! É sempre mais legal ser o vilão. A gente pode usar preto e ter um covil cheio de capangas. Além do mais, as garotas não resistem a um *bad boy*.

– Você é tão idiota – disse Nim.

Ele deu um toquezinho na têmpora.

– Não é culpa minha se você não tem visão.

Nim abriu a boca para retorquir, mas Alia falou primeiro.

– Ei! Já repararam que vocês dois se entendem bem quando eu não estou perto?

– Isso não é verdade – respondeu Theo. – A gente nunca se deu bem.

– Pense só. Quando está em casa, você fica se remoendo de ódio pela Nim?

– Eu...

Theo hesitou.

– Bom – concluiu ele –, não. É só quando...

– Só quando estão perto de mim. Então, da próxima vez que sentirem vontade de matar um ao outro, deem um tempinho e vão cada um para o seu canto. Só se afastem de mim, literalmente.

Theo e Nim trocaram olhares céticos.

– Estão vendo? – disse Alia. – Vocês dois acham que eu sou louca, de modo que já têm um ponto de concordância.

– Como o povo de vocês interpretará o ataque no museu? – perguntou Diana.

– Não sei – respondeu Jason, com a voz cansada. – Tem muita coisa ruim acontecendo no mundo agora. Provavelmente colocarão na conta do terrorismo, algum ataque relacionado às políticas internacionais da fundação. A gente já sofreu ataques em algumas instalações fora do país.

– Mas nada nessa escala – disse Theo.

– Não – confirmou Jason. – Nada que resultasse em morte.

– E nós temos alguma ideia de quem eles são exatamente? –

indagou Nim.

– Bom, eles eram alemães – respondeu Theo. – *Ich bin ein...* explodam o museu.

Jason vasculhou uma pilha de arquivos.

– Há uma série de organizações internacionais com o objetivo de rastrear a linhagem sanguínea das Sementes da Guerra. Havia outras, só que devem estar escondidas ou simplesmente fecharam as portas. Existe a Ordem de São Dumas, e também um grupo ramificado chamado Das Erdbeben, que operava fora de Hamburgo, mas é difícil dizer quais são reais e quais são fictícias.

– Aquele tiroteio pareceu bem real – disse Nim.

– Mas por que agora? – perguntou Alia. – Por que esperar até a lua nova para... se livrar de mim?

Jason se remexeu no assento, incomodado, e encarou as próprias mãos.

– Acho que a culpa disso pode ser minha.

– Desde que não seja culpa *minha* – retrucou Theo.

Alia esperou. Jason alisou o joelho com o polegar por sobre os jeans.

– Havia um monte de arquivos antigos que a mãe e o pai não tinham digitalizado. Achei que devia fazer um backup de tudo, algum registro. Então digitalizei tudo num...

– Num computador dos Laboratórios Keralis? – perguntou Theo, genuinamente horrorizado pela primeira vez desde o início da conversa. – Os textos pelo menos estavam criptografados?

– Estavam – disse Jason. – E naqueles servidores corre todo tipo de informação confidencial. Pesquisas. Dados de propriedades. Devia ser seguro.

– Mas alguém na empresa pode ter reconhecido algo – disse Diana. – Bastaria uma palavra, uma menção.

– Me perdoe, Al – disse Jason. – Eu nunca acreditei em nada daquilo. Não como eles acreditavam. Eu devia ter sido mais cuidadoso.

Alia suspirou. Como poderia sentir raiva do irmão por algo que ele não tinha a menor chance de compreender?

– Não sei se dou um tapa em você por ser tão idiota ou se faço uma dancinha para celebrar o fato de que foi você quem estragou tudo desta vez.

– Você pode fazer os dois – sugeriu Nim.

– Não tinha pensado nessa possibilidade – respondeu Alia. – Viu? É sempre bom ter uma segunda opinião.

– Segunda opinião... – repetiu Diana, pensativa. – É possível que essas organizações estejam trocando informações. Seria o mais estratégico a fazer. Até onde eu sei, de acordo com o pergaminho, rastrear e identificar Sementes da Guerra não eram tarefas fáceis. O primeiro registro de assassinato de uma aconteceu no mundo moderno. Isso não pode ser coincidência.

– Mais uma coisa que é culpa da Internet – comentou Theo.

– E esse texto todo que está ilegível? – indagou Alia, erguendo uma das pastas. – Existe uma versão completa dos arquivos em algum lugar?

Jason balançou a cabeça.

– Não que eu tenha encontrado. Talvez os nossos pais tenham começado a seguir linhas de pesquisa diferentes em um dado momento. Mas não tenho certeza.

Theo tornou a encher o copo.

– Então temos um plano: vamos à Grécia, encontramos a nascente e tudo ficará bem.

Alia podia até dar um abraço em Theo. Mas isso era quase sempre verdade.

– Theo, essa luta não é sua – disse Jason. – Nem sua, Nim. Mandarei o Ben fazer um pouso numa pista abandonada perto do aeroporto em Araxos, em vez de seguir direto para Calamata. De lá, posso arrumar um voo de volta para...

– Pode ir parando por aí – disse Nim, erguendo as mãos. – Se tem gente disposta a esburacar o Met para chegar até vocês, essas pessoas sabem quem nós somos! Assim que retornarmos, eles virão atrás da gente, tentando descobrir aonde vocês foram.

– O argumento dela faz sentido – disse Diana. – Não podemos nos dar ao luxo de subestimar essa gente outra vez.

– Muito bem – respondeu Jason, pensativo. – Encontraremos um porto seguro. Algum lugar protegido...

– Você meterá a gente num bosque de oliveiras? – perguntou Theo, indignado.

– Estava pensando em um hotel – respondeu Jason.

– Pode esquecer. Se os papéis estivessem trocados, você aceitaria ficar bebericando enquanto eu corria perigo?

– Não – cedeu Jason.

– Então eu vou com vocês.

– Eu também – disse Nim.

– Nem pensar – retrucou Alia, balançando a cabeça. – Vocês viram o que a gente enfrentou. Podem se ferir. Morrer, até. Eu não aguentaria.

– Eu sei – respondeu Nim. – Seria uma perda terrível para você e para o mundo. Mas você é a minha melhor amiga. Sem contar que eu prefiro ser metralhada a passar uma semana num quarto de hotel com o Theo.

Alia sabia que deveria argumentar com mais veemência. Ordenar que eles aterrissassem, que seguissem a sugestão de Jason e se esforçassem para garantir a própria segurança. Porém, apesar do perigo e das constantes brigas, queria tê-los por perto. Jason e ela haviam perdido tanta coisa, e Theo e Nim eram parte da família: amorosos, encorajadores e por vezes completamente insuportáveis.

Alia encarou Diana.

– Podemos garantir a segurança deles?

– Eu não sei – respondeu Diana com honestidade, e Alia se sentiu grata por isso. – Mas não tenho certeza se deixá-los para trás em algum lugar seja melhor. Se eles forem capturados...

Diana não precisava terminar o pensamento. Se Theo e Nim fossem capturados, talvez fosse por um dos *bons* mocinhos. Ou talvez por um dos grupos que não pensariam duas vezes antes de torturá-los.

Alia não estava satisfeita, mas não havia opções.

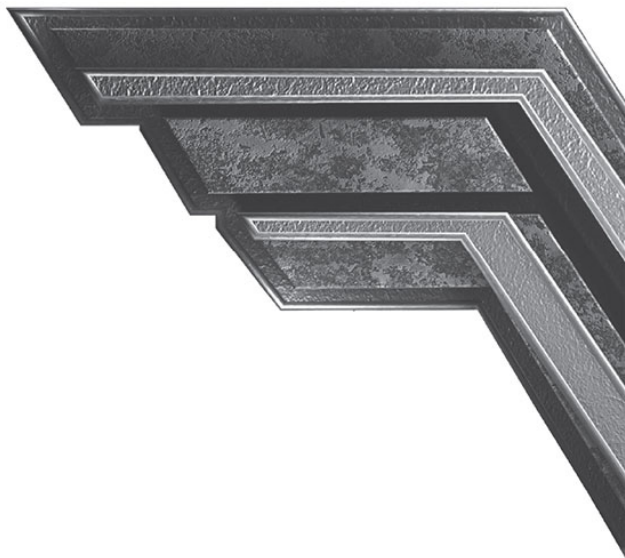
– Muito bem. Vocês podem vir. Mas tentaremos não cometer nenhuma grande estupidez.

Nim estendeu o braço e deu um apertão forte em Alia.

– Não peça para o Theo prometer o que ele não pode cumprir.

Talvez o aviso de Alia tivesse tocado Theo, ou talvez ele apenas estivesse de bom humor, pois a única coisa que fez foi abrir um sorriso e erguer o copo de refrigerante.

– Um brinde aos vilões – disse ele.



CAPÍTULO 17

Diana ansiava por tirar os resquícios da batalha do corpo. O cheiro de fumaça estava em seu cabelo. A cada respiração ela retornava ao caos do ataque, à visão terrível dos corpos no chão, aos ecos do grito de guerra que ainda reverberava em seu sangue.

Por mais que não tivesse se acostumado à sensação de voar, ela se forçou a abandonar a segurança da poltrona acolchoada e caminhou até o chuveiro. Tomou um banho, vestiu os couros que havia guardado na mochila e prendeu o laço à cintura. Ficaria exposta demais ao pousar na Grécia, mas as roupas de amazona a deixavam mais à vontade. Se o grupo enfrentasse um novo ataque, ela precisaria de todas as vantagens possíveis.

Diana passou um tempo lendo os arquivos que Jason havia levado, de costas para a janela do avião. Não gostava de ver o próprio rosto refletido ao encarar a escuridão. Não queria pensar no fato de que estava cruzando o céu, em disparada, numa máquina construída por mortais a partir de metal, plástico e otimismo. Se ela estivesse no controle seria diferente; Diana não gostava de ficar nas mãos dos outros, por mais confiança que a postura e a experiência militar de Ben pudessem passar.

Por fim, seus olhos pesaram. Acomodada no assento felpudo e embalada pelo som dos motores, ela conseguiu dormir. Sonhou que retornava ao campo de batalha que vira nas águas do Oráculo. Ouviu

o som que agora sabia ser de armas de fogo, viu as ruínas enegrecidas de uma cidade desconhecida à sua volta, as pilhas de corpos. Dessa vez, no entanto, era Tec quem observava a besta com cabeça de chagal degolá-la.

Diana acordou sem fôlego, a mão agarrada ao pescoço, ainda sentindo as compridas presas do monstro alojadas em sua carne.

A cabine do jato estava silenciosa. Quanto tempo ela havia dormido? A luz brilhava atrás das janelas fechadas. Alia estava aninhada na banquetta, ao lado de Nim, Theo do outro lado do corredor. Jason estava nos fundos do avião.

Depois que as garotas pegaram no sono, Diana viu Theo se servir de uma bebida que não era refrigerante. Ficou quieta, mas se perguntou se aquele comportamento seria hábito, cansaço ou um motivo mais sombrio. Estaria ele suspeitando do envolvimento do pai no ataque? Seria ele o responsável?

Ela não queria pensar o pior a respeito de alguém querido pelos irmãos Keralis, e a surpresa e confusão de Theo ao compreender que Alia era uma Semente da Guerra parecera genuína. Diana, porém, não confiava em seu instinto em relação aos mortais e suas mentiras. Naquele mundo ela tateava no escuro, compreendendo tudo aos poucos, assimilando uma coisa e só então cambaleando em direção a outra.

Alia remexeu os olhos por sob as pálpebras, e Diana se perguntou se devia acordá-la. Parecia estar no meio de um pesadelo. Tinha o cenho franzido e agarrava com força as pastas com os arquivos.

Projeto Segunda Filha. Esse fora o nome dado pelos pais de Alia à pesquisa com o seu sangue. A maioria das informações provinha de documentos e artefatos passados adiante pela linhagem dos Keralis, de lendas de família e dos esforços de detetives particulares contratados para investigar pistas de outras descendentes de Helena.

Havia fotografias de sítios arqueológicos, escavações particulares fundadas em antigos campos de batalha, expedições de mergulho que saíam da costa do Egito em direção às profundezas do mar Negro. Eles criaram uma espécie de divisão secreta dos Laboratórios Keralis dedicada à arqueogenética, e embora tenham iniciado a pesquisa em busca da resposta à questão da linhagem das Sementes da Guerra, ficava claro que estavam comprometidos com tudo o que pudesse ser biologicamente coletado não apenas de Alia, mas do DNA ancestral dos heróis e monstros que acabaram por aceitar serem mais que meras

lendas.

Diana vasculhara página após página, na tela do laptop. Fora necessária certa adaptação, e seus dedos ainda ansiavam pela sensação do papel, mas sua mente estava ávida pelas informações que tinha diante de si.

As imagens deslizavam em sequência, cheias de anotações. Aquiles com seu famoso escudo na mão, Heitor ofertando sua espada a Ájax. Odisseu. Os irmãos de Helena, os lendários Dióscuros. Havia ainda outras imagens, ilustrações e modelos que causavam calafrios: o Minotauro com seus imensos chifres de touro no labirinto em Knossos; a rainha Lâmia, monstro devorador de crianças; Cila, com suas seis cabeças e a tripla fileira de dentes de tubarão; os gigantes canibais de Lamos; a quimera cuspidora de fogo. Com o que os Keralis estavam mexendo? Os arquivos eram perturbadores demais, mas as lacunas e páginas faltantes também a preocupavam.

Ela agora encarava a tela tomada por uma imagem de Equidna, mãe de todos os monstros, metade mulher, metade cobra. Havia extensas notas sobre aplicações em terapia genética e extração de DNA, além de uma lista de possíveis localizações para a caverna de Equidna, suposto local de sua morte. Diana estremeceu. *Não me admira ter tido pesadelos.*

Jason emergiu dos fundos do avião. Conseguia parecer tão formal de jeans e camiseta quanto de terno. Pegou duas garrafas d'água do bar e ofereceu uma a ela, então se sentou e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– Desculpe – disse ele, sem olhar para Diana, remexendo a garrafa d'água. – Você arriscou a sua vida para salvar Alia. E a todos nós. Nunca teríamos conseguido sair daquele museu se não fosse por você.

Ele fez uma pausa e respirou.

– E lamento ter levado a Alia à festa, para começo de conversa – prosseguiu Jason. – Estou tentando protegê-la, assim como o nome Keralis. Acho que meu desempenho está péssimo nos dois casos.

– Você está fazendo o melhor que pode.

Para surpresa de Diana, ele abriu um sorrisinho.

– Que elogio...

– Me desculpe – respondeu ela, também sem esconder um sorriso.

– Eu esqueço como as pessoas aqui precisam ficar adulando umas às outras.

Jason soltou uma risada, mas se conteve ao ver Alia se remexendo.

– Não chamaria de adular.

– Você cometeu um erro. E reconheceu. Eu respeito isso. Suavizar as repercussões e consequências dessas escolhas seria uma mentira absolutamente inútil.

Ele se recostou no assento e olhou Diana de esguelha.

– Você tem razão. Só não estou acostumado... a essa postura tão direta.

Diana se lembrou da descrição de Nim a respeito de Jason.

– Porque você é rico e bonito?

Ele escancarou aquele sorriso torto, ressaltando a covinha profunda.

– Exato.

Jason apontou para o laptop aberto no assento ao lado de Diana.

– Meus pais me criaram contando essas histórias. Eu achava que eram só isso. Histórias de deuses, monstros e heróis.

– Heróis?

– Teseu...

– Sequestrador.

– Hércules...

– Ladrão.

Jason ergueu as sobrancelhas.

– Bom, você entendeu o que eu quis dizer. Nos livros eles são heróis.

– Acho que crescemos lendo histórias diferentes.

– Talvez – retrucou ele. – Quando cresci, deixei de lado essas histórias e passei a ler quadrinhos. Toda a coisa de vestir a capa, resgatar a mocinha.

– Que mocinha?

– A mocinha. Sempre tem uma mocinha.

Diana suspirou com desdém.

– Definitivamente crescemos lendo histórias diferentes.

Aquele sorriso torto outra vez.

– Você tinha uma preferida? – perguntou ele.

– Provavelmente a história de Spica, a estrela dupla.

– Eu não conheço essa.

– Não é muito empolgante.

Não era verdade, mas também não era algo que ela quisesse compartilhar.

– Tem outra história que eu gostava, sobre uma ilha sem guerra –

prosseguiu ela, com cautela. – Um presente dos deuses concedido a suas guerreiras preferidas, um lugar que jamais poderia ser tocado pelo sangue. Eu gostava dessa história.

– Ah, isso com certeza é ficção.

Lá vinha aquele tom arrogante outra vez.

– Por quê? – perguntou Diana, incomodada.

– Porque ninguém consegue impedir por completo a guerra. É inevitável.

– No seu mundo, talvez.

– Em todos os mundos. O problema não é a guerra; é o que a humanidade tem feito com ela.

Diana cruzou os braços.

– Imagino que todas as guerras sejam iguais para quem morre.

– Só que hoje em dia é tão mais fácil, não é? – indagou ele, tornando a apontar para o laptop. – Nas histórias antigas, a guerra consistia em um herói avançando pelo campo de batalha com uma espada na mão. Era um monstro a ser abatido. Mas e agora? Não é nem sequer um general liderando exércitos. São drones, matérias-primas nucleares, ataques aéreos. Um cara aperta um botão e apaga do mapa uma cidade inteira.

Diana conhecia aquelas palavras e os horrores associados a elas. Fora instruída sobre todas as formas de destruição descobertas pelos mortais.

– Você fala um pouco como a minha mãe – comentou Diana. – Ela diz que as pessoas sempre dão um jeito de relativizar a vida.

– E a morte.

– Você tem medo de morrer? – perguntou Diana, curiosa.

– Não – respondeu Jason. – Não se for por algo em que acredito. Meus pais...

Ele hesitou.

– Os Laboratórios Keralis não são apenas um legado – concluiu ele. – Enquanto a empresa prosperar, o nome dos meus pais se manterá vivo.

Jason tinha mesmo levado a sério as histórias e lendas. Era assim que os antigos gregos enxergavam a vida após a morte.

– Ser lembrado é uma forma de se fazer imortal – disse Diana.

Jason a encarou com um olhar penetrante e surpreso.

– Exatamente – concordou ele. – É isso que eu quero para eles.

– E talvez para si?

– Isso é bobagem? Querer uma chance de grandiosidade?

Era a primeira vez que Diana o via inseguro de si.

Ela não achava bobagem alguma. Porém, antes que pudesse dizer isso, a voz de Ben soou pelo alto-falante:

– Adentramos o espaço aéreo da Grécia e estamos iniciando a descida. A previsão de pouso em Araxos é de cerca de vinte minutos. Espero uma aterrissagem com muitos solavancos, então queiram afivelar os cintos e começar a rezar.

Jason se remexeu, fechando a cara.

– Agora falta pouco.

Alia e os outros se espreguiçaram e bocejaram. Nim mal parecia a mesma vestida no moletom dos Laboratórios Keralis, sem maquiagem no rosto. Theo estalou os lábios e correu a mão pela crista de cabelos escuros. Ainda usava a calça lustrosa, mas havia trocado o paletó e a gravata por uma camiseta da Keralis.

– Já chegamos? – perguntou Alia, com voz de sono.

– Quase – respondeu Jason.

– O que acontece quando a gente pousar? – indagou Theo, levantando-se da banquetta, acomodando-se num assento e prendendo o cinto de segurança.

– Ben pousará perto de Araxos. A gente terá que descolar uma carona até o sul, mas são só umas quatro horas de carro até Terapne. Seria mais rápido se partíssemos de Calamata, mas eu fiquei preocupado em aterrissarmos num aeroporto tão movimentado.

– Mesmo assim – disse Alia –, estaremos na nascente em questão de horas.

Ela trocou olhares com Diana, que sentiu correr entre as duas uma faísca de empolgação. A amazona se espreguiçou e remexeu o maxilar, tentando aliviar a desconfortável pressão nos ouvidos.

– Nunca voou de avião antes? – perguntou Jason.

– Não. Eu...

De repente, um alarme disparou pela cabine. Nim agarrou o braço de Alia.

– O que é isso?

– Sentem-se, as duas. *Agora* – ordenou Jason.

– O que está acontecendo? – perguntou Nim enquanto as duas se jogavam nos assentos atrás de Theo.

– Temos um problema – disse Ben pelo alto-falante, com um nervosismo na voz.

- O jato é equipado com um sistema de alerta – disse Jason.
- Tem alguém cercando a gente? – perguntou Theo, incrédulo.
- Não podemos contra-atacar? – perguntou Alia.
- Não – respondeu Jason, agarrando os braços do assento.

Diana subiu a persiana da janela. À luz do céu da tarde viu duas explosões luminosas seguidas por um rastro de fumaça branca. Enxergou algo avançando em direção ao lado esquerdo do jato.

A aeronave começou a sacudir e se inclinar. Theo xingou. Alia rezou. O veículo se endireitou. Tinham desviado do míssil, mas o alarme ainda soava.

Jason arrancou o cinto de segurança e avançou até os fundos da aeronave, emergindo instantes depois com o que Diana percebeu serem mochilas de paraquedas. Ela as havia visto nos corpos dos pilotos abatidos.

– Você não pode estar falando sério – disse Alia, os olhos injetados de pânico.

– Vista – ordenou Jason, empurrando uma mochila na mão dela. – Você já saltou de paraquedas antes.

– Na droga do seu aniversário de 18 anos! – retrucou Alia, porém já segurando as tiras.

– Escutem – disse Jason, arremessando mochilas para Nim e Theo e empurrando outra para Diana. – Ponham os óculos de proteção. Estamos a 3 mil metros de altitude. Assim que descermos a pouco mais de 2 mil metros, saltaremos. Em intervalos de cinco segundos. Contem, para não baterem uns nos outros.

– *Ai, meu Deus* – disse Theo

– E você? – perguntou Alia.

– Ben tem uma mochila na cabine. Assim que saltarem, quero que estabilizem o corpo de barriga para baixo, depois acionem o paraquedas. Tentem se posicionar contra o vento e se preparem para dar um mergulho e rolar quando chegarem ao solo.

– Isso não está acontecendo – disse Nim, sacudindo o corpo para vestir as tiras do paraquedas.

– Está – respondeu Alia.

Diana ficou impressionada com o equilíbrio em sua voz.

– Ficaré tudo bem – acrescentou Alia.

– Mentirosa – resmungou Nim.

– Otimista – retrucou Alia.

Havia medo em seus olhos, mas ela conseguiu forçar um sorriso.

– Quando chegarem ao solo, não saiam do lugar – disse Jason. – As mochilas têm rastreadores.

Ele tocou de leve o ombro de Diana.

– Eu encontrarei você lá embaixo.

Um barulho estranho soou, e o jato deu uma estremecida.

– Que diabo foi isso? – perguntou Theo, puxando as tiras pelas pernas.

– Tem alguma coisa no jato – respondeu Diana, encarando o teto.

Eles ouviram um ruído metálico logo acima.

– Isso são passos...? – entou Alia.

A porta do jato foi aberta. Um estrondo ensurdecedor dominou a cabine. Todos se grudaram aos assentos. Todos, menos Jason.

Em uma fração de segundo, Diana sentiu a mochila ser arrancada de suas mãos. Viu os olhos de Jason se arregalarem.

– Não! – gritou ela.

Diana tentou alcançar Jason, mas era tarde demais. Ele foi erguido pela força do vácuo e tragado pelo céu espreitador.

Alia gritou. Theo e Nim berraram. Diana encarou o ponto onde Jason estava instantes antes.

Dois sujeitos de armadura negra entraram pelo buraco aberto na lateral do avião, com cabos presos às costas, e avançaram em direção ao grupo.

Diana arrancou o cinto de segurança e partiu para cima dos homens de armadura. Eles caíram para trás, perigosamente próximos à porta aberta. Ela sentiu uma pistola pressionada à lateral de seu corpo, e um dos soldados disparou a arma.

As balas rasgaram seu corpo, e ela gritou enquanto seus órgãos se rompiam. Por um instante o mundo enegreceu. Por cima dela, um soldado empurrou o cano da arma contra seu crânio. Diana não sabia ao certo a que era imune, nem pretendia descobrir.

Com um rugido, ela se desvencilhou e empurrou o homem com toda a força. Ele foi arremessado para cima, acertou o teto do jato e desabou.

Diana se levantou, agarrando a lateral do corpo, e seu sangue congelou. O outro homem saltou do avião levando Alia nos braços.

– Ah, não! – rosnou Diana.

Ela agarrou o laço da cintura, colocou o corpo ao metal rasgado da lateral da porta e lançou com toda a força a corda em direção ao soldado. O laço descreveu um arco cintilante, um chicote de fogo

dourado em meio ao azul do céu.

Alia e o soldado foram envoltos com firmeza pelo passante, e Diana recolheu a corda. O soldado se chocou na beirada da porta ao ser puxado de volta para o interior do avião. Eles tombaram para dentro, mas o homem estava com o corpo débil. Nim e Theo caíram por sobre os dois e puxaram a amiga, agarrada à corda e tentando se desvencilhar do soldado.

Diana deu uma sacudida no nó, que se soltou. Arquejante, ela se apoiou na parede do jato. Sentia o próprio corpo se curando – uma onda de arrepios frios na pele. A ferida na lateral de seu corpo havia se fechado, mas ela ainda cambaleava por conta da dor, da sensação molhada de sangue nos dedos. Pelo menos as balas não haviam causado danos.

Naquele instante, o som do alarme aumentou.

– Chegando – disse Ben pelo alto-falante, com a voz surpreendentemente calma.

O avião se inclinou com violência para a esquerda. Todos rolaram pelos assentos.

Um ribombo rasgou o ar tal e qual um trovão, fazendo o avião estremecer em meio a repetidos estrondos. O alarme e os motores pararam, e um estranho silêncio invadiu o lugar. Por um instante eles se viram em queda livre. Então um dos motores voltou a funcionar, e Ben os resgatou da queda.

– Crianças, está na hora de evacuar a aeronave de maneira ordenada – disse ele, pelo rádio. – Não aterrissarei esse passarinho.

Diana se pôs de joelhos, puxando Alia consigo.

– Vá.

– Você não tem paraquedas... – começou Alia.

Ben apareceu na entrada da cabine, com uma mochila nos ombros.

– Podemos ir juntos – disse Ben. – Eu a levo.

Algo soou acima deles. Passos avançando em direção à porta. Quem eram aqueles homens? Como estavam fazendo aquilo? Diana só sabia que estavam decididos a ver Alia morta.

– Só temos uma chance – disse Diana. – Eu os bloquearei enquanto vocês saem. Sem discussão. Ben, fique com os outros, atrás de mim.

Ben ergueu uma pistola.

– Com todo o respeito, madame, eu era da Força de Operações Especiais da Marinha. Não fugirei.

Uma torrente de soldados vestidos de preto adentrou pela porta.

– Agora! – gritou Diana.

Ben e ela foram ao ataque dos soldados. Ela ouviu um tiro, sentiu a ardência de uma bala lhe esfolando a coxa, entrou em luta física com um homem, depois com dois.

Os soldados eram fortes, mais bem equipados e treinados que os do museu. Talvez os inimigos de Alia tivessem percebido o que estavam enfrentando.

A dor na lateral do corpo de Diana limitava a rapidez de seus movimentos, mas só o que importava era a proteção de Alia e dos outros. Ela se permitiu uma olhadela ligeira para a porta e viu Nim saltar com um berro e desaparecer. Theo já devia ter saltado. Alia olhou Diana e levou a mão ao coração. *Irmã na batalha*. Fechou os olhos com força e saltou.

Diana grunhiu, agarrou um pulso largo, sentiu ossos se quebrando, chutou com força. O soldado urrou e desabou, mas já havia outro atrás dela, agarrando-lhe os braços.

Horrorizada, Diana viu Ben caído sobre a banqueta, os olhos vazios e embotados, o peito todo baleado. Aparentemente, a coragem não era capaz de desviar as balas.

Agora havia dois soldados atrás dela, agarrando seus pulsos. Um deles meteu a mão na ferida ainda tenra na lateral de seu corpo. A dor explodiu, roubando o ar de Diana, e ela gritou.

– Ouvi falar de você – disse um dos soldados por detrás do capacete preto, empurrando uma faca na direção dela. – Ouvi dizer que você aguenta levar bala. Veremos o que acontece se eu arrancar o seu coração do peito.

Pelo canto do olho Diana detectou um movimento, mas sua mente se recusou a acreditar no que estava vendo. Havia alguém agarrado à asa do avião.

Jason estava agarrado à asa do avião.

Impossível. Nenhum mortal tinha esse tipo de força. Enquanto ela olhava, porém, ele se arrastou pela lateral e adentrou outra vez o jato.

Jason acertou uma pancada violenta no homem de capacete, fazendo-o soltar a faca, e com um gesto ágil lhe agarrou o pescoço.

Não pode ser.

Os soldados ergueram as armas e apontaram para Jason. Diana agarrou os dois e arremessou com força nas paredes do jato. Por um instante, Jason e ela se encararam, a aeronave sacolejando enquanto mergulhava em direção ao solo.

– Você mentiu para mim! – gritou ela por sobre o rugido do vento.

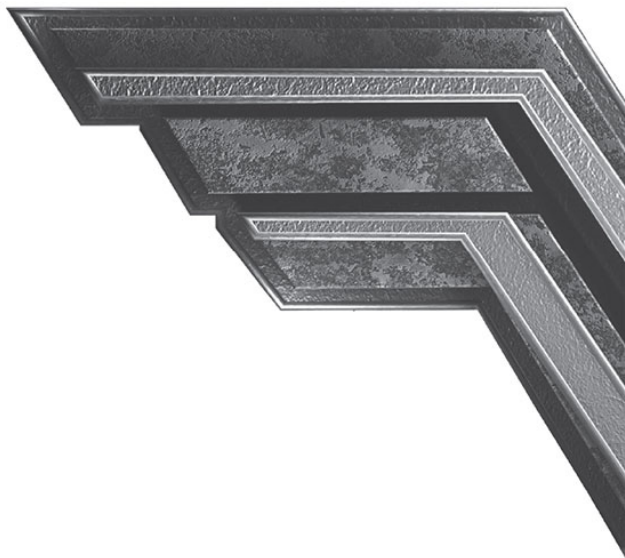
Jason se abaixou, arrancou o paraquedas das costas de Ben e o prendeu aos próprios ombros.

– Não mais do que você para mim – respondeu ele, oferecendo a mão a ela. – Vale a pena morrermos por isso?

Diana tomou a mão de Jason. Ele a puxou mais para perto.

– Segure firme – falou.

Então o céu os abraçou.



CAPÍTULO 18

O terror da queda atingiu Alia feito uma onda. O mundo ia ao seu encontro. Seu cérebro tentava se lembrar de tudo sobre paraquedismo que aprendera na festa de Jason, mas seu cérebro só lhe informava a lista dos ossos do corpo humano.

Todos os ossos que ela estava prestes a quebrar.

Os detalhes da terra ficaram mais nítidos: verde, cinza e marrom, saliências e sombras, aglomerados de árvores. Ela apalpou os fechos e pedaços de metal sobre os ombros.

Sentia o corpo pesado, desajeitado; parecia impossível se manter na posição que Jason descrevera. Jason. Ela o vira ser tragado pelo vento, puxado do jato. Tudo acontecera tão rápido. Seu peito foi invadido por um forte desespero, misturado com medo, aflição e descrença.

O vento e as batidas de seu coração lhe preenchiam os ouvidos. Toda aquela difícil conversa sobre Diana ter que matá-la em prol da paz, e seu único pensamento era: *Eu não quero morrer*. Alia agarrou os batoques na cintura e puxou com força. Um zumbido. Tinha puxado a corda errada. Por um instante teve certeza de que havia cometido um erro crasso. Então seu corpo foi alavancado para cima com um tranco. Ela deixou escapar dos lábios um som abafado, entre soluço e ganido, enquanto o arnês se cravou em suas coxas e sua velocidade diminuiu. Ela estava certa de que seus ombros e pélvis haviam ficado em algum

outro lugar.

Ela se forçou a observar o terreno. Sabia que precisaria tentar achar um local plano e sem árvores e rumar contra o vento. Puxou delicadamente os batoques, para testar. Sua mente registrou celeiros, casas, plantações. Ela precisava de um campo, um lugar plano. Puxou de leve o batoque esquerdo, depois o direito, tentando controlar a velocidade da descida.

Em um momento ela deslizava por sobre um rio cintilante. No instante seguinte, viu o solo perto demais, passando a toda por sob seu corpo. Ergueu os pés, aterrissou no chão com um baque doloroso e deu uma cambalhota para a frente, incapaz de controlar o impulso. Sentiu o tornozelo virar e as pedras arranharem suas costas e a lateral de seu corpo. Dobrou os joelhos e rolou. O velame foi agarrado pelo vento, arrastando-a. Ela deu uma derrapada e finalmente parou.

Ficou deitada de lado tentando recuperar o fôlego, tentando acompanhar racionalmente a adrenalina que corria por seu corpo. Golpeou os ferrolhos e as tiras do arnês e se soltou. Seu tornozelo esquerdo latejava. Ela só esperava que não estivesse quebrado. Forçou-se a se sentar, mas seu corpo inteiro parecia gelatina.

Ela ouviu um zumbido estridente. Olhou o céu e avistou um rastro de fumaça. O jato descia em espiral. Ele desapareceu atrás de um aclave, e Alia ouviu uma explosão alta que fez a terra estremecer. Ao ver a fumaça negra brotar no horizonte, um grito lhe subiu à garganta.

Ela detectou o movimento de uma silhueta no céu e a curva translúcida de um paraquedas logo em seguida. Seria Diana? Ben? Um dos agressores?

Alia lutou para se levantar. Jason dissera que as mochilas tinham rastreadores. *Jason*.

– Alia!

Era a voz de Nim. Alia jamais ouvira som mais bonito. Nim cambaleava em sua direção, tentando ficar ereta. As duas percorreram trôpegas o restante da distância que as separava e Alia envolveu Nim em um abraço, desejando mantê-la a seu lado e a salvo para sempre.

– Você viu onde o Theo aterrissou? – perguntou Alia.

– Não – respondeu Nim. – Foi tudo tão rápido.

Alia sentiu o pânico subindo para sufocá-la.

– Vamos até o topo da colina – disse ela. – Talvez a gente consiga ver melhor de lá.

Alia se apoiou em Nim, e as duas avançaram mancando o mais

rápido que suas pernas permitiram. Ao olhar para oeste, distinguiu uma faixa de mar azul-safira. A leste, viu apenas terrenos.

– Olha! – disse Alia, apontando para onde um paraquedas navegava rumo à terra, próximo ao que talvez fosse um campo de grãos.

Só podia ser Diana. *Só podia ser.* As duas desceram cambaleantes pelo outro lado da colina. Alia mancava de leve e tentava afastar a dor no tornozelo. Era fim de tarde, mas o sol estava forte.

Alia queria desmoronar ali mesmo, cobrir a cabeça com as mãos e simplesmente gritar. Não conseguia parar de ver o rosto de Jason desaparecendo pela porta do jato. *Vá em frente*, ela disse a si mesma. *Apenas continue.*

Elas contornaram uma cerca viva bem alta, e ela pensou ouvir vozes.

Nim levantou a cabeça com um tranco.

– Isso parece...

– Não pode ser – disse Alia.

Ela, porém, reconheceria a voz do irmão em qualquer lugar. Sobre tudo irritado.

– Eu não devo nenhuma explicação a você – vociferou Jason. – Você vem mentindo e se esquivando das minhas perguntas desde que a gente se conheceu!

– Nenhum homem comum poderia fazer o que você fez – retrucou Diana.

Alia viu Diana andando de um lado para outro num campo cheio de papoulas, e Jason sentado no chão, tentando se desvencilhar de uma confusão de cordas de paraquedas. Ele estava vivo. Estava bem. Ela não queria saber como ou por quê, mas ele estava vivo.

– Me ajude a tirar isso – disse ele a Diana.

– Tire sozinho – retrucou Diana.

Alia trocou olhares com Nim.

– Estamos interrompendo algo? – perguntou ela.

– Alia! – gritaram Jason e Diana ao mesmo tempo.

Diana correu na direção de Alia, tomou-a nos braços e deu um rodópio, como se ela fosse uma criancinha.

– Você conseguiu!

Ela colocou um braço nos ombros de Nim e puxou as duas num abraço.

– Vocês conseguiram.

Jason soltou uma bufada de frustração.

– Será que alguém por gentileza pode me ajudar a tirar essa porcaria para eu poder abraçar a minha irmã?

Alia cambaleou até ele, com lágrimas nos olhos.

– Eu ajudo você, seu rabugento.

Jason puxou a irmã para baixo e a abraçou com força.

– Achei que tivesse perdido você.

– Eu também.

– Você está sujando a minha camiseta de meleca?

– Devo estar – respondeu ela, mas não soltou. – Como você chegou até aqui?

– É uma longa história – respondeu ele, com um suspiro. – Contarei tudo a vocês, mas a gente precisa ir. Seja lá quem nos tenha atacado deve ter mandado gente por solo atrás de nós.

– Ben conseguiu sair do avião antes da queda? – perguntou Nim.

– Não – respondeu Jason, balançando a cabeça.

– Ele morreu bravamente – disse Diana.

– Mas morreu mesmo assim – retrucou Alia.

Mais uma morte em sua consciência, e mais um motivo para chegar à nascente. Depois de alguns minutos remexendo nas cordas, eles conseguiram soltar Jason. Diana estava agora de braços cruzados e maxilar rígido. Jason puxou um velcro de uma das tiras da mochila do paraquedas, revelando uma espécie de tela. Correu os dedos por ela, inserindo um código, e um agrupamento de pontos verdes surgiu ao lado de uma bússola eletrônica.

– A gente está aqui – disse Jason, aproximando a imagem com as pontas dos dedos.

Outro ponto verde apareceu a sudeste.

– E esse é o Theo – disse Alia.

– Ou pelo menos o paraquedas do Theo.

– Não diga isso – retrucou ela, dando um soco no braço do irmão.

Eles seguiram a sinalização e avançaram pelo campo de papoulas até um bosque de oliveiras, atravessando fileiras e fileiras de árvores retorcidas. À luz do fim da tarde, as folhas verde-acinzentadas assumiam um tom prateado, como se as copas das árvores fossem espuma marinha.

– Ai, meu Deus – disse Nim, parando bruscamente.

Ao seguir seu olhar aterrorizado, Alia viu o corpo inerte de Theo dependurado nos galhos de uma oliveira, feito uma marionete com as

cordas frouxas.

– Não – disse Alia. – Não!

Ela tinha feito aquilo. Era o mesmo que ter quebrado o pescoço dele com as próprias mãos.

Então um dos sapatos pontudos de Theo se mexeu, depois o joelho e a coxa. Alia agarrou o braço de Nim, tomada de alívio.

– Ele está vivo! – disse ela, em um arquejo feliz.

– Eu devia ter imaginado que não conseguiria me livrar dele tão fácil – disse Nim, porém sorrindo.

Diana espiou a figura de Theo. Ele estava se mexendo e se revirando, tentando em vão se soltar.

– O que ele está fazendo?

Jason soltou um suspiro.

– Dançando lambada?

– Talvez kuduro? – perguntou Alia, a cabeça inclinada para o lado.

Diana franziu o cenho.

– É assim que o seu povo comemora quando trapaceia a morte?

– O que exatamente você está fazendo, Theo? – perguntou Alia.

– Alia? – chamou ele. – Pessoal? Me tirem daqui!

Theo pedalava no ar, inutilmente. Estava a poucos centímetros do chão, mas eram poucos centímetros cruciais.

– Parece um enfeite esquisito de Natal – disse Nim. – E, caramba, quem falou para ele que essa calça era uma boa ideia?

Alia, pessoalmente, achava a calça ótima. Era errado apreciar o belo bumbum de alguém um segundo depois de achar que a pessoa estava morta?

Diana levou uns instantes para escalar a árvore e libertar Theo. Ele desabou no chão e encarou o grupo, caído na terra.

– Será que dá para a gente nunca, nunca mais repetir isso?

– Tentaremos – respondeu Jason, oferecendo a mão ao amigo.

Jason puxou Theo e deu um rápido abraço nele, com tapinhas nas costas. Alia queria encher a cara ridícula de Theo de beijos, mas teria que derrubar mais uns aviões antes de ter essa coragem.

– Como foi que eles nos encontraram? – perguntou Nim. – Como sabiam que a gente estava indo para a Grécia?

– Eu não sei – respondeu Jason. – É possível que tenham rastreado o jato via satélite. Talvez estivessem só esperando para ver onde pretendíamos aterrissar, e assim que adentramos o raio...

– Eles atiraram – concluiu Theo.

– Eles vão ver onde o jato caiu – disse Diana. – Precisamos fugir. Se já não souberem que escapamos da queda, saberão em breve.

– Mas onde é que estamos? – perguntou Nim. – E para onde vamos?

Theo puxou o telefone.

– Não! – disse Alia, arrancando o aparelho das mãos de Theo com um tapa e jogando-o longe no chão.

– Ei!

– Talvez tenha sido por isso que eles conseguiram nos encontrar – disse Nim.

Theo parecia quase ofendido.

– Vocês acham mesmo que eu deixo alguém me rastrear por esse troço? Se alguém procurar Theo Santos, achará que estou pegando um bronze na Praia do Toque. O que, honestamente, eu preferia estar fazendo.

– Pode ter certeza de que eu também preferia que você estivesse lá – retrucou Nim.

– Alguém mais tem um celular? – perguntou Jason.

Nim balançou a cabeça.

– O meu estava na bolsa da festa.

– Eu nunca cheguei a pegar um novo – respondeu Alia. – E a Diana não tem um.

Theo levou a mão ao peito.

– Não... não tem celular? Como você consegue sobreviver sem um celular?

Diana lançou a Theo um olhar altivo, que pareceu extraído do livro de estratégias de Nim.

– Fácil! Eu não caio de paraquedas em galhos de oliveira.

– Ui! – disse Nim com um sorriso. – Alguém levou um fora.

– Shhhh – disse Theo para Nim.

– Só deixe o celular de lado por enquanto – pediu Jason.

– Beleza – retorquiu Theo. – Mas, para um cara que saca tanto de biologia, você não manja nada de tecnologia. O aparelho é literalmente impossível de rastrear.

Por fim, Diana conduziu o grupo rumo a sudeste, com o sol poente em seu encaixo. Durante horas eles cruzaram fazendas e bosques de oliveiras, andando com dificuldade, perdidos nos próprios pensamentos. Tiveram a preocupação de se afastar das estradas e cortaram um largo perímetro enquanto margeavam fazendas e casas,

com Theo na dianteira e Nim na retaguarda, já que os dois pareciam incapazes de parar de trocar insultos, apesar do perigo. Alia ainda os flagrou trocando olhares irritados.

De vez em quando Diana ou Jason corriam adiante para inspecionar a rota. Já era quase noite quando Diana retornou para dizer que eles estavam margeando uma área chamada Thines.

– Vocês acham que nos afastamos o bastante? – perguntou Alia.

Ela se recusava a reclamar, mas seus pés doíam e seu corpo inteiro estava tomado de fadiga. Embora os tornozelos ainda obedecessem, ela estava desesperada para descansar o peso do corpo por um tempo.

– Mesmo que não tenhamos nos afastado, está ficando muito escuro para enxergar – respondeu Jason. – Precisamos encontrar um lugar para passar a noite.

– Não acho que a gente deva arriscar procurar alojamento – disse Diana. – Eu vi o que parece ser uma construção abandonada não muito longe daqui.

– Como você pode não estar cansada? – perguntou Nim, irritada.

Alia sorriu. Já estava quase acostumada à reserva ilimitada de energia de Diana.

– É irritante, não é?

O grupo seguiu Diana por mais um 1,5 quilômetro de pomares e pelo leito de um rio seco, depois cruzaram outro bosque de oliveiras. Para além das árvores, Alia via janelas iluminadas ou a silhueta de um prédio. Em dado momento eles passaram tão perto de uma casa que ela viu uma televisão pela janela, um brilho azulado na sala de estar. Sentia-se olhando um portal para outro planeta. Como algo tão corriqueiro podia estar acontecendo enquanto eles corriam para salvar suas vidas? Ela se alegrou quando eles deixaram o bosque e começaram a subir uma colina baixa, cruzando um emaranhado de árvores densas e pequenos arbustos que forneciam bastante proteção.

Por fim, chegaram a uma construção que parecia ter sido uma capela, porém havia muito abandonada. De tão entranhada num bosque de ciprestes e mato morto, eles quase passaram direto. Esperavam que os homens que os perseguiram rumassem direto para as fazendas vizinhas e nem sequer pensassem em procurar por ali.

Alia bateu a parede perto da porta e encontrou um pequeno lampião pendurado num gancho enferrujado.

– Ainda tem óleo – disse ela.

Mais alguns minutos bateando e eles encontraram fósforos de

segurança em uma latinha enfiada num nicho na parede.

– Mantenha a chama baixa – disse Jason.

Alia acendeu o lampião e girou a chavinha de bronze para o nível mais baixo. À luz fraca, eles viram as paredes caiadas subindo até o teto em domo azul esmaltado e um chão de terra batida. Havia equipamentos agrícolas enferrujados e bancos de igreja empilhados ao acaso no pórtico, mas ainda sobrava muito espaço.

– Podemos passar a noite aqui – disse Jason.

– Estamos bem longe das casas? – perguntou Diana.

– Acho que sim.

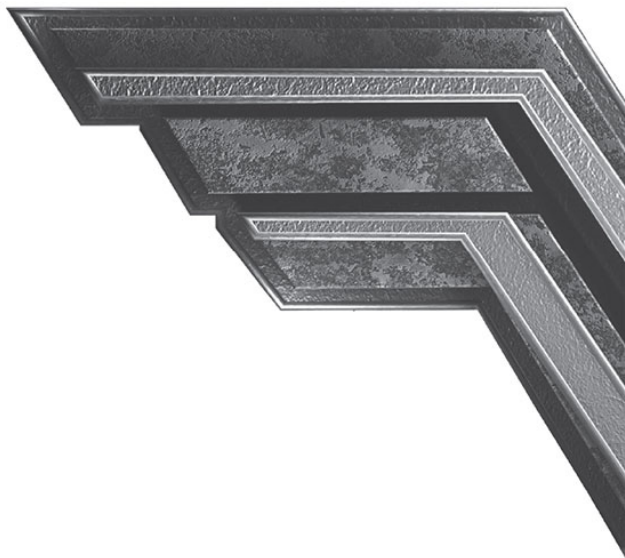
– E vamos parar por hoje?

– Vamos.

– Que bom – disse ela.

Em um movimento só, ela soltou o laço da cintura e o passou pelos ombros de Jason.

– Então quem exatamente é você, Jason Keralis?



CAPÍTULO 19

Diana apertou o laço com força, e por um instante as fibras da corda cintilaram à luz fraca da igreja. Jason se debatia. Apesar do que ela vira no jato, a realidade da força dele ainda era um choque.

– Diana! – gritou Alia.

– Ai, caramba – disse Theo.

– *De que é feito esse treco?* – perguntou Nim.

Diana ignorou os três.

– Quem é você? – inquiriu ela. – O que você é?

– Eu sou exatamente quem digo que sou – respondeu Jason, entre dentes.

– Como você conseguiu se agarrar à asa do jato àquela velocidade? Como conseguiu aguentar? O que você é, Jason Keralis?

Jason soltou um rosnado irritado, flexionando os músculos, retesando os tendões do pescoço. Mas não era páreo para o poder do laço.

– O que está acontecendo com ele? – perguntou Theo, com a voz frenética. – O que você está fazendo?

– Ele está bem – respondeu Diana, embora não tivesse plena certeza. – O laço extrai a verdade.

Jason fez uma careta.

– Sou descendente de Helena e Menelau, exatamente como a Alia.

Isso era óbvio, mas não justificava suas habilidades.

– Outra Semente da Guerra?

– Algo... mais.

As palavras saíam de sua boca como se arrancadas.

– Eu carrego o sangue dos heróis. O sangue de Menelau e dos reis de Esparta antes dele. Minha mãe e meu pai me ajudaram a guardar segredo sobre a minha força.

– Por que você não contou para a gente? – perguntou Alia.

Diana percebia a preocupação que ela tinha com o irmão, mas a mágoa em sua voz também era evidente.

– A mãe e o pai não queriam que ninguém soubesse – respondeu Jason. – Era perigoso para todos nós.

– Você fingiu quando a gente lutou no hotel – disse Diana, ao se dar conta.

– Eu passei a vida inteira fingindo – vociferou Jason. – Agora tire essa coisa de mim.

– Solte meu irmão – pediu Alia. – Isso não está certo.

Diana estreitou os olhos, mas afrouxou o laço.

Jason puxou a corda pela cabeça e atirou-a longe, feito uma cobra.

– Que diabo é isso?

– Uma necessidade no mundo dos homens – respondeu Diana, puxando de volta o laço. – Você passou esse tempo todo mentindo. Para todos nós.

– E você foi sincera? – retrucou ele, apontando um dedo acusador para ela. – Você veio do nada. Desviou de balas como se fossem folhas de papel. Consegui espantar os meus melhores seguranças.

– Eu não fiz esforço nenhum para ocultar os meus dons – argumentou Diana. – Os segredos que eu protejo não pertencem apenas a mim.

– Você acha que isso te absolve? – Jason soltou uma bufada de repulsa e avançou até a porta da capela. Olhou para trás. – Se quer tanto a verdade, talvez deva pensar em oferecer algo em troca.

Alia fez menção de ir atrás, mas Theo pôs a mão em seu ombro.

– Dê a ele um minutinho. Se tem uma coisa que o Jason odeia é se sentir fora de controle.

– Você não devia ter feito isso – disse Alia a Diana. – Não devia ter usado esse treco nele.

Diana enrolou a corda na cintura, aproveitando para refrear um pouco a raiva. Alia tinha razão. Talvez Jason também tivesse. Mesmo assim, ele era um hipócrita. Todo aquele tempo atormentando-a atrás

de informações, mas guardando segredo sobre a própria força.

– Bom – disse Theo, em meio ao silêncio. – Acho que agora sei por que ele sempre acabava comigo no basquete.

Alia disparou uma olhadela descrente.

– Eu já vi você jogar basquete, Theo – comentou Nim. – Não arranje desculpas. Você que é ruim.

– Ei, eu sou bom! – retorquiu ele.

– E eu sou a rainha da Holanda – retrucou ela, com um assobio, olhando para onde Jason havia ido. – Só que faz sentido. Alia, o Jason já ficou doente algum dia na vida?

Alia balançou de leve a cabeça.

– Não. Nunca faltou à escola. Nunca tirou um dia de folga no trabalho. Eu achava que era só... Sei lá, Jason sendo Jason. Como se uma gripe não ousasse se aproximar dele.

– Além do mais, ele tem cheiro de pinha – disse Nim.

– Oi? – retorquiu Alia, encarando a amiga.

Nim corou e deu de ombros.

– Por que você acha que eu gostava tanto das camisetas sujas dele? Jason tem um cheiro sexy de mata.

Jason *de fato* tinha um aroma agradável. Entretanto, Diana não pretendia entrar nesse debate.

– Você é nojenta – disse Alia, simulando ânsia de vômito.

– Sou honesta – retrucou Nim, com uma fungada.

Agora já havia escurecido quase por completo. Diana suspirou.

– Seria melhor se o Jason não se afastasse muito.

– Eu vou lá falar com ele – disse Theo.

– Ótima ideia – falou Nim. – Talvez no caminho você encontre uma vala onde se jogar.

Alia puxou o rastreador do paraquedas do bolso.

– Aqui – disse ela, entregando-a a Theo. – Dá para usar a tela como lanterna.

– Queria poder usar como sanduíche. Da próxima vez que a gente for pular de um avião, me lembrem de levar um saco de pretzels.

Alia apontou para o bosque.

– Tem azeitonas. Muitas azeitonas.

– Talvez a gente possa cozinhar a Nim num espeto – resmungou ele, rumo à porta.

– Eu ficaria deliciosa – retrucou Nim, correndo a mão pelos cabelos pretos.

Diana considerou oferecer ir atrás de Jason no lugar de Theo, mas sabia que não estava pronta para pedir desculpas, e duvidava que ele estivesse pronto para ouvir. Além disso, alguém precisava ficar com Alia.

Havia, porém, um pedido de desculpas que ela podia fazer com sinceridade.

– Me desculpe por perder a calma – falou, baixinho.

Alia emitiu um longo suspiro.

– Também estou com raiva dele. Mas estou tão feliz por ele estar vivo que estou tendo dificuldade em ficar brava.

Talvez em parte fosse esse o ressentimento de Diana: aquele terrível instante em que vira Jason desaparecer e acreditara tê-lo perdido para sempre. Ela pensou nos soldados que eles haviam deixado para trás no jatinho, em Gemma Rutledge, alguém que jamais conhecera, uma garota loura numa festa, caída morta ao lado de Nim. Pensou no peito de Ben cravejado de balas. Nunca alguém que ela conhecera tinha morrido. Ela mal conhecia Ben, mas sentia o peso de sua perda, toda a coragem e o bom humor que haviam partido para sempre. Jason tinha razão. A morte ali era fácil demais de acontecer.

Elas se acomodaram no chão de terra fria e batida. Enfim Theo retornou com a notícia de que Jason pegaria o primeiro turno de vigia.

– Que fique lá emburrado – disse ele, dando de ombros, se enroscando perto de Nim e Alia.

Diana não se sentia pronta para confiar em Theo. Tão logo os outros caíram no sono, ela saiu de fininho da capela e foi cruzando em silêncio as árvores e os arbustos até avistar a silhueta de Jason no escuro. Estava de costas, a cabeça inclinada na direção das estrelas. Parecia esculpido em pedra, feito a estátua de um herói. Ou talvez fosse apenas um rapaz solitário olhando o céu. Como teria sido para ele esconder a verdade sobre si mesmo até de seu melhor amigo, de sua irmã?

Diana não perguntou. Em silêncio, deu meia-volta e retornou à capela. Deitou-se ao lado de Alia e se permitiu cair num sono profundo, sem sonhos.

Jason acordou pouco depois da meia-noite, sem dizer nada. Em silêncio, Diana foi assumir o turno de vigia, e ele se deitou no chão da capela.

As horas passaram lentamente, acompanhadas por nada além de seus pensamentos e o incessante murmúrio das cigarras. Por fim o céu começou a clarear e a luz cinzenta da alvorada invadiu o bosque abaixo. Diana retornou à capela, ávida por dar início à jornada do dia. Empurrou a porta surrada e viu Alia dormindo tranquilamente. Jason estava deitado de costas, a testa franzida, como se até em sonho expressasse desaprovação.

E Nim, aninhada por cima de Theo, com as mãos cravadas na sua garganta. Theo se agarrava aos braços dela, o rosto vermelho.

– Nim! – gritou ela.

A garota girou a cabeça, mas o que encarou Diana não era Nim. Tinha os olhos ocos, os cabelos eram uma crina de noite negra apinhada de estrelas, e de suas costas brotavam asas pretas de abutre. A imagem tremeluziu e desapareceu.

Diana avançou na direção de Nim, afastando-a de Theo e rolando com ela pelo chão da capela.

– O que está acontecendo? – disse Jason, despertando ao mesmo tempo que Alia.

Theo, porém, já se levantava, tossindo e arquejando. Solto um rugido e disparou até Diana e Nim.

Num piscar de olhos, Jason se levantou e agarrou Theo pelos braços.

– Pare! – ordenou ele. – Pare com isso!

– Eu mato essa... – retrucou Theo, debatendo-se nos braços do amigo.

– Você devia ter morrido no acidente! – sibilou Nim, enquanto Diana tentava contê-la sem machucar. – Não devia nem estar aqui! É um inútil, como o seu pai sempre diz!

– Sua filha da... – rosnou Theo.

Jason agarrou o maxilar de Theo e o fechou com força, silenciando o amigo.

– Cale essa boca, Theo.

Diana ergueu Nim e a pendurou no ombro, ouvindo a diminuta garota soltar uma bufada de frustração e perder o fôlego. Pelo menos não conseguia mais gritar insultos. Nim, porém, não parou de rosnar e lutar até as duas estarem num bosque de ciprestes, a muitas centenas de metros de distância.

Diana jogou a garota na grama revolta.

– Nim – disse Alia, alcançando as duas. – Que diabo foi aquilo?

– Eu... – respondeu Nim, em um arquejo. – Eu...

Um olhar de horror surgiu em seu rosto. Seus ombros desabaram, e ela irrompeu em lágrimas.

– Eu queria matá-lo. Eu *tentei* matá-lo.

Alia encarou Diana.

– Está piorando, não está?

Diana assentiu. Talvez o terror dos últimos dias tivesse deixado Theo e Nim mais suscetíveis ao poder de Alia, ou talvez fosse simplesmente a chegada da lua nova. Uma coisa era certa: o tempo deles estava se esgotando.

– A gente precisa encontrar um jeito de manter os dois separados – disse Alia.

– Vocês não me deixarão aqui – retrucou Nim, enxugando as lágrimas dos olhos.

Alia ofereceu a mão à amiga.

– Eu não estava sugerindo isso. Mas a gente tem que fazer alguma coisa, antes que vocês acabem se matando.

– A gente só terá que tentar afastar os dois o máximo possível – disse Diana.

– Ficar perto de você ajuda – disse Nim.

Alia ergueu as sobrancelhas.

– Está dizendo isso porque quer ser carregada feito um saco de farinha por uma garota bonita?

– Estou falando sério – retrucou Nim, com as mãos na cintura. – Assim que ela me separou do Theo, eu senti a mente começar a clarear. Só precisei de um pouquinho mais de tempo para me recompor.

– Lembra que você melhorava quando estava perto de mim, na ilha? – perguntou Diana.

– Sim – disse Alia. – Mesmo assim, precisamos vigiá-los. Eu não serei responsável pelos meus amigos se matarem...

Diana visualizou um lampejo de movimento vindo do bosque de oliveiras.

– Silêncio – sussurrou ela.

Silhuetas escuras e armadas avançavam pelas árvores. Ainda estavam bem longe, de modo que Diana quase não as conseguiu distinguir, mas vinham se aproximando. Ela sussurrou uma prece de agradecimento por não terem ouvido a conversa com Alia e Nim. Precisava ser mais cautelosa. Todos precisavam.

Diana acenou para que as duas a acompanhassem, e as três voltaram para a capela no maior silêncio possível.

– Tem certeza que estão atrás da gente? – murmurou Nim.

– Bem – sussurrou Alia –, não acho que estejam usando as armas para derrubar as azeitonas das árvores.

Theo e Jason estavam sentados perto da entrada. Theo foi estreitando os olhos à medida que elas se aproximaram, mas Diana colocou a mão em seu ombro e um pouco da tensão no corpo do rapaz pareceu se dissolver.

– Tem uns homens armados se aproximando da capela – disse ela.

– Mas que droga – retrucou Jason, levantando-se. – Precisamos sair daqui.

– A gente precisa de um carro – disse Alia.

Jason balançou a cabeça.

– E se as estradas estiverem sendo vigiadas?

– Ele tem razão – disse Diana. – Podem até ter bloqueado as estradas. Seria melhor se continuássemos a pé até nos afastarmos mais do local do acidente.

Eles fizeram o possível para esconder os indícios de que haviam passado a noite na capela e dispararam pela encosta sul da colina, avançando por campinas pouco protegidas, pomares de onde colheram o café da manhã e um pasto coberto de pequenos arbustos, onde foram recebidos pelos balidos de um bode magricelo e furioso. Num quintalzinho encontraram um varal com roupas úmidas, e Nim e Theo trocaram a blusa dos Laboratórios Keralis por uma camiseta de linho e uma camisa azul-clara.

Na noite anterior eles haviam rumado para o leste, mas agora retornavam em direção à costa, onde poderiam se misturar a campistas e disfarçar as vestimentas tão estranhas. Em dado ponto eles cruzaram uma cadeia de cumes baixos, e Diana viu as águas claras do mar Jônico. O azul se assemelhava um pouco mais ao mar de sua casa que o cinzento e sombrio Atlântico, mas ainda nem se comparava à costa de Temiscira. Ela estava mais perto de casa do que nunca desde que adentrara o mundo dos homens, e mesmo assim jamais se sentira tão distante.

Assim que avistaram a água, Diana se surpreendeu ao ouvir a voz de Nim.

– Desculpe por hoje de manhã, Theo.

Ele mantinha os olhos fixos no mar.

– Desculpe por ter xingado você. Você não é feia nem gorda.

Nim o encarou.

– Eu sou gorda, Theo. E muito mais gostosa que você, com essa sua bunda magra.

– Minha bunda é incrível, e você sabe disso! – retrucou Theo, com um sorriso.

Era impossível não respeitar a disposição dos dois em deixar a raiva de lado.

Eles seguiram em frente, mantendo a maior distância possível de Theo e Nim sem perdê-los de vista. A situação era ótima para Diana, pois assim Jason e ela também tinham que manter distância. Um não dissera uma palavra ao outro desde a noite anterior, e Diana se dividia entre sentir que aquilo era o melhor para todos e ensaiar uma resposta na cabeça.

Ela apressou o passo para alcançar Theo. Ele havia tirado a camiseta nova e amarrado na cabeça, revelando sardas nos ombros morenos e estreitos.

– Theo? – começou ela.

– Oi?

– Hoje de manhã, quando a Nim estava...

– Tentando me matar?

– Isso. Você viu... alguma coisa estranha?

– Tipo uma besta hedionda alada do inferno?

Diana não sabia se sentia alívio ou aflição.

– Exatamente.

– Sim, eu vi – respondeu Theo, com um arrepio apesar do calor do sol. – Quando eu a encarei, os olhos dela eram... antigos, e eu senti...

– O quê? – inquireu Diana.

– Ela estava feliz. Não, estava *sentindo prazer*.

Ele estremeceu, como se tentasse repelir a lembrança.

– Tinha asas, olhos negros, e o que mais?

– Um cabelo louco... na verdade não era cabelo coisa nenhuma, era como olhar a escuridão... E ela tinha a boca toda manchada de dourado.

Diana não havia notado o dourado nos lábios. Seu estômago revirou.

– Dourado do pomo da discórdia. Aquela era Éris, a deusa da discórdia.

– Uma *deusa*?

Diana assentiu, com o estômago contraído por conta da possibilidade. Ela fora criada para idolatrar os deuses da ilha, dispensar os devidos sacrifícios, entoar as rezas apropriadas. Sabia que podiam ser generosos em suas dádivas e terríveis em seus julgamentos. Mas jamais *vira* um deus, e também sabia que eles não tinham o hábito de se revelar para os mortais.

– Ela é uma divindade do campo de batalha. Incita a discórdia e se alimenta da desgraça que cria.

Theo estremeceu outra vez.

– Parecia que tinha um coral na minha cabeça, me instigando. Me fazendo odiar a Nim. Eu a mataria se tivesse a chance. Não estava só furioso... me sentia *no direito de matá-la* – explicou ele, piscando. – E eu faço amor, não faço guerra!

– Há outros – disse Diana. – As Algea, cheias de dores. Ate, que traz a ruína. Limos, o soldado ossudo da fome. Os deuses irmãos, Fobos e Deimos.

– Medo e Terror – disse Jason, juntando-se a eles. – E as Queres.

– O que fazem, exatamente?

– Comem os corpos dos guerreiros que morrem.

– Talvez seja melhor a gente não parar para lanchar – respondeu Theo, se encolhendo.

– Será possível que o poder da Alia os esteja atraindo? – perguntou Jason.

– Eu não sei mais o que é possível – admitiu Diana.

Era um pensamento aterrador.

Ela avançou para investigar o terreno mais adiante. Precisava pensar, e queria se afastar por um instante dos mortais, de seus conflitos, desejos e vontades.

Partes da paisagem a faziam recordar Temiscira, mas não havia como confundir sua ilha com lugar nenhum do mundo dos homens. Ela ouvia o ruído dos carros a distância, farejava o combustível no ar, escutava os chiados e estalidos das linhas telefônicas. Ao transpor tudo aquilo, na pulsação e no fluxo de seu sangue, ainda sentia a dor e a preocupação de suas irmãs na ilha. Odiava seu sofrimento, do qual ela própria era causadora, mas não podia negar que se sentia grata pela conexão, pela lembrança de quem e do que era.

Teriam mesmo visto Éris? As divindades da batalha eram as criaturas que lhe dominaram os primeiros pesadelos. Eram os inimigos da paz, mais aterrorizantes que os monstros comuns; seu poder não

residia em dentes pontudos ou numa força terrível, mas na habilidade de induzir os soldados às piores atrocidades, de abafar a empatia e a misericórdia dos guerreiros sob o terror e torná-los capazes de coisas jamais imaginadas. E se Jason tivesse razão? E se eles estivessem vindo para o mundo mortal, atraídos pela possibilidade de guerra?

Enquanto o dia passava, o calor aumentava e o ritmo do grupo diminuía. Ao final da manhã, Diana percebeu que Alia cambaleava e Nim tinha os olhos embotados de cansaço. Ela recuou para falar com Jason.

– A gente não pode continuar desse jeito. Teremos que arrumar um carro e assumir o risco de encontrar bloqueios nas estradas.

– Apoiado – disse Nim, olhando para trás. – Ou então vocês terão que me deixar no acostamento da estrada.

– Bom... – começou Theo.

Alia atirou uma azeitona nele.

– Não poderemos ficar longe das estradas para sempre – disse Diana. – Eles vão continuar ampliando o perímetro das buscas. Sem contar que não temos condição de cruzar o monte Taígeto a pé, não antes da lua nova.

– Dá para cruzar por outro caminho? – perguntou Theo.

Alia balançou a cabeça.

– Só se voltarmos para o norte. Terapne é cercada por montanhas a leste e oeste. Em parte por isso era tão fácil defender Esparta.

Diana escancarou um sorriso, surpresa, e Jason encarou Alia de um jeito especulativo.

– Como é que você sabe tanto a respeito disso?

– Eu li bastante no avião. Queria saber mais sobre Helena e de onde ela veio.

Ela enxugou o suor da testa e deu uma olhadela para Diana.

– Você percebe que está sugerindo que roubemos um carro?

– Estou sugerindo que peguemos um carro *emprestado* – corrigiu Diana. – Deve haver uma forma de compensar o dono.

Theo meteu a mão no bolso de trás da calça e puxou a carteira.

– Tenho 26 dólares e o meu cartão da cafeteria. Só falta um selo para ganhar um cappuccino grátis.

– Calma aí – disse Jason. – Algum de nós sequer sabe dirigir?

– Eu sei – respondeu Theo. – Já dirigi uma vez.

– Era um carrinho de golfe – retrucou Alia.

– E daí? Tinha quatro rodas e fazia *vrum*.

- Você bateu numa árvore.
- Tenho certeza de que aquela árvore estava bêbada.
- Eu sei dirigir – disse Nim.
- Onde foi que você aprendeu a dirigir? – indagou Alia, incrédula.
- Long Island.
- Temos uma motorista – disse Diana, imbuída de nova esperança.
- Agora é só encontrar um carro.
- Fiquem sabendo que isso significa que eu escolho a estação de rádio – disse Nim, enquanto o grupo avançava pelo campo.
- Nesse caso, pode me atropelar! – rebateu Theo.

Encontrar um carro demorou muito mais que o esperado. Muitas das fazendas por onde eles passaram tinham como veículos nada além de carroças e bicicletas. Havia um caminhão, mas estava sem rodas e largado sobre blocos de cimento.

Eles se aproximaram de uma promissora fazenda, com Jason na liderança.

- Abaixem-se – ordenou ele, bruscamente.

Todos mergulharam de barriga na grama no mesmo instante em que dois homens emergiram da porta da frente.

- Policiais? – sussurrou Alia.
- Não parecem ser.

Os homens usavam uniformes azuis simples, mas as armas que empunhavam pareciam as que Diana havia tirado das mãos dos agressores.

- Isso é munição pesada – disse Theo.
- Surpreso? – perguntou Jason.
- Que eles tenham disposição de cruzar o interior da Grécia empunhando armas semiautomáticas? Um pouco.
- Eles não tiveram medo de nos atacar num museu em Nova York – comentou Jason. – Por que hesitariam aqui? Estão sabendo dos riscos.
- Vamos andando – disse Alia, apressada.

Eles se certificaram de que os homens haviam ido embora, então contornaram os fundos da casa até um velho estábulo. Na parte intacta da estrutura, um cavalo relinchava dentro de uma baia. O teto do outro lado tinha colapsado quase por completo e estava protegido por uma lona, mas havia dois veículos parados sob ele: um caminhão com o capô aberto, aparentemente desfalcado de parte do motor, e um Fiat na cor tangerina.

Theo balançou a cabeça.

– A gente vai cruzar uma cadeia montanhosa num Fiat?

Diana encarou o carro, descrente.

– Não parece muito... robusto.

Na verdade, parecia menos um veículo que uma das lindas bolsinhas de mão que Nim havia levado para elas.

– Não temos muitas opções – disse Alia. – A não ser que vocês queiram tentar o cavalo.

– Não faço exatamente o tipo nobre corcel – respondeu Theo.

Diana suspirou e encarou o cavalo, que os observava com olhos escuros e firmes. Preferia cavalgar, mas sabia que precisavam da velocidade do carro.

– Então... – disse Alia. – Alguém aqui de fato sabe roubar um carro?

– A gente podia invadir a casa – sugeriu Nim. – E pegar as chaves.

– Tem gente lá dentro – retorquiu Alia. – E se flagrarem a gente?

Nim afastou os cabelos dos olhos.

– Bom, vocês são gênios da ciência. Não conseguem simplesmente ligar no tranco ou algo do tipo?

– Nós somos biólogos – retrucou Jason –, não engenheiros elétricos.

– Qual a diferença?

Para variar, no entanto, Theo não se meteu. Em silêncio, contemplava o carro.

– Eu consigo – disse ele, devagar. – Mas precisarei usar o telefone.

– Fora de cogitação – respondeu Jason.

– Eu disse que não dá para rastrear – retrucou Theo.

– Mesmo assim...

– Eu posso ajudar de verdade se você me deixar.

O tom de Theo era suave, mas Diana ouviu a rispidez em sua voz e sentiu uma onda de empatia pelo garoto magrelo. Sabia o que era se sentir subestimada. Porém, será que ele era confiável? Se quisesse ter feito mal ao grupo ou alertar os captores de sua localização, ele sem dúvida havia tido muitas oportunidades.

Diana encarou Jason e deu um aceno curto de cabeça.

– Deixe-o tentar.

– Ok – respondeu Jason, depois de um longo suspiro.

– Ok? – perguntou Theo.

– É – respondeu Jason, com mais firmeza. – Vai lá.

Theo abriu um sorriso modesto e satisfeito, muito mais tímido do que Diana esperava.

– Muito bem, então.

Ele puxou o telefone do bolso e deslizou os polegares rapidamente pela tela.

– Se fosse um carro mais velho, estaríamos ferrados. Nada de Bluetooth. Nada de Wi-Fi. Mas agora tudo é digital, não é? Os carros são basicamente computadores sobre rodas.

Jason cruzou os braços, sem se convencer.

– E você tem um celular mágico?

– Este celular não pode ser vendido em alguns países porque o computador aqui dentro tem capacidade de operar um sistema de controle de mísseis, e eu posso usá-lo para acessar o meu desktop através de um IP falso que ativei pela dark net.

– Ok, ok – disse Jason. – Ave, ó poderoso telefone.

– Obrigado – respondeu Theo. – O telefone aceita presentes em dinheiro como forma de desculpa. Agora só precisamos fazer com que ele reproduza os sinais que a chave manda para o carro para destravar a porta. O carro não se importa que a chave não esteja lá.

– A mesma coisa acontece com o cérebro humano – observou Alia.
– A gente vê uma coisa e reage com base nos estímulos, sejam eles reais ou artificiais. É tudo um conjunto de impulsos elétricos.

– Raios divinos – disse Diana.

– Oi? – inquiriu Alia, franzindo o cenho.

– Também não entendi – disse Theo sem tirar os olhos da pequenina tela, movendo os dedos tão depressa que só se via um borrão.

Diana deu de ombros.

– O que você estava dizendo me fez lembrar de Zeus. Ele é o deus dos raios e trovões, mas o que você descreveu em relação à nossa mente, os impulsos elétricos... é outra forma de pensar nesse poder.

– Raios divinos – repetiu Alia. – Sabe, essa é tipo uma das bases de reflexão sobre o próprio pensamento. Como a noção de que uma grande ideia na hora certa é uma ideia iluminada.

– Ou quando ficamos embaçados, ou seja, em estado de choque – disse Nim.

Jason contorceu os cantos dos lábios, em um sorrisinho.

– E quando a gente se conecta com alguém, chamamos de faísca.

Apesar dos longos silêncios da manhã e da raiva ainda presente,

Diana gostou de tornar a ver aquele sorriso. Não pôde evitar retribuí-lo.

– Exatamente.

– Todo mundo pronto para os raios divinos? – perguntou Theo, erguendo o telefone.

– Anda logo – disse Nim, impaciente.

– *Shazam!*

Theo deu um toque firme na tela. As portas do carro emitiram um satisfatório *clanc*.

– Peça que contenham os aplausos. Agora, o motor...

– Espere – disse Jason. – Vamos empurrar o carro até a estrada antes de dar partida.

Diana ergueu a sobrancelha.

– A gente precisa mesmo empurrar? – perguntou. – Não seria mais rápido e silencioso se levantássemos o carro?

Um instante depois, Diana estava erguendo o para-choque dianteiro, enquanto Jason ficava na traseira.

– A Nim não precisa dirigir – disse Theo aos arquejos, correndo com as meninas para alcançá-los. – Jason e a Diana levam a gente no lombo.

– Se continuar com as piadinhas, amarrarei você no teto do carro – grunhiu Jason.

Eles atravessaram o campo e desceram a estrada da fazenda com o carro, então depositaram-no na estrada de terra.

Aguardaram ao lado do pequeno veículo enquanto Nim deslizava para o assento do motorista. Ela aproximou o banco o máximo que pôde para alcançar os pedais com as pernas curtas.

– Ok, vamos lá.

– Quando foi a última vez que você dirigiu de verdade? – perguntou Alia.

– Esse não é o tipo de coisa que a gente esquece – respondeu Nim, flexionando os dedos.

– Prontos? – perguntou Theo.

Ele deslizou os polegares rapidamente pela tela. No instante seguinte, o carro ganhou vida. Ele requebrou o corpo numa dança capaz de lhe causar eternos danos à coluna e deu uma voltinha da vitória em torno do veículo.

– Quem é o melhor?

Nim lançou um olhar expressivo a Alia.

– Você tem um péssimo gosto para homens – sussurrou ela.

Jason se acomodou no assento do carona. Diana foi espremida atrás, entre Alia e Theo – dessa forma estaria a postos para proteger Alia, e Nim e Theo ficariam o mais afastados possível.

De modo a poupar a bateria do celular de Theo, eles usaram o antigo mapa de papel dobrado no porta-luvas e traçaram uma rota rumo ao sul via estradas secundárias e estreitos atalhos. Vez ou outra tinham que se arrastar atrás de uma carroça lenta levada por mulas ou precisavam dar passagem a um rebanho de cabras que vinha pela estrada.

Apesar da pressa, Diana encarava quase com prazer as pausas na direção incauta de Nim.

– Ela tem um estilo bem diferente do Dez – murmurou para Alia, recordando com saudosismo a suavidade com que o sedã preto entrecortava o tráfego.

O Fiat sacolejou ao passar por um buraco na estrada.

– Acho que ela está tentando me matar aos poucos – resmungou Theo, enjoado.

Eles ligaram o rádio e percorreram as estações até encontrarem uma que parecia ser de notícias. O grego de Jason e Alia não era fluente o suficiente para acompanhar a conversa, mas Diana compreendeu tudo. Havia relatos de outros conflitos pelo mundo, mais uma sangrenta tentativa de golpe, líderes mundiais fazendo ameaças coléricas, mas por fim o locutor mencionou a queda.

– Os destroços do avião ainda não foram localizados – traduziu Diana. – Há relatos de diversas mortes, mas os corpos também não foram identificados.

Corpos. Mais uma vez Diana pensou em Ben. Lembrou-se do que Jason dissera sobre continuar vivo em memória. Pelo menos isso ela podia fazer pelo piloto que tão bravamente permanecera a seu lado.

– É só uma questão de tempo até identificarem a aeronave – disse Jason, com os olhos cravados na paisagem lá fora.

– Todo mundo pensará que a gente morreu – disse Theo.

– Ai, meu Deus – disse Nim. – Meus pais vão surtar! Eles sabiam que eu estava naquela festa com vocês.

Pela primeira vez Diana se perguntou o que sua mãe pensaria ao saber que a filha havia desaparecido da ilha. Tristeza? Raiva? Diana talvez nunca mais tivesse a chance de explicar suas atitudes.

Ela estendeu os braços e apertou os ombros de Nim.

– Logo, logo você estará com eles outra vez.
– É – concordou Nim, com a voz meio trêmula.
– Meu pai ficará tão decepcionado quando descobrir que eu estou vivo – disse Theo.

– Isso não é verdade – retrucou Jason.
– E é um comentário horrível – acrescentou Alia, o luto ecoando em suas palavras.

Theo correu o polegar pelo joelho, por sobre a calça lustrosa.

– Vocês têm razão.

– Alguém sabia que a gente estava naquele jato? – perguntou Nim, dobrando outra curva tão depressa que adentrou a faixa do sentido oposto e precisou dar uma guinada para retornar.

– Não tenho certeza – respondeu Jason, afrouxando de leve o punho cerrado com força à maçaneta da porta. – A gente não preencheu os documentos necessários ao sair de Nova York.

– Mas eles saberão que é um jato da Keralis – disse Alia.

– É – respondeu Jason.

– Mas o conselho...

– O conselho fará o que tiver que fazer – disse Jason, com os ombros rígidos. – A empresa sobreviverá. Nossos pais construíram os Laboratórios Keralis em cima de inovações. Se nos expulsarem, a gente continua a inovar.

Diana não sabia ao certo se Jason acreditava nas próprias palavras, mas ela sim. Podia sentir a firmeza em sua voz.

Eles não viram polícia nem notaram qualquer indicativo de que estavam sendo seguidos, mas Diana permaneceu alerta durante o trajeto em direção ao sul. Eles pararam uma vez para encher o tanque de gasolina. O grupo observou pela janela a aproximação entre Jason e o atendente, cujos gestos e exclamações irritadas deixavam claro que não aceitaria dinheiro americano. Jason se afastou do atendente, cerrando o punho, irradiando frustração por todo o corpo. Por um instante Diana achou que ele fosse socar o sujeito. Em vez disso, tirou o relógio do pulso e entregou ao homem.

– Era do nosso pai – disse Alia, baixinho.

O comportamento do atendente se alterou na mesma hora. Ele desapareceu para dentro da lojinha enquanto Jason enchia o tanque, depois retornou carregado de batatinhas, garrafas de refrigerante e um imenso galão de água que enfiou pela janela do carro. Diana não sabia se a água era para eles ou para o radiador do veículo durante o

trajeto. Instantes depois, eles retornaram à estrada.

Jason tinha o olhar fixo à frente, e Diana o viu tocar de leve o pulso vazio.

– Jason – disse Alia, hesitante.

– Não – respondeu ele, curto e grosso, balançando a cabeça.

O grupo seguiu em silêncio. Depois de apenas alguns quilômetros Nim parou bruscamente no acostamento, onde havia vários carros estacionados, cujos motoristas deviam estar nas praias mais abaixo.

– Por que estamos parando? – perguntou Diana.

Eles ainda tinham até o pôr do sol do dia seguinte para chegar à nascente, mas quanto mais conseguissem se afastar dos perseguidores, mais feliz ela ficaria.

– É melhor a gente trocar a placa do carro – respondeu Nim. – Aquele cara do posto de gasolina se lembrará da gente.

– Ou a gente pode pegar outro carro *emprestado* – sugeriu Theo.

– Não – retrucou Nim. – Se roubarmos outro carro o dono dará queixa, voltaremos a ser localizáveis, e saberão em que direção estamos indo. Mas ninguém presta atenção em placas de carro. Só perceberão a troca quando já estivermos muito longe, isso se perceberem.

Alia se inclinou para a frente e abraçou Nim com força, pelo banco de trás do carro.

– Você é brilhante.

Nim se iluminou.

– Quanto você me ama?

– Demais.

– Demais quanto?

Diana viu Nim cravar fundo os dedos na carne dos braços de Alia. Garras negras, em braços marcados de músculos. Um fedor dominou o carro, o cheiro empoeirado de decomposição.

– Se você me amasse, me deixaria matá-lo. Me deixaria matar todos eles.

– Nim! – gritou Alia, tentando se afastar.

– Solta ela! – ordenou Jason, agarrando o punho de Nim e recuando, com a mão queimada e vermelha.

– Eu vejo você, Filha da Terra – disse Éris.

Pelo espelho retrovisor, Diana deparou com um poço de olhos negros e fundos.

– Você e suas irmãs se esquivaram das nossas garras por muito

tempo.

Diana tentou impulsionar o corpo para a frente, mas Theo agarrou o braço dela.

– A nossa hora se aproxima – disse ele.

A amazona, porém, viu que não era Theo. Tinha o rosto branco feito cera, os dentes amarelos e pontudos úmidos de sangue. Usava um elmo preto surrado, coroado com uma cabeça de Górgona.

Diana rosnou e pulou com ele do carro, fazendo os dois rolarem pelo chão.

– Sai daqui, Alia! – gritou Jason.

Diana ouviu a porta do carro se abrir e os passos de Alia, em disparada.

– Fobos – disse Diana, encarando Theo.

Fobos era belo até abrir um sorriso, as pontas dos dentes feito pregos ossudos e afiados.

– Vemos você, amazona. Nunca chegará à nascente. A guerra se aproxima. Nós estamos vindo atrás de todos vocês.

Ela sentia o poder dele percorrendo seu corpo, inundando sua mente de terror. Seu coração batia num ritmo frenético; de sua testa gotejava um suor frio. Ela tinha falhado. Com sua mãe, suas irmãs, consigo mesma. Tinha arruinado tudo. Seu peito foi atravessado por um pânico feroz e desordenado. Ela não conseguia respirar. *Corra*, ordenava sua mente. *Se esconda*. Ela só queria obedecer, deixar que suas pernas a levassem o mais rápido e longe possível, encontrar um lugar onde pudesse recostar a cabeça e chorar. Queria chorar por sua mãe. Sua mãe. Em meio ao horror ela se agarrava à imagem de Hipólita, guerreira e rainha, sujeita a ninguém.

– Somos mais fortes – disse Diana, num arquejo. – O amor é mais forte.

– Se pelo menos você acreditasse nisso – retrucou ele, escancarando um sorriso. – Pode imaginar os prazeres à espera? Já sinto na língua o seu sofrimento... e é doce – concluiu, sugando a última palavra, a língua serpeando na boca de maneira obscena.

Isso não é real, ela disse a si mesma. *Nada de terrível aconteceu. Ainda há tempo de chegar à nascente. Este medo é uma ilusão.*

Diana precisava de algo real, indestrutível e verdadeiro, oposto ao falso medo que Fobos havia criado. *Verdadeiro, né?* Ela agarrou o laço dourado em sua cintura e o enrolou no pescoço de Fobos. Ele gritou, um som agudo e forte, que penetrou seu crânio.

– Fora – rosnou ela.

– Fora de quê? – disse Theo, em desespero, voltando ao normal. – Dá pra tirar isto do meu pescoço, por favor?

Ela o fez. Theo se sentou, atordoado, o rosto doce e normal de sempre. Ela balançou a cabeça e piscou os olhos, cheia de fúria, o corpo ainda trêmulo pelo terror que a dominara.

Diana se levantou e contornou o Fiat. Nim soluçava, mas havia voltado ao normal. Jason tinha as mãos e os antebraços cheios de bolhas, embora ela percebesse que já começavam a cicatrizar. O sangue dos reis, ao que parecia, era algo poderoso. Alia estava a alguns metros de distância, os braços envolvendo o corpo, o peito subindo e descendo.

Diana sentiu a fragilidade daqueles mortais e pela primeira vez algo dentro de si também a fez se sentir frágil.

– Precisamos ir – disse Alia, ainda abraçando o próprio corpo como se para não sair voando, mas com a voz firme e resoluta. – Nim, você consegue dirigir?

Nim assentiu, trêmula.

– Diana, você e o Theo conseguem trocar as placas do carro?

– Alia... – começou Jason.

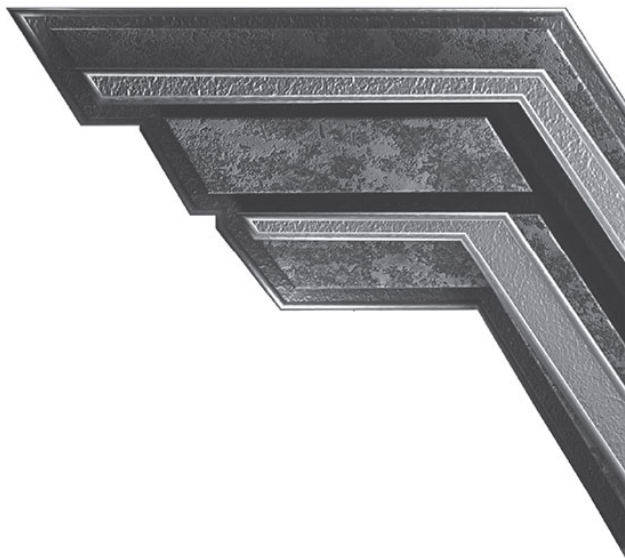
– Nós vamos chegar àquela nascente. Se eles não achassem que a gente conseguiria, não estariam tentando nos assustar.

Os deuses não operam dessa forma, pensou Diana. As amazonas eram imortais. Não pensavam em minutos, horas ou mesmo anos, mas em séculos. E os deuses? Eram eternos. O poder de Alia os havia invocado. Ela ainda ouvia o sussurro de Fobos. *Pode imaginar os prazeres à espera?* O júbilo na voz provocante de Éris. *Você e suas irmãs se esquivaram das nossas garras por muito tempo.*

Diana resgatou Theo, que jazia deitado de costas na terra, arquejante, e começou a se ocupar, temendo que Alia visse a verdade em seu rosto se a olhasse de frente. Pois Diana sabia que Fobos e Éris não estavam preocupados. Estavam muito seguros de si, convencidos. E famintos. O que Alia sentira neles não era ansiedade, mas expectativa.

Agora Diana compreendia o real significado daquela guerra, e a terrível verdade do juramento que proferira se avultava sobre ela. Se o grupo não chegasse à nascente ela teria que enfrentar o horror de matar Alia, ou viveria com a consciência de ter ajudado a libertar no mundo o terrível apetite dos deuses... e oferecido seu próprio povo

como banquete.



CAPÍTULO 20

Eles seguiram em frente, cansados e abalados. Havia enfrentado balas, mísseis, um desastre de avião. Ainda assim, pensou Alia, era diferente saber que seus adversários não eram apenas humanos treinados e armados, mas deuses de verdade, atrás de aniquilação.

Diana e Jason passaram algum tempo virando e revirando o mapa, debatendo a melhor rota até Terapne. Poderiam economizar horas se avançassem para o leste por uma das rodovias principais, mas essas provavelmente seriam as mais vigiadas. Em vez disso, concordaram em prosseguir rumo ao sul até uma serra sinuosa que cruzava o monte Taígeto. Era íngreme e vazia, a não ser pela presença de turistas ávidos por belas paisagens. Os penhascos escarpados e as saliências nas pedras também garantiam que eles não seriam facilmente localizados pelo ar.

O sol desceu no horizonte e o ritmo de Nim diminuiu. Eles usavam os faróis quando possível, mas às vezes perdiam as placas na estrada e precisavam dar meia-volta. Todos estavam ficando sonolentos. Os bocejos de Nim se tornavam mais frequentes. Eles baixaram as janelas, aumentaram o volume do rádio. Jason continuava oferecendo a ela goles do refrigerante que havia estocado. Mas de nada adiantava.

– Me desculpem – disse ela. – Se eu não parar, vou dormir no volante.

– Tudo bem – disse Alia, gentilmente.

Ela podia sentir a frustração de Diana, mas também sabia que Nim tinha se esforçado o máximo possível. Todos tinham. Se os deuses pretendiam amedrontá-los, fracassaram.

O grupo havia rumado para o lado leste de uma sequência de colinas íngremes. Ao chegarem a uma área plana o suficiente, Nim estacionou com cuidado atrás de arbustos e álamos exuberantes, que poderiam esconder o carro de qualquer um que cruzasse a estrada.

– Acamparemos durante a noite – disse Jason. – Se retomarmos amanhã cedo, estaremos em Terapne muito antes do pôr do sol.

– Temos que estar – respondeu Diana. – Quando amanhecer, a lua nova se inicia e o Hecatombaion começa.

O motor do carro emudeceu. Nim desligou os faróis.

– Temos os cobertores que a Diana pegou na fazenda – disse Jason. – Dois de nós podem dormir no carro.

– Ou podemos todos dormir no carro – disse Theo. – Não que eu esteja com medo do escuro. O que não estou.

Nim agarrou o volante.

– Não sei bem se é boa ideia. Não se os nossos... *amigos* voltarem.

Eles abriram as portas do Fiat e saíram. As estrelas cintilavam de leve, dando um brilho prateado às árvores ao redor. Diana se abaixou agilmente e espichou as longas pernas, e Alia sentiu uma ponta de empatia.

– Estão ouvindo isso? – disse Theo. – Parece água corrente.

O grupo avançou pelas árvores e arbustos em direção ao som, indo parar no topo de um largo afloramento. Alia respirou fundo, e a beleza do que viu lhe acalmou um pouco o coração.

Uma cachoeira. Duas, na verdade. Uma menor e outra que desabava sobre as pedras numa cascata brumosa de véu branco, desaguando num lago amplo e escuro abaixo.

Theo pegou uma pedra e atirou lá embaixo. Ela tocou a superfície com um sonoro *plunc*, mandando ondas prateadas em direção à margem.

– Parece bem fundo.

– Olhem – disse Nim. – Um sino.

Ela tinha razão. Um velho sino de ferro pendia de uma barra de metal que havia sido levada até as pedras.

– Acho que tem uma caverna lá embaixo – disse Alia. – Mas por que um sino?

– Pode ser a caverna de um eremita – respondeu Diana. –

Místicos...

Sua voz, no entanto, foi interrompida pela gritaria de Theo, que disparou em meio ao grupo, completamente nu, e saltou da pedra. O som do corpo dele atingindo a superfície foi estrondoso, e eles correram até a borda para vê-lo emergir da água espumosa balançando a cabeça.

Eu realmente acabei de ver o Theo Santos pelado?, pensou Alia. *Não ria*, ela advertiu a si mesma, mas foi muito difícil não continuar evocando mentalmente a imagem do bumbum de Theo.

– Boa notícia! – gritou ele lá de baixo. – É bem fundo!

– Ele é *demente* – disse Nim.

– Como ele conseguiu tirar a roupa tão depressa? – perguntou Diana, franzindo o cenho.

– A gente não tem tempo para isso – resmungou Jason.

– Sei lá – disse Alia. – Precisamos parar à noite, e essa água parece bem boa.

Só por um minuto ela desejava esquecer todo o horror que eles haviam passado. Queria fingir que era uma garota comum numa viagem de carro, mesmo sabendo que era uma ilusão passageira.

– Alia...

– Jason, estou cansada, suada e rabugenta.

– Parecem tipo três dos Sete Anões – comentou Nim. – Não quero nem saber o que acontecerá quando ela chegar ao quarto ano.

– Eu sou metade homem! – gritou Theo lá de baixo. – E também metade peixe!

– Além disso – disse Alia, cutucando Jason com o ombro –, estamos precisando de alguma coisa boa.

– Ela tem razão – disse Diana. – Não dá para continuarmos na estrada, então não vamos estar perdendo tempo nenhum.

Ela soltou as tiras do top e puxou-o pela cabeça.

– O que está fazendo? – ganiu Alia, tentando não encarar. – Por que todo mundo de repente criou alergia a roupas?

– Achei que você quisesse nadar – respondeu Diana, desamarrando as sandálias e baixando a calça de couro.

– Você... você... – disse Jason, encarando o céu, as pedras e algum ponto adiante do ombro de Diana. – Você está pelada.

– O Theo entrou de roupa? – inquiriu Diana.

– Eu não... quer dizer...

– Algum problema? – perguntou ela, com as mãos na cintura.

– Nem... um... pouco – disse Nim. – Jason, Alia, calem a boca. Eu pulei de um avião. Fui possuída por uma deusa da guerra. Mereço um pouco de alegria.

– Uma... coisa... que eu pensei – balbuciou Jason. – Eu pensei numa coisa...

– Você também devia nadar – disse Diana. – Pode estar sofrendo de insolação.

Ela deu meia-volta e avançou até a ponta da pedra. Ergueu os braços sobre a cabeça, flexionou os músculos; seus cabelos eram uma onda resplandecente sobre os ombros.

– Venham! – gritou Diana, toda contente.

Ao saltar, seu corpo descreveu um arco perfeito; sua pele reluzia como se possuísse uma fonte secreta de luar. Lá embaixo, fez-se um som de mergulho na água.

– Eu devia usar mais esfoliante – disse Alia.

– Este é o melhor momento da minha vida – disse Nim.

Jason estava de boca aberta.

Eles nadaram por bem mais de uma hora. Alia estava certa de que Jason não se juntaria, mas por fim ele se atirou por sobre a cascata feito uma bala de canhão, em uma atitude bem diferente do habitual.

Apesar das gargalhadas e da cantoria de Theo, que não parava de entoar “Don’t go chasing waterfalls”, ela estava ciente da cautela adotada por todos, da distância que Nim e Theo estavam mantendo um do outro, da atenção com que Diana e Jason os vigiavam. Mesmo assim, ela tinha razão: o grupo estava precisando de algo bom, e aquilo – boiar na água, sentir a quietude do lago, olhar o brilho denso das estrelas no céu e se sentir encarando o próprio tempo – era bom demais.

No dia seguinte eles chegariam à nascente. Seria o toque das águas de lá diferente em sua pele? Ela sentiria que algo dentro de si havia mudado para sempre?

Quando já estavam todos encharcados e enrugados, Diana correu para resgatar seus couros e levou as roupas dos outros, além de um dos cobertores do carro. Já que estavam longe da estrada, parecia seguro fazer uma fogueira. Depois que eles recolheram gravetos suficientes, Diana ateou fogo na pequena pilha tranquilamente.

– Se todas as escoteiras fossem que nem ela, eu teria me juntado – murmurou Nim.

– E usado aquele uniforme verde?

– Verdade. Melhor não – retrucou Nim, com um som de vômito.

Diana afirmou que havia coelhos na mata e se ofereceu para caçar, mas Nim era vegetariana, e ninguém estava com fome a ponto de entrar em uma onda tão rústica. Eles comeram quase toda a sobra dos salgadinhos do posto de gasolina e se aqueceram diante das chamas crepitantes.

– Estou exausta – disse Alia, por fim. – Mas não sei se consigo dormir.

– Theo e eu passaremos a noite aqui fora – disse Jason. – Vocês podem ficar no carro.

– Sei que vocês não gostarão – disse Diana –, mas acho que é melhor nós amarrarmos o Theo e a Nim.

– Eu não me incomodo – disse Nim. – Não quero mesmo voltar a ter aquela coisa na minha cabeça.

Theo estremeceu e assentiu.

– A gente pode improvisar uma contenção para o Theo com o cobertor – disse Jason, então fez uma pausa. – Você pode usar o laço na Nim?

Diana correu os dedos pelos passantes da corda em sua cintura.

– Não foi feito para ser usado desse jeito. Ouvi falar de gente que enlouqueceu depois de passar muito tempo enrolada.

– Por quê? – perguntou Alia.

– Ninguém quer viver com a verdade por tanto tempo. É demais.

– Tem razão – disse Nim. – Parecia que a cabeça do Jason ia explodir.

– Nim! – gritou Alia.

Era mesmo preciso mexer naquele vespeiro? Diana, porém, apenas olhou Jason nos olhos.

– Aquilo foi um erro da minha parte – disse ela. – Usar o laço num amigo sem o consentimento dele. Prometo que não tornará a acontecer.

Jason sustentou o olhar de Diana, e Alia sentiu que testemunhava algo interessante.

– Eu devia ter contado tudo – rebateu Jason. – Você me deu a chance, mas eu fui covarde demais para aproveitar.

Então ele pareceu lembrar que o grupo estava ao redor de uma fogueira.

– Eu devia ter contado a todos vocês – prosseguiu. – A mãe e o pai

tinham teorias a respeito de onde vinha a minha força, diziam que estava ligada à linhagem de sangue e que tinha de alguma forma pulado o papai, mas... eu nunca acreditei de verdade em nada daquilo.

– Então, esse treco – disse Nim, apontando para o laço. – Ele extrai mesmo a verdade?

– Sim – respondeu Diana.

– Você já tinha usado antes? – perguntou Jason.

– Não – admitiu ela.

– E se não tivesse funcionado? – retrucou ele, com a sobrancelha erguida.

Ela entortou os lábios em um sorrisinho.

– Eu queria a verdade. Conseguiria de alguma forma.

– Mas de onde veio esse laço? – perguntou Nim. – Como você fez?

– Não fui eu que fiz. Ele foi trançado por Atena e forjado no fogo de Héstita, a partir de fibras colhidas da primeira árvore de Gaia.

Poucos dias antes Alia teria rido daquilo, mas depois de se meter com uma dupla de deuses da guerra, não estava tão inclinada a fazer chacota.

– Grande coisa – disse Theo. – Você provavelmente consegue um desses no eBay.

– Esse lugar fica perto de que costa? – perguntou Diana.

Theo abriu a boca. E fechou.

– Boa pergunta.

– Então – interveio Nim – é basicamente uma supercorda orgânica, produzida por artesãos regionais. Atena é a deusa da guerra, não é?

– É a deusa da guerra, mas também do conhecimento, e a busca pelo conhecimento é basicamente...

– A busca pela verdade – disse Jason.

Diana assentiu.

– O laço não pode ser alterado nem quebrado. Acho que foi por isso que eu consegui usá-lo contra Fobos. O laço encerra uma verdade que o terror inspirado por ele não consegue.

– Nada é indestrutível – retrucou Nim.

Diana enrolou um pedaço da corda na mão e arremessou o restante no fogo, fazendo disparar uma chuva de faísca.

Alia soltou um arquejo, mas o laço não se incendiou. Ficou ali, inalterado, perceptível em meio às chamas feito uma pedra em águas claras.

Diana recolheu a corda e entregou a Nim.

– Está vendo?

– Não está nem morno! – exclamou Nim.

– A gente devia tentar – disse Theo.

– Se jogar no fogo? – indagou Nim. – Vai fundo.

– O laço, *Nim*.

– Isso não é brinquedo – disse Diana.

– Por favor – rebateu Theo. – Uma pergunta para cada. Tipo verdade ou consequência.

– Não sei, não... – disse Alia.

– Por favor... – implorou Nim.

– Você está mesmo concordando com o Theo?

– Estou curiosa! E o Jason sobreviveu.

– Vocês não querem brincar com isso – retorquiu Jason, balançando a cabeça. – Eu já senti o poder do laço, e vocês não vão gostar.

– Quer dizer que você é valentão para aguentar, mas a gente não? – indagou Theo.

Seu tom era suave, mas Alia sentiu a tensão em suas palavras.

– Não foi isso que eu quis dizer – respondeu Jason.

– Vai, Diana – disse Theo. – Vamos fazer.

Diana hesitou e Alia se perguntou se ela sabia exatamente como aquele momento era crucial para o orgulho de Theo.

– Ok, mas só por um segundo – respondeu Diana, e Alia soltou um suspiro de gratidão.

– Eu começo! – gritou Nim.

– Mas eu... – protestou Theo.

– Falei primeiro.

– Muito bem – disse ele, revirando os olhos. – Espero que Tico e o Teco derretam aí dentro.

Diana mordeu o lábio e formou um passante com o laço.

– Tem certeza?

– Manda ver – respondeu Nim, meneando a cabeça.

Diana passou a corda pela cabeça da garota e desceu até os ombros. De súbito, os olhos de Nim se esvaziaram. Ela se sentou com a coluna reta, o maxilar frouxo.

– Nim? – disse Alia.

– O que deseja saber? – retrucou Nim, com a voz estranhamente formal.

– Hummm... o que perguntamos a ela? – refletiu Alia. – Rápido! Diana franziu o cenho.

– Não tenho certeza. Nunca vi ninguém reagir assim.

– Você colou na prova final de história norte-americana? – perguntou Alia.

– O sistema é corrupto. Era meu dever subvertê-lo.

– Está falando sério? – perguntou Alia.

– Sim – disse Nim. – E você não pode ter só uma cor de batom.

Alia socou o braço de Nim.

– Ei! Não bata em mim. Eu sou a sua melhor amiga. Está vendo? É a verdade. E não acredito que você me fez uma pergunta tão sem graça. É óbvio que eu coleí na prova final de história. O Sr. Blankenship é um péssimo professor. Se ele queria me matar de tédio, devia esperar que eu colasse naquela porcaria de prova.

– O que eu deveria perguntar a seu respeito? Foi você quem pôs creme de barbear no armário da Alicia Allen?

– Fui eu, mas só porque ela me beijou na festa da colheita e depois fingiu que nada aconteceu e foi espalhar para as amigas que eu era lésbica.

Nim levou as mãos à boca.

– Está falando sério? – indagou Alia, encarando a amiga.

– Eu... eu não pretendia dizer isso – retrucou Nim, com olhos meio tomados de pânico. – Eu...

De sua testa irrompeu suor, e ela começou a respirar em arquejos. Diana puxou a corda.

– Me desculpe! Eu avisei.

– Que coisa mais esquisita – disse Nim, estremecendo com um arrepio.

– Alicia Allen? – perguntou Alia. – Sério? Você sempre dizia que ela era horrorosa. Dizia que ela tinha cara de fuinha.

Nim torceu o nariz.

– Ela até que é humana quando não está com aquelas amigas nojentas. Sei lá. São poucas as garotas da escola que demonstram interesse, ok? Não sou eu que escolho as lésbicas.

– Minha vez! – disse Theo.

Jason pegou um graveto e atirou no fogo.

– Isso não é uma boa ideia. A gente devia parar.

Theo remexeu os joelhos e se agachou diante de Diana, de costas para o fogo.

– Prontinho.

Alia viu Jason e Diana trocarem olhares. Jason balançou de levíssimo a cabeça. Achava mesmo que aquilo faria mal a Theo? Ou estaria temendo o que ele pudesse dizer?

Diana refletiu por um instante, então envolveu o corpo de Theo com o laço.

Alia vasculhou a mente em busca de alguma bobagem para perguntar. Sabia o que queria dizer, mas mesmo que os dois estivessem sozinhos não teria coragem. *Você já me olhou como algo além da irmãzinha insuportável do Jason? Seria capaz?* Só de pensar nas palavras, seu rosto esquentou.

Porém, antes que ela pudesse ordenar as ideias, Nim se interpôs:

– Você ou o seu pai serviram de informantes para o ataque daqueles alemães no museu?

– Nim! – retrucou Jason com rispidez, mas Diana não fez menção de puxar a corda.

– É claro que não – respondeu Theo, em choque. – Eu não sabia de nada.

– E o seu pai? – inquiriu Nim, de modo grosseiro.

– Não! – gritou Theo.

Alia sentiu um diminuto nó de tensão lhe subir pelas costelas. Theo removeu a corda e a jogou longe.

– Como você pode pensar uma coisa dessas?

– Todo mundo estava pensando – disse Nim. – Seu pai desapareceu numa hora superconveniente.

Theo se levantou, encarando o grupo com olhos arregalados e cheios de mágoa.

– Vocês achavam mesmo que eu pudesse estar envolvido numa coisa desse tipo? – perguntou ele, voltando o olhar ferido para Alia. – Achavam que eu ajudaria alguém a fazer mal a vocês?

– Não! – respondeu Alia, balançando a cabeça com veemência. – Eu...

Em que ela acreditava? Que era um apocalipse ambulante. Seria plenamente justificável que Theo ou seu pai quisessem vê-la morta.

– Existem espiões na equipe de segurança do Jason – disse Diana, baixinho. – Informantes dentro dos Laboratórios Keralis. Ninguém sabia o que pensar.

– E você, Jason? – perguntou Theo.

Jason esfregou a mão no rosto.

– Você poderia ter passado informações a alguém sem nem perceber.

– Então eu não sou malvado, só incompetente?

– Theo... – disse Jason.

Alia, porém, tinha a sensação de que qualquer coisa que viesse em seguida só pioraria tudo ainda mais.

– Minha vez! – gritou ela, voltando todos os olhares para si. – No laço. Ponha em mim, Diana.

– Sério? – perguntou Jason.

Diana hesitou, mas o olhar suplicante de Alia devia ter surtido efeito, pois ela assentiu, incrédula.

– Muito bem.

– Legal! – respondeu Alia, com falso entusiasmo. – Mas só uma pergunta. Nim – sussurrou ela, entre dentes –, me ajude.

– Só se for agora – murmurou Nim.

– Tem certeza disso? – disse Diana.

É lógico que não. Por que ela não havia pensado em outra forma de desviar o assunto? *Uma dança interpretativa. E o jogo dos Mets?* Para ser sincera, as opções eram infinitas.

Ela tentou manter a calma ao deixar Diana passar o laço delicadamente em seus ombros. O toque das fibras era frio à pele, e Alia se sentiu preenchida por uma curiosa leveza. Viu que temia o laço porque temia tudo.

Sentia medo do mundo de um jeito que Theo não parecia sentir, nem Nim, nem Jason. Amava a amiga, mas se ressentia de sua facilidade para lidar com os outros. Temia que Nim se cansasse dela, que a largasse para viver aventuras com alguém mais divertido. Que jamais a perdoasse pelo trauma dos últimos dias. Que achasse que ela simplesmente não valia a preocupação. Todas essas verdades passaram por sua cabeça numa fração de segundo, com uma clareza terrível. Cada mentirinha que ela já havia contado a si mesma foi desintegrada, revelando coisas horrendas.

Ela viu Nim abrir a boca para fazer uma pergunta, mas Theo se antecipou:

– Qual foi a coisa mais embaraçosa que você já fez?

– Ah, eu sei a resposta – disse Nim, aliviada. – Ela desmaiou na aula de educação física.

Alia abriu a boca para concordar, mas não conseguiu.

– Eu escrevi uma carta de amor para o Theo.

- O quê? – perguntou Nim.
- *O quê?* – vociferou Jason.
- Ai – disse Theo, um tanto atônito.

Ou estaria completamente horrorizado? Ela não sabia dizer. Diana já foi se inclinando para a frente, para remover o laço. Alia quis desmentir. Preparou a boca para dizer “brincadeira”, mas em vez disso ouviu a própria voz falando:

– Quando eu tinha 13 anos. Num papel de carta cor de rosa, de princesas. Dei uma borrifada de suco de limão porque não tinha perfume. Botei num dos livros dele.

Aquele era certamente o momento mais difícil de sua vida, o que incluía todas as experiências de quase morte. Diana puxou a corda por cima da cabeça de Alia, mas ela não conseguiu se soltar tão depressa. Rodopiou a corda pelas tranças e se levantou, o calor inundando suas bochechas.

Vou morrer aqui mesmo, pensou ela, encarando o rosto de Nim, depois de Jason, trêmulo, e os angustiados olhos azuis de Diana. Recusava-se a olhar Theo. Queria que a terra a engolissem. Ela teria que viver com aquela humilhação ardendo dentro de si cada vez que olhasse para ele, exatamente como acontecera nos meses que se seguiram à entrega da carta.

Ele tinha 15 anos. Era magro feito um varapau, mas parecia perfeito para ela. Ele murmurava sozinho em português enquanto fazia o dever de casa, e Alia achava aquilo a coisa mais linda que já tinha visto.

Na noite em que Alia assinara a carta com um floreio e a acomodara entre as páginas do livro de matemática de Theo, a certeza durou até o caminho para o quarto. Então ela entrou em pânico. Correu de volta à sala, mas Theo já havia retornado à mesa, e não houve como recuperar a carta. Finalmente ele pegou os livros, enfiou na mochila e foi embora, enquanto Alia permanecia sentada, fingindo conjugar verbos em francês, certa de que vomitaria. No dia seguinte depois da aula ela ainda tentou reaver a carta, mas ao abrir o livro ela já não estava lá.

Alia jamais esqueceria a sensação horrível e nauseante que experimentara naquele momento – sobretudo agora, que sentia tudo de novo.

Theo nunca dissera nada, mas ela percebeu que ele começou a evitar ficar sozinho com ela. Ou talvez fosse sua imaginação. Alia não

conseguia ter certeza. Entretanto, a simples tensão de tentar agir de forma relaxada pelos poucos meses seguintes tinha sido completamente extenuante. Então chegou o verão. Theo foi para São Paulo com o pai. Alia e Jason foram para Martha's Vineyard, e ela se sentiu quase aliviada. Quando Theo retornou, porém, estava quase 15 centímetros mais alto e já sem espinhas no rosto. Mal parecia humano. E ela, exatamente com a mesma cara.

Alia agora alisava a camiseta molhada.

– Bem – disse ela. – Isso foi a pior coisa do mundo.

– Alia – disse Theo. – Não é nada de mais. Sério mesmo.

Theo a havia ignorado, implicado com ela... Alia só não sabia que também havia sentido pena dela.

– Boa noite, pessoal! – disse Alia, com uma animação forçada, e foi avançando, cambaleante, ignorando Diana, que gritava seu nome.

Ela marchou colina acima, a garganta sufocada pelas lágrimas. Não era a vergonha. Não era a lembrança. Era tudo o que vinha com aquilo, cada pensamento de ódio que ela já tivera a respeito de si mesma, martelando em sua mente feito um coro. O laço era como um espelho que desnudava cada ilusão necessária para enfrentar o dia, cada fragmento do andaime erigido como sustentação.

Sem tudo isso, era só *ela*. Peitos muito pequenos. Bunda muito pequena. Pele muito oleosa. Ela era muito nerd, muito estranha, muito tímida. Envolta pelo laço, reconhecia que apreciava a animosidade entre Nim e Theo, porque a amiga era mais engraçada, mais corajosa e mais interessante do que ela jamais seria. Era uma esplêndida bolinha de fogo, e Alia era uma massa de cinzas, passando despercebida frente àquela labareda. Pensar que Theo pudesse um dia olhar para Nim e desejá-la, escolhê-la, fez com que odiasse um pouco os dois e a si mesma ainda mais.

Alia engatinhou no banco de trás do Fiat e se encolheu junto à porta. Ainda podia ver as estrelas pela janela, mas agora tudo o que sentia era pequenez.

Um instante depois, ouviu Nim abrir a porta e sentar no banco do motorista.

– Está acordada? – sussurrou ela.

– Estou – respondeu Alia, sem vontade de fingir.

– O que foi que você sentiu quando estava lá sentada sob o efeito do laço?

Alia não olhou para Nim. Sentou-se, olhando para a frente,

encarando o para-brisa. Talvez fosse mais fácil falar daquele jeito, no escuro, sem ter que encarar a amiga.

Alia recostou a cabeça na janela.

– Basicamente que eu sou uma idiota mesquinha e invejosa. E você?

– Que eu sou uma covarde.

– Isso é ridículo. Você é a pessoa mais corajosa que eu conheço. Você foi a uma festa usando short e suspensório.

Alia ouviu Nim se remexer no assento.

– Apesar de toda a conversa fiada, eu nunca levei nenhuma garota para casa. Nunca nem sequer dei pista de nada desse assunto para os meus pais. Tenho medo de fazer isso e tudo desmoronar.

Alia piscou, surpresa. Imaginara que Nim sairia do armário para os pais quando estivesse pronta. Ela tinha uma das famílias mais amorosas que Alia já conheceria.

– Não acho que isso seja verdade.

– Não importa se é verdade. Eu *sinto* como verdade.

Alia hesitou. Cravou as unhas nas palmas das mãos.

– Não desista de mim, ok?

Nim virou o corpo e afastou do rosto uma mecha de cabelos negros.

– O quê?

Alia se forçou a encará-la.

– Depois que eu for à nascente, tudo mudará. Não precisarei ter medo de sair. Vou melhorar. Vou a mais festas. O que você quiser.

– Alia, não faz diferença você começar a varar a noite em chopadas ou ficar no quarto olhando células pelo microscópio, o que eu sei que você gosta. Sempre seremos nós duas contra o mundo.

– Por quê?

– Porque ninguém mais no mundo presta, e a gente não precisa de laço mágico para saber que isso é verdade.

Alia abriu um sorriso torto, e um pouco da vergonha e da dor se dissipou. Ela fechou os olhos, de súbito sentindo que talvez conseguisse dormir.

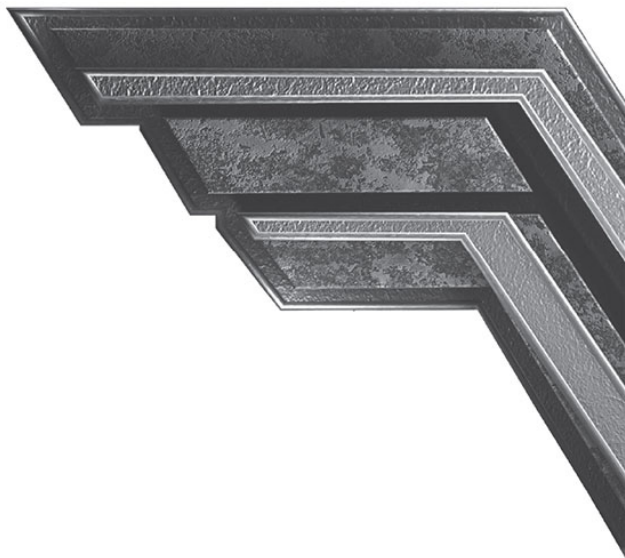
– Alia... – murmurou Nim.

– Oi?

– Não me leve a mal, mas essas foram as piores férias da minha vida.

– Eu disse que a gente devia ir ao Grand Canyon – conseguiu

responder Alia, antes de ser dominada pela fadiga e se deixar arrastar até as profundezas de um mar de sono.



CAPÍTULO 21

Diana jogou terra em cima dos resquícios da fogueira, e se perguntou se deveria pedir desculpas a Alia. Depois que ela subira correndo a montanha, todos se encararam por um longo instante em um silêncio tenso, com Theo constrangido à beira do fogo.

– Será que eu deveria...? – perguntou ele.

– Não – respondeu Nim. – Deixe a Alia superar a história, depois finja que nunca aconteceu.

– Mas...

– Ela tem razão – disse Diana, embora também desejasse ir atrás de Alia.

Ela própria havia tido sua cota de humilhações, sempre atrás de sua mãe e das irmãs amazonas, sempre a mais lenta, sempre a última, excluída de sua sabedoria sobre o mundo. Quando sentia o orgulho ferido, não gostava de ser lembrada de suas falhas. Queria a solidão dos penhascos. Queria ficar sozinha até que a dor fosse embora, até que ficasse bem pequenina e pudesse ser guardada num potinho.

– Deixe a Alia quieta – concluiu Diana.

Jason espiou Theo e ergueu a sobrancelha.

– Ela mandou uma carta de amor para você?

– Não foi nada de mais.

– Por que você nunca mencionou isso?

Theo enfiou as mãos nos bolsos.

– Ela era só uma menina. Eu não quis que ela ficasse envergonhada.

– Então por que fez aquela porcaria de pergunta? – inquiriu Nim, rabugenta.

Ele deu de ombros.

– Achei que elaalaria qualquer bobagem, tipo que tomou um porre de ponche e vomitou no saco de dormir na barraca de camping.

– Isso parece específico demais – observou Diana.

– Pois é, podia acontecer com qualquer um. Não é melhor a gente descansar um pouco? Grande dia amanhã? Limpeza mística?

– Vou voltar para o carro – disse Nim. – Sei que a Alia precisa de espaço, mas vou tentar afogar o Theo nesse lago se eu ficar aqui por muito mais tempo.

Nim subiu a colina. Eles recolheram os sacos de biscoito e embalagens de refrigerante vazios e apagaram o fogo, mas Diana ainda tinha o pensamento em Alia. Por mais que as histórias do laço e suas consequências fossem tão diversas que ela não soubesse o que esperar, sentia-se culpada.

Os mortais não deveriam brincar com essas coisas – e a mãe de Diana ficaria furiosa se soubesse que ela havia usado uma arma secreta num joguinho. Embora aquela fosse a última coisa a enfurecer sua mãe naquele momento. Correu o polegar pelas fibras douradas e o laço cintilou de leve ao seu toque. Era estranhamente amistoso, como um companheiro de viagem. Não fora feito para jazer num salão frio, protegido por um vidro. Ela lera certa vez que havia joias que requeriam uso para manter o lustre. Não podia evitar a sensação de que os braceletes, o laço, até mesmo a pedra-do-coração ainda enfiada em seu bolso eram presentes que não podiam ficar trancafiados.

Ela ergueu o olhar e percebeu que Jason a observava.

– O que está pensando? – perguntou ele.

– Por quê?

Ela se levantou e os dois começaram a subir a trilha.

– Ele tem a esperança de que você esteja pensando nele – respondeu Theo, com uma risada.

Jason deu um leve empurrão em Theo, que quase saiu rolando até uma árvore.

– Ei! – resmungou Theo. – Rebata com palavras!

Diana olhou Jason de esguelha. Ele tinha a mandíbula contraída, os ombros rígidos como sempre. Estaria *mesmo* imaginando isso? Ou,

como diria Alia, era apenas Theo sendo Theo?

Ela pigarreou.

– Estou pensando no que o dia de amanhã pode trazer. Não consigo imaginar que será tão simples, tipo só encontrar a nascente. Não fazemos ideia do que nos aguarda.

– Claro que fazemos – retrucou Theo, golpeando um galho. – A gente chega à nascente, a Alia fica curada. E a gente entra num consenso sobre o melhor lugar para comemorar.

– Eu realmente admiro o seu otimismo – disse Diana.

– E eu admiro a sua habilidade de erguer um carro sobre a cabeça sem uma gota de suor e continuar linda – comentou Theo, com uma medida.

– Por que eu tenho a sensação de que não será tão fácil quanto você está achando? – perguntou Jason.

– Porque você é um cara pessimista.

– E você é um cara otimista demais, achando que tudo dará certo no final.

– Que injusto.

– Estou falando sério, Theo. Se der tudo errado, você não pode simplesmente dar um reboot na máquina, reiniciar a vida, ou algo do tipo.

– Ele está mudando de assunto e falando mais uma vez sobre “ganhar a vida”. Que bom saber que você está preocupado, mesmo considerando que eu possa ser um traidor.

– Theo... – disse Jason.

– Eu já entendi, ok? – retrucou Theo, com um tapinha nas costas de Jason. – Só me dê um pouco mais de crédito. Vocês são a minha família, como o meu pai nunca foi. Sem mim, você neste momento estaria subindo a montanha de mula.

– A mula falaria menos – observou Jason.

– Provavelmente também seria mais cheirosa – disse Theo.

Era mesmo tão simples assim? Uma piadinha, um tapinha nas costas, e o perdão vinha sem nenhum pedido de desculpas? Ela presenciara a frustração de Jason com o jeito irrefletido de Theo, a irritação de Theo com a facilidade de Jason em dispensá-lo. Contudo, os dois pareciam plenamente satisfeitos em evitar falar de tudo aquilo. Os homens eram criaturas estranhas.

Diana deixou Theo e Jason montando o acampamento improvisado na clareira diante do carro. Pelas janelas do Fiat, avistou Alia e Nim

cochilando. Odiava ter que acordá-las.

– Desculpe – sussurrou ela, deslizando para dentro do carro e prendendo as mãos de Nim com duas meias amarradas.

– Tudo bem – disse Nim, sonolenta. – Minha mãe me amarrou duas luvas de cozinha nas mãos quando eu tive catapora.

Diana não soube ao certo o que a cozinha e doenças infecciosas tinham a ver com qualquer coisa, mas emitiu um educado som de concordância.

Ela se remexeu no banco do carona e tentou achar uma posição confortável, ouvindo a quietude da noite. Queria dormir, mas o carro estava um aperto só, e sua mente não se desligava. Uma corrida talvez ajudasse.

Diana saiu do Fiat o mais silenciosamente possível. Alguém roncava alto do outro lado da clareira, e pelo timbre ela suspeitou que fosse Theo. Ela se espreguiçou e caminhou de volta até o afloramento, para escutar o ligeiro correr da cachoeira e ver se encontrava outra trilha.

Ficou surpresa ao ver Jason parado, olhando a água. Havia tirado a camisa outra vez, provavelmente usando-a para amarrar as mãos de Theo, e a bruma da cascata se condensara sobre sua pele.

Como se sentisse a presença dela, ele se virou.

– Desculpe – disse ela. – Eu não estava espionando. Não consigo dormir.

Bem, talvez estivesse espionando um pouco. Gostava de olhar para ele. Entretanto, Nim não havia dito que a maioria das garotas gostava?

– Nem eu – disse ele. – O Theo ronca.

– Eu ouvi.

Jason tornou a encarar a queda d'água.

– E se não funcionar? – perguntou ele, baixinho.

Diana não perguntou do que ele estava falando.

– O Oráculo não mentiu.

– Então talvez tenha errado. Oráculos já erraram antes.

– Esse não.

Ele se recostou na pedra perto do sino e cruzou os braços.

– Você teria jogado o jogo se tivéssemos continuado? – perguntou Jason.

– Com o laço? Não sei. Você teria?

– Eu já joguei – respondeu ele, com um suspiro curto.

Diana se empoleirou na pedra, ao lado dele.

– Eu falei sério. Desculpe por ter usado o laço em você.

Jason deu de ombros, remexendo de leve os músculos por sobre a pele.

– O que eu sou, o que consigo fazer, eu mantive em segredo por muito tempo. Afastar os outros acaba virando hábito.

– Eu não devia ter forçado a barra. A verdade tem outro significado quando é revelada espontaneamente.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou as estrelas.

– Desde muito cedo os meus pais perceberam que eu era mais forte que as outras crianças, mais ligeiro. E eu gostava de lutar. Estava começando a me transformar num pequeno tirano. Eles me ensinaram a me refrear, a tomar cuidado para não fazer mal a ninguém. Mas às vezes eu sinto isso no meu sangue, o desejo de usar essa força, de me autoafirmar.

Diana tentou não demonstrar surpresa. Era exatamente esse o comportamento que ela fora instruída a esperar do mundo dos homens. Ainda assim, Jason reconhecia o impulso de violência que lhe fora passado pela linhagem dos Keralis. E se esforçara para abrandá-lo.

– É por isso que você valoriza tanto o autocontrole?

– É. Mas também é a forma como eu fui criado. Minha mãe ensinou a mim e à Alia que o nosso dinheiro só nos protegeria até certo ponto. As pessoas viveriam à espera das nossas falhas, para provar que não merecemos o que temos.

– Eu conheço essa sensação – admitiu ela.

– Conhece? – perguntou ele, encarando-a com ceticismo. – Alia e eu temos sempre que ser melhores. A gente tem sempre que estar um passo à frente. Só que quanto mais fortes ficamos, quanto mais conquistamos, mais os outros querem ter certeza de que sabemos o nosso lugar.

Ele encostou de leve a cabeça na pedra.

– É exaustivo – concluiu. – E essa cautela toda não abre muito espaço para a grandeza.

Talvez ela compreendesse menos do que imaginava. Na ilha, Diana sempre soubera que os seus fracassos eram mais significativos que os das outras. No entanto, também sabia que seria dona de suas conquistas. Se corresse depressa o bastante, lutasse com força suficiente, pensasse rápido o suficiente, suas irmãs respeitariam as suas vitórias.

Ela encostou o braço no dele.

– Não foi besteira o que você disse no avião. Todos queremos uma chance de grandiosidade.

Jason virou a cabeça e a encarou.

– E querer mais do que um pouco?

Algo naquelas palavras fez o coração de Diana acelerar.

– Quanto mais?

– Eu não sei – respondeu Jason, tornando a olhar o céu. – Você morde um pedaço. Morde outro. Como reconhecer que está satisfeito?

Eu vejo você, Filha da Terra. Vejo seus sonhos de glória.

– Então o seu desejo de dirigir os Laboratórios Keralis, o legado dos seus pais...

– O legado deles – repetiu Jason, com uma risada amarga. – Sabia que uma parte de mim quer acreditar que foi o poder da Alia que causou o acidente com os nossos pais?

Diana respirou fundo. Jason a encarou, com um brilho nos olhos escuros.

– Que tal essa verdade? – prosseguiu ele. – Foi por isso que pressionei tanto o Michael por uma investigação. Queria que houvesse uma conspiração, uma explicação, um motivo para tudo aquilo. Se querer ser o autor de grandes feitos não é besteira, isso é. É uma forma infantil de pensar.

Quais as consequências de uma perda tão grande numa só noite? Quem não iria atrás de ordem, do mínimo de controle?

– Você queria encontrar um sentido na morte deles – disse ela. – Não tem nada de errado nisso.

Jason se afastou da pedra e caminhou até a borda do penhasco.

– Eu queria refazer o mundo. Construir algo que eu compreendesse. – Ele cruzou os braços, o rosto voltado para o céu, e ela se lembrou de encontrá-lo sozinho no pomar, uma sentinela de pedra, vigilante. – Ainda quero.

– É por isso que você não quer deixar o controle da empresa.

Ele inclinou a cabeça para o lado e caminhou de volta à pedra, lentamente.

– Por que eu sinto que quem sempre acaba falando sou eu, e não você?

– Porque sou uma ótima ouvinte? – arriscou ela.

Jason sorriu.

– Vamos fazer um trato. Eu farei vinte perguntas. Você as

responderá, e eu a perdoarei pelo laço.

– Vinte é muita coisa – respondeu ela, cortando o ar com a mão.

– Dez.

– Três.

– *Três?* – retrucou ele, incrédulo. – Isso não é nada!

Ela imaginou saber o que ele perguntaria, e se sentia pronta para revelar a verdade sobre quem e o que era. Talvez não tudo, mas uma parte. Havia arrancado o mesmo dele à força. Podia retribuir.

– Nas histórias são sempre três – disse ela, dando de ombros. – Três desejos. Três perguntas.

Ele suspirou e tornou a se recostar na pedra, ao lado dela.

– Beleza. Mas você tem que dizer a verdade.

– O máximo possível.

Jason esfregou as mãos, ansioso.

– Ok, Diana Prince, você tem namorado?

Ela riu. Não era o esperado, absolutamente.

– Não.

– Namorada?

– Não. Você tem noção de que joga muito mal, não é? Lá se foram duas perguntas.

– Mas...

– Regras são regras. Mais uma pergunta, Jason Keralis.

Ela esperou. Sabia o que ele perguntaria em seguida.

– Muito bem – disse ele. – Qual é a história da estrela dupla?

Ela se empertigou, surpresa. Nenhuma pergunta sobre sua casa? Seu povo?

– Você se lembra disso?

– Lembro, e sabia que você não queria contar.

– Eu sou assim tão fácil de decifrar? – indagou ela, franzindo o cenho.

– Talvez eu só seja ótimo ouvinte.

Diana recostou o corpo novamente na pedra, escutando o vento nos pinheiros. Esse era um segredo diferente a compartilhar. Ela já tinha admitido que era sua história preferida. Não queria parecer boba.

Ela analisou o céu noturno.

– Sabe localizar a Ursa Maior?

– Claro.

Ela apontou, traçando uma linha.

– Ao fim desse arco, há Arcturo. E, mais adiante, dá para ver a estrela conhecida como Spica, ou Chifre. É uma das mais brilhantes do céu.

– Não tem como não ver.

– Mas ela guarda um segredo.

– Segredos nunca são boa coisa – comentou ele, estalando a língua.

– Nunca – concordou ela. – Na verdade são duas estrelas orbitando o mesmo centro de gravidade, tão próximas que acabam sendo indistinguíveis. A história conta que havia uma grande guerreira, Zoraida, que jurou que nunca se entregaria a ninguém que não se igualasse a ela. Mas ninguém a vencia na batalha.

– Deve ser aí que entra o herói.

– Zoraida é o herói. Mas outro campeão de fato veio tentar vencê-la, um homem tão orgulhoso e forte quanto ela. Jurou que a derrotaria ou morreria tentando. Então, durante uma aurora, os dois se encontraram e se confrontaram. Zoraida empunhando seu fiel machado e Agathon com uma espada mais reluzente que a manhã.

Diana fechou os olhos, lembrando-se das palavras da história.

– Desde o início ficou claro que os dois estavam em pé de igualdade, e assim ecoaram pelo vale os sons dos golpes que um desferia no outro. Eles lutaram por horas, depois dias. Então, mesmo quando o machado de Zoraida se despedaçou na manopla de Agathon, mesmo quando a espada dele se partiu ao acertar o escudo de Zoraida, eles continuaram a duelar, nenhum dos dois disposto a entregar a vitória.

– Quem ganhou? – perguntou Jason.

Diana abriu os olhos.

– Ninguém. Ou os dois. Depende do ponto de vista. Enquanto lutavam, o respeito de um pelo outro cresceu. Eles se apaixonaram, mas da mesma forma que se equiparavam em força, se equiparavam em teimosia. Morreram um nos braços do outro e, com os últimos suspiros, trocaram votos de amor. Os deuses os puseram no céu, onde viveriam eternamente, um jamais ofuscado pelo brilho do outro, governando seu trecho de noite, isolados e soberanos.

– Essa é a sua história favorita?

As sobrancelhas de Jason estavam erguidas, na expressão confusa que ela estava se habituando a antecipar.

– É – respondeu ela, na defensiva.

– Que coisa mais sombria. Você também é fã de Romeu e Julieta?

Diana soltou uma bufada.

– Não. Prefiro Benedick e Beatrice, de *Muito barulho por nada*.

– Mas eles não foram amaldiçoados!

– Não é necessário ser amaldiçoado. – Diana jogou as mãos para cima. – É uma história trágica de amor.

– Pois é, definitivamente *trágica*.

– É romântica. Eles encontraram um par.

Desde a primeira vez que Diana ouvira a história de Zoraida, ficara fascinada. Ela guardava todo o perigo e sedução do mundo dos homens. O que significava querer tanto alguém, mas se manter involuntariamente preso às próprias crenças? Se Zoraida tivesse perdido o coração para Agathon, teria se entregado ou se mantido fiel à sua promessa? Talvez a história fosse *um pouco* melodramática, mas nem por isso ela deixava de amá-la. Ela se virou e viu Jason mais uma vez a encará-la.

– Por que você não me perguntou sobre a ilha? – perguntou ela. – Sobre a minha origem?

– A verdade tem outro significado quando é revelada espontaneamente – respondeu ele, com um sorriso que denunciava a covinha.

Ele inclinou a cabeça na direção do vale.

– A que distância você acha que fica o pico daquela montanha?

– Vamos descobrir – respondeu ela, escancarando um sorriso.

Rindo, os dois desceram a colina, cruzaram o lago e adentraram a floresta prateada. Diana disparou na frente. Saltou por sobre um tronco caído e passou por sob um galho baixo, o coração batendo num ritmo feliz pela floresta que se desvelava diante dela. Avançou pelas árvores e irrompeu numa encosta cheia de pedrinhas, deslizando mais do que correndo enquanto o solo terroso cedia lugar a uma chuva de seixos sob seus pés. Ouvia os gritos de Jason atrás dela, lutando para alcançá-la, mas aparentemente apreciando cada minuto.

Eles agora estavam numa campina, colinas baixas e ondulantes repletas de rochedos e pequenos arbustos aderidos a planícies ásperas de granito. Ela ouviu os passos firmes de Jason, que surgiu para correr a seu lado, passada a passada. *Não está mais se escondendo*, percebeu ela. Ela riu, e ele abriu um sorriso na escuridão.

Diana relaxou e correu. *Não se entra em uma corrida para perder*.

Sentiu as tiras das sandálias na terra, as estrelas girando no céu. Não se preocupou em acelerar o passo, nem com a altura da

montanha. Simplesmente correu, com os passos de Jason a impulsioná-la. Não precisava se preocupar com a derrota nem com o comportamento de princesa. Era só uma corrida, o desejo de vencer, a excitação da batida frenética de seu coração junto ao dele enquanto atravessavam um córrego e começaram a escalar a encosta íngreme em direção ao topo, avançando por pequenos arbustos espinhosos até uma antiga trilha de carroças, repleta de heras crescidas e entrecortada por raízes de árvores.

Diana soltou um assobio de triunfo ao pisotear a trilha, avançando mais depressa para o trecho de árvores mais esparsas, de troncos curvados e entortados pelo vento. Pareciam mulheres congeladas numa dança louca e desinibida, os cabelos emaranhados e jogados para a frente, as costas arqueadas em êxtase ou curvadas em súplica, uma procissão de dançarinas que conduziu Diana à lateral da montanha.

Corra, sussurravam elas, pois é isso o que acontece se você deixar os pés fincarem raízes. Todavia, não era essa a vida que Diana e suas irmãs haviam escolhido? Fixadas em um só lugar; seguras, porém alijadas do tempo, a postos para uma guerra que poderia nunca chegar?

Ela dobrou uma curva e viu diante de si a crista do pico. Lá havia um pequeno santuário, uma madona rodeada de flores secas e embalagens de doces, pequenas oferendas. Diana sabia que sempre houvera santuários ali, lugares onde se invocavam os nomes das deusas, onde orações eram ofertadas sob o infinito céu negro.

Ela investiu numa última arrancada, alongando as passadas, e deu um berro ao passar pelo santuário e chegar ao pico da montanha, erguendo os braços em sinal de vitória.

Jason vinha logo atrás dela, percorrendo os últimos poucos metros em um trote. Curvou o corpo e apoiou as mãos nos joelhos, com uma risada resfolegante.

– Não é legal se alegrar com a desgraça alheia – disse ele, num arquejo.

– A gente devia ter apostado – retrucou ela, escancarando um sorriso.

Ela desceu o olhar pelo vale até os picos do Taígeto a distância, um mundo pintado em preto e prata, o céu uma negra abóbada estrelada. Parecia infinito, intocado por mares ou barreiras, um mundo capaz de receber centenas de vidas humanas. Quando chegassem à nascente,

porém, ela teria que deixar todo aquele horizonte para trás.

– Bom, acho que não sou nenhum Agathon – disse Jason. – Mal consegui acompanhar.

Ela meneou a cabeça, relutante.

– Você me acompanhou bem.

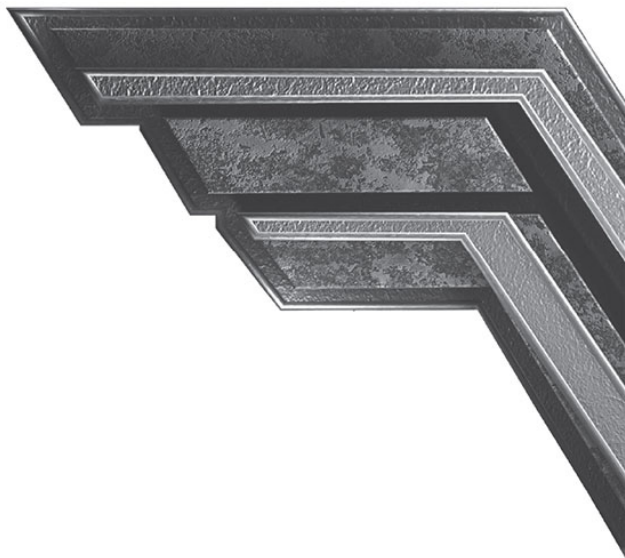
– Ah, foi? – indagou ele.

Diana, porém, teve a impressão de que a pergunta que Jason fizera de fato era outra. Ele se virou para ela, a silhueta refletindo o dourado das estrelas.

– Foi – respondeu ela, a voz entrecortada por uma respiração.

Jason inclinou o corpo para a frente, e Diana se sentiu atrair pela gravidade dele, pelo formato de seus lábios, pelo movimento de seus músculos. Sua boca encontrou a dela, quente e suave, o primeiro fruto do verão, maduro e fértil de promessas, e o desejo brotou nela feito uma hera faminta, as gavinhas se aninhando sob seu estômago.

Ele correu a mão por seus cabelos, aproximando-a de si. Sob aquela força e ligeireza, porém, ela sentia a mortalidade, sua existência fugaz como um beijo, uma centelha capturada. Ele não duraria. Então ela se permitiu sentir a forte batida de seu coração, o calor de sua pele, a ferocidade de uma vida que brilharia pelo mais breve instante.



CAPÍTULO 22

Alia acordou com o canto de um pássaro e avistou a lua crescente no horizonte, uma foice esguia e perfeita. A lua da colheita. Hecatombaion havia começado. *Estamos quase lá*, lembrou a si mesma. *Só temos que chegar à nascente antes do pôr do sol.*

O plano de amarrar Theo e Nim durante a noite fizera efeito ou os deuses da batalha haviam encontrado outro grupo de pessoas para perturbar, pois ninguém parecia estar gritando nem tentando cometer homicídio. Diana e Jason já estavam acordados, o último estoque de comida já havia sido disposto em uma pedra, e os dois debatiam qual seria o melhor caminho até Terapne e como encontrar a nascente. Estavam sentados bem perto um do outro, quase encostando os ombros, aparentemente sem a animosidade que nutriram entre si desde o primeiro encontro.

Talvez não fosse animosidade, considerou ela, girando a cabeça para tentar suavizar a câimbra no pescoço. *Eca*. Se Jason andava dando em cima de suas amigas, ela não queria saber nada a respeito.

Alia deixou Nim ainda aos roncoss no banco do motorista e foi lavar o rosto e as mãos no lago sob a cascata. Ouviu Theo antes de vê-lo; o assobio contente de alguma música que ela não reconheceu avançava pela curva do caminho. Antes que ela pudesse se virar e correr, lá vinha ele, usando a calça lustrosa e surrada e a camisa azul de botões, agora sem mangas. Carregava diante do corpo, nos braços magrelos, o

galão cheio d'água. Ao vê-la, estacou.

– Oi – disse Theo.

Bom, isso não será nem um pouco estranho.

– Oi – respondeu Alia, esforçando-se ao máximo para soar natural.

– Dormiu bem?

– Dormi. E você?

– Muito bem – disse ela, passando por ele e seguindo em direção à cascata.

Fácil. Agora é só passar umas horas espremida com ele num carro. Sem problemas.

Ela ouviu um baque seguido pelos passos dele; percebeu que havia deixado o galão de água no chão e corria para alcançá-la. Talvez ela conseguisse enfiar a cabeça na água e prender a respiração até que ele desistisse.

– Escute... – começou ele.

– Theo, seja lá o que você for dizer, só vai piorar as coisas. Não foi nada de mais. Eu tinha 13 anos. E tive uma paixonite.

– Porque os meus olhos são dourados feito o mar sob o crepúsculo?

Por um instante Alia ficou confusa. Então a lembrança a invadiu, com uma clareza nauseante. *Seus olhos são dourados feito o mar sob o crepúsculo. Neles eu me afogaria mil vezes.* Aquela carta horrível.

– Ai, meu Deus – grunhiu Alia. – Achei que você nunca fosse ler.

Theo escancarou um sorriso.

– Eu li.

– Bom, isso foi muito tempo atrás – disse ela, com uma risada estranha. – Eu escrevi tipo umas dez dessas. Uma delas foi para o Zac Efron.

– Ah – respondeu Theo, de fato com o semblante meio decepcionado. – Que pena. Foi a coisa mais bacana que alguém já me falou.

Alia pensou no séquito de garotas que vira com Theo nos últimos anos.

– Claro.

Ele correu a mão pela nuca.

– Você pelo menos se lembra do que escreveu?

– Não exatamente. Toda vez que o meu cérebro tenta lembrar, eu me contraio de tal forma que tenho que parar, para não arriscar um aneurisma.

Theo encarou os sapatos de bico fino. Estavam irreparavelmente

arranhados, as laterais com estampa *pied-de-poule* quase invisíveis sob a sujeira.

– Você disse que eu era inteligente, e que se os outros nem sempre riam das minhas piadas, talvez fosse porque não entendessem.

– Eu disse isso?

Bom, ela estivera certa em relação àquilo. Alia recordou que odiava a implicância de Michael com Theo, e o fato de os colegas da escola o chamarem de esquisito e desengonçado. Conforme a idade foi passando, todos começaram a gostar do interesse de Theo em música, roupas e tudo o mais. Ela o vira começar a cair nas graças das garotas e sentira a frustração de um hipster.

Eu sabia que ele era maneiro antes de vocês.

– Você me comparou a um camarão-de-estalo – disse ele.

– Está querendo que eu tente me afogar? – retrucou Alia, fechando os olhos.

– Não, foi demais. Você disse que o camarão-de-estalo é pequenino, mas tem uma garra que produz um som...

– Mais alto que turbina de avião – completou Alia. – Pois é, estou me lembrando. Eu estava bem interessada em biologia marinha naquele ano.

– Isso – disse Theo, empolgado. – Daí ele faz um estalido que pode dar choque em peixinhos menores ou coisa assim, mas você disse que ele sobrevive fazendo barulho, e não tentando se misturar.

– Como é que você se lembra disso tudo?

Theo entortou o sorriso. Enfiou as mãos nos bolsos e remexeu os pés.

– Eu guardei.

– Sério?

– Era uma boa lembrança – respondeu ele, dando de ombros. – Quando as coisas não iam muito bem.

Alia cruzou os braços.

– Se foi tão significativo, por que você não disse nada?

Theo revirou os olhos.

– Porque também tinha um monte de partes ridículas sobre beijos, e você tinha 13 anos e era a irmã do meu melhor amigo. Eu achei que você fosse me encurralar e me pedir em casamento. Tipo, tem meia página dedicada a todos os indícios de que nós éramos almas gêmeas. Um deles era o nosso gosto por ketchup.

– Para – retrucou Alia, cobrindo a cabeça com as mãos.

– Uns papos meio doidos de ficar me seguindo, umas metáforas superenroladas.

– Ok, já está bom. Pode ir e me deixar curtir a minha humilhação em paz.

– Mas é isso que estou falando... eu lamento por essa carta deixá-la envergonhada.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Ok – corrigiu Theo –, eu não lamento, porque você fica bem bonitinha quando está com vergonha, mas aquela carta significou algo para mim. Você me disse que gostava do meu jeito diferente, e aquilo era realmente o que eu precisava ouvir naquela época.

– Então... eu acho... que não há de quê? – disse Alia, insegura sobre o que mais falar, achando que conseguiria viver com aquela vergonha. – Mesmo assim, você tem que ir.

– Por quê?

– Porque eu preciso ir, sabe?

– Claro, a coisa da nascente!

– Não – disse ela, com as bochechas ardendo. – Preciso *fazer xixi*.

– Ok, fui! – respondeu Theo, erguendo os dois polegares.

Ele percorreu o caminho de volta e se agachou para pegar o galão de água.

– Ei, Theo? – disse Alia.

– Sim?

– Na noite da festa no Met, por que você elogiou todo mundo, menos eu?

Theo escancarou um sorriso torto.

– Porque quando eu vi você naquele vestido dourado, o meu cérebro travou.

– Sei – retrucou Alia, revirando os olhos.

Theo deu dois passos, então parou.

– Alia? – chamou ele.

– O que foi, Theo?

– Aquela noite, na festa... você parecia um tesouro escondido.

Alia levou um tempo para retornar ao carro, basicamente por não conseguir tirar do rosto a cara de boba. Quando enfim retornou à clareira, Diana andava de um lado para outro, e Jason assumira a habitual expressão rabugenta. Ele abriu a porta do Fiat para conduzir as duas para dentro, e Alia teve a certeza de que se o irmão ainda

tivesse relógio, estaria desferindo nele tapinhas impacientes.

Eles se espremeram na mesma formação do dia anterior: Nim ao volante, Jason no banco do passageiro e os três atrás. Alia se sentia quase culpada pelo espaço que havia atrás do banco de Nim, e em silêncio agradeceu pelas pernas curtas da amiga.

Eles decidiram manter o plano de pegar a passagem de Langada, e umas horas depois margeavam a cidade de Calamata, parando apenas para encher o tanque antes de chegar à estrada montanhosa rumo a leste.

Alia não levou muito tempo para perceber por que a população local não usava aquela rota em particular. Ela aderiu ao penhasco por uma faixa estreita, margeada de um lado por implacáveis rochas cinzentas e de outro por uma íngreme ravina apinhada de árvores.

Enquanto o carro serpeava por mais uma curva, Alia tentava controlar o enjoo. Em alguns trechos a estrada seguia numa faixa só, e não havia como enxergar quem vinha no sentido oposto nem a que velocidade. Mesmo com duas faixas, o caminho era tão estreito que o Fiat estremecia ao cruzar com um carro veloz. Alia tentava se convencer de que não passava da diferença de pressão entre os dois veículos, mas justificar os tremores com o princípio de Bernoulli não aliviava em nada a sensação de que eles saíam rolando pelo despenhadeiro ou mergulhariam de encontro ao nada à primeira topada com um motorista descuidado.

– Esta é uma estrada antiga – disse Diana, olhando através de Alia pela janela. – Telêmaco a cruzou de carruagem, ao sair do palácio de Nestor para visitar Menelau em Esparta.

– Menelau? Tipo o marido de Helena? – perguntou Alia.

– Aposto que Telêmaco não ficou preso atrás de um ônibus de turismo – resmungou Nim, descendo a mão na buzina.

– Ei – disse Jason. – Estamos tentando passar despercebidos, lembra?

– Não se preocupe – retrucou Nim, pontuando cada palavra com uma buzina. – Ninguém. Está. Prestando. Atenção. Em. Mim.

Por fim o ônibus parou num acostamento, e Nim acelerou.

– Nim – disse Alia, de olhos fechados e agarrada ao braço de Diana –, eu sei que estamos correndo para salvar a nossa vida, mas não vai adiantar nada se não sobrevivermos à estrada.

– Está tudo bem! – respondeu Nim, fazendo outra curva com tanto entusiasmo que os ocupantes do carro desabaram todos para a

esquerda.

Para a subida da montanha fora preciso abrir mão do ar condicionado do Fiat. Agora que estavam livres da fumaça do ônibus, Alia meteu a cabeça para fora da janela aberta e inspirou profundamente.

A parte de seu cérebro menos preocupada em não vomitar podia apreciar a beleza daquele lugar: as densas nuvens de pinheiros, os cumes irregulares e os pináculos retorcidos da passagem. Havia pontos onde as rochas formavam saliências na estrada, e outros onde a estrada se estreitava e o carro tinha que avançar por uma fenda delgada e bruta na pedra. Fosse lá quem tivesse desenhado aquele caminho, havia deixado pouco espaço de cada lado. Alia tinha a sensação de que o Fiat estava preso na goela de um monstro, e que a qualquer instante a besta poderia querer expulsá-lo com uma tossida ribombante.

– Aquele era o poço de Céadas – disse Jason, ao passarem voando por uma placa.

– O quê? – perguntou Alia.

– Era onde os espartanos arremessavam os inimigos, para não serem encontrados. Dizem que não tem fundo.

– Pois é, e os filhos também – completou Theo. – Se os bebês não tivessem boa saúde.

– Que horror – disse Alia.

– Era uma cultura marcial – explicou Jason. – Eles tinham outras prioridades.

Theo cutucou a orelha de Jason.

– Está dizendo que tudo bem descartar alguém que não fosse um espécime de físico perfeito, tipo você?

– Só estou dizendo que os tempos eram outros.

– Tempos de barbárie – comentou Nim, com um arrepio.

– O mundo onde a gente vive é tão melhor assim? – indagou Jason.

– Tem vaso com descarga – retrucou Nim.

– Antibióticos – disse Alia.

– Smartphones – completou Theo.

– É disso que estou falando – disse Jason. – Os antibióticos criaram novas classes de superbactérias. As pessoas são tão dependentes dos telefones que já nem se dão ao trabalho de aprender qualquer coisa sozinhas.

Alia se inclinou para a frente e deu um safanão no braço de Jason.

– Não acredito que você está falando mal da ciência.

– Não estou! – retorquiu Jason, erguendo as mãos na defensiva. – Só estou dizendo que há um preço para tudo isso que torna a nossa vida tão conveniente. Pensem na forma como a tecnologia alterou os processos modernos de guerra. Quanta coragem é necessária para lançar um ataque aéreo por detrás da tela de um computador?

– É verdade – disse Diana. – Vocês são assassinos eficientes.

– É claro – falou Alia, pensando em todos os progressos que seus pais haviam conquistado nos Laboratórios Keralis, e até nas pesquisas em relação ao Projeto Segunda Filha. – Mas também somos curandeiros eficientes.

– E isso também tem um preço – retrucou Jason. – Cada geração é mais fraca que a anterior. Incapaz de se adaptar e ter sucesso sem o respaldo de vacinas, terapia genética.

Theo chutou as costas do banco de Jason.

– Caramba, Jason, a cada segundo você fica mais espartano.

– É só biologia – retrucou Jason. – Não estou dizendo que é bom ou ruim.

– Ah, pois sim – concluiu Theo, desabando no assento –, eu só sei que teria sido o primeiro a ser atirado do penhasco. A *cultura marcial* dos espartanos não devia curtir muito os bebês nerds e magrelos.

– Isso é mito – disse Diana.

Alia já não sabia mais ao certo o que essa palavra significava.

– Mito tipo as Sementes da Guerra e os deuses da batalha? – indagou ela.

– Não – respondeu Diana. – A verdade é que um dos mais famosos poetas espartanos era cego de nascença. Eles tinham um rei com pé torto. Sabiam que um guerreiro não era feito apenas de força física. Toda essa história de deixar os bebês para morrer era intriga ateniense.

– Gente – disse Nim –, vocês sabem o que os espartanos disseram quando os persas exigiram que eles entregassem as armas e se rendessem?

– Não – respondeu Theo. – Mas aposto que foi seguido por gritaria e uma cena de luta em câmera lenta.

– *Molon labe* – disse Jason.

– Venham pegar – murmurou Diana.

– Rá! – disse Theo. – Tem gente que sabe mais que a sabe-tudo.

Nim conduziu o grupo pela curva seguinte.

– Theo, tenho quase certeza de que dá tempo de voltar até o poço sem fundo.

Venham pegar. Alia se perguntou se Diana achava que eles estavam prestes a enfrentar uma batalha. Estaria com medo? Ou estaria se sentindo como uma violinista ansiosa pela chance de tocar num concerto?

– Alia – disse Theo, ignorando Nim –, qual é a primeira coisa que você vai querer fazer depois que se purificar do lance de Semente da Guerra?

Alia abriu a boca, então hesitou. Com todo o terror e desespero para chegar à nascente, ela de fato não havia refletido sobre o que poderia vir em seguida.

– Você acha que eu vou me sentir diferente? – perguntou ela a Diana.

– Eu não sei – respondeu a amazona –, mas acho que o mundo vai. Theo riu.

– Então todos daremos as mãos e cantaremos belas canções?

– Isso não parece agradável – respondeu Diana.

– Fala sério! – disse Theo. – Paz, amor, a Era de Aspargos.

– Aquarius – corrigiu Nim.

– É isso mesmo que vocês pensam que é a paz? – disse Diana, claramente achando engraçado. – Parece uma peça ruim de um ato só.

– Não, não, não – respondeu Theo. – É um musical.

– Ai, Deus – grunhiu Nim.

– Quando a *luuuua* não sei o que lá... – cantarolou Theo.

– Theo, cala essa boca – retrucou Nim, agarrando o volante.

– E *Júpiteeer...*

– Theo! – vociferou Nim. – *Cala a boca.* Tem alguma coisa atrás da gente.

Alia espichou o pescoço e olhou pela janela traseira. Havia um caminhão piscando os faróis.

– Talvez ele esteja só querendo passar.

No mesmo instante, porém, o caminhão acelerou, encostando o para-choque na traseira do Fiat. O carrinho deu uma guinada para a frente, e o grupo inteiro gritou.

Alia tornou a olhar para trás, e pela janela viu os olhos negros e fundos do motorista, os lábios repuxados num esgar, o rosto monstruoso emoldurado por um elmo de leão. O caminhão tremeluziu, e Alia viu a silhueta de uma carruagem conduzida por

quatro gigantescos cavalos de olhos vermelhos, os imensos cascos soltando fagulhas no asfalto. O medo a invadiu. Ela precisava sair daquele carro.

Diana agarrou sua mão, mantendo-a longe da porta do carro.

– Não ceda ao medo. É Deimos – disse ela, com a voz baixa e firme, embora Alia visse suas pupilas dilatadas e um brilho de suor em sua fronte. – O deus do terror. Irmão de Fobos. Nim, você precisa ir mais devagar.

O motorista buzinou, um guinchado alto que invadiu os ouvidos de Alia. Ele continha as trombetas da guerra, os gritos dos agonizantes.

O caminhão avançou rugindo e bateu outra vez na traseira do Fiat. O carro deu um tranco e derrapou para a outra pista, quase colidindo com um veículo que vinha no sentido oposto.

Nim girou o volante, voltou à mão certa e pisou fundo, tentando ser mais veloz que o caminhão.

– O que eu faço? – perguntou ela, com a voz trêmula.

– Desacelere – ordenou Diana.

– Ele está colado em mim! – gritou Nim.

– Escute a Diana. Ele não tentará nos matar – disse Jason, os punhos cerrados, as juntas dos dedos feito estrelas brancas. – Desacelere. Eles não querem a Semente da Guerra morta.

– Anda, Nim – disse Alia, embora seu corpo inteiro quisesse mandar Nim acelerar com todo o gás e se afastar o máximo possível do monstro em seu encalço.

Ela se forçou a apertar o ombro de Nim.

– Anda.

Nim soltou um soluço baixo, dobrou os dedos e tirou o pé do acelerador. O carro reduziu a velocidade.

Mais uma vez a buzina do caminhão berrou, e Alia tapou os ouvidos. Por cima de tudo ela ouvia o rugido do motor, o ribombo dos cascos. O caminhão havia se deslocado para a faixa oposta, emparelhando com eles.

– Ele vai espremer a gente no penhasco! – gritou Theo.

– Precisamos parar – disse Jason.

– Não consigo! – disse Nim, soluçando. – Tem carros atrás.

Motoristas inocentes. O que estavam vendo? Um pequeno Fiat cheio de turistas, acelerando e reduzindo a marcha, todo desgovernado? Um caminhão tentando ultrapassar? Ou algo pior? Se Nim parasse o carro, os outros motoristas poderiam ter tempo para

reduzir e parar com segurança ou ir engavetando pelo penhasco até o barranco.

O som da carruagem fazia estremecer o carro; a pancada dos cascos era a detonação de morteiros; o clangor das rodas, a percussão ensurdecadora dos tiros.

Theo gargalhou, e Alia viu Fobos ao lado de Diana. Ele chutou o assento de Jason com uma exaltação feroz, e a princesa estendeu o braço para contê-lo. O Fiat seguia em disparada.

– Nim, *desacelera!* – gritou Alia.

A única resposta de Nim, no entanto, foi uma gargalhada áspera, o balanço dos cabelos negros feito um emaranhado de noite estrelada. Éris cravou o pé no acelerador, impulsionando a carruagem.

Deimos escancarou um sorriso e estalou o chicote, que cintilava em sua mão feito uma víbora de pele reluzente. A carruagem rugiu adiante – ultrapassou um carro, dois – e cortou para a pista deles. Parou, com um guincho, e Alia viu a caçamba do caminhão deslizar para o lado e bloquear a estrada. Eles bateriam.

Ela abriu a boca para gritar. Jason agarrou o volante e puxou-o com força para a direita. O Fiat deslizou para fora da estrada, adentrou uma estradinha secundária, girando e cantando as rodas de trás no asfalto, e adernou para fora do asfalto, em meio aos arbustos, destroçando os galhos com o para-brisa. Alia percebeu que Diana a havia protegido com seu corpo, então ouviu um estampido alto.

Um dos pneus havia estourado. O carro foi reduzindo a marcha e por fim parou.

O ar ficou imóvel. O grito do silêncio se fez presente nos ouvidos de Alia, até que, um a um, os sons do mundo começaram a retornar: insetos, os gorjeios dos pássaros, o ritmo de sua própria respiração frenética.

Jason tinha os braços abertos, os olhos fechados, as mãos no painel frontal, as narinas trêmulas inalando e exalando o ar.

– Droga, droga, droga – murmurou Theo, apoiando a cabeça atrás do assento de Jason.

– Tudo bem? – perguntou Diana, afastando as tranças de Alia do rosto.

Ela tinha o rosto pálido, os olhos azuis arregalados. Alia conseguiu menear a cabeça. Nim abriu a porta do carona com um solavanco, deu dois passos cambaleantes, caiu de joelhos e vomitou.

Alia socou a porta. Não conseguia fazer os dedos funcionarem.

Diana inclinou o corpo e soltou a tranca. Alia deslizou para junto de Nim, com as pernas bambas. Por um instante o mundo se inclinou e ela achou que fosse desmaiar. Então se viu perto de Nim, segurando-a com força, tão trêmula quanto a amiga.

Ouviu as portas do carro se abrirem e se forçou a olhar direito ao redor. Eles estavam num vale apinhado de oliveiras. Fora pura sorte não terem batido numa delas e destruído o carro por completo.

– Então eles não estavam tentando matar a gente, hein? – disse Theo, apoiando o corpo na lateral do Fiat.

– Eles pararam o caminhão lá por algum motivo – disse Diana.

Ela vasculhou o porta-malas do carro e levou o galão de água até Nim, agachando-se para oferecê-lo.

– Beba – disse ela, com gentileza.

Jason caminhava em pequenos círculos. Tinha os olhos meio desorientados.

– Eles queriam que a gente reduzisse a velocidade. Sabiam que a estrada lateral era aqui. Nos fizeram desviar da rodovia de propósito.

– A carruagem – disse Alia, a voz atordoada. – Eu vi uma carruagem quando a gente decolou do gramado do Central Park. Acho que era uma dessas. Acho que ele estava nos ajudando a escapar, protegendo a minha vida.

Nim deu um gole d'água, bochechou, cuspiu na terra, então deu mais uma golada e esfregou os lábios molhados.

– Esse carro tem estepe?

– Nim... – disse Alia.

Não era possível que Nim estivesse pronta para retornar à estrada.

– *Esse carro tem estepe?* – repetiu Nim, com o olhar feroz.

– Sim – disse Theo, olhando o porta-malas. – Tem.

– Então pegue – disse ela, acenando para Diana e Jason. – Vocês aí, guindastes humanos, um de vocês tem que conseguir trocar esse pneu rapidinho.

Diana pousou a mão no ombro de Nim.

– Nim, tem certeza de que consegue fazer isso? Você já provou a sua força.

Nim balançou a cabeça.

– Alia e eu passamos metade da vida sendo intimidadas. Se esses imbecis pensam que vão nos amedrontar sem que a gente revide, vão aprender uma lição.

Nim ergueu o dedo mindinho, e Alia enganchou nele o próprio

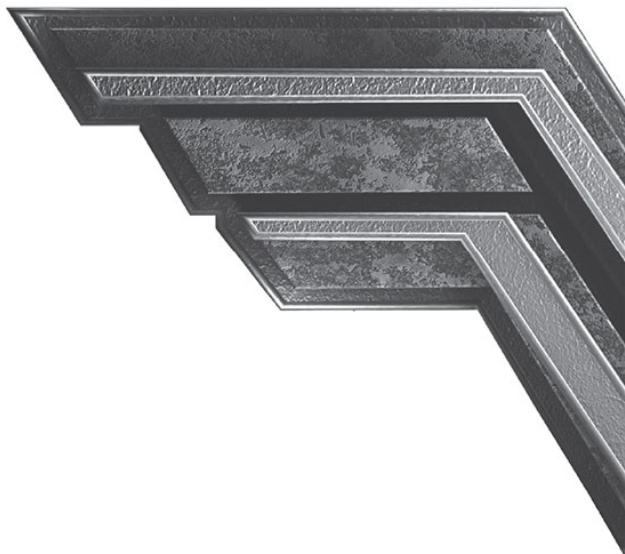
dedinho. Alia levantou a mão esquerda. Depois de um instante de confusão, Diana enganchou um mindinho no de Alia e ofereceu o outro a Nim.

– Estão formando uma convenção de bruxas? – perguntou Theo, com o estepe apoiado no ombro ossudo.

– O bem, o mal... – disse Nim, escancarando um sorriso determinado.

Alia apertou os dedinhos e sentiu Nim e Diana apertarem também.

– E o escambau – responderam as três, juntas.



CAPÍTULO 23

Em vez de retornar à passagem, eles pegaram as estradas secundárias. Pode ter sido pelo susto passado com Deimos ou pelo fato de terem apenas três pneus em bom estado, mas Diana não lamentava que Nim estivesse manejando seu estilo imprudente de direção e o carro avançasse a um ritmo mais razoável. O Fiat tinha levado uma bela pancada, o para-choque traseiro estava todo amassado e a alegre pintura cor de tangerina ganhara arranhões dos dois lados, mas o motor ainda rufava e seguia em frente como um soldado. Nim e o Fiat pareciam almas afins, pequeninos e infatigáveis.

A coragem humana era diferente da bravura das amazonas. Diana enxergava isso agora. Apesar de toda a zombaria com que ouvira sua mãe e irmãs se referirem ao mundo mortal, ela não podia deixar de admirar as pessoas com quem estava viajando. Levavam vidas violentas, instáveis, frágeis, mas lutavam por elas mesmo assim, agarradas à esperança de que sua breve estada na terra fosse de alguma valia. Era importante preservar essa fé.

A estrada mais afastada do barranco era mais suave, descendo até o vasto e verde vale regado pelo rio Eurotas e margeado pelos picos do monte Parnonas. Era uma estrada moderna, com vias largas e curvas suaves que os levavam de volta a sinais de civilização. A paisagem que eles percorriam trazia uma estranha dissonância: casas em formato de caixa, com antenas televisivas no telhado e carros

lustrosos nas garagens, acotovelavam ruínas de pedra e antigos mosteiros com paredes cheias de seteiras.

Em dado momento eles cruzaram um vilarejo, os pórticos dos hoteizinhos na praça principal apinhados de grossas palmeiras. Sobre muros caiados pendiam laranjeiras, soltando no ar o doce aroma dos frutos.

Eles seguiram em frente, cruzando bosques de oliveiras ladeados por cercas de metal, passando por uma igreja feita de reluzentes pedras douradas, tal e qual os terraços de Temiscira, e encimada por telhas de terracota. Por fim, os plátanos e as frondes trêmulas das samambaias começaram a salpicar de sombras a estrada. O campo se transformou em subúrbio, que por sua vez deu lugar a uma cidade moderna, com amplos bulevares ladeados por prédios de apartamentos, cafés ao ar livre decorados com guarda-sóis de plástico, postes de rua metálicos em marcha reta rumo ao centro.

– Meu Deus, isso aqui parece tão comum – disse Nim.

Para Diana tudo ainda era novo demais para trazer a sensação de ser comum, mas eles estavam rodeados por carros e pessoas. De certa forma parecia seguro, como se o mundo moderno pudesse afastar o terror dos deuses antigos. Em pouco tempo o grupo avançava para o norte e cruzava o Eurotas.

– Estamos chegando, não estamos? – perguntou Alia, ao cruzarem o rio.

– Só faltam alguns quilômetros – respondeu Jason.

Ele começou a bater com a mão na coxa em um ritmo nervoso, cada músculo do corpo tenso de preocupação. Era difícil para Diana acreditar que aquele era o mesmo rapaz que correria às gargalhadas com ela sob um céu estrelado, que a beijara no alto da montanha. Ela afastou esse pensamento.

– Você se sente diferente aqui? – perguntou Diana a Alia.

A paisagem havia outra vez se alterado subitamente, e agora se mostrava mais exuberante. Eles passaram por pedreiras protegidas por portões, e ali os troncos retorcidos das oliveiras brotavam da grama verde e macia. Até a cor das pedras havia mudado, passando de cinza a vermelho-vivo.

Alia estendeu a mão pela janela, explorando as correntes de ar.

– Parece familiar.

Nuvens deslizavam pelo céu, e o ar soprava frio na pele de Diana. A estrada começou a escalar as colinas baixas.

– Sem carros – disse Theo. – Sem ônibus de turismo. Acho que teremos a tumba só para nós.

– Eles se esqueceram dela – disse Alia. – Todo mundo se lembra de Helena de Troia. Mas ela era espartana; esta era a casa dela. A rainha que viveu e morreu aqui foi esquecida.

Nim percorria as curvas amplas e ociosas da estrada quase se arrastando.

– Vocês não estão achando tudo... sei lá, meio quieto?

Alia estremeceu e esfregou os braços.

– Como se alguma coisa fosse dar terrivelmente errado?

– Vocês conhecem o ditado – disse Theo. – A cavalo dado não se atira nos dentes.

– Tenho quase certeza de que o ditado não é esse – retrucou Nim.

Alia respirou fundo.

– Vocês todos... relaxem.

Jason se remexeu, incomodado, no banco do carona, contraindo a mandíbula. Diana sabia que todos estavam pensando a mesma coisa. Depois dos horrores vividos na passagem, algo ainda pior deveria estar à espera deles à medida que se aproximassem da nascente. No entanto, não havia sinal de problemas.

A estrada descrevia uma subida constante, ladeada por um pasto rochoso, mais oliveiras e postes. Eles passaram por um vilarejo que despontou de repente do alto das montanhas e um grande cemitério que crescia no entorno de uma igreja, como um bosque de cruzeiras brancas.

No fim das contas, a placa da tumba era tão pequena que eles tiveram que retornar duas vezes até encontrá-la – um retângulo de metal amassado, inclinado e retorcido no poste, quase encoberto por flores silvestres amarelas. As palavras estavam escritas em grego e inglês: *Menelaion, santuário de Menelau e Helena*.

– Pelo menos o nome dela aparece na placa – resmungou Alia.

Não havia onde esconder o Fiat, então eles tiveram que estacioná-lo no acostamento de terra da estrada.

– É estranho deixar ela aqui a céu aberto – disse Alia.

– “Ela”? Não sabia que o nosso carro era mulher – falou Theo, zombeteiro.

– Não é óbvio? Ela é resistente, tem estilo e nunca desiste.

– Chegar aqui foi fácil demais – murmurou Diana para Jason, enquanto apertavam o passo para alcançar os outros.

– É possível que tenhamos escapado dos atacantes do avião – respondeu ele, perscrutando os arredores. – Não havia como eles saberem que a gente estava vindo para uma tumba obscura.

– Mesmo assim... Onde está Éris? Onde estão os gêmeos? Eles não precisam de satélite para nos rastrear.

– Pode ser que ainda apareçam – retrucou ele.

Sim. Outra voz, porém, se expressou dentro de Diana: e se tivesse sido tudo um estratagema? O Oráculo mencionara a nascente em Terapne, mas e se Diana não tivesse entendido direito? Talvez houvesse outro local de sagração a Helena. Talvez Éris e seus terríveis sobrinhos tivessem sido uma mera distração para conduzi-los adiante, para que eles voltassem a atenção ao alvo errado enquanto corriam as horas até o início do Hecatombaion.

– Diana – disse Jason, tirando-a de seus devaneios.

Ele roçou a mão na dela, e Diana recordou a sensação de beijá-lo sob o céu noturno.

– Quando tudo isso acabar, você vai para casa?

– Vou – respondeu ela, sem pensar.

– Ah – disse ele, encarando o chão. – Para sempre?

Como explicar as regras da ilha? Diana acreditava que depois de tudo aquilo, mesmo que fosse bem-sucedida, pudesse ser exilada. O tempo, contudo, corria de maneira diferente em Temiscira. Enquanto fosse julgada e sentenciada poderiam se passar anos no mundo mortal. Além disso, ainda que conseguisse dar um jeito de reencontrar seus amigos, isso seria capaz de abrandar a dor de perder sua casa? De nunca mais ver sua mãe e suas irmãs?

– Eu não sei – respondeu ela. – Não pertenco a este lugar, Jason.

– Mas poderia pertencer – disse ele, ainda sem olhar para ela. – No devido tempo.

– É isso? – indagou Theo, parado no alto da colina com as mãos na cintura.

Diana esperava ruínas mais dramáticas. Sabia que um dia existira ali um vasto assentamento, com santuários e templos dedicados a Helena e seu marido. Agora, porém, restavam apenas umas edificações encobertas por heras ao redor de um singelo montinho de terra, algo que parecia uma mistura de cova com algum templo antigo cujas paredes de pedra eram lentamente engolidas por flores silvestres. Mais adiante um brilho dourado cintilava no vale verde, como se o sol tivesse se liquefeito por entre as cadeias montanhosas, refletindo o

brilho das margens do Eurotas abaixo.

– Não parece grande coisa – disse Nim. – E cadê a nascente?

– Talvez seja uma coisa metafórica – respondeu Theo. – Tipo “a nascente está dentro de cada um de nós”?

– Eu devia ter atropelado você quando tive a chance – comentou Nim.

– Diana? – indagou Alia.

O incômodo dentro de Diana cresceu.

– O Oráculo só mencionou a nascente em Terapne.

– Não podia estar falando de outro lugar?

– De onde? Não existem outros monumentos a Helena em Terapne.

A Semente da Guerra será purificada onde Helena descansa – repetiu ela, sentindo a frustração dominá-la. – É aqui o local do descanso final de Helena. Foi o santuário *dela* primeiro, antes de pertencer a Menelau.

– Não tem nada aqui – disse Jason.

– A gente veio até aqui à toa? – perguntou Theo.

Jason balançou a cabeça.

– Alia, a gente tem que tirar você daqui. Você ainda pode estar correndo perigo.

– Eu não vou a lugar nenhum – retrucou ela, encarando Diana. – Já cumpri a minha parte do acordo. O sol daqui a pouco vai se pôr.

Não. Elas mal haviam procurado a nascente. Nem tinham refletido direito.

– A gente ainda tem tempo – respondeu Diana. – Encontraremos uma solução.

– Quando tempo ainda temos? Uma hora? Uma hora e meia? Não existe outra solução. Eu não vou viver sabendo que podia ter impedido isso.

– Alia – retrucou Jason, bruscamente. – Eu não deixarei você se matar.

– Essa decisão não cabe a você – respondeu ela num tom claro, firme e convicto, feito aço contra aço. – Isso é entre mim e a Diana.

Irmã na batalha. Não era para ter chegado àquele ponto. Em seu coração, Diana tinha *certeza* de que as duas alcançariam a nascente juntas. Que outras mentiras ela havia contado a si mesma?

– Você não pode estar falando sério – disse Nim, desesperada. – E se isso tudo for só um grande erro? Até onde a gente sabe essa coisa de Semente da Guerra é só...

– Nim, depois de tudo o que você viu, de tudo o que passamos,

você sabe que é real.

– A gente não vai matar você como medida preventiva – disse Theo, agarrando o ombro da amiga, sério e assustado como Diana nunca vira. – Tem que haver um meio de consertar isso.

Alia, porém, deu um tranco e se desvencilhou. Aproximou-se de Diana, que se esforçou para não recuar.

Sua causa é a minha causa.

Ela prometera se tornar uma assassina, sujar as próprias mãos com sangue inocente. Diana fizera um juramento, mas jamais acreditara de fato que seria forçada a cumpri-lo. Não podia, *não faria*; mas como se esquivar do olhar tão convicto de Alia? A garota lutara com todas as forças para chegar à nascente, para alcançar o futuro que a amazona lhe prometera ser possível.

– Irmã na batalha – disse Diana, com vergonha das lágrimas que lhe embargavam a voz. – Eu fracassei.

– Não fracassou – respondeu Alia, aproximando-se mais dela. – Ainda não.

Jason avançou para bloquear o caminho da irmã.

– Já chega. A gente nunca deveria ter vindo até aqui. Você estaria a salvo se...

– Não – disse Alia, e Diana ouviu a raiva em sua voz. – A sua solução era me esconder. A nossa foi lutar. Não ouse nos culpar por tentar. Diana, você me deu a sua palavra.

Diana se sentia atada pelo juramento, tão poderoso e indestrutível quando o laço. Não poderia viver consigo mesma se violasse o voto que proferira. Porém, como viver sabendo que havia tirado a vida de Alia? Ela era imortal, e com isso passaria a eternidade atormentada por essa terrível desonra.

– Faça a sua escolha, Filha da Terra.

Éris. Então ela tinha aparecido, afinal. Para se regozijar. Diana encarou Nim. Esperava ver o rosto de um monstro, mas deparou com seus olhos castanhos e a boca escancarada, encarando uma figura empoleirada no alto das ruínas rochosas, as asas negras estendidas, as pontas das penas imundas quase tocando o chão. Seus cachos de escuridão pairavam em torno do rosto, e os lábios sujos de dourado reluziam sob o sol.

– Menina tola, com sua nobre missão e seu coração ávido por glória. Você é capaz? De degolar sua amiga para manter o mundo a salvo?

– Era com essa cara que eu estava? – indagou Nim, cheia de nojo.

Um vento soprou, erguendo uma nuvem de terra à volta deles, e o ar foi preenchido pelos sons da batida de cascos. A terra se juntou na forma de duas carruagens e traçou um caminho ao redor deles, como se os cascos dos cavalos planassem acima chão.

– Sei lá – disse Theo, deslocando-se junto ao grupo até a base da tumba. – O meu demônio parece bem mais maneiro.

Da carruagem, Fobos esgarçou um sorriso cheio de dentes horrendos e pontudos.

– Ou não.

Estariam os deuses da batalha mais fortes com a proximidade do anoitecer? Seria por isso que não precisavam mais possuir Nim e Theo? Ou aquilo fora só brincadeira para eles?

– Você dispôs um banquete diante de nós! – gritou Fobos, num guincho estridente por sobre o clangor de rodas e cascos.

– E, jovem guerreira – exclamou Deimos, exultante, estalando o chicote feito uma dinamite –, devoraremos a nossa parte!

Éris se avultou no céu e bateu a espada no escudo, num clamor insuportável. Diana tapou os ouvidos, mas não podia abafar o som do próprio arrependimento. Ela tinha entendido tudo, tudo errado.

– A lua da colheita chegou! – bradou Éris. – Dentro de uma hora o sol vai se pôr e a escuridão subirá. Ainda assim, cá está você, padecendo.

Ela se elevou ainda mais, ofuscando o sol com as imensas asas e lançando-os à sombra.

– O que dirá às suas irmãs? À sua mãe?

– E você, Semente da Guerra? – inquiriu Deimos, num tom debochado, enquanto a carruagem ganhava velocidade. – O que vai dizer à sua mãe depois de morrer?

Fobos gargalhou mais alto.

– Sua mãe vestirá um véu no submundo para cobrir o rosto pela vergonha que você trouxe, *haptandra*, a amaldiçoada.

Diana e os outros se aglomeraram em círculo, aterrorizados, uns de costas para os outros, rodeados pelas carruagens. Os cavalos iam espalhando nacos de terra e mordendo os freios dourados com seus dentes arreganhados, os focinhos exalando uma espuma salpicada de sangue.

Os escudos, os cascos, o chicote, o ribombo das rodas. O som arrebatador dominava o crânio de Diana e a fazia ranger os dentes.

– Eu não consigo pensar! – gritou Theo. – Está muito alto.

– Mas por quê? – berrou Alia. – Não foi assim da outra vez! Por que eles estão fazendo tanto barulho?

Jason balançou a cabeça.

– Eles venceram, e sabem disso!

Ele estava certo. Alia e os outros tinham se agarrado a uma falsa esperança. Era essa a maneira dos mortais. No entanto, se Diana estivera errada o tempo todo, por que sequer interferir? Pela diversão? Em Temiscira, ela havia se acostumado ao extraordinário, à consciência de que os deuses eram exigentes, que suas vontades ditavam as regras da ilha. Porém, nada no mundo mortal era como fora em Temiscira, e os deuses do campo de batalha não eram as deusas de sua casa. Eram ávidos por sangue e sofrimento. Exigiam, e precisavam de mortais. Então por que estavam ali? Teriam ido até lá apenas para desfrutar seu sofrimento naqueles últimos instantes?

Seu sofrimento... mas não seu temor. Ela estava assustada, frustrada, furiosa consigo mesma; contudo, aquele horror desmedido e desordenado não lhe percorria o corpo. Por que os deuses da batalha não os queriam aterrorizados? Talvez não desejassem que o grupo fugisse. E se quisessem simplesmente mantê-los ali, parados... paralisados e ensurdecidos? E se Alia estivesse certa? E se houvesse outro motivo para sua presença ali? E se toda aquela barulheira fosse para abafar alguma coisa?

Ela recordou o sibilo de Fobos ao toque de seu laço. Poderia o laço matar um deus? Não era necessário. Ela só precisava forçá-los a recuar. Só precisava dar uma trégua naquela gritaria.

Diana cerrou os dentes e destapou os ouvidos. O barulho se elevou a um rugido ensurdecedor.

Ela soltou o laço e começou a rodopiá-lo sobre a cabeça, num movimento ritmado como a batida de seu coração. Seu toque era reconfortante, mas ao mesmo tempo muito delicado. Seria uma arma com a qual enfrentar os deuses? Ela rodopiou o laço cada vez mais, formando um círculo cada vez maior, então soltou, com um estalo. O dourado reluziu em suas mãos, fustigando feito uma língua de chama amarela as rodas da carruagem de Fobos, que saiu da rota. *Flap*. Estalou no capacete de Deimos como uma serpente faminta, forçando-o a puxar as rédeas e frear o cavalo. O barulho dos escudos e carruagens perdeu a força. Talvez fosse *exatamente* a arma de que ela precisava.

Diana girou num círculo cada vez mais largo a corda, que parecia se encompridar de forma impossível em suas mãos. A força do movimento obrigou Éris a recuar, batendo as asas grotescas e soltando um guincho hediondo, e o grupo tornou a ser banhado pela luz do sol.

– Diana! – gritou Alia.

Seu rosto estava iluminado; suas tranças formavam um halo em torno da cabeça, como se elevadas por uma corrente invisível. Duas figuras de luz a envolveram. Eram Nim e Theo, mas Diana sabia que eram também os Dióscuros, os lendários guerreiros gêmeos, irmãos e guardiões de Helena.

– Diana – disse Alia –, estou ouvindo!

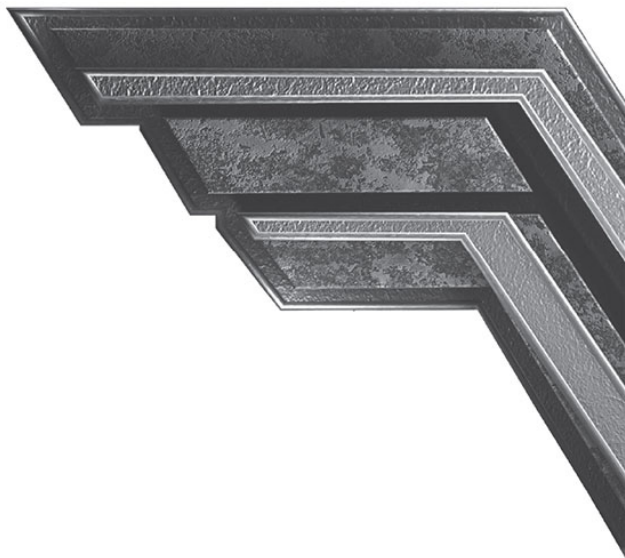
– Ouvindo o quê? – gritou Jason, o rosto soturno e incrédulo. – Não estou ouvindo nada.

– *Escute* – disse Alia.

– Chega, Alia! – exclamou Jason, puxando o braço da irmã. – A gente tem que sair daqui *agora*.

Alia balançou a cabeça. Sorriu, e o ar à sua volta cintilou.

– Estão cantando.



CAPÍTULO 24

A música era tão fraca e baixa que a princípio Alia teve certeza de ser sua imaginação. Ela a ignorou, a mente ainda confusa pela visão de Éris a rodopiar no céu, de Diana afastando Fobos e Deimos com seu laço reluzente feito um raio. Então, lá estava... um badalo em seus ouvidos, o vento nas árvores... Uma melodia. Uma voz se tornou duas, dez, vinte. Ela não entendia as palavras, mas sabia que estava sendo guiada por elas.

– O que o Oráculo disse, Diana?

Diana a encarou, confusa, ainda rodopiando o laço.

– Eu já falei...

– Não, quais foram as palavras exatas?

– A Semente da Guerra será purificada onde Helena descansa.

Onde Helena descansa.

– Não é aqui – disse Alia. – É o rio.

O Eurotas, o rio lento e largo que ficava menos de 100 metros, à margem da estrada por onde eles haviam chegado ao Menelaion.

– A tumba dela é *aqui* – disse Jason, trocando os últimos resquícios de paciência por uma urgência colérica. – Pare de dar murro em ponta de faca, Alia.

– Não – disse ela.

Ela precisava fazê-lo compreender. Havia garotas entoando uma canção de lamento, um adeus a uma amiga.

– Você não entende? – perguntou Alia. – Quando Helena morreu, era tarde demais. Ela já não era Helena, não de verdade. Era Helena de Troia. A esposa de Menelau. Sua tumba nem sequer guardava o seu nome.

– A corrida – disse Diana, uma nova esperança iluminando seus olhos azuis. – Sim! *Aquele* foi o último momento dela, quando ainda podia competir ao lado das companheiras.

Os deuses da guerra guincharam e uivaram, e Alia soube que estava certa.

– Foi seu último momento de paz – acrescentou Alia. – Antes de ficar noiva, antes de parar de correr. Precisamos descer até o rio.

– Então é melhor nos apressarmos – disse Theo, apontando para a estrada. – Temos mais companhia!

A distância, uma procissão de veículos blindados se arrastava ao longo da estrada serpeante feito besouros reluzentes, levantando poeira numa nuvem atrás deles.

– Se a gente simplesmente conseguisse explicar... – disse Nim.

– Eles podem não nos dar essa chance – respondeu Diana. – Rumo ao rio. *Agora*.

Eles dispararam rio abaixo, vigiados por Éris, que, fora do alcance do laço de Diana, tentava atrapalear o coro com seus berros e pancadas no escudo. Deimos e Fobos seguiam ao lado em suas carruagens, emitindo um furioso clangor.

As garotas, as companheiras de Helena, também os acompanhavam com os cabelos esvoaçantes, às gargalhadas, sem medo. Agora que ouvira a canção, Alia conseguia manter o fio da melodia na cabeça. Era a música que elas entoavam quando uma das moças era pedida em casamento. Um coro de celebração, mas também de lamento pela amiga perdida, pela liberdade que esvanecia com seus votos, pelas corridas futuras que ela jamais disputaria.

Helena vencera uma corrida antes de saber a desgraça que traria ao mundo, antes de ser a esposa de Menelau. Correria lado a lado com os rapazes que um dia poriam armaduras e lutariam até a morte em seu nome. Correria descalça com o vento às costas, e quando os deuses lhe concederam a vitória, ela fora até a margem do Eurotas e deitara uma coroa de lótus na grande árvore que crescia ali; em libação, vertera óleo em suas raízes. *Libação*. Uma oferenda. Eram palavras antigas, ideias antigas, mas Alia as conhecia em seu âmago. Durante anos as garotas haviam ido àquele lugar para idolatrar Helena e cantar

por suas amigas.

Alia tentou recuperar o fôlego enquanto o grupo alcançava a base da trilha. Cruzou a estrada asfaltada com uma corridinha e percorreu aos tropeços um declive suave, repleto de arbustos e plátanos sussurrantes. Os troncos das árvores eram cinza feito pedra, e os galhos grossos e retorcidos se arqueavam por sobre a água, como se quisessem bebê-la. A labareda do fim de tarde imprimia uma curiosa leveza às folhas, como se fossem nuvens de borboletas verdes que a qualquer instante pudessem alçar voo e desnudar as árvores.

De algum ponto a distância ela ouviu o rugido de motores. As vozes das garotas se intensificaram, atraindo-a para a frente. Eram agora cinquenta, cem, um som tão apaixonante que enchia de lágrimas os olhos de Alia.

Quando ela havia deixado de ser uma criança? A caminho da escola, ao ouvir a primeira cantada de um homem passando de carro? No instante em que começara a se preocupar com sua aparência enquanto corria, em vez de observar seu ritmo? Na primeira vez em que deixou de levantar a mão por não querer parecer muito esperta ou interessada? Ninguém havia cantado. Ninguém contara a ela quanto perderia até que o tempo do luto ficasse para trás.

Agora, porém, eles haviam chegado à margem arenosa do rio, e não havia mais tempo nem fôlego para tristeza. Ela correu atrás das garotas, arrebatada por sua alegria. Para sempre seriam jovens e destemidas. Disputariam eternamente aquela corrida.

– Estão vindo! – gritou Theo, mas não se referiu às corredoras.

Na estrada acima, veículos blindados pararam de supetão. Homens vestidos com estampas camufladas em tons de cinza emergiram e desceram pela encosta em direção à água. Pela margem do rio vinha um jipe militar gigantesco e ameaçador, com pneus que pareciam tragar o chão.

– Ali! – gritou Alia.

Na margem havia uma árvore, cujo gigantesco tronco cedia lugar a galhos pesados. A água na base era plana e suave como em nenhuma parte do rio, refletindo a imagem da árvore com tanto brilho que mais parecia um espelho. Alia pestanejou e viu garotas dançando à beira do rio, o tronco da árvore repleto de grinaldas feitas de botões de lótus, as raízes apinhadas de pequeninas oferendas.

– A água perto da árvore! – disse Diana, puxando a garota pela mão. – Alia, é só chegar até lá.

Os soldados, porém, já estavam no rio, cercando as duas, bloqueando o caminho até a nascente, as botas chapinhando na água. Uma brisa forte balançou as folhas do plátano enquanto um helicóptero descia, pairando acima deles. Alia jurou ter ouvido o zumbido das asas de Éris em meio ao rodopiar das hélices.

– Por favor, me escutem! – gritou Diana, dando cobertura a Alia. – Essa garota não representa mais perigo para vocês. O rio é sagrado. É capaz de purificar a linhagem de Sementes da Guerra e pôr um fim a essa loucura!

– Desculpem – disse Jason, atrás delas. – Eu não posso permitir isso.

Ele agarrou o braço de Alia, puxou-a para perto e foi avançando em direção à margem.

– Jason – disse Diana. – A gente só precisa fazê-los entender.

– Eles entenderam muito bem.

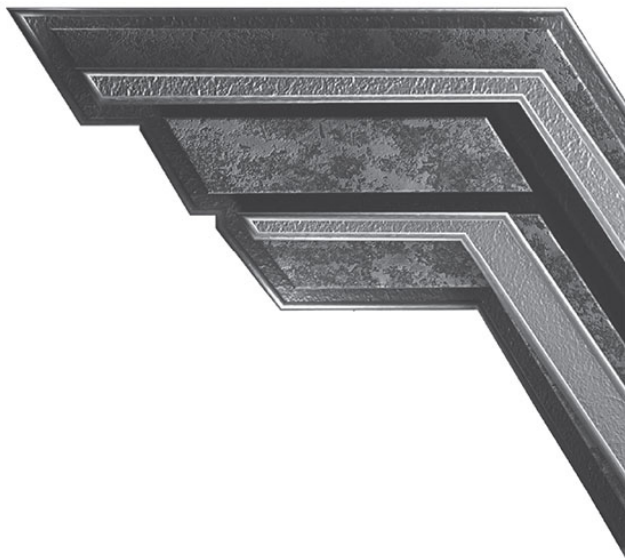
Alia tentava se desvencilhar, tropeçando na areia macia.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, já sem ouvir as vozes das garotas, que haviam perdido a força em meio à ventania.

– Está tudo bem – respondeu Jason num tom delicado, com a voz firme, familiar e controlada de sempre. – Você é exatamente como tem que ser. Isso tudo está acontecendo como tem que acontecer. Ninguém fará mal a você.

Os olhos dele brilhavam. A covinha marcou seu rosto. Ela percebeu que ele parecia mais feliz do que nunca.

– Você tem que viver, Alia. E a guerra tem que acontecer.



CAPÍTULO 25

Diana encarou Jason, seus dedos cravados nos braços de Alia, os soldados reunidos à volta deles. Tinham o olhar alerta, perscrutando a área, mas o tempo todo retornavam ao grupo – não avaliando um alvo, mas aguardando um comando. Pareciam um pouco os rapazes com quem Jason conversara na festa de gala; mais pálidos, mais rígidos, mas com a mesma calma arrogante.

O jipe parou com metade da carcaça dentro do rio, e só então Diana percebeu que o ar estava quieto, exceto pelo zunido rítmico das hélices do helicóptero. Éris e os gêmeos haviam sumido. Teriam recuado em derrota ou pela garantia da vitória?

– O que é isso? – disse Diana. – Jason, o que pensa que está fazendo?

– Desculpem – repetiu Jason, soando sincero. – Eu realmente não acreditei que a gente fosse chegar tão perto. Esperava não ter que intervir, só deixar o relógio correr e o sol se pôr.

– Jason, cara, do que você está falando? – disse Theo. – Você botou a gente no jato que voou até aqui.

– Eu sei. Não era a minha vontade. Mas vocês têm que entender como é difícil manter a Alia em segurança.

Ele se virou para a irmã, ainda agarrando com firmeza seu antebraço.

– Primeiro você foge para Istambul e sobe num barco antes que eu

consiga mandar alguém para impedir. Quando o *Tétis* desapareceu... eu quase enlouqueci – disse ele, soltando um longo suspiro e erguendo as sobrancelhas na expressão aturdida que se tornara tão familiar. – Daí você aparece em Nova York, sã e salva, com uma *amazona* a tiracolo.

Diana se encolheu.

– Você sabia?

– Desde que a gente se engalfinhou no corredor daquele hotel. Você achava mesmo que podia se passar por uma simples mortal, Diana? Você não tem nada de simples.

A raiva se expandiu dentro dela. Por isso ele não tinha perguntado sobre o que ela era, nem de onde vinha. Não por respeito, mas porque já sabia.

– Que melhor guarda-costas eu poderia sonhar para a minha irmã? – perguntou Jason. – Uma guerreira imortal disposta a tudo para proteger a vida da Alia.

– Então a gente podia ter chegado à nascente – afirmou Alia, os olhos escuros perdidos e confusos, como se esperasse o irmão dizer que tudo era uma piada.

– A *nascente* – disse Jason, como se quisesse limpar aquele som da boca. – Vocês duas estavam decididas a chegar à nascente, então por que discutir? Viríamos até a Grécia. Eu deixaria vocês correrem atrás do próprio rabo, e enquanto isso a Diana usaria sua força e habilidade para proteger a Semente da Guerra.

Diana fez menção de pegar o laço, e Jason ergueu um dedo em advertência.

– Cuidado aí. Tem atiradores no cume. Você pode até sobreviver a uma bala na cabeça, mas duvido que a Nim ou o Theo consigam.

Alia estremeceu.

– Jason, você perdeu a noção?

– Só estou sendo cuidadoso – respondeu ele, baixinho. – Como sempre fui.

– Mas você ajudou a gente! – exclamou Nim, com as mãos na cintura. – Podia ter nos levado para qualquer lugar naquele jato, mas...

– A minha equipe estava nos esperando em Araxos, mas os nossos inimigos tinham outros planos. Se eu convocasse as minhas tropas, poderia acabar atraindo também os perseguidores da Alia. Então mandei que nos rastreassem e seguissem a uma distância segura.

– Os rastreadores na mochila dos paraquedas – disse Theo, de repente. – Não estavam só recebendo sinais. Estavam transmitindo também.

– Me surpreende que você só tenha se dado conta agora – respondeu Jason, erguendo a sobrancelha.

Nim apontou o dedo para Jason.

– Por isso você não queria que o Theo usasse o telefone para dar partida no carro. Estava com medo de que fôssemos localizados. Estava tentando nos atrasar! – bradou ela, arregalando os olhos. – Ai, Deus... naquele primeiro dia você me deu refrigerante enquanto eu dirigia.

Diana se lembrou de Jason remexendo o kit de primeiros socorros do jatinho, pegando comprimidos.

– Você drogou a Nim? – perguntou ela, incrédula.

Poderia ele ter feito tal coisa a uma garota que conhecera a vida inteira? Quem era aquele rapaz parado diante dela? A quem ela revelara segredos na escuridão?

– Não me orgulho disso – disse ele, e *soava* envergonhado. – Mas eu tinha que tomar uma atitude. Vocês estavam todos tão determinados.

– Para impedir uma guerra! – gritou Alia, com a voz rouca.

– Os humanos não foram feitos para a paz – retrucou Jason. – Já provamos isso infinitas vezes. É só surgir a chance e a gente encontra alguma coisa pela qual brigar. Territórios. Religião. Amor. É o nosso estado natural. Pergunte à Diana por que o povo dela virou as costas para nós. Elas sabem como são os humanos.

– Diana? – disse Alia.

A amazona não sabia ao certo o que responder. A vida inteira ela aprendera que os mortais tinham fome de guerra, que não resistiam ao ímpeto de destruir uns aos outros, que não fazia sentido lutar para estancar a maré de carnificina.

– Não olhe para ela atrás de respostas – disse Jason, como se lesse seus pensamentos. – O povo dela não se importa com a gente. Por que deveria? Olhe o que nos tornamos. Covardes e fracos, mexendo com armas como se fossem brinquedos.

– Fracos – repetiu Alia. – Cada geração é mais fraca que a anterior...

Ao se dar conta, ela recuou.

– O trabalho dos nossos pais. Você não deu seguimento.

– Eu dei. Ao trabalho do nosso pai.

– O que o papai tem a ver com isso? – perguntou Alia, em desespero.

– Os arquivos – disse Diana, lembrando-se das páginas ausentes, das passagens obscuras. – Você editou o texto.

– O pai enxergou potencial no nosso sangue, no que ele podia significar para o mundo, antes que a mãe interferisse.

– Quer dizer antes que ela pusesse juízo na cabeça dele? – disparou Alia.

Jason deu uma leve chacoalhada no braço dela.

– Vacinas. Terapia genética. Supercuras. Foi *para isso* que eles acabaram usando a nossa linhagem sanguínea. O sangue de heróis como Ájax e Aquiles. Para prolongar a vida dos que não tinham direito à força deles.

O que Jason afirmara naquela estrada sinuosa, em meio aos penhascos?

É só biologia. Não estou dizendo que é bom ou ruim.

Alia tentou se desvencilhar e Diana deu um passo à frente. Uma bala atingiu a água próxima aos pés de Theo.

– Não! – gritou Theo, recuando e quase caindo.

Nim deu um grito.

– Jason – implorou Alia –, mande eles pararem!

– Não – respondeu ele.

– Atrás de mim – ordenou Diana, estendendo os braços e perscrutando a estrada acima e os cumes das ruínas adiante, atrás de atiradores.

Os cinco ficaram parados em uma estranha formação: Jason e Alia na margem arenosa do rio, Nim e Theo espremidos atrás de Diana dentro d'água, como se ela pudesse protegê-los mesmo cercados por atiradores.

Theo ergueu as mãos.

– Jason – clamou ele, num tom sensato. – Pense no que está dizendo. Quem é você para decidir quem é fraco e quem é forte?

– Eu não espero que você compreenda, Theo – respondeu Jason, com um suspiro. – Você prefere se esconder atrás de uma tela do que enfrentar o mundo.

Theo jogou a cabeça para trás, como se recebesse um soco.

– É isso mesmo que você pensa de mim?

Ele baixou as mãos devagar, com o rosto aturdido. Toda a

zombaria e os julgamentos de Jason... não eram provocação de quem queria o melhor para o amigo, mas desprezo verdadeiro.

– Eu achei...

– Que éramos amigos? Porque a gente colecionava revistas em quadrinhos quando tínhamos 12 anos? Porque gostávamos dos mesmos desenhos? O que você acha que eu estava fazendo enquanto você jogava a vida fora em jogos e fantasias?

– Se você disser “crescendo”, eu soco essa sua cara presunçosa.

– Você sabe fechar o punho? – retorquiu Jason, tornando a abrir o sorriso.

Theo fechou a cara.

– Se eu sou um fracasso tão grande, por que você perdia tempo comigo?

– Era um jeito fácil de vigiar o seu pai.

– *Meu pai?*

– Ele estava sempre tentando rastrear as despesas dos laboratórios, monitorando os projetos que eu queria aprovar. Achava que tivesse a ver com dinheiro. A questão nunca foi dinheiro. A questão é o futuro.

O futuro. As palavras de Jason na cachoeira voltaram a ela. *Eu queria refazer o mundo.* A ferocidade em seus olhos. *Ainda quero.* Um rapaz que perdera os pais em um momento terrível. Um rapaz que desejava ser lembrado, que desejava ter seus dons reconhecidos. Diana podia vê-lo na festa do museu, feito um soldado rodeado de inimigos. Tinha achado que compreendia, mas nem chegara perto de alcançar a extensão de sua perspicácia. A tensão que ela percebera nele ao se aproximarem da tumba de Helena não era medo pela segurança do grupo. Ele estava com medo de ter que revelar seus verdadeiros objetivos antes da hora.

– Você nunca esteve do nosso lado – disse Diana.

A traição era pior pela vergonha que trazia, a sensação de que ela devia ter desconfiado, antecipado a ferida, estancado o sangramento.

– Você nunca quis impedir essa guerra – concluiu ela.

– A gente *não pode* impedir guerra nenhuma – retrucou Jason. – Mas podemos mudar a forma como são travadas.

– Guerra é guerra – disse Alia. – As pessoas morrem.

Jason esfregou a mão na nuca e respirou fundo. Solto o braço da irmã e ergueu as mãos, em rendição.

– Eu sei o que está parecendo – falou, apontando para a artilharia e os homens de feições duras à sua volta, com uma risada curta. – Eu sei

o que estão pensando. Mas pensem um minuto. E se não estivéssemos lutando uns contra os outros? E se os monstros das histórias fossem reais e a gente tivesse que se unir para enfrentá-los? E se a guerra pudesse nos aproximar em vez de afastar?

– Monstros? – perguntou Alia.

– Inimigos *reais*. Cila, Caríbdis, o Leão da Nemeia, Equidna, a mãe de todos os grotescos.

Diana ouviu um som saindo do enorme jipe, como se algo imenso tivesse se remexido.

Então ela soube. O monstro com cabeça de chagal que Tec enfrentara na visão do Oráculo... era uma das criações de Jason. Ela se lembrou das imagens no laptop. Quantas daquelas criaturas ele havia encontrado? Quantas traria de volta?

– Você não compreende o que soltará no mundo – disse Diana. – Essa história não será como as que você amava. Não será uma missão heroica. Eu vi o futuro do qual você fala, e ele não é glorioso. É um pesadelo de ruína.

Jason abanou o braço, dispensando as palavras dela.

– Seja lá o que o Oráculo tenha te mostrado, foi apenas uma versão do futuro, um dos resultados possíveis.

– Não é um risco que valha a pena correr!

– Uma imortal não tem o direito de fazer essa escolha pela humanidade – retorquiu ele com a voz amarga, como se ressentido pela própria mortalidade, como se ressentido por *ela* ser algo mais. – Diz que merecemos uma chance de paz, mas por que não uma chance de *grandeza*? O material biológico que os meus pais encontraram naqueles antigos campos de batalha, o trabalho que fizeram com terapia genética. Eles não sabiam, mas era tudo para isso – concluiu Jason, estendendo os braços para abarcar suas tropas. – Esses são soldados como nenhum outro, guerreiros capazes de rivalizar com Odisseu e Aquiles. Combaterão criaturas nascidas dos mitos e pesadelos, e o mundo se colocará ao lado deles.

– Caras, vocês vão morrer – advertiu Theo, encarando os soldados carrancudos. – Sabem disso, né?

– Sim, nós morreremos – respondeu Jason. – Mas viveremos como lendas.

– Feito um herói numa história? – perguntou Diana.

– Não são só histórias. Nós dois sabemos disso.

Viveremos como lendas. Jason queria uma oportunidade de ser o

herói que havia nascido para ser. Queria viver num mundo que fizesse sentido. Queria o tipo de morte que fora negado a seus pais, um fim significativo, uma chance de ser lembrado. Imortalidade.

– E eu? – perguntou Alia, mais irada do que incrédula.

Jason tocou o braço da irmã, que golpeou a mão dele.

– Alia – disse ele –, sou eu quem deseja que você viva.

– Com milhares de mortes na consciência? – retrucou ela, num tom agudo. – Sabendo que fui o motivo pelo qual tanta gente inocente teve que morrer?

– Para que uma nova era de heróis possa surgir – respondeu Jason, voltando o olhar a Diana. – Eu menti para você. Você mentiu para mim. Mas agora só há verdade entre nós.

Ele deu um passo à frente, e por um instante o mundo evaporou. Os dois estavam outra vez naquela colina rochosa, as estrelas rodopiando no céu.

– As amazonas são guerreiras. Não foram feitas para viver à margem do tempo, isoladas naquela ilha. Você sabe que isso é verdade. Você saiu de Temiscira para ter a chance de ser uma heroína, de dar um sentido à sua vida. Não acha que a humanidade também merece isso?

O sol do fim da tarde cintilava sobre as águas, formando um manto dourado que revestia o rosto de Jason. Diana viu nele o sangue dos reis e heróis, a ousadia e a ambição.

– Fique comigo – implorou ele –, como deve ser... Lado a lado, em busca de glória como iguais.

Ela achara que sua trajetória levaria à opressora familiaridade de casa ou ao terror do exílio. Jason oferecia a ela uma alternativa: uma vida vivida sem cautela, medo ou represália. Uma vida banhada em sangue e glória. Ela sentiu seu coração de guerreira ansiar pelo chamado.

– Os humanos não conseguem se manter em paz, Diana – concluiu Jason, com um olhar firme e convicto, fazendo-a ouvir o eco da voz de sua mãe. – Nós somos brutais desde o início. Se não podemos ter paz, então pelo menos nos dê a chance de uma bela morte.

– *Diana* – disse Alia, desesperada.

Naquele momento Diana soube que Alia implorava pela própria morte; que, por mais assustada que estivesse, preferia morrer a ver o mundo sucumbir à visão de Jason. Isso era coragem. Era uma forma própria de grandeza. Diana não havia sido criada para ser uma

guerreira qualquer. Era uma amazona, e sabia reconhecer a verdadeira força. Se Jason queria um futuro glorioso, ela não o entregaria a ele de bandeja; ele teria que lutar.

Ela o encarou, e ao falar ouviu a voz de sua mãe, de Tec, de Maeve.

– Você pode muito bem se igualar a mim em força – disse ela. – Mas não é páreo para a perspicácia da Nim, a resiliência do Theo, a bravura da Alia. Força não faz de você um herói. Você pode fabricar mil soldados, e nenhum terá o coração de um herói.

Jason não se irritou. Seu rosto havia recobrado o frio controle que ele tantas vezes exibira. Sua voz saiu branda.

– Você era uma história para mim, sabia? Uma amazona. Uma lenda trazida à vida – disse ele, com um sorriso leve e doce, e algo no peito dela se abalou com aquelas palavras. – Eu procurei por tanto tempo, Diana. Eu sonhava em encontrar Temiscira, algum resquício de uma civilização perdida que pudesse revelar uma parte vital do DNA das Amazonas. Em vez disso, encontrei você.

O aperto em seu peito ganhou a rijeza de uma pressão fria e implacável. Então era esse o real desejo de Jason; não por ela, mas pelo poder que seria colhido dela.

– Mal posso esperar para ver os soldados que o seu sangue fabricará – disse ele. – Os segredos que os seus genes me revelarão.

Diana se colocou em postura de luta.

– *Molon labe* – disse ela, na língua dos ancestrais de Jason. *Venha pegar.*

– Ah, eu vou – respondeu ele, calmamente. – Comecei a elaborar um soro a partir do seu DNA desde o dia em que nos conhecemos. Você espalhou traços da sua extraordinária linhagem sanguínea por toda a minha casa. Quem sabe que tesouros um estoque do seu sangue pode render?

– Nunca.

– Você é tão fraca quanto as suas irmãs, abandonando a grandeza como elas abandonaram o mundo mortal.

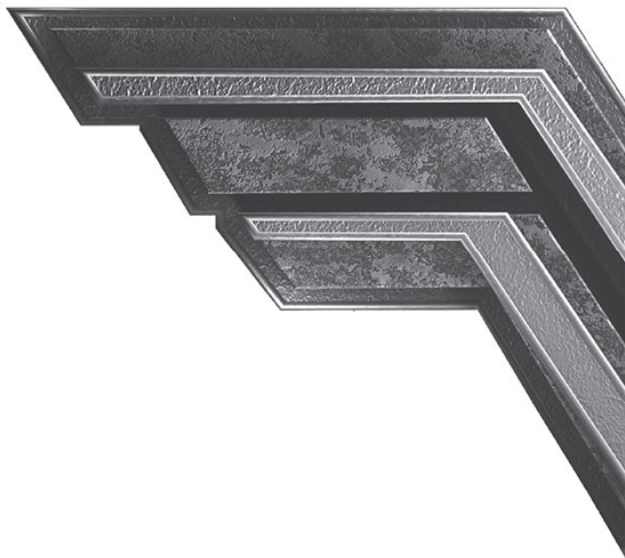
– Chegue aqui perto e fale outra vez das minhas irmãs.

– Não, Diana. Eu tenho outros planos para você.

Ele se virou para os soldados de prontidão ao lado do jipe estacionado na areia. De dentro do veículo Diana ouviu um ruído áspero, feito um besouro a bater as asas, então um barulho úmido e ávido, como... como alguém lambendo os beiços. Os olhos de Jason

brilharam quando ele deu a ordem.

– Abram a gaiola.



CAPÍTULO 26

– Fiquem atrás de mim – ordenou Diana a Nim e Theo, tentando não tirar os olhos de Alia e do jipe.

O veículo se balançou sobre as imponentes rodas com um ruído alto, e os soldados avançaram, um com a arma erguida para cobertura, outro com uma comprida vara de metal presa a uma espécie de colar. Os homens abriram as portas traseiras. Por um instante imergiram nas sombras, então retornaram ao sol, dando ordens aos outros soldados enquanto puxavam uma imensa criatura das profundezas do jipe.

– Eu a chamo de Pinon – disse Jason. – A Beberrona.

Ela tinha cabeça e tronco de mulher, os seios nus, braços musculosos, os cabelos ruivos emaranhados feito uma corda. A metade de baixo, no entanto, era o corpo segmentado de um lustroso escorpião negro, com um imenso e grotesco rabo curvo na extremidade.

– Parte guerreira, parte aracnídeo, parte parasita – explicou Jason.
– Ela é capaz de drenar o sangue de um oponente em questão de minutos, mas não digere. A não ser que precise. Neste caso, *eu preciso*.

Um dos soldados atirou algo para Pinon com um gancho: uma camiseta com os dizeres “I ♥ NY”. *Aproveite o melhor, mas se prepare para o pior*. Ele planejara aquilo desde o início. Pinon agarrou a camiseta com uma só mão, inalou profundamente o odor e a jogou

longe. Cravou em Diana os vibrantes olhos azuis.

Jason apontou para um soldado, que arremessou uma espada aos pés de Theo, nas águas rasas.

– Parece uma luta justa – disse Nim, num tom amargo.

– Jason – implorou Alia. – Não faça isso.

– Você se fortalecerá sem essas muletas, Al.

– Jason...

– Drenem a amazona – ordenou ele. – Matem os outros.

Os guardas arrastaram a garota, aos berros, para o alto da colina.

– Alia! – gritou Diana, mas Pinon bloqueou seu caminho.

Os movimentos da criatura fizeram Diana se arrepiar. Havia algo artificial em suas pernas deslizantes, no corpo segmentado a rastejar, mas o pior era a inteligência no olhar.

– Protejam-se! – gritou ela para Theo e Nim, enquanto pegava o laço.

Os soldados restantes, porém, já haviam se espalhado em meio círculo, bloqueando a fuga dos dois e formando uma espécie de arena sobre as águas rasas do rio. Não portavam armas de fogo, apenas espadas e escudos. Aparentemente era esse o tipo de luta que Jason julgava necessário para o mundo.

Nim se ajoelhou para pegar a espada, que parecia quase tão pesada quanto ela, e Theo a tomou de sua mão e a empunhou diante do corpo, desajeitado, os ombros estreitos contraídos pelo esforço.

Eles se espremeram, de costas uns para os outros, e avançaram lentamente mais para dentro d'água. O rio frio envolvia os pés de Diana, que usava sandálias, e ela conduziu Nim e Theo em direção a um agrupado de rochedos que talvez fornecesse cobertura. Pinon foi atrás, enroscando e desenroscando o rabo atrás do corpo.

– Numa escala de um até “a gente com certeza morrerá”, como você classifica essa situação?

– Cala a boca, Theo – murmurou Nim, a voz fraca de tanto medo.

No entanto, eles não se acovardaram, não choraram. Aquelas pessoas que Jason descartara com tanto desprezo, a quem sentenciara à morte com breves palavras, permaneciam ao lado delas, obstinadas e destemidas como sempre haviam sido.

Neutralizar Pinon. Enfrentar os soldados. *Dê um jeito*, disse ela a si mesma. *Dê um jeito de protegê-los.*

Diana simulou uma investida para a esquerda e esticou o braço, impelindo o laço em direção ao rabo de Pinon numa açoitada

cintilante. Mas foi muito lenta. A criatura desviou em um borrão veloz, muito mais ligeira do que sugerira sua vagarosa aproximação. Pinon se ergueu, agitando as pernas dianteiras de maneira hedionda. Baixou o pescoço, os lábios cerrados num sorrisinho, quase encabulada. Então deu um bote para a frente.

– Abaixem-se! – gritou Diana, esperando que Theo e Nim obedecessem.

Ela rodopiou o laço, enganchou-o num pedregulho, puxou com força e balançou a pedra. Pinon tentou se afastar, mas o pedaço de rocha lhe acertou o canto do ombro, lançando a criatura para trás com uma força destruidora.

O monstro soltou um ganido agudo e lamentoso, chicoteando o ar com o rabo e virando o corpo para Diana. Lá estava outra vez aquele olhar inteligente, prometendo vingança.

– Se preparem para correr – instruiu Diana.

– Nasci pronto – respondeu Theo.

Diana puxou o pedregulho de volta para si, deu um balanceio para ganhar impulso e arremessou-o na direção de dois soldados. Tornou a puxar a pedra e atacar, jogando-a para a frente feito um míssil e derrubando mais dois homens no chão.

– Vão! – gritou ela.

Nim e Theo se levantaram, mas os soldados fecharam depressa o cerco, bloqueando sua saída e estreitando o círculo.

Pinon rastejou para a frente, flexionando o ombro ferido e contorcendo o rabo. Diana atirou o pedregulho na direção dela, e a criatura deslizou de volta para a areia.

A amazona agarrou firme a corda e rodopiou a pedra em círculos amplos, lançando-a mais uma vez nos soldados, tentando abrir uma saída. Dois desabaram facilmente, mas o terceiro absorveu o impacto com os antebraços. Um naco do pedregulho se desprende e saiu voando.

O sangue dos heróis. Nenhum homem comum poderia resistir a um golpe daquele.

– Diana! – gritou Theo.

Pinon havia se aproximado. Estava à distância de um bote. Diana soltou o pedregulho, balançando o laço na mão.

Pinon partiu para cima dela, mas a amazona havia antecipado o movimento. Passou o laço pela cabeça da criatura, puxou-a para a frente e desferiu chutes em seu abdômen.

O monstro soltou um ganido de dor, agarrando a corda com os dedos compridos e brancos, e sacudiu o rabo para a frente. Tinha uma pinça na ponta, não um ferrão, e Diana teve um brevíssimo segundo para imaginar o motivo antes de desviar, quase sem conseguir segurar a ponta do laço, prendendo com firmeza o pescoço de Pinon.

A criatura se debateu, revirando os olhos. A amazona não queria saber que verdades o laço havia revelado para fazer o monstro gritar daquele jeito. Teria Jason fabricado aquilo do nada, um pesadelo criado em laboratório? Ou teria ela sido um dia uma garota comum, antes da transformação? Diana baixou os ombros, tentando manter o pulso firme no laço.

– Me dê a espada, Theo! – ordenou ela.

– Eles estão vindo! – gritou ele.

Diana olhou para trás e viu os soldados avançando.

– Podem vir! – exclamou Nim, com uma pedra em cada mão.

Eles estavam malucos? *Não, só eram mortais.*

Dois soldados avançaram a uma velocidade impossível.

– Corram! – gritou ela.

Mas Theo não obedeceu. Ele empunhou a espada. Diana ouviu um clangor com o golpe de um dos soldados e Theo cambaleou sob a força da lâmina do oponente. Era uma luta desigual.

Ela largou o laço e partiu para cima do soldado atacante, fazendo-o recuar. Virou a tempo de ver o outro baixar a espada, descrevendo um arco. Dois outros homens corriam em direção a Nim.

– Não! – berrou ela, mas era tarde demais.

A espada fez um corte profundo na lateral de Theo.

Ele caiu de joelhos e desabou dentro d'água, o sangue vertendo de seu corpo e se misturando ao Eurotas em uma crescente maré vermelha. *Não.* Diana rodopiou, num frenesi.

Um soldado havia tirado Nim do chão e empunhou a espada apontada para ela. Ela, porém, ergueu um dos braços, com a pedra na mão, e acertou com força a cabeça do homem. O soldado bamboleou e ela bateu com a segunda pedra em sua têmpora esquerda. O sujeito a soltou, e ela caiu de costas na água.

Diana pegou a espada de Theo do leito do rio e disparou em direção a Nim.

Ao ouvir o chapinhar da água atrás de si, soube que Pinon havia se livrado do laço. Deu um rodopio, traçando um golpe furioso. A espada acertou a lateral do corpo da criatura, deslizando por seu

exoesqueleto. Diana tornou a girar. Com o canto do olho entreviu um borrão de movimento, e de súbito se viu com as costas na água. Arquejando, sentiu algo se prender em seu tornozelo e puxá-la para cima.

Ela foi erguida no ar, de cabeça para baixo, diante de Pinon. Agora sabia para que servia a pinça no rabo da criatura.

Ouviu uma voz aguda disparar uma torrente de xingamentos. *Nim*. Girou o corpo, presa a Pinon, e viu que um dos soldados havia agarrado a garota por trás. Ele ria, balançando a cabeça com satisfação enquanto ela se debatia.

– O bem, o mal... seu babaca! – bradou Nim, jogando com força a cabeça para trás.

O soldado se encolheu ao receber no rosto a pancada do crânio dela.

– Desgraçada – rosnou ele.

O homem trocou o peso de braço, e Diana viu o que ele pretendia fazer.

O som foi feito um galho se partindo. O corpo de Nim amoleceu. Diana gritou. O soldado atirou Nim de lado e limpou as mãos nas calças, como se tivesse tocado em algo sujo. O corpinho de Nim flutuou nas águas claras, com o rosto para cima, a cabeça pendendo em um ângulo pouco natural sobre o pescoço quebrado, os olhos vazios encarando o céu.

Não, não, não.

Pinon deu uma sacudida em Diana, como se exigisse sua atenção. *Eles se foram*, era só o que ela conseguia pensar, mesmo com a pinça cravada na carne de sua panturrilha. *Eu devia tê-los protegido, e eles se foram*. Ela devia ter tomado a espada de Theo desde o início. Devia ter mantido Nim mais perto. Devia ter obrigado os dois a ficar para trás, em algum lugar seguro, por mais que aquilo arriscasse a missão. Um uivo se formou no peito de Diana, uma expressão de ira e pesar.

Pinon abriu aquele sorriso doce e encabulado, como se o som da agonia da amazona lhe fosse prazeroso. Antes que ela pudesse reagir, a criatura a içou ainda mais e cravou a boca molhada na garganta dela, fincando as presas em sua carne. *Ela foi feita para isso*, percebeu enquanto Pinon selava os lábios com força em sua pele e sugava avidamente o sangue de seu corpo. *Foi projetada para dessangrar as vítimas, de cabeça para baixo, feito porcos no abatedouro*.

Então a dor a dominou, em ondas de agonia, enquanto Pinon a

sorvia em goladas sôfregas. Diana ouvia o estalido de cada trago, no mesmo ritmo da batida minguante de seu coração. Via o próprio corpo tentando se curar, a força tentando retornar, mas Pinon era muito rápida, muito eficiente.

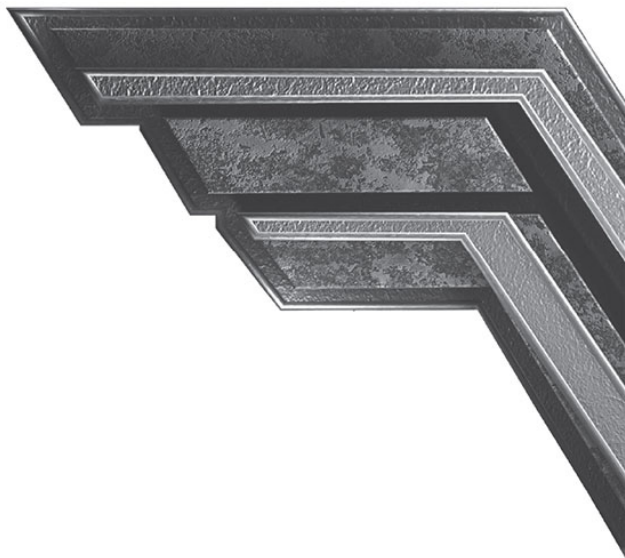
Diana se debatia debilmente. A distância, ouvia os gritos de Alia, o zunido de hélices de helicóptero. Ela jurara proteger a garota daquele exato destino, mas seu fracasso fora mais retumbante do que ela jamais poderia imaginar. O Oráculo estava certo. Sua mãe. Tec. Elas todas estavam certas. Diana jamais deveria ter se aventurado para fora de Temiscira. Jamais fora uma verdadeira amazona, e agora o mundo pagaria por seu orgulho.

– Proteja-os, Atena – disse ela, num arquejo, enquanto a vida era drenada de seu corpo e a sua visão se enevoava.

Mortais e imortais, fortes e fracos, dignos e indignos. Proteja todos eles. Proteja Alia do fardo de seu destino. Proteja minha mãe e minhas irmãs da guerra que está por vir.

Ela pensou na nuvem de sardas sobre a pele de Maeve, na delicadeza de Rani, na gargalhada irrefletida de Tira. Elas sabiam de sua partida? Podiam sentir sua dor agora? Pensou em sua mãe sentada à mesa no palácio, ao lado de Tec, virando-se para saudar Diana, que subia as escadas em disparada, abrindo os braços para recebê-la em casa. *O que aprendeu hoje, Píxide?*, disse Tec com um sorriso. Ela já não sentia mágoa, somente a dor de saber que nada mais existiria. Ouviu Pinon desengatar a boca.

Proteja-os, implorou ela, e então parou de pensar.



CAPÍTULO 27

Alia se debatia nos braços dos soldados que a arrastavam pela estrada, passando por uma fileira de caminhões e jipes blindados.

– Jason, pare com isso – implorou ela. – Você não pode deixar que eles morram. Não a Nim, não o Theo. Eles não representam ameaça. Pode deixar a Diana ir para casa. Por favor. Jason...

Ela já nem sabia o que estava dizendo; era apenas uma série de súplicas, uma mais desesperada que a outra. Sabia que estava chorando. Tinha a voz rouca. Sentia dor nos braços, onde os soldados de Jason a agarravam. Os homens tinham dedos artificialmente estranhos, feito pinças de aço.

Ao chegarem à traseira de um dos caminhões, um soldado passou a Jason um cantil cheio de água. Ele bebeu sufregamente, mas quando ofereceu a Alia foi recebido com um tapa na mão. Os soldados lhe apertaram os braços com mais força. Ela rosou para os homens, chutando-os ao ser erguida do chão. Jason suspirou.

– Alia! – vociferou ele, colocando as mãos nos ombros dela. – Alia, *pare*. Você se machucará.

Um misto de riso e soluço irrompeu da garganta da garota. Ela o encarou. Seu irmão. Seu protetor. Seu amigo. Um rosto que era quase um espelho, de tão parecido com o dela.

– Jason – disse ela, baixinho. – Por favor. Estou implorando. Ajude-os.

Ele balançou a cabeça, e ela viu uma tristeza genuína em seu rosto.

– Eu não posso, Al. A guerra está chegando. Pessoas feito a Nim e o Theo não sobreviverão. Isto é um ato de bondade.

– Pare de falar assim.

– Desculpe. É assim que tem que ser.

Dentro dela brotou uma emoção que lhe rasgou o peito. Jason, que havia lido para ela, que a amparara enquanto ela chorava até dormir enroscada a seu lado, que caminhara com ela para a escola todos os dias durante meses depois do acidente, entendendo seu medo de voltar a andar de carro. Ele não podia estar fazendo aquilo, aquela coisa horrível.

– Não, não é – disse ela.

Jason era o sensato, o equilibrado. Ela tinha que fazê-lo entender.

– Não é – repetiu Alia. – A gente pode desfazer isso. Podemos consertar as coisas.

– Alia, você não enxerga, mas eu sei o que é certo para nós dois – respondeu ele, olhando para trás. – E temo que seja tarde demais.

Alia acompanhou o olhar do irmão e sentiu ânsia de vômito, rejeitando mentalmente o horror diante de si. Pinon, a Beberona, como Jason chamava, vinha emergindo das árvores, conduzida em direção ao porta-malas aberto de um dos gigantescos jipes blindados. Mas não parecia a mesma criatura que os homens soltaram perto do rio. Seu corpo estava inchado, a pele cinzenta e distendida; o rabo intumescido se arrastava no chão atrás do corpo. *Matem os outros. Drenem a amazona.*

Diana estava morta. E aquela coisa estava abarrotada com o seu sangue.

– Façam-na vomitar e me tragam as ampolas – ordenou Jason. – Quero começar a processar os dados a caminho da base.

Dois soldados arrastaram Pinon até os fundos do automóvel. Pelas portas abertas, ela viu que uma parte do veículo fora transformada em gaiolas.

– O senhor conduzirá o helicóptero à base? – perguntou outro dos homens de Jason.

Senhor.

– Não. Eu quero o Seahawk de olho nos entornos, para não atrairmos atenção indesejada. Estamos mais seguros em solo, e não temos muito tempo até o pôr do sol. Depois de nos afastarmos uns quilômetros, montem uma fogueira e queimem os corpos.

Como ele podia dizer essas coisas?

– Você está falando em queimar os nossos amigos.

– Estou fazendo o que tem que ser feito.

– Eu nunca vou perdoar você, Jason. Nunca.

O olhar de Jason era triste, mas ele não hesitou.

– Você vai, Alia. Porque não tem mais ninguém. Você é a Semente da Guerra. Quando anoitecer, cumprirá o seu destino e pavimentará o caminho para que eu cumpra o meu. Um dia aprenderá a me perdoar. Se não aprender, eu darei um jeito de conviver com isso. É o preço que estou disposto a pagar para transformar o mundo. Essa é a postura dos heróis.

Ela soltou uma risada feia e áspera.

– Você *era* o meu herói. O sábio. O responsável. Mas é o tipo de cara que a mãe e o pai teriam odiado.

– O pai teria entendido.

– Na verdade isso tudo tem a ver com ele, não é? – inquiriu Alia, ligando os pontos. – Todo esse papo de generais e guerra, mas a questão é o papai. Porque você é desesperado para ser um Keralis, não Mayeux.

– *Tome cuidado. Tenha atenção* – retorquiu Jason em tom de desprezo, debochando das palavras de sua mãe. – É *assim* que você quer viver? Jogando pelas regras dos outros, em vez de fazer as próprias?

– Você *está* jogando pelas regras dos outros. Escolhendo os mais fortes em detrimento dos mais fracos, atacando gente que sempre o apoiou.

– *Essa é a minha gente* – disse ele, estendendo os braços. – Heróis. Vencedores.

Alia balançou a cabeça.

– Você acha que vai salvar o mundo e receber agradecimentos por isso? Acha que os seus novos amigos armados ficarão do seu lado quando a batalha acabar? Isso não mudará nada.

– Você não enxerga, Alia, mas um dia enxergará.

– Diga a si mesmo o que quiser. Você não é um herói. É um garotinho brincando de guerra.

– Já chega.

– *Eu digo quando chega* – retrucou ela.

Jason estreitou os olhos.

– Você é uma criança, Alia. Teve o luxo de ser criança porque eu

ficava de vigília, eu fazia as escolhas difíceis. Não posso protegê-la para sempre.

A dor dentro dela era viva, um animal ferido puxando a coleira.

– O que acontecerá comigo, Jason? Alguém trairá tudo em que eu acredito e matará os meus amigos? É disso que você vai me proteger?

– Pare de ser malcriada.

Ela cuspiu na cara dele.

Jason recuou. Limpou o rosto com a bainha da camisa. Por um instante era apenas um garoto, seu irmão, de jeans e camiseta suja. Então ele falou, destruindo aquela ilusão.

– Ponham ela no carro – ordenou ele a dois soldados de prontidão por perto. – Mas tenham cuidado. Vocês não são imunes ao poder dela como eu. Não quero ninguém brigando. A gente vai trocando de motorista durante o trajeto.

Os soldados puxaram a garota em direção ao banco de trás de um dos jipes, mas pararam ao ouvir a voz de Jason.

– Alia, o mundo está prestes a se tornar um lugar muito feio. Todo mundo precisará de aliados. Talvez seja bom você refletir sobre a sua solidão.

Ele a estava repreendendo, feito uma criança mandada para a cama sem jantar. Ela amava o irmão, talvez até compreendesse a mágoa que o motivava, mas jamais perdoaria o que ele havia feito.

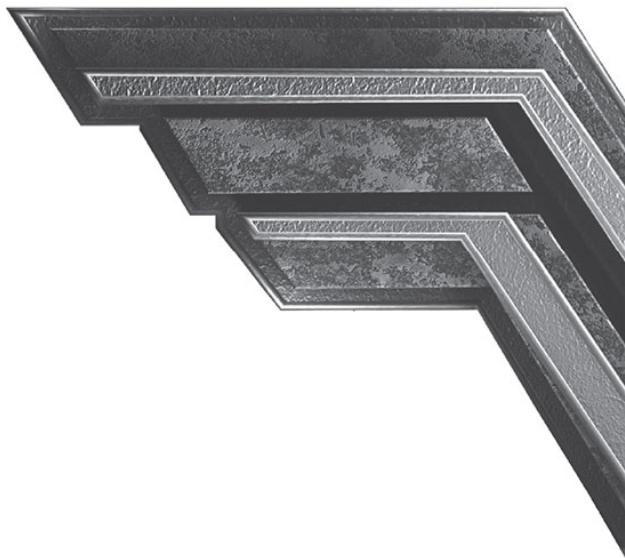
Quando ela tornou a falar, não reconheceu a própria voz. Era um ruído baixo e áspero, produto da raiva que ardia nela feito aço quente, forjando algo novo.

– Eu sou filha de Nêmesis – disse ela –, deusa da retribuição divina. Talvez seja bom você refletir sobre a persistência do meu rancor.

– Amarrem-na – ordenou Jason, e os soldados a arrastaram. – Não quero que ela acabe se ferindo numa tentativa desastrada de salvar o mundo.

Irmã na batalha, sou seu escudo e sua espada, repetiu ela para si mesma enquanto os soldados a arremessavam nos fundos do carro, usando braçadeiras de plástico para prender seus punhos à placa de metal que isolava o banco traseiro. *Enquanto respiro, seus inimigos não têm refúgio.*

Eu encontrarei um jeito, Diana. Por você, por Theo, por Nim. Enquanto vivo, sua causa é a minha causa.



CAPÍTULO 28

Diana pôde ver as águas prateadas do Eurotas, seu próprio corpo caído de cara no rio, os braços esparramados em ângulos grosseiros, drenada de sangue e branca como papel. Parecia uma estrela desfigurada. Nim jazia a poucos metros de distância, e lá estava Theo, os braços enganchados numa pedra, como se tentasse se agarrar a ela, remexendo os dedos em meio à corrente.

Ela observou Pinon em sua lenta caminhada até a estrada, os movimentos indolentes, o rabo inchado de sangue se arrastando pelos arbustos, retornando a seu mestre. Ouvia ao longe o zumbido de pás de helicóptero e os gritos de Alia. Lamentava não poder ir atrás da amiga, mas era uma sensação muito distante, um pensamento que ia e vinha feito uma lembrança pesadosa. Diana não sentia nada. Sem seu corpo não havia a que se agarrar, nada que a prendesse à terra.

Então era assim que acabava. Assim era a morte.

Sim, Filha da Terra, isso é a morte. E o renascimento.

Então, Diana viu: era o Oráculo, de cócoras perto do imenso tronco cinzento do plátano, o corpo inclinado sobre as águas da nascente, remexendo-as com o dedo comprido, como se fosse sua poça divinatória em Temiscira. Era real ou apenas uma visão de morte?

Sou tão real quanto o resto, disse o Oráculo. Deslizou o corpo para trás, revelando olhos cinzentos e penetrantes, uma boca carnuda, as feições emolduradas por um elmo dourado. Diana vira o Oráculo

assim em sua primeira visita, mas não percebera que estava olhando o rosto de uma deusa.

Atena.

Veja-me agora como eu de fato sou, filha. Veja todas nós.

A luz da água se mexeu e o rosto de Atena desapareceu. Surgiu Afrodite, com seus cachos resplandecentes; depois Hera, gloriosa e adornada de joias; Ártemis, reluzente como a lua; Héstitia, com seu véu, ardendo feito uma chama; Deméter, em sua coroa de grãos; então Atena mais uma vez. Era bonita demais. Diana desejou ter olhos, para poder desviá-los.

Nós criamos Temiscira para dar um santuário às amazonas. Disfarçadas de Oráculo, ainda observamos as nossas filhas.

É hora de voltar para casa, Diana, e ocupar seu verdadeiro lugar entre as suas irmãs. Você lutou bravamente pelos inocentes. Morreu com honra. E, em seus momentos finais, chamou por mim.

O Oráculo se levantou e Diana viu sua silhueta mudar: uma guerreira, uma esposa, uma mulher sentada a um tear, uma arqueira com a flecha preparada.

Venha, Filha da Terra, e renasça como suas irmãs renasceram, com toda a força que lhe cabe. Há uma guerra por vir, e você precisa ajudar seu povo a se preparar. Seu lugar entre as nascidas da batalha enfim foi conquistado.

Nascida da batalha. Diana sonhara com essas palavras, ansiara por elas. *Eu sou uma amazona.*

Ela podia de fato retornar a Temiscira? Lutar ao lado de suas irmãs na guerra iminente? O Conselho jamais permitiria. Ela tinha violado as leis mais fundamentais da ilha.

Elas nunca saberão, disse o Oráculo. Será como se você nunca tivesse se ausentado. Venha, Diana. Volte para casa.

Casa. As imagens eram claras em sua mente. As trombetas-de-anjo escalando o lado de fora da janela de seu quarto. As cozinhas do palácio, repletas de vida e agitação. As florestas de vastas árvores, que ela e Maeve haviam passado longas horas explorando. A costa norte, com seus penhascos e recantos secretos. Penhascos que ela conhecia melhor que ninguém, de onde ouvira Alia gritar por socorro pela primeira vez.

Alia. A quem ela fizera um juramento. *Enquanto respiro, seus inimigos não têm refúgio. Enquanto vivo, sua causa é a minha causa.* Aquele voto era inquebrável, forte como o laço dourado.

Diana pensou em Ben, que pilotara o jato com tanta tranquilidade e segurança, enfrentando agressores que sabia estarem mais bem armados; nos pais de Alia, que haviam tentado fazer do mundo um lugar melhor. Pensou em seu dedinho entrelaçado ao de Nim; em Theo pegando uma espada, embora não fizesse ideia de como empunhá-la. As Amazonas eram o seu povo, mas aquela gente também havia se tornado o seu povo. Ela tinha que encontrar um meio de protegê-los.

Aquelas pessoas, aqueles mortais – frágeis, tolos, com uma coragem além do normal – mereciam uma chance de paz. Não era tarde demais. O sol ainda não havia se posto.

Filha, disse Atena, nós vemos o seu bom coração. Mas não pode ser assim.

Por favor, implorou Diana. Me deixem ficar.

Não, respondeu a deusa, com a voz firme.

Desde o momento em que conhecera Alia, no entanto, Diana vinha se recusando a seguir ordens. Por que começar agora?

Me deem outra chance, implorou ela. O que estava pedindo? Que preço os deuses exigiriam? Deem outra chance a Theo e Nim.

Isso não é possível. O momento deles passou.

Vocês são deusas, disse Diana, tomando posse de sua coragem. Vocês decidem o que é possível.

Está negociando vidas mortais? A voz era diferente dessa vez, límpida como uma trombeta rufando pela caça. Por quê?

Eles são os meus soldados, respondeu Diana. Não consigo vencer essa batalha sozinha.

E são esses os guerreiros escolhidos por você?, perguntou a voz límpida e fria, com uma satisfação ondeante feito o luar.

Outra voz se pronunciou, doce como uma lira. Se a garota quer fazer uma escolha insensata, ela não será a primeira.

Se negociaremos, disse outra voz, que exponhamos nossos termos. O que você tem a oferecer, Filha da Terra?

Nada. Ela nada tinha para trocar pela vida de seus amigos. Nenhuma bugiganga a oferecer, nenhuma promessa, nenhum sacrifício digno. Mas isso não era a plena verdade, era? Ela tinha o dom que acabara de receber. Poderia arriscar a própria vida, o próprio futuro.

Pense, filha, disse o Oráculo, mais uma vez a general de elmo dourado. Pense no que abandonará em prol desses mortais, dessas

criaturas breves e impossíveis.

Diana, contudo, já não precisava pensar.

Ofereço minha vida como amazona. Se eu fracassar em impedir esta guerra, se eu morrer na mão de Jason, abduco do meu direito de retornar à ilha.

Você iria ao encontro de sua verdadeira morte?, perguntou o Oráculo.
Sim.

Um coro se ergueu: mil línguas, as vozes de mil deusas, todas as divindades que confiaram suas filhas ao santuário de Temiscira, todas que sabiam o que a guerra traria.

Então, de súbito, o Oráculo fez silêncio. As deusas travavam um debate em particular, e Diana podia apenas esperar. Uma eternidade se passou. Um breve segundo.

Atena se pronunciou, e em sua voz Diana ouviu tanto orgulho quanto cautela. *Nós atenderemos à sua súplica. Seus compatriotas terão uma chance e você também. Busque a vitória; se encontrá-la, retorne às suas irmãs como uma verdadeira amazona. Mas atenção, Filha da Terra: você permutou a última de suas chances.*

Diana estremeceu ao ouvir essas palavras. Os deuses não negociavam à base de favores. Sempre havia um preço.

Eis os termos da negociação: se morrer no mundo dos homens pela segunda vez, você passará ao submundo, tal e qual os mortais. Jamais voltará a ver as praias de Temiscira, nem sua mãe, nem suas irmãs. Não há como voltar atrás. Não intercederemos a seu favor. Não invoque nossos nomes para implorar por misericórdia.

Diana pensou em Nessa, exilada em frente à praia, despida de sua armadura, enquanto a terra tremia e os ventos uivavam. Lembrou-se das palavras do poeta. *O que dizer de seu sofrimento, exceto que foi breve?*

Diana fizera sua escolha ao saltar do paredão, com aquele primeiro mergulho no mar. Sua mãe e irmãs tinham escolhido dar as costas ao mundo dos homens, construir um novo mundo de paz em sua essência. *O trabalho delas foi feito*, pensou Diana. *Mas o meu está só começando.*

Esta é a minha luta, disse ela ao Oráculo. *Deixe que eu a reclame.*

Um som de trovão varreu o ar com um estampido.

Diana arquejou em busca de ar; a tempestade era o som de seu coração sendo esmurrado, que ecoava em seus ouvidos enquanto seu corpo se enchia de sangue e seus pulmões, de ar. Ela abriu os olhos.

Viu juncos. Inspirou, e a água lhe preencheu as narinas. Lembrou-se de seus braços e pernas, forçou-se a virar o corpo e se sentou, tossindo.

O ar à sua volta parecia crepitar de tão elétrico.

Deméter ergueu a mão e os juncos ao longo da ribanceira cresceram, encobrendo as duas. Hera se ajoelhou ao lado de Nim, aninhou em seu colo a cabeça da garota e consertou a torção em seu pescoço. Afrodite mergulhou uma concha no rio e espargiu seu conteúdo sobre o corpo inerte de Nim. O peito da garota começou a se inflar. Ela piscou uma vez, duas. Sentou-se, em choque, com água pingando dos cabelos, olhando freneticamente à volta, mas as deusas já não estavam lá.

Por sobre a ferida de Theo os dedos de Héstitia deitaram gotas de fogo; quando as chamas tocaram o talho que a espada fizera na lateral de seu corpo, a carne tornou a se unir, suave e sem cicatrizes. Ártemis puxou da aljava uma flecha, cintilante e espectral, como se forjada pelo luar. Cravou-a no peito de Theo, que se contorceu, aos arquejos, enquanto seu coração recomeçava a bater. Ele abriu os olhos e tateou por detrás do corpo, em busca de uma arma, procurando os agressores.

– Diana? Que diabo acabou de acontecer? – perguntou Nim. – Cadê a Alia? Onde está aquela... aquela coisa?

Não havia sinal das deusas nem do Oráculo, mas Diana ouviu a voz de Atena ecoando em seus ouvidos.

Não invoque nossos nomes para implorar por misericórdia.

Havia homens descendo a encosta; traziam latões de gasolina. Theo tocou o ponto onde antes estivera a ferida.

– Eu morri? Caramba, eu virei um zumbi?

– Não tenho tempo para explicar – disse Diana. – Jason está com a Alia.

Theo assumiu uma expressão sombria.

– Então vamos resgatá-la.

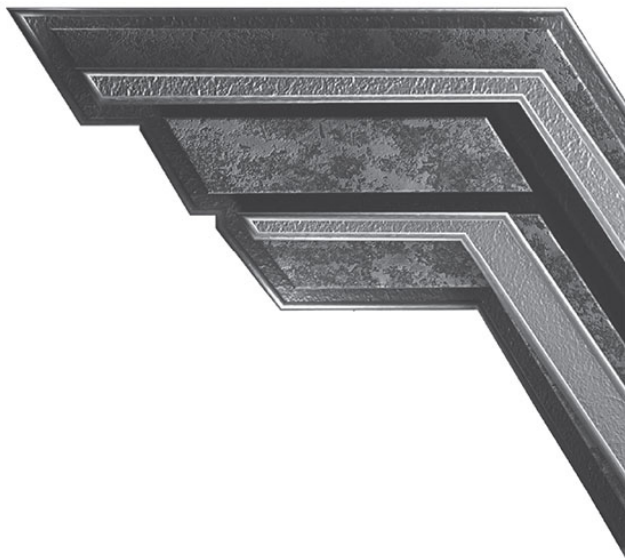
Diana encarou o horizonte.

– E a gente tem menos de meia hora até o pôr do sol.

Nim assentiu.

– Então vamos resgatá-la *depressa*.

Ela havia escolhido seus soldados. Era hora de ir para a guerra.



CAPÍTULO 29

Eles rastejaram pelos arbustos, contornando os homens com os latões de gasolina, que haviam descido à margem do rio e acabavam de descobrir que não havia mais corpos.

– Que diabo aconteceu? – disse um deles. – Eu vi a Pinon acabar com a amazona, e o Rutkoski deu conta do magrelinho.

– E eu quebrei o pescoço da garota indiana com minhas próprias mãos – disse outro deles.

– Imbecil – sussurrou Nim.

– Então onde eles estão?

– Será que o rio os arrastou?

Os homens saíram em disparada, chapinhando nas águas rasas.

– Vamos – disse Diana. – Não temos muito tempo até que eles retornem para avisar o Jason.

À beira do asfalto, os três pararam. Os veículos de Jason haviam bloqueado a estrada, e ela se perguntou se ele teria mandado erguer um perímetro para bloquear o tráfego comum. Viu homens fervilhando em torno de dois jipes à frente da caravana. Mais perto do esconderijo deles havia três caminhões blindados, além de um terceiro jipe. Era o que transportava Pinon. Diana soube por conta dos pesados parafusos que haviam sido instalados nas portas traseiras, mas se sentiu aliviada ao não ver sinal da criatura. Esperava que estivesse trancada dentro do veículo e dormindo, depois do banquete. O

helicóptero havia decolado e circundava o vale em amplos círculos.

Havia um grupo de soldados adentrando um dos caminhões blindados. Pelas portas abertas de outro ela enxergou um pequeno arsenal de armas e o que parecia ser um laboratório móvel. Jason conversava com um homem sentado à frente de um computador, com tubos de ensaio cheios de sangue – o sangue dela – enfileirados para seu divertimento. A nauseante vergonha da traição se remexeu em suas entranhas. Ele havia mentido para ela, traído sua confiança e roubado toda a vida de seu corpo.

– Como é que ele pode estar tão calmo? – perguntou Theo.

Por sob a raiva em sua voz, Diana pôde ouvir toda a mágoa e confusão do instante em que Jason os atacara.

– É pior que isso – disse Nim, com nada além de repulsa na voz. – Ele parece *satisfeito*.

Ela tinha razão. Aquela tensão havia desaparecido de Jason. Ele tinha trocado de roupa; agora vestia uma camisa limpa e uma jaqueta de combate, que usava como se fosse um manto. Parecia um rei no momento da ascensão.

Diana cerrou o punho. Ele não era um rei; era um ladrão. E já havia roubado o bastante de todos eles.

– Theo – disse ela –, se você tivesse acesso a um daqueles computadores, será que poderia dar um jeito de... não sei...

– Invadir a rede do Jason e destruir os arquivos dele, corrompendo cada tracinho de informação que ele reuniu e inutilizando toda a pesquisa?

– É... isso.

– Claro.

– Fácil assim? – perguntou Nim.

Theo deu de ombros.

– Eu ajudei o Jason a montar as redes e os sistemas de segurança.

– Não me admira ele querer ver você morto – retrucou Nim, com um assobio.

Jason saltou de dentro do caminhão, avançou para a frente da caravana e parou atrás do segundo jipe.

– Alia está lá – disse Diana. – Eles vão assumir a segunda posição na caravana, para caso haja emboscada. Eu consigo chegar até ela.

– Tem certeza? – perguntou Theo.

– *Eu consigo* – repetiu Diana, esperando que fosse verdade, já que haveria apenas uma chance. – Mas você precisa chegar ao laboratório

móvel. Jason disse que tem atiradores posicionados, e duvido que ele mande os homens baixarem as armas antes que a caravana comece a se deslocar.

Nim apontou para um lugar perto da crista do Menelaion, depois para a esquerda e à direita, nas colinas mais baixas.

– Eles vão estar lá – disse ela.

– O que você entende de atiradores? – perguntou Theo.

– Nada, mas entendo de linhas de visão. Aqueles são os três pontos que dão a eles uma visão direta da caravana e de qualquer um que se aproxime vindo dos dois lados da estrada.

– Isso é impressionante – comentou Diana. – Você é capaz de traçar um caminho que nos leve até o laboratório do caminhão sem atrair a fuzilaria?

Nim inclinou a cabeça.

– Posso nos levar até lá, mas os caras no jipe da Pinon nos verão.

– Então essa será a nossa primeira parada – disse Diana. – Nim, vá na frente. Vamos embora.

Os três se agacharam e rastejaram pela lateral da estrada, seguindo as indicações de Nim e usando a cobertura dos arbustos e árvores. O zigue-zague dela durante a aproximação dos veículos não parecia nada intuitivo a Diana, mas ela admitia que não possuía o dom visual da garota. Eles emergiram dos arbustos, rolaram para debaixo de um dos caminhões blindados e rastejaram até o lado oposto. De lá deslizaram até uma área de sombra junto ao motorista.

– Fiquem perto – ordenou ela, e abriu a porta do motorista com um tranco.

Antes que o atônito soldado pudesse abrir a boca, ela o arrancou do veículo e o imprensou com força contra a lateral do automóvel. Ele caiu na calçada.

– Ei! – disse o soldado no banco do carona, com a mão no rádio.

Ela deslizou para dentro do carro, agarrou o homem pela gola da camisa e deu com a cabeça dele no painel. Ele tombou para a frente.

Diana olhou para trás. A parte traseira do jipe continha duas grandes gaiolas. Pinon dormia numa delas, deitada de lado, roncando.

A amazona pegou o walkie-talkie e saiu do veículo. Nim e Theo rolaram o corpo do motorista inconsciente para debaixo do veículo.

– Nim – disse Diana. – Leve a gente até o laboratório móvel.

Após poucos passos, eles chegaram. Diana escancarou as portas traseiras e entrou. O homem à frente do computador cambaleou para

longe, apalmando a cintura em busca de sua arma.

Diana arrancou-a do coldre dele e a atirou para longe de seu alcance.

– Por favor. Eu sou um cientista – rogou o sujeito, com as mãos para cima.

– Não machucarei você...

Ao vê-lo mover a mão em direção a um botão de pânico amarelo, Diana bateu com a coronha da arma em sua cabeça.

– ... muito – completou ela, chamando Theo e Nim para dentro com um gesto e fechando a porta. – Fiquem de olho nele. Se alguém perceber que vocês estão aqui...

Nim pegou um rifle semiautomático da parede.

– Estaremos a postos.

Theo já estava inclinado diante do computador, os dedos voando pelo teclado.

Sobre a estação de trabalho havia uma máquina barulhenta. Enchia fileiras de tubos de ensaio com sangue vermelho-escuro, uma após a outra, empurrando os tubos cheios para a esquerda para que outra fileira pudesse ser preenchida.

– Ai, caramba – disse Nim. – Esse sangue é seu?

Diana encarou o miniarsenal no laboratório móvel e apontou para uma fileira de granadas incendiárias.

– Quando o Theo acabar, quero que vocês saiam daqui e explodam esse caminhão com a Pinon dentro. Conseguem fazer isso?

– Sim – garantiu Nim.

A resposta foi um pouco confiante demais para o gosto de Diana.

– Sem se explodirem junto?

– É provável – disse Theo.

O rádio emitiu um chiado.

– Estamos prontos para a partida. Collins, mantenha a posição até a evacuação do local. Câmbio.

Os três encararam a caixa preta. A voz soou outra vez:

– Collins, está na escuta?

Theo agarrou o rádio, desajeitado, e apertou um botão.

– Na escuta... meu chapa.

– A gente se vê na base. Câmbio.

Theo deixou o rádio de lado e retornou ao trabalho. Diana pegou das prateleiras uma espada curta e um escudo.

– Não estou entendendo – disse Nim. – Todas essas espadas... Os

soldados do Jason realmente são fortes a ponto de enfrentar tiros e bombas?

– Ele vai produzir PEMs – disse Theo.

Ele apontou para a tela, onde uma comprida linha de texto seguia passando. A confusão de Diana deve ter ficado evidente, pois ele prosseguiu:

– Pulsos eletromagnéticos. É tipo um raio, só que muito maior. Eles desativarão todos os principais sistemas de armamentos. Nada de armas nucleares, mísseis, nenhum acesso a estoques de armas de fogo.

– Uma luta justa – murmurou Diana.

Eu queria refazer o mundo.

– Claro – disse Theo. – Para os usuários de vitamina de sangue de herói. A Fundação Keralis tem bases operacionais espalhadas pelo mundo inteiro. Ele nos levará de volta à Idade da Pedra.

– Idade do Bronze – corrigiu Nim.

– Já não achou suficiente morrer uma vez hoje? – perguntou Theo.

Diana tocou os dois no ombro, esperando que pudessem se entender bem o bastante para dar conta daquela tarefa.

– Fiquem em silêncio e se cuidem – sussurrou ela, rumando para as portas. – E tranquem as portas quando eu sair.

– Diana – disse Nim –, chuta a bunda do Jason.

– Especificamente a bunda? – perguntou ela, confusa.

– Aham.

– Por quê?

– Tradição nova-iorquina – respondeu Theo, sem tirar os olhos do teclado.

Diana assentiu e abriu as portas. Avançou lentamente para fora. O último raio de sol já projetava longas sombras pela estrada. Ela tinha esperado conseguir entrar de fininho no veículo de Jason, mas não havia tempo para discricção. A caravana já estava em movimento.

Diana desatou a correr. No mesmo instante ouviu o som de tiros. Manteve o escudo erguido, ouvindo as balas acertarem o metal. Disparou para a frente e se pôs a correr no mesmo ritmo do último caminhão da caravana, usando-o como cobertura. Ouviu berros e viu os carros da frente aumentando a velocidade, mas o caminhão ao lado dela parou bruscamente.

Ela não podia se dar ao luxo de esperar para ver o que emergia. Disparou até a traseira do jipe e mergulhou em direção ao para-choque, mantendo o escudo erguido numa das mãos e usando a outra

para erguer a traseira do veículo.

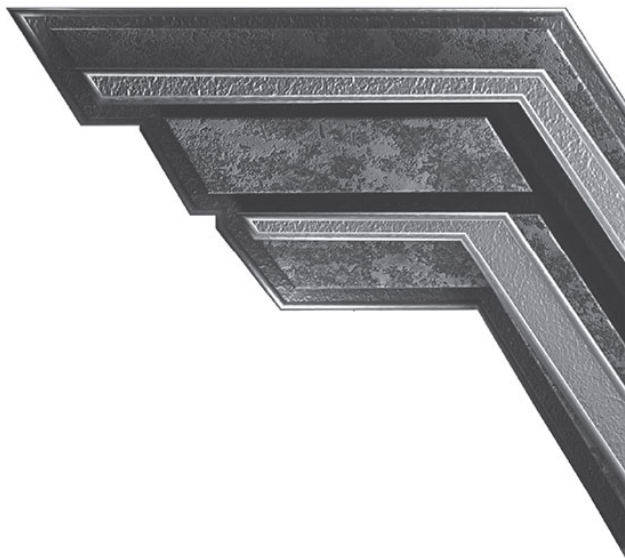
As rodas dianteiras giravam enquanto o veículo tentava avançar. Diana soltou um grunhido de esforço e plantou os pés no chão. Uma bala lhe acertou a coxa esquerda; outra atingiu a panturrilha, irradiando choques de dor por seu corpo. Ela olhou de soslaio para trás e viu soldados saindo do outro caminhão, correndo até ela de armas em punho. Estavam muito longe, por isso suas armas não faziam muito estrago, mas ela não podia manter aquela posição.

Diana prendeu a respiração e arremessou nos homens o escudo, que descreveu um arco e foi varrendo tudo. Ela largou o jipe. O veículo disparou para a frente, a toda velocidade. Com uma corrida e um salto, ela se lançou em direção à traseira e escalou o teto. Tiros explodiram à volta dela, e uma chuva dolorosa de balas lhe acertou o corpo. Ela ignorou, saltando do capô direto em seu caminho.

Rolou e aterrisou de pé. Mal teve tempo de alcançar o chão e girar o corpo, as mãos espalmadas à frente: o jipe colidiu com ela, impulsionando-a para trás, as sandálias deslizando sobre o asfalto. A força do impacto lhe fez tremerem as palmas. Ela cerrou os dentes enquanto o motor urrava.

Ouviu passos, soldados correndo em sua direção. Quantos? Dez? Vinte? Mais? A que velocidade? Eram muito fortes? Ela podia lutar contra todos?

Olhou para o oeste. O sol assumia um tom vermelho-fogo à medida que se aproximava das encostas. Quanto tempo tinha até ele se pôr por completo? Quanto tempo até que a escuridão se avultasse e sua última chance se esvaísse?



CAPÍTULO 30

– Senhor, alvo hostil se aproximando – declarou uma voz pelo rádio.

– Quem? – indagou Jason, despreocupado.

– É aquela garota.

Alia endireitou o corpo, o plástico cravando-lhe a carne ao redor do pulso.

– Garota? – perguntou Jason, espichando o pescoço enquanto o tiroteio explodia atrás.

Alia temia olhar, temia sentir esperança, mas se forçou a se virar.

Diana, em disparada frente a uma torrente de balas, o escudo erguido sobre a cabeça. Ela saltou para a frente e se agarrou ao para-choque traseiro do veículo.

– Isso *não é possível* – disse Jason, erguendo a sobrancelha como se tentasse solucionar uma equação extremamente difícil. – A Pinon fez a drenagem. Ninguém sobrevive a isso.

Os homens partiam para cima de Diana, cada vez mais perto, o tiroteio mais alto. Ela arremessou o escudo e largou o jipe, mas um instante depois Alia ouviu passos no teto do carro, e no momento seguinte viu a amazona de pé à frente do veículo.

– Acabem com ela – disse Jason.

O motorista pisou no acelerador, e Alia gritou.

O veículo acertou Diana de frente. O impacto jogou Alia contra o cinto de segurança. A amazona, porém, não se mexeu. Estava plantada

na estrada, os lábios escancarados num esgar, as mãos agarradas ao para-choque.

– Meu Deus! – exclamou Jason, admirado, olhando pelo para-brisa.

Ele não soava assustado. Alia quis, com todas as forças, que ele demonstrasse medo.

– Senhor? – disse o motorista, inseguro.

– Quero todos prontos para a batalha. Espadas e escudos, sem armas de fogo. Ah, e diga que eu a quero viva, se for possível.

Como ele podia falar daquele jeito? Como se aquilo fosse um jogo. Pior, um experimento.

O soldado comunicou a ordem pelo rádio. Em questão de segundos, Alia viu uma onda de homens cercando Diana enquanto o jipe cantava os pneus.

– Esses são os meus melhores soldados – disse Jason. – Foram abençoados com a força dos maiores heróis a pisar nesta terra, mas nunca enfrentaram um desafio como a Diana.

– E não são páreo para ela – respondeu Alia, com os olhos cravados nele.

– Talvez não – reconheceu Jason. – Mas farão um belo estrago enquanto aguardamos o pôr do sol.

Uma nova fúria lhe dominou o corpo. Ela puxou inutilmente as mãos atadas. Diana estava lá, de volta dos mortos, e Alia nada podia fazer para ajudar. Queria berrar. Tanto poder dentro de si, um apocalipse à espera de nascer, e para que ela servia?

– Queria poder ficar para vê-la lutar – disse Jason enquanto seus homens avançavam com espadas, lanças... e redes.

– Por que as redes, Jason? – perguntou ela, embora incerta de querer saber.

– Ok, eu fui meio obtuso antes – admitiu ele, dando de ombros de forma curta e aflita, bem ao seu estilo. – Fui impulsivo. Não devia ter mandado a Pinon drenar a Diana. Com ela viva, eu terei um estoque permanente de material genético com que trabalhar.

Algo sombrio se libertou dentro de Alia. Jason podia não estar certo em relação aos pais deles, mas também não estava totalmente errado. Ela passara a vida inteira ouvindo que devia tomar cuidado, baixar o tom de voz, atrair somente o tipo certo de atenção. Fique calma. Não dê motivo. Jamais dê motivo. Contudo, fora seu direito sentir raiva à época, e agora também era. Além do mais, o que ganhara tendo cuidado? Tinha que haver justiça para Theo, para Nim,

para toda a dor que Jason havia causado. *Cuidado* não traria essa justiça. *Nêmesis. Deusa da retribuição.*

Ela ouviu um bater de asas e se encolheu, pensando em Éris, mas o som vinha de dentro dela, o farfalhar de algo havia muito adormecido.

Haptandra. A mão da guerra. E se fosse ela a alcançar esse poder?

Já chega de ter cuidado. Já chega de ficar quieta. Que todos me vejam com raiva. Que me ouçam gritar a plenos pulmões. A criatura adormecida espichou as asas, negras e brilhosas, iluminadas por um fogo escuro. E se levantou, com uma adaga na mão.

Nêmesis. E se aquele poder não fosse apenas uma maldição, mas uma bênção, algo denso e perigoso, passado de uma deusa à sua filha, e dela adiante, algo que pedisse para ser usado? E se pudesse ser uma arma nas mãos de Alia?

Ela fechou os olhos e tocou a criatura sombria e alada. Agarrou-a e se uniu a ela, totalmente tomada pela ira. Alia quase sentia o bater de asas entre as próprias escápulas – e não havia medo, somente uma vibrante confiança. *Isso é meu. É meu direito.* Ela cutucou o poder dentro de si e sentiu-o alçar voo.

O soldado no banco do passageiro levantou o rádio e o esmagou na cabeça do motorista. Jason recuou quando o motorista se virou para o agressor, e os dois entraram em luta corporal no banco da frente.

– Scholes! – gritou Jason enquanto o motorista soltava o pedal, desacelerando o veículo. – Chihara! Que diabo estão fazendo?

Alia abriu os olhos e viu o círculo de soldados. Lançou à frente seu poder, dessa vez *com vontade*. Os soldados no exterior começaram subitamente a gritar, berrar, brandir as espadas uns diante dos outros.

– Que droga – disse Jason. – Deve ser a proximidade do pôr do sol.

– É – respondeu Alia – Deve ser.

– V-Você... – balbuciou Jason, mas então soltou um berro.

O jipe se inclinou para a frente, e sua dianteira bateu no asfalto com força.

– Que dro...

– Acho que ela arrancou os pneus da frente – disse Alia.

A traseira do jipe afundou com um baque súbito.

– E esses devem ter sido os traseiros.

– Cadê ela? – perguntou Jason, girando o corpo no banco.

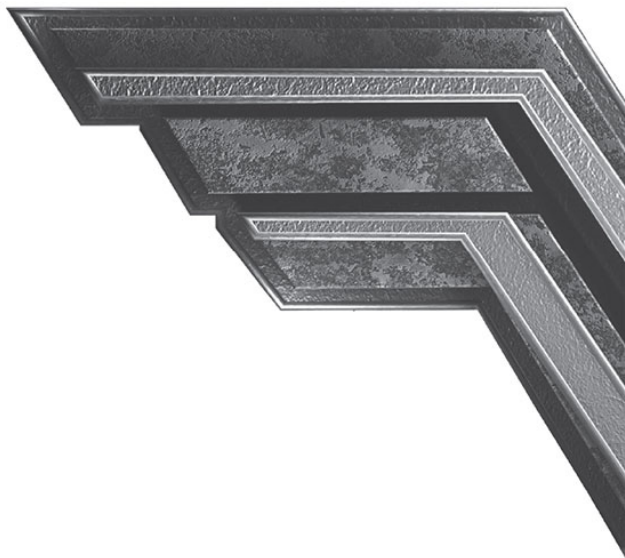
– Está vindo pegar você. – Alia olhou pelas janelas e sorriu ao ver o caos que havia criado. Era só o início. – *Nós* pegaremos você.

– Não se anime tanto, Alia – disse Jason.

Ela pôde ver a frustração nele, sem terror, sem preocupação. Na verdade, ele parecia quase ansioso ao retirar uma espada comprida do compartimento principal do veículo.

– Esta luta está só começando – concluiu ele.

Jason abriu a porta, empunhando a espada reluzente.



CAPÍTULO 31

Diana arremessou o último pneu a tempo de ver Jason rastejar para fora da caixa em que o gigantesco jipe havia se transformado e se pôr de pé. Estava armado com uma espada e parou apenas para apanhar um escudo do braço inerte de um dos homens caídos.

Não havia tempo para observar o caos à sua volta, para se perguntar se Theo e Nim, no laboratório, também estariam sucumbindo àquela louca batalha.

O soldado mais próximo de Diana havia derrubado o compatriota no chão e batia com o escudo na cabeça do oponente. Diana deu uma pancada na cabeça dele. O homem desabou para a frente, colando o rosto no do companheiro.

Ela agora encarava Jason. Os dois estavam rodeados por homens em luta. O outro caminhão havia saído da estrada.

Diana testou o peso da espada na mão. Era bem curta, mas o formato era bom tanto para cortar quanto para perfurar. Embora o aço fosse de má qualidade, a lâmina parecia bem afiada.

– Seus homens não virão resgatar você – disse ela.

– Eu não preciso ser resgatado – respondeu Jason, dando de ombros.

– Você já perdeu para mim uma vez, na subida da montanha.

– Eu deixei você acreditar no que quis.

Diana balançou a cabeça, percebendo que a fadiga de Jason

naquele topo de montanha estrelado fora encenada.

– Você mente com a facilidade com que respira. Você sempre se contém. Pois bem – disse ela –, vejamos como se sai enfrentando uma amazona de verdade.

Os dois se rodearam lentamente. Jason, porém, não tinha por que esperar para avaliar a força dela. Vinha fazendo aquilo havia dias. Ele deu um bote. As espadas se encontraram em confronto, e o clangor de metal contra metal ecoou pela encosta. Diana sentiu a força do golpe lhe subir pelo braço. Ele era forte e sabia usar o próprio peso.

Os dois se afastaram, as lâminas chispando. Ele atacou. Diana aparou o golpe e deu um giro para a esquerda, mantendo o escudo erguido enquanto Jason lhe desferia um soco entre as costelas. *Forte, notou ela, mas também acostumado a ser o jogador mais forte em campo.* Ele empurrou o escudo contra o dela, esperando que Diana recuasse. Em vez disso, ela deu um tranco, arremessando-o longe.

Jason foi de encontro à lateral de um dos caminhões, mas se levantou num piscar de olhos. Sacudiu-se para afastar a dor do impacto e abriu um sorriso.

– Já imagino os soldados que produzirei a partir do seu sangue.

Não se o Theo puder ajudar, pensou ela enquanto Jason avançava, a espada reluzente feito um raio em meio às nuvens. Ele se movia depressa, golpeando com furor, fazendo-a recuar. Diana ia transferindo o peso do corpo e retribuindo cada golpe. Era surpreendente, estranho. Quantas horas passara se preparando para um momento como aquele? No entanto, aquilo em nada se parecia com os exercícios e as partidas de treinamento nos pátios da armaria, pois agora seu oponente estava preparado para infligir um golpe fatal.

– Você é rápido – notou ela.

Jason abriu um sorriso, e a covinha que tão facilmente a seduzira apareceu.

– Você não está lutando só comigo – respondeu ele, a respiração compassada. – Está lutando contra os guerreiros que derrotaram as Amazonas. Aquiles, que destruiu Pentésileia. Télamon, que venceu Melanipe. Hércules, que derrotou Hipólita.

Ela odiava ouvir os nomes de suas irmãs, de sua mãe, nos lábios dele.

Diana ergueu a sobrancelha.

– Uma guerreira sábia aprende com os próprios erros – disse ela, empertigando-se. – E você está se esquecendo de quem me ensinou a

lutar.

Ela desceu a espada em um furioso arco. Jason ergueu o escudo para bloquear o golpe, mas não conseguiu. Diana lhe desferiu um chute com o pé direito, cravando o calcanhar em seu plexo solar e expulsando todo o ar de seus pulmões.

Dessa vez ele não se levantou tão depressa. Ela partiu para cima dele com toda a habilidade que lhe fora transmitida, o eco dos ensinamentos de suas irmãs reverberando em seus movimentos, as lições que elas aprenderam e passaram adiante.

Jason retribuía os golpes, mas com movimentos mais lentos. Ainda sentia a força do chute e lutava para respirar. Ela desceu a espada. Ele deu um giro para a direita, evitando o golpe, mas ela jamais pretendia fazer contato. Conteve o ataque, mudou de direção e desceu a lâmina contra o braço do escudo. Ele soltou um sibilo enquanto o sangue brotava em sua pele. Ela aproveitou a abertura e deslizou o punho da espada num gesto ligeiro até o escudo de Jason, soltando-o de sua mão. O escudo caiu no chão com um baque surdo.

Diana ajustou a empunhadura e correu a espada com força para a direita, jogando o escudo para longe.

Ele cambaleou para trás, o braço esquerdo pingando sangue. Parecia mais confuso que assustado, como se não compreendesse para onde haviam ido suas armas.

– Não – disse ele. – Está tudo errado. Aquiles, Hércules, eles venceram. Em todas as histórias eles derrotam as amazonas. Eles são os vitoriosos.

– Essas são as histórias que os seus poetas contam, não os meus. Renda-se, Jason Keralis.

Jason soltou um rosnado de frustração, girando o corpo para a esquerda.

– Menelau se rendeu quando Páris raptou sua mulher? Eu sei que você não está disposta a enfrentar um ataque mortal.

– Você não pode vencer. Só as minhas irmãs são páreo para mim numa luta justa.

Um olhar fervoroso surgiu nos olhos dele.

– Então largue as suas armas. Lute comigo no corpo a corpo. Se me vencer, desfrute sua vitória.

O que faria aquilo acabar? Derrotá-lo no combate honesto que ele buscava? Ela duvidava. Diana deu de ombros e atirou espada e escudo para bem longe.

Jason suspirou e balançou a cabeça.

– Tão honesta, tão correta... – disse ele, contorcendo os lábios, ensaiando um sorriso afiado feito a lâmina de uma faca. – Tão fácil de enganar... Só as suas irmãs são páreo para você?

Ele apanhou uma seringa do bolso.

– Então – concluiu ele – você sucumbirá ao poder das amazonas.

Ela se lembrou do que Jason dissera à margem do Eurotas: *Comecei a elaborar um soro a partir do seu DNA desde o dia em que nos conhecemos.*

As células dela, a força dela.

– Não! – gritou Diana.

Jason enfiou a agulha na própria coxa e pressionou o êmbolo, então jogou a seringa vazia longe. Empertigou-se, estalou o pescoço. Diana deu um passo atrás.

– O sol está se pondo – disse ele, flexionando os dedos como se testasse a sensação da nova força. – Uma era de heróis se inicia. E eu acredito ter prometido a você uma bela morte.

Ele avançou e Diana recuou, encarando-o com receio.

– Não há para onde fugir agora – prosseguiu ele, cerrando os punhos. – Fico imaginando qual deve ser a sensação de ser derrotada por uma força criada com o seu próprio sangue.

Ele deu um balanceio para a esquerda. Diana desviou do golpe. Ele entrou pela direita, um gancho em sua barriga com tremenda força. Diana grunhiu ao sentir o soco. Jason soltou uma lufada de ar e retrocedeu, surpreso.

– O que foi isso?

Ele se sacudiu e partiu para cima dela. Diana deu um rodopio, na intenção de enganchar o tornozelo no dele e derrubá-lo. Mas ele agora era mais rápido. Congelou o movimento, agarrou os ombros dela e deu um giro, jogando-a no chão.

Ele grunhiu, sentindo dor. Diana deu um giro para trás e pôs-se de pé num salto.

Jason partiu para cima dela, desferindo uma rápida sequência de socos e cotoveladas; ela se inclinou para a esquerda, depois para a direita, e acertou um soco em seu estômago. Ele espalmou a mão para cima e lhe acertou o queixo. A cabeça de Diana foi jogada para trás, o odor pungente e metálico de sangue lhe encheu a boca.

Jason deu um rodopio para longe e segurou a mandíbula, como se tivesse sido atingido. Levou os dedos à boca, mas não havia sangue.

Tinha os olhos arregalados e ferozes.

– O que foi isso? – gritou ele.

Diana lambeu o sangue do lábio. Agora era ela quem sorria.

– É isso que significa ser uma amazona. A minha dor é delas, e a dor delas é minha. Cada ferida que você provocar, você mesmo sofrerá.

– Mas não é só a...?

Jason balançou a cabeça, tentando compreender. Deu um passo em direção a ela e parou.

– Que barulho é esse? – perguntou ele.

– Venha, Jason, venha me acertar. Me conceda a bela morte que me prometeu. Mas a cada golpe você sentirá a agonia de todas as Amazonas derrotadas em batalha. A cada ataque, ouvirá o coro dos seus gritos.

Jason levou as mãos aos ouvidos.

– Faça isso parar.

– Eu não posso.

Ele deu uma guinada para a frente e desabou de joelhos.

– Faça parar! Não está ouvindo? Não está sentindo?

– Claro que estou – disse Diana. – Cada amazona tolera o sofrimento de suas irmãs, vive com ele e aprende a suportá-lo. É por isso que valorizamos tanto a compaixão.

Era isso que não as deixava esquecer que, apesar de sua imensa força, velocidade, habilidades, a promessa de glória não era nada diante da angústia do outro. Diana se agachou e tomou nas mãos o queixo de Jason, forçando-o a encará-la.

– Se não é capaz de suportar a nossa dor, não é digno de carregar a nossa força.

– Você fez isso de propósito – sibilou ele. – Você me enganou.

Era verdade. Jason sabia que ela não o mataria, e ela soubera que ele jamais se renderia sem a morte heroica que tanto desejava.

– Eu deixei você acreditar no que quis.

– Me mate! – gritou Jason. – Você não pode me deixar assim! Me mate! Me mate!

– Você não fez jus a uma morte honrada, nem bela ou silenciosa. Viva com sua vergonha em vez disso, Jason Keralis, sem luto nem lembrança.

– Você se lembrará de mim – disse ele, num arquejo, o rosto brilhando de suor. – Eu fui o seu primeiro beijo. Poderia ter sido o

primeiro em tudo. Você sempre saberá disso.

Ela o encarou com firmeza.

– Você foi o meu primeiro nada, Jason. Eu sou imortal, e você é um mero detalhe. Vou apagá-lo da minha história, e você desaparecerá, esquecido por este mundo.

Jason soltou um ganido alto e lamentoso, o corpo inteiro tremendo. Desabou de lado, curvou o corpo feito uma criança e cobriu a cabeça com os braços, balançando-se para a frente e para trás, os uivos de raiva se tornando soluços.

Ela ouviu um estrondo alto e viu uma labareda subir do laboratório móvel, onde deixara Theo e Nim. Um instante depois, outra explosão. A gaiola de Pinon.

Diana deu um rápido chute na bunda de Jason, já que era tradição, então arrancou bruscamente a porta de um caminhão blindado e a envolveu com força em torno dele. Pelo menos por um tempo ele ficaria contido.

Ela olhou por sobre o ombro. O sol já ia se pôr. Diana tinha apenas mais uns minutos, e a nascente ficava a quase meio quilômetro de distância.

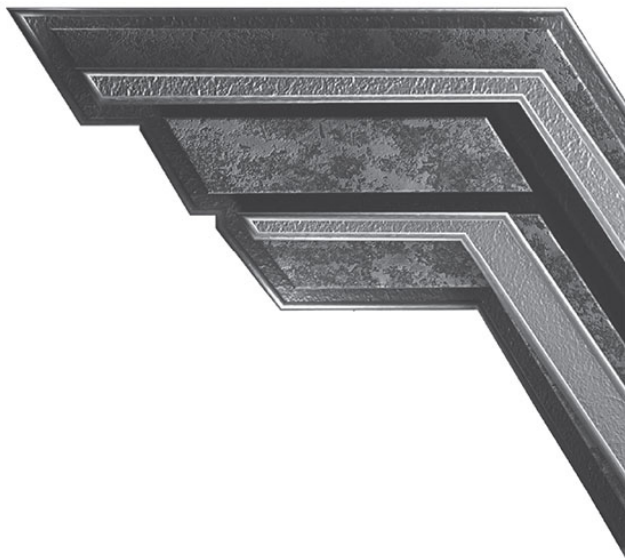
Correu até o jipe e abriu com um tranco a porta do passageiro.

– O que você fez com ele? – perguntou Alia, ao ouvir o irmão chorando dentro do casulo de metal.

Diana a libertou.

– Nada. Ele fez a si próprio – respondeu ela, virando-se para Alia. – Agora suba.

Não havia tempo para argumentar. Alia montou nas costas dela, e as duas dispararam em direção à nascente.



CAPÍTULO 32

Alia se agarrou com firmeza ao pescoço de Diana, absorvendo o caos que havia desencadeado, tentando se esquecer dos sons das lamúrias de Jason enquanto as duas disparavam em direção à nascente. Teriam Theo e Nim sobrevivido também? Quanto tempo ainda havia?

Na descida pela encosta até o rio, disparando pela margem arenosa, o rosto de Alia era arranhado pelos galhos das árvores.

– E se for tarde demais? – perguntou, sem saber ao certo *por que* estava sem fôlego.

– Não será.

– Mas e se for?

– Eu não sei – respondeu Diana, soltando Alia ao se aproximarem do plátano. – Acho que a gente simplesmente continua lutando. Juntas.

Elas chapinharam as águas rasas da ribanceira, que ficavam mais fundas à medida que avançavam rumo à nascente. Alia ouvia o coro se elevando mais uma vez, vozes de garotas se multiplicando enquanto ela afundava até a cintura na água, tropeçando com os tênis encharcados nas pedras escorregadias, procurando pontos de apoio no leito arenoso do rio. Viu Éris bem acima delas, ouviu seu tenebroso guinchado, viu os gêmeos em suas carruagens em disparada pela ribanceira, ambos rindo, estridentes e vitoriosos.

Tarde demais. Tarde demais.

Enquanto o céu afundava no horizonte, Alia se atirou nas águas cintilantes da nascente. Ao mergulhar, o mundo ficou escuro e silencioso. A água era muito mais funda do que ela imaginava, feito uma mão gelada deslizando por seu corpo. Ela bateu as pernas, mas não sentia nada sob o corpo. Já não sabia ao certo para que lado estava virada nem onde ficava a superfície. Só havia escuridão.

Alia sentia a criatura alada se debatendo dentro de si, mas não sabia se ela lutava para se conter ou se libertar.

Não vá. O pensamento lhe veio espontaneamente. Não era sua intenção. Ela lutara com muita força para livrar o mundo do horror que aquela maldição poderia trazer. Uma parte dela, porém, desejava manter um pouco daquele poder dentro de si. Ela havia feito o bem com ele, salvara Diana. Por um breve instante, aquela raiva que era sua por direito queimara com força em seu coração, e pertencera a ninguém além dela.

Seus pulmões se apertaram, famintos de ar. Teria a nascente feito seu trabalho? Ela não sabia, mas não queria se afogar tentando descobrir. Soltou o ar que ainda lhe restava, observou as bolhas subindo e soube o caminho a seguir. Disparou para cima e se libertou dos braços do rio, içando-se de volta às águas rasas, sugando o ar em grandes haustos.

– E aí? – gritou Nim da margem.

Theo estava a seu lado, envolto pela luz azul do crepúsculo.

– O que foi que houve? – perguntou Diana, oferecendo a mão para que Alia se levantasse.

– Nada.

Alia olhou para cima e viu a lua prateada que surgia no céu, com um desamparo a lhe pesar no peito. Um estrondo preencheu o ar. Ela olhou a estrada, perguntando-se que novo desastre estaria indo ao encontro deles, mas o som não parecia vir de lá.

– Que barulho é esse? – disse Theo.

Vinha de todos os lados. Ela começou a distinguir os diferentes sons do alarido: o ruído do fogo de artilharia, o ribombo dos tanques, o guinchado dos caças. E gritos. Os gritos dos agonizantes.

– Ai, meu Deus – disse ela. – Está começando.

Diana piscou os olhos azuis. Seus ombros desabaram, e foi como se uma coroa invisível caísse de sua cabeça.

– Nós fracassamos. Chegamos tarde demais.

Foi culpa minha?, perguntou-se Alia. Teria ela condenado todos

naquele último instante? Em seu desejo egoísta de preservar dentro de si um pouco daquele misterioso poder?

Eles permaneceram dentro do rio, com água até a cintura, enquanto o som se intensificava, fazendo tremer a terra e os galhos dos plátanos. O som se elevou feito uma onda, cada vez mais alto, a chegada de um futuro de sofrimento humano.

Então, feito uma onda, arrebentou. O som recuou de uma só vez. A maré retrocedeu... e desapareceu.

Diana prendeu a respiração.

– Alia – disse ela. – Olhe.

Havia três figuras de pé ao lado do plátano, os corpos cintilando com um brilho dourado sob a escuridão crescente. Suas feições eram indistintas, mas Alia pôde ver que uma delas era uma garota.

Helena. A garota deu um passo à frente, os pés leves sobre o chão, mais velha do que quando podia correr à margem do Eurotas. Depositou uma reluzente coroa de flores de lótus sobre o plátano e tocou, bem de leve, o tronco cinza.

Nas reluzentes águas douradas da nascente, Alia viu exércitos recuando, soldados largando as armas, hordas raivosas desistindo da ofensiva. A luz se esvaiu, e Alia observou Helena e suas irmãs flutuando para longe do rio, até não poder mais distinguir suas silhuetas em meio às sombras. Alia não sabia para onde estavam indo, mas desejou que encontrassem paz.

Encarou Diana, quase com medo de falar.

– Terminou?

Diana respirou fundo, trêmula.

– Acho que sim – respondeu, meio insegura. – Nós mudamos o futuro. Impedimos uma guerra.

Da estrada, Alia ouviu o som de sirenes e viu as luzes de viaturas de polícia e caminhões de bombeiros se aproximando. Diana e ela avançaram até a margem do rio, e Nim abraçou Alia com força.

– Achei que você estivesse morta – disse Alia, a dor das lágrimas lhe apertando a garganta.

– Eu meio que morri – respondeu Nim, com uma risada soluçante.

– Ei, eu também – disse Theo. – Morri morrido.

– E ainda detonou todo o sistema de segurança do Jason – completou Nim.

– Pois é – confirmou Theo, metendo as mãos nos bolsos da calça ridícula. – Mas posso garantir que nada respingará nos Laboratórios

Keralis.

Alia se encolheu.

– Aposto que, depois disso tudo, o conselho não vai querer que nem eu nem o Jason cheguemos perto da empresa.

Theo deu de ombros.

– Sinto muito.

– Eu não – respondeu Alia. – Ficarei bem. Construirei alguma coisa minha.

Vozes nervosas pairaram pela estrada, gritando em grego.

– Será que a gente devia ir até lá? – indagou Diana.

– Não – respondeu Alia. – Acho melhor não. Deixemos o Jason explicar por que plantou uma milícia fortemente armada no meio de uma estrada do interior.

– O que acontecerá com ele? – perguntou Nim.

Os quatro se sentaram sob os galhos pendentes de um salgueiro. No escuro, ninguém que olhasse de cima para baixo os veria. Mas por que olhariam? A batalha havia sido travada na estrada. Não havia indícios de que chegara à margem do rio, que, para além dos galhos de um plátano, uma era de carnificina havia sido evitada.

– Sei lá – respondeu Alia. – Espero que haja alguma forma de ajudá-lo, de resgatá-lo. Ainda não consigo acreditar que o meu irmão fez isso.

– E meu melhor amigo – acrescentou Theo.

– Não me leve a mal – disse Nim –, mas aquele babaca tentou me matar. Espero que ele apodreça.

– Justo – falou Theo, assentindo.

Diana agarrou o braço de Alia.

– Alia, eles estão concordando.

– Ei, pode crer – disse Nim. – E tem uns bons quinze minutos que não sinto vontade de esfaquear você, Theo.

– E agora? – perguntou ele.

– Nada.

– E agora?

– Theo...

– E agora?

Nim fez uma careta.

– Não esquentar – disse Alia. – Até eu quero esfaqueá-lo.

A foice brilhante da lua da colheita pairava baixo no vale, novamente visível, e eles permaneceram sentados, lado a lado,

observando as estrelas surgirem e as luzes da cidade se multiplicarem a distância. Depois de um tempo, ouviram mais carros chegarem e outros partirem.

– Como você se sente, Alia? – perguntou Diana.

– Sinto o corpo cheio de hematomas, e estou bem surtada em relação ao que farei com o meu irmão do mal, mas me sinto eu mesma.

– Você está ótima – disse Theo, e Alia sentiu as bochechas esquentarem.

– Eu estou com fome, na verdade – comentou ela, baixinho.

Nim desabou para trás.

– A gente não tem dinheiro.

– Vivemos da terra! – disse Theo.

– A não ser que a terra seja feita de pizza – replicou Nim, com um grunhido –, pode esquecer.

Alia encostou o ombro no de Diana.

– Estou pensando em encontrarmos uma hospedagem, mas não sei muito bem como conseguiremos.

Diante do silêncio de Diana, ela se corrigiu:

– A gente não vai roubar nem pegar emprestado.

– Não é isso – disse Diana, puxando os joelhos até o queixo. – Não sei bem se estou pronta para ir.

– Sério? – perguntou Nim. – Eu já estou por aqui de sul da Grécia pela vida inteira.

– Não, quero dizer para casa. Para Temiscira.

Alia congelou.

– Mas... você não tem que ir, tem? Não imediatamente.

– Eu preciso voltar. Preciso saber como está a ilha, se a minha amiga Maeve está bem. Eu... – disse ela, respirando profundamente, como se para ganhar forças. – Eu preciso enfrentar a minha mãe.

– A sua mãe se parece minimamente com você? – perguntou Theo.

Diana escancarou um sorriso.

– É mais forte, mais rápida e supertalentosa na lira.

Mas Alia não queria brincar. Já havia perdido muita coisa naquela noite.

– Você vai conseguir voltar? – perguntou ela.

– Eu não sei. Pode ser que ainda enfrente o exílio, a punição.

– Então não vá! – exclamou Nim. – Fique com a gente. Você pode ser meu par na festa de formatura da Bennett. Alicia Allen vai

simplesmente pirar.

– Ou pode ser a minha guarda-costas – disse Theo. – Já ouvi dizer que não sou um espécime muito intimidador.

– Você conseguiu empunhar uma espada por sólidos dez segundos – retrucou Diana, com um sorriso.

– Quinze! – corrigiu ele. – Eu estava contando.

Por que está todo mundo agindo como se estivesse tudo bem? Por mais que Alia amasse Nim e Theo, só queria que os dois calassem a boca.

– Não vá – disse ela a Diana. – Não agora. Eu sei que você gostou de Nova York. Deu para ver. Até as partes nojentas. Você quer mesmo passar a eternidade em Temiscira?

Diana balançou lentamente a cabeça.

– Não – respondeu ela, e por um instante o coração de Alia se encheu de esperança. – Mas a minha família está lá. Meu povo. Não posso agir de forma covarde.

Alia suspirou. Claro que não podia. Era Diana. Alia apoiou a cabeça com delicadeza em seu ombro.

– Prometa que um dia você voltará.

– Prometo tentar.

– Faça o juramento.

Aquelas palavras eram mágicas. Ela tinha sentido.

– Irmã na batalha – murmurou Diana –, sou seu escudo e sua espada.

– E minha amiga.

– Sempre sua amiga.

Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas. Se aquilo era verdade, talvez o juramento não importasse.

– Eu nunca esquecerei você – disse Diana, então olhou para Nim e Theo. – Nenhum de vocês, nem o jeito como enfrentaram o mundo com coragem e humor...

– E estilo? – perguntou Nim.

– Isso também.

Então os quatro engancharam os mindinhos. Diana, Alia, Nim e Theo, feito crianças no início de uma aventura, embora soubessem que era o fim.

Diana se levantou.

– Agora? – perguntou Alia, levantando-se também.

– Antes que eu perca a coragem.

Alia teve que rir daquela frase. Quando tinha visto Diana sem

coragem?

Ela viu a amiga cruzar as águas da nascente, remover do bolso a pedra-do-coração e encerrá-la na palma da mão. O rio começou a rodopiar, as águas embranqueceram com a espuma. Um brilho estrelado circundou Diana, cintilando nas ondas negras de seus cabelos. Alia quis chamá-la de volta, implorar que ficasse, mas as palavras ficaram entaladas na garganta.

Diana tinha um caminho a percorrer, e já era hora de Alia seguir sozinha. Jason fora seu herói, seu protetor por tanto tempo, e Diana também fora sua heroína. Um tipo diferente de cavaleiro, que escolhera proteger a garota que o mundo queria destruir; nascida para matar os dragões, mas talvez também para ajudá-los.

Diana acenou, agora apenas uma silhueta na escuridão. Alia ergueu a mão para retribuir o gesto, mas Diana já havia mergulhado nas águas revoltas da nascente. Um instante depois, o rio se acalmou e ela desapareceu, sem deixar sequer uma ondinha em seu rastro.

Alia enxugou as lágrimas dos olhos, e Nim e Theo a abraçaram.

– Você devia ter mais amigas amazonas – sugeriu Nim, baixinho.

– Gente, como vamos voltar para a cidade? – perguntou Theo depois de um minuto.

Nim deu de ombros.

– Tenho certeza de que o Fiat ainda está onde a gente estacionou.

Eles começaram a rumar para a estrada, agora deserta, Alia um pouco atrás dos dois. Ela não havia sido honesta com Diana. A nascente *tinha* operado uma mudança. Alia tentou alcançar a tal criatura sombria e alada dentro de si. Sua forma agora era diferente; parecia mais integrada a ela, e havia embainhado a adaga em sua mão. Ela deu um levíssimo meneio de cabeça.

Nim socou o braço de Theo.

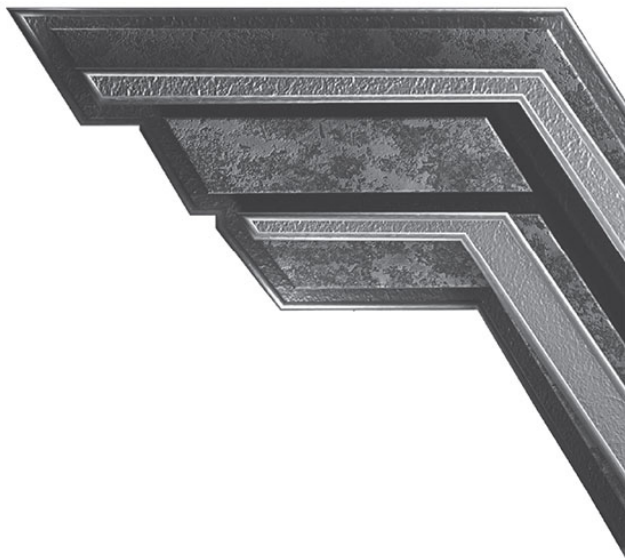
– Ai! – gritou Theo, e retribuiu com um empurrão nada gentil.

Alia forçou o poder a recuar no mesmo instante. Já não era uma Semente da Guerra. A nascente havia alterado o legado dentro dela, mas não removera tudo. A força ainda estava ali. Era dela, caso quisesse, agora mais dom que maldição, algo que ela poderia escolher usar ou ignorar. Ela podia usar pelas pessoas certas. Havia feito o bem com esse poder antes. Talvez pudesse encontrar um meio de fazer de novo.

Alia olhou para trás, para as águas prateadas da nascente do rio, mas fossem lá que fantasmas residissem ali, eles haviam ido embora.

– Irmã na batalha – disse ela outra vez, suspirando, mais em oração que em juramento, para que Diana, onde quer que estivesse, recordasse aquelas palavras e mantivesse sua promessa.

Para que um dia Alia voltasse a ver sua amiga.



CAPÍTULO 33

Diana não conseguia respirar; a água a possuía, a corrente a impulsionava adiante com incrível velocidade. Ela manteve os braços esticados à frente, o corpo tenso a transpassar a escuridão, a água correndo feito um trovão em seus ouvidos. Uma parte dela sentia a falta dos amigos deixados para trás, tremia de medo ao pensar no que poderia estar à sua espera, mas ela se recusava a se deixar distrair. Dessa vez não podia haver erros.

Ela entregou toda sua determinação à pedra-do-coração, com um único pensamento: *casa*. As praias vistosas de Temiscira, o pequenino abrigo que entrecortava a costa norte, os penhascos que se avultavam acima, a paisagem de seu coração.

Por detrás das pálpebras cerradas ela sentiu a luz, mas não pôde abrir os olhos por conta da força da água. Então, com uma tremenda explosão de velocidade, foi arremessada em direção à costa. Caiu na areia com uma pancada forte, que lhe chacoalhou os ossos e a fez rodopiar. Não... não era areia, era uma pedra. Ela estava deitada no vale azulado do templo do Oráculo, esparramada, molhada e suja, no fosso que corria pelas paredes de arbustos.

O Oráculo estava sentado ao lado do tripé de bronze. Um fino caracol de fumaça se elevava do braseiro e subia pelo céu noturno.

Devagar, Diana afastou o emaranhado de cabelos do rosto e se levantou. Não sabia o que dizer. Já havia sido difícil demais enfrentar

o Oráculo, mas agora ela sabia estar diante das mesmas deusas que haviam criado Temiscira, que lhe haviam concedido uma segunda chance para salvar a própria vida, para salvar Alia. O que dizer a uma deusa quando não havia presente para oferecer? Talvez um simples “obrigada”?

No instante seguinte, porém, Diana ouviu vozes. Vinham do túnel que ela desbravara para visitar o Oráculo apenas dias antes.

– Isso era inevitável – disse a voz de Tec. – Estamos vivendo na incerteza desde que você...

– Não ouse proferir o nome da minha filha! – bradou Hipólita, e o coração de Diana se apertou ao ouvir a mãe. – Não neste lugar.

– Esperemos que o Oráculo aceite os nossos sacrifícios – disse outra voz familiar, porém menos conhecida.

Diana congelou, insegura do que fazer. Esconder-se? Enfrentá-las ali, no santuário? O Oráculo estendeu a mão, apontando o dedo longo, e Diana ouviu um farfalhar atrás de si. Os arbustos se abriram. Ela hesitou por um instante, então enganchou as mãos nas vinhas cinzentas retorcidas e subiu até a parede.

Os arbustos se fecharam em torno dela, mas Diana sentiu apenas um brevíssimo pânico. Agora havia certa delicadeza no movimento dos galhos, que se remexiam para que ela pudesse espiar, pelas brechas, a câmara do Oráculo.

Diana viu sua mãe e Tec emergindo do túnel com Biette, Sela, Arawelo, Marguerite e Hongyu, todas integrantes do Conselho das Amazonas. Era a voz de Hongyu que ela tinha ouvido.

As Amazonas aguardavam do outro lado do fosso, em um silêncio respeitoso.

O Oráculo se ergueu. Seu capuz caiu para trás, revelando a face de uma velha encarquilhada.

– Irmãs do Arco e da Lança, vieram fazer sua oferenda?

– Sim – respondeu Hipólita. – Trazemos presentes e rezamos para que os considere val...

– Não aceitarei oferendas hoje.

As integrantes do Conselho trocaram olhares chocados. Hipólita fechou brevemente os olhos.

– Então chegamos tarde demais. A doença da ilha, os terremotos...

Com um susto, Diana percebeu que sua mãe usava as mesmas sedas roxas e ametistas que estava usando quando ela partira. O Conselho havia se reunido para decidir se consultaria o Oráculo, e

aquela devia ser a delegação enviada. Isso significava que em Temiscira haviam se passado apenas horas. Se fosse isso mesmo... Diana tentou controlar a esperança, sem sucesso. Tinha certeza de que retornaria para enfrentar o exílio e a punição, mas e se elas não soubessem de sua partida? Ela podia retornar às escondidas para a cidade e dali a uma hora estar junto à cama de Maeve.

– Por que esperaram tanto para visitar o meu templo? – perguntou o Oráculo.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Hipólita.

– A reunião do Conselho foi extraordinariamente contenciosa. Em dado momento temi que chegássemos às vias de fato.

Teria isso sido causado pelo poder de Alia?, pensou Diana.

– Não existe meio de salvar Temiscira? – perguntou Tec, impulsiva.
– Será que não podemos...

Um raio disparou e um trovão estrondeou pelo templo.

– Não aceitei oferta alguma, e vocês ainda ousam proferir perguntas?

Tec fez uma mesura com a cabeça, os punhos cerrados. Não tinha talento para a submissão.

– Eu imploro pelo seu perdão. Procuro apenas proteger o nosso povo.

O trovão se dissipou, e o Oráculo baixou a voz.

– Não precisa temer por seu povo, Tecmessa.

Tec ergueu a cabeça bruscamente.

– Nem pela ilha – completou o Oráculo. – Esse momento preocupante já passou.

O Conselho trocou olhares de inquietação, todas caladas, e Diana percebeu a confusão em suas mentes.

– E ainda assim vocês esperam explicações – disse o Oráculo, com um resmungo insatisfeito e abanando a mão enrugada. – A ilha foi acometida por um desequilíbrio no mundo dos homens, mas o desassossego já chegou ao fim.

Um sorriso lento se formou no rosto de Hongyu. O sentimento de alívio percorreu todas as integrantes do Conselho. Hipólita soltou um surpreendente e nada majestoso suspiro, e Tec abriu um largo sorriso e passou um braço pelo ombro de Hipólita. Ela buscou a mão de Tec, e seus dedos se entrelaçaram.

– Eu tinha tanta certeza de que era algo pior... – murmurou ela. – Nada desse tipo jamais aconteceu antes.

– Só fique feliz por ter acabado – disse Tec. – É possível?

Hipólita retribuiu o sorriso. O Oráculo, porém, tornou a se pronunciar:

– Nem pensem em descansar, filhas de Temiscira. Eu olhei dentro das águas e vi uma batalha sendo travada no mundo dos homens. Uma de vocês enfrentará um combate mortal para deter esse distúrbio, um teste para avaliá-la e decidir o destino desta ilha e de todas nós.

Tec aprumou os ombros. Hongyu ergueu o queixo. Mesmo nos olhos de sua mãe, Diana viu arder a chama da batalha. Ela se perguntava qual das grandes guerreiras do Conselho enfrentaria o desafio descrito pelo Oráculo.

– Agora vão – disse o Oráculo. – Reconstruam suas muralhas, reordenem suas cidades e não me aborçam mais.

As Amazonas prestaram reverências e partiram em silêncio pelo túnel de arbustos. Diana temeu ver sua mãe partir. Queria correr atrás delas, oferecer alguma explicação tola, abraçá-la com força. Queria até abraçar Tec. Em vez disso, forçou-se a esperar.

Quando já não se ouviam passos, o Oráculo se virou para Diana e as vinhas se abriram, permitindo que ela atravessasse a parede.

– Filha da Terra, eu guardei o seu segredo.

Diana desejava muito perguntar por quê, mas sabia que qualquer pergunta ao Oráculo tinha um preço.

– Você agora é uma delas – disse o Oráculo. – Testada na batalha. Mesmo que elas não saibam.

Nascida na batalha, enfim. As outras jamais saberiam o que ela fizera, a busca que empreendera. Não importava. Ela era uma Amazona. Essa consciência ardeu feito uma chama secreta dentro dela, uma luz que ninguém podia extinguir, não importava como a apelidassem. Diana sabia que merecia seu lugar ali – e sabia que havia vida para além daquela ilha.

– Obrigada – sussurrou Diana.

– Você agarrou a chance como imaginávamos – disse o Oráculo. – Não fizemos nada.

Essa, porém, não era a verdade.

– Quando vim perguntar sobre a Alia, ouvi que não era uma Amazona de verdade.

– Foi?

Bem, não exatamente, mas a mensagem fora bem clara.

– Disseram que eu falharia.

– Não podíamos saber que teria sucesso.

A compreensão acertou Diana com a força de uma onda inesperada.

– Vocês queriam que eu fosse. Por isso disseram aquelas coisas.

O Oráculo sorriu.

– É melhor encarar uma missão como algo a conquistar do que como um fardo. Precisávamos de uma campeã, e você precisava de uma chance para provar do que é capaz.

– Mas eu quase falhei! – retrucou Diana, com a cabeça em parafuso. – O mundo quase mergulhou numa era de guerra! E se eu tivesse fracassado?

– Mas não fracassou.

– E se eu tivesse escolhido voltar para Temiscira quando me foi oferecida a chance, em vez de enfrentar o Jason?

– Então saberíamos que você não é a heroína que esperávamos.

– Mas...

Um trovão distante retumbou. Diana cerrou os dentes, frustrada. Talvez o Oráculo tivesse razão. Talvez ela precisasse escolher seu caminho sozinha. Talvez tivesse lutado com mais afinco por saber que ninguém mais acreditava nela. Então recordou as palavras de Nim, na festa.

Ai, cara, você tem uma dessas famílias difíceis? Não posso acreditar numa coisa dessas.

– Nim tinha razão – murmurou ela.

– Ah, muito bem – disse o Oráculo. – Aproxime-se, filha, e jamais diga que não somos generosas em nossas dádivas.

As águas do fosso cintilaram, e nelas Diana viu uma grande faixa verde-esmeralda em meio a grandes pináculos de uma cidade. O *parque*, percebeu ela. O mesmo que ela vira das janelas do quarto de Alia. A imagem tremeluziu, e ela viu um terraço de pedra marcado por arcos, uma fonte redonda com uma mulher alada bem no centro. Havia duas figuras sentadas na beirada, viradas para o sol.

– Alia – sussurrou ela.

Era Alia, segurando a mão de Theo. Os dois pareciam mais velhos, e Diana se perguntou que época estaria vendo, quanto tempo havia se passado desde a luta na nascente, se todas aquelas lembranças haviam se esvaído para eles.

Outra figura apareceu. Era Nim, andando de patins, um curativo cor de rosa num dos joelhos gordinhos. Ela circundou Alia e Theo,

fazendo drapejar a saia florida. Disse alguma coisa, mas Diana não conseguiu distinguir as palavras.

Outra garota de patins passou zunindo. Era alta e loura, com um belo rosto... embora meio parecido com uma fuinha. Ela deu a mão a Nim e as duas dispararam, às gargalhadas.

Theo e Alia se levantaram, prontos para fosse lá que aventura Nim tivesse sugerido. Theo ergueu a mão de Alia para beijá-la, e Diana viu algo em seu pulso: uma tatuagem vermelha, no formato de uma estrela. A pedra-do-coração.

Prometa que um dia você voltará.

Diana estendeu a mão para tocar a água e a imagem sumiu. Seria ela capaz de cumprir essa promessa? Parecia impossível... mas ela havia considerado tanta coisa impossível, e incontáveis vezes provara que estava errada.

– Sinto saudade deles – disse ela, com a voz apequenada sob as estrelas do céu do Oráculo. – Vale a pena lutar por eles.

– Princesa – chamou o Oráculo.

Por um instante o Oráculo assumiu uma nova forma, que Diana nunca vira: uma guerreira, de pé, com espada e escudo na mão. Usava uma armadura peitoral, um laço na cintura. Seus olhos azuis cintilavam, os cabelos negros soprados por um vento distante. Havia algo familiar em suas feições.

– Você terá a chance de voltar a lutar por eles – disse o Oráculo.

A guerreira se desvaneceu, substituída outra vez pela idosa.

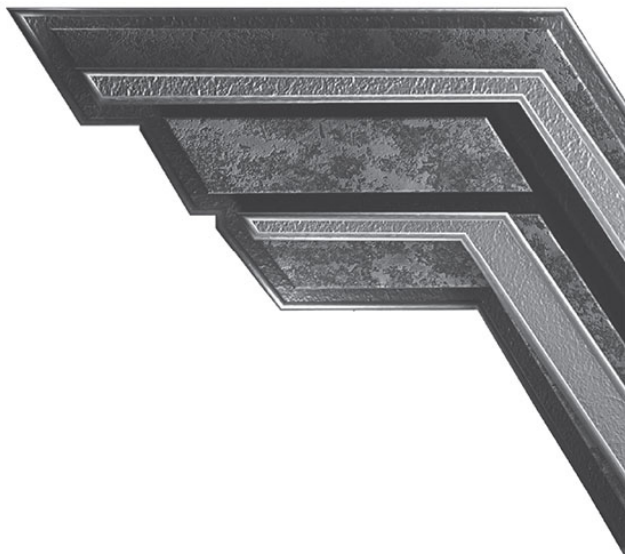
– Vá para casa, Diana. Maeve estará à sua espera.

Lágrimas de gratidão brotaram nos olhos de Diana. Sua amiga estava bem. O Oráculo inclinou a cabeça para os braceletes em seus pulsos.

– Só não se esqueça de passar na armaria antes.

Diana sorriu. Agradeceu ao Oráculo e disparou pelo túnel, o coração pleno de alegria. Não sabia o que o futuro guardava. Sabia apenas que o mundo, cheio de perigos, desafios e maravilhas, estava esperando para ser descoberto.

Ela correu ao seu encontro.



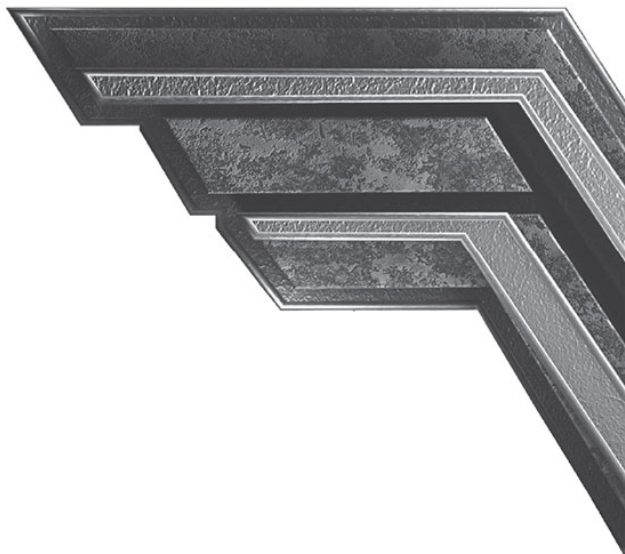
NOTA DA AUTORA

Não tente aterrissar com um jato no gramado do Central Park. Na verdade, será uma colisão, não um pouso, e você não conseguirá tornar a decolar.

A queda-d'água que Diana e seus amigos visitam não existe, mas é inspirada nas cascatas de Polylimnio e Platanias, onde é possível encontrar a caverna de um ermitão e uma igrejinha incrustada na pedra.

O festival de Nemeseia costumava ser celebrado no dia 19 de Hecatombaion. Além disso, apesar do debate a respeito do local de Platanistas (o santuário dedicado a Helena dos Plátanos), originalmente se acreditava ficar perto do Menelaion, próximo ao Eurotas, como descrito nestas páginas. Teorias mais recentes delimitam uma área ao norte da antiga Esparta, próxima ao rio Magoula.

No nosso céu a Estrela Canina é azul, não vermelha. A estrela conhecida como Chifre ou Azimech é mais comumente chamada de Spica. Quanto à localização de Temiscira, recomendo consultar uma amazona de confiança.



AGRADECIMENTOS

Foi uma honra e um prazer escrever um capítulo da história de Diana, mas eu não poderia ter feito isso sozinha. Por sorte, conheço muitos heróis; a todos devo uma tonelada de agradecimentos.

Chelsea Eberly me conduziu por este projeto com paciência e perspicácia. Obrigada por ser uma incrível editora, além de campeã em diplomacia. Muito obrigada também a todo o pessoal da editoria jovem da Random House, em especial Michelle Nagler, Nicole de las Heras, Dominique Cimina, Aisha Cloud, Kerri Benvenuto, John Adamo, Adrienne Waintraub, Lauren Adams, Joseph Scalora, Kate Keating, Hanna Lee e Jocelyn Lange. Obrigada também a Ben Harper, Melanie Swartz e Thomas Zellers.

Todo o amor a Joanna Volpe, Jackie Lindert, Hilary Pechone e ao restante da minha família na New Leaf Literary, também conhecida como Liga dos Valentões, por seu constante apoio neste projeto. (E um berro especial a Pouya e Mel Shahbazian pela assistência linguística de última hora.)

Angela DePace, Kelly Biette e Clarissa Scholes ajudaram a organizar a parte científica da história e emprestaram seus gigantescos cérebros aos Laboratórios Keralis e aos interesses de Alia. Ainda bem que usam seus poderes para fazer o bem. A Dra. Katherine Rask generosamente me guiou pelos conhecimentos de arqueogenética e religiões antigas, além de me apresentar a Helena dos Plátanos. É uma

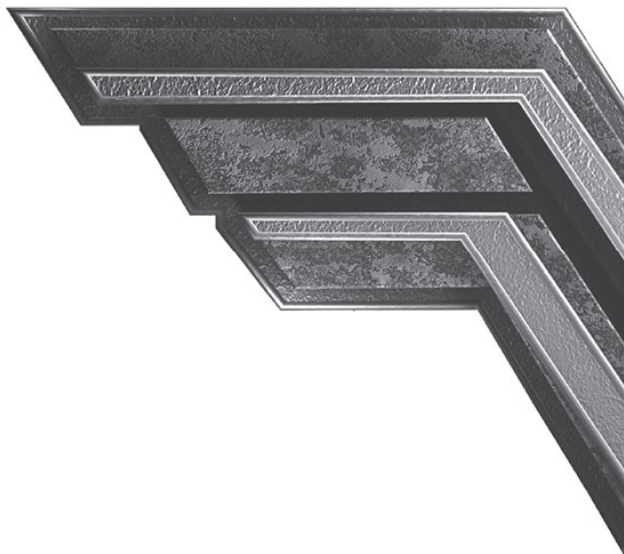
enérgica paladina da literatura para jovens adultos, e sua experiência e criatividade foram indispensáveis à escrita deste livro. A benevolência de Andrew Becker e Dan Leon me ajudou a organizar as escolhas de grego antigo. David Peterson emprestou seu gênio à construção dos muitos nomes da Semente da Guerra e encontrou uma boa alma que revisasse o búlgaro. Thomas Cucchi me explicou sobre protocolos de voo e jatinhos particulares. Poornima Paidipaty forneceu excelente assessoria em relação às deusas, e Sarah Jae Jones me aconselhou no paraquedismo, o que posso dizer que é algo que eu nunca, jamais quero fazer. Um agradecimento especial também a Aman Chaudhary, que me permitiu dissecar com ele o ponto de partida desta história a caminho da Comic-Con em San Diego.

Kelly Link, Holly Black, Sarah Rees Brennan e Robin Wasserman leram as primeiras páginas deste livro quando eu ainda achava que a Diana tinha que ter um leopardo de estimação. Daniel José Older (que aguentou longos telefonemas), Robyn Kali Bacon (que leu textos no meio da madrugada), Rachael Martin (que fez as duas coisas), Gamynne Guillote (*prota adelfis*) e Morgan Fahey (leitor de confiança número um) me ajudaram a fundar as bases de Alia e Jason e navegar pela história como um todo.

Obrigada também a Marie “Gotham Precisa de Mim” Lu, Amie Kaufman, Kayte Ghaffar, Susan Dennard, Gwenda Bon, à super-humanamente fofa Flash Martin e, claro, à minha mãe, que aguentou durante todos esses anos minha obsessão pela Mulher-Maravilha. Falando nisso, sou grata aos Superamigos por me apresentarem à Diana com o cereal empapado de sábado de manhã, e a Lynda Carter por cimentar meu eterno amor por ela.

Muitos livros, artigos e ensaios influenciaram o mundo da Semente da Guerra, incluindo *The Amazons: Lives and Legends of Warrior Women Across the Ancient World*, de Adrienne Mayor; *Choruses of Young Women in Ancient Greece: Their Morphology, Religious Role and Social Functions*, de Claude Calame; *On the Origins of War: And the Preservation of Peace*, de Donald Kagan; “Platanistas, the Course and Carneus: Their Places in the Topography of Sparta”, de G. D. R. Sanders; *A história secreta da Mulher-Maravilha*, de Jill Lepore; *A Golden Thread: An Unofficial Critical History of Wonder Woman*, de Philip Sandifer; *Wonder Woman Unbound: The Curious History of the World’s Most Famous Heroine*, de Tim Hanley; além, claro, do trabalho da inimitável Gail Simone.

Finalmente, às amazonas do mundo, a cada mulher e menina que luta pela paz e em favor de outras, obrigada pela inspiração.



SOBRE A AUTORA



LEIGH BARDUGO é autora de *Six of crows: sangue e mentiras*, *Crooked kingdom: vingança e redenção* e da trilogia *Sombra e Ossos*. Nascida em Jerusalém, cresceu em Los Angeles e se formou pela Universidade Yale. Ainda pequena, foi enlaçada pela Mulher-Maravilha e passou boa parte da infância elaborando braceletes de papel e rodopiando na garagem. Atualmente mora e trabalha em Hollywood, onde vez ou outra pode ser vista cantando com sua banda.

leighbardugo.com
[@LBardugo.com](https://twitter.com/LBardugo)

**LEIA AGORA UM TRECHO DO
PRÓXIMO VOLUME DA COLEÇÃO
LENDAS DA DC**

BATMAN
POR
MARIE LU

**AS CRIATURAS DA NOITE
ESTÃO CAÇANDO A ELITE DE GOTHAM.
BRUCE WAYNE É O SEU NOVO ALVO.**

BATMAN and all related characters and elements © & TM DC Comics. (s17)

PRÓLOGO

O sangue sob as unhas a incomodava.

Luvax baratas e inúteis, pensou a garota, contrariada.

Um golpe de faca talhara as duas, e agora ela tinha sangue nas mãos. *Idiota*. Em qualquer outra noite, teria parado e removido cuidadosamente as partículas vermelhas que havia debaixo de suas unhas. Mas agora não havia tempo.

Sem tempo, sem tempo.

O luar banhava o piso da mansão, iluminando parte do corpo nu do homem. Ele sangrava de um jeito estranho. O sangue formava um círculo perfeito sob o corpo, feito uma poça de calda cristalizada.

Ela suspirou outra vez, enfiou na mochila a lata de spray de tinta vermelha e recolheu alguns dos trapos espalhados no chão. Na parede a seu lado estava o símbolo que ela acabara de desenhar às pressas.

Tudo dera errado naquela noite, desde as inesperadas complicações do sistema de segurança de sir Grant na entrada da mansão à surpresa do homem em vê-los, em vez de estar num sono profundo. Eles estavam se atrasando. Ela odiava se atrasar.

Circulou pelo quarto, recolhendo suas ferramentas e enfiando tudo na mochila. O luar iluminava suas feições em intervalos regulares à medida que ela percorria a fileira de janelas. Sua mãe costumava dizer que ela tinha cara de boneca, que tivera desde que nascera: olhos grandes, escuros e cristalinos, cílios compridíssimos, nariz afilado, lábios de botão de rosa e pele de porcelana. Sobrancelhas retas lhe conferiam uma expressão de constante vulnerabilidade.

Essa era a questão em relação a ela: ninguém nunca via o mais importante até ser tarde demais. Até suas unhas ficarem manchadas de sangue.

Por conta da pressa, seus cabelos haviam se despenteado e agora caíam sobre os ombros, feito um rio negro. Ela parou para reuni-los num coque. Um ou outro fio tinha caído e agora jazia em algum ponto

do chão, deixando pistas para a polícia. Sem problemas, desde que ela conseguisse escapar dali a tempo. Que fuga tumultuada!

Eu vou matá-los, pensou ela, com amargor. *Me largar aqui limpando esta bagunça...*

De algum ponto no meio da noite irrompeu o som estridente de sirenes.

Ela virou a cabeça na direção do som e congelou, escutando atentamente. Por instinto, deslizou a mão até uma das facas amarradas em sua cintura. Então começou a correr. Suas botas eram silenciosas; ela se movia feito uma sombra, e o único barulho era a pancada fraca da mochila nas costas. Enquanto avançava, ergueu o cachecol preto até a metade do rosto, cobrindo nariz e boca, e acomodou o visor escuro sobre os olhos. Através dele, a mansão se transformou numa grade de linhas verdes e sinais térmicos.

As sirenes se aproximavam rapidamente.

Ela parou outra vez para tomar fôlego e escutar. O som vinha de diferentes direções... Ela seria encurralada. *Sem tempo, sem tempo*. Ela disparou escadaria abaixo, a silhueta totalmente perdida em meio às sombras da mansão, então dobrou uma curva brusca no fim da descida e rumou não para a porta da frente, mas para o porão. O sistema de segurança havia sido reprogramado para trancar a porta da frente pelo lado de dentro, mas o porão era sua rota de fuga, com todos os alarmes desativados e as travas das janelas preparadas para responder aos comandos.

Assim que ela alcançou o local, as sirenes do lado de fora ficaram ensurdecedoras. A polícia havia chegado.

– Abrir janela A – sussurrou ela no bocal.

Do outro lado do recinto, a janela reprogramada se destrancou com um clique suave e obediente. A polícia estaria reunida diante das portas frontais e traseiras. Sem ter conhecimento da pequenina janela no nível do solo, não pensaria em conferir a lateral de uma casa tão imensa. Ela correu mais depressa.

Ao alcançar a janela, ela começou a se içar para cima e para fora, serpeando pela saída numa fração de segundo. No gramado da frente ouviu um policial gritando num alto-falante, viu a indicação térmica de pelo menos uma dúzia de guardas em pesados coletes à prova de balas e rostos encobertos por capacetes, os fuzis de assalto apontados para a porta.

Ela deu um salto na escuridão, pôs-se de pé, ergueu o visor e se

preparou para disparar. Uma luz ofuscante a envolveu.

– *Mãos ao alto!* – gritaram várias vozes ao mesmo tempo.

Ela ouviu os cliques de armas sendo destravadas e o latido furioso dos cães policiais, quase incontidos por seus parceiros.

– *De joelhos! Agora!*

Ela havia sido capturada. Queria soltar um xingamento. *Sem tempo, sem tempo.* Agora era tarde demais. Pelo menos os outros na missão já haviam fugido. Por uma fração de segundo ela pensou em puxar as facas, atirar-se no policial mais próximo e fazer dele um refém.

No entanto, havia muitos ali, e a luz era muito ofuscante. Ela não tinha tempo para fazer um movimento daqueles sem que a polícia soltasse os cachorros, e não estava querendo ser espancada até a morte.

Então, em vez disso, ergueu as mãos.

A polícia a empurrou com força no chão; terra e grama lhe arranharam o rosto. Ela viu de esguelha o próprio reflexo nos capacetes opacos dos policiais, os canos das armas apontados para seu rosto.

– Nós a pegamos! – gritou um deles pelo rádio, a voz rouca de empolgação e medo. – Ela foi detida! Fiquem a postos...

Vocês me pegaram, repetiu ela para si mesma enquanto sentia o clique das algemas frias se fechando em seus punhos. Porém, mesmo com o rosto pressionado contra o chão, ainda se permitiu um pequeno e desdenhoso sorriso por detrás do cachecol.

Vocês me pegaram... por enquanto.

CAPÍTULO 1

Se Bruce Wayne pudesse ser resumido em um carro, seria este: um novíssimo e adaptado Aston Martin preto-carvão, impiedoso e lúcido, de teto e capô adornados com uma faixa metálica.

Ele agora forçava o carro ao limite, entregando-se ao ronco do motor, à resposta ao mais leve toque, abraçando as ruas de Gotham City ao entardecer. O veículo fora presente da WayneTech, equipado com as últimas funções de segurança – uma histórica parceria entre a lendária montadora de carros e o império Wayne.

Bruce dobrou mais uma curva fechada e os pneus rangeram em protesto.

– Eu ouvi isso – disse Alfred Pennyworth pela tela do carro, na chamada de vídeo, encarando Bruce com um olhar seco. – Um pouco mais devagar nas curvas, patrão Wayne.

– O Aston Martin não foi feito para curvas lentas, Alfred.

– Também não foi feito para ser arruinado.

Bruce sorriu de leve. Os óculos de sol em modelo de avião refletiam o sol poente enquanto ele virava o carro rumo aos arranha-céus de Gotham.

– Você não confia em mim, Alfred – disse ele, baixinho. – Foi *you* quem me ensinou a dirigir.

– E eu ensinei o senhor a dirigir feito um demônio possuído?

– Um *habilidoso* demônio possuído – retificou Bruce, girando o volante num movimento suave. – Além disso, foi um presente da Aston Martin, e está equipado até os dentes com itens de segurança da WayneTech. Só estou dirigindo para exibir na festa beneficente de hoje à noite.

Alfred suspirou.

– Sim, eu me lembro.

– E como posso fazer isso direito sem conferir do que esta obra de arte é capaz?

– Exibir os itens de segurança da WayneTech numa festa beneficente não é o mesmo que usar o carro para incitar a morte – retrucou Alfred, num tom seco. – Lucius Fox pediu que o senhor levasse o carro à festa para que a imprensa escreva resenhas apropriadas a respeito.

Bruce fez outra curva acentuada. O carro calculou a estrada à frente instantaneamente, e no para-brisa ele viu surgir e sumir uma série de números translúcidos. O carro respondia com misteriosa precisão, em perfeita harmonia com o asfalto, mapeando nos mínimos detalhes o terreno dos arredores.

– É exatamente o que estou fazendo – insistiu Bruce. – Tentando chegar lá a tempo.

Alfred balançou a cabeça e seguiu espanando o pó do peitoril de uma janela da mansão Wayne. A luz do sol banhava de sombras douradas sua pele pálida.

– Vou matar Lucius por achar que isso era boa ideia.

Um sorriso afetuoso se formou nos lábios de Bruce. Às vezes ele via em seu guardião uma extraordinária semelhança com um lobo, com seu olhar atencioso, estafado e azul-cinzentos. Umas poucas mechas brancas haviam começado a rajar os cabelos de Alfred nos últimos anos, e os pés de galinha nos cantos dos olhos haviam se aprofundado. Era a personificação da razão de Bruce. Ao pensar nisso, ele reduziu um pouco a velocidade.

Vislumbrou morcegos adentrando a noite para caçar. Ao se aproximar, Bruce viu uma nuvem deles, as silhuetas a entremear o céu turvo, orbitando os recônditos da cidade para se unir ao restante da colônia.

Bruce sentiu o familiar baque da nostalgia. Seu pai certa vez designara um terreno próximo à mansão Wayne como um dos maiores abrigos de morcegos da cidade. Bruce ainda recordava os tempos de infância, quando se acorava no gramado da frente, estupefato, deixando de lado os brinquedinhos para ver seu pai apontar para os milhares de criaturas que irrompiam ao anoitecer, varrendo o céu numa fileira ondeante. Eram indivíduos, dizia o pai, mas sabiam se deslocar como uma unidade.

A lembrança fez Bruce apertar o volante. Seu pai deveria estar ali, sentado no banco do carona. Mas isso era impossível.

À medida que Bruce se aproximava do centro, as ruas se tornavam mais sujas, até que o sol poente foi encoberto pelos arranha-céus, os

becos envoltos por uma mortalha de sombras. Ele cruzou a Torre Wayne e o Edifício Financeiro SECO, próximos de becos onde se erguiam alguns barracos – o severo contraste da pobreza ao lado de um marco da opulência. Ali perto ficava a ponte de Gotham City, com metade da nova pintura finalizada, e, debaixo dela, jazia um agrupado de casas de baixa renda dilapidadas.

Bruce não tinha lembrança de ver a cidade daquele jeito quando mais jovem. A memória que guardava de Gotham era de uma impressionante selva de concreto e aço, recheada com uma sucessão de carros luxuosos e porteiros de casacos pretos, aroma de couro novo, colônias masculinas e perfumes femininos, saguões resplandecentes de hotéis de luxo, iates com deques defronte ao porto iluminado pelas luzes da cidade.

Ao lado dos pais, Bruce conhecera somente o lado bom de Gotham. Nunca havia percebido o grafite, o lixo nas sarjetas, as carroças abandonadas e o povo encolhido nos becos sombrios, pedindo esmolas em copos de papel. Como uma criança protegida, vira apenas o que a cidade podia oferecer ao preço certo, e nada do que fornecia ao preço errado.

Aquilo tudo havia mudado em uma fatídica noite.

Bruce estava ciente de que teria o pensamento em seus pais aquele dia, no dia da liberação de seu fundo patrimonial. Porém, por mais que estivesse emocionalmente preparado, as lembranças ainda se cravavam fundo no coração.

Ele adentrou a rua que fazia esquina com o Bellingham Hall. Um tapete vermelho atravessava a calçada em frente e avançava pela escadaria. Um grupo de paparazzi havia se reunido junto à rua, já disparando as câmeras em direção ao carro.

– *Patrão Bruce.*

Bruce percebeu que Alfred ainda discorria sobre segurança.

– Estou escutando, Alfred – disse ele.

– Duvido. O senhor me ouviu sugerir uma reunião com Lucius Fox amanhã? Vai trabalhar com ele o verão inteiro... Vocês dois deviam pelo menos começar a organizar um plano detalhado.

– Sim, senhor.

Alfred fez uma pausa e o encarou com um olhar severo.

– E comporte-se hoje à noite. Entendido?

– Meu plano é ficar quieto num canto, sem dar um pio.

– Muito engraçado, patrão. Vou cobrar essa promessa.

– Nada de parabéns para mim, Alfred?

Enfim um sorriso surgiu no rosto de Alfred, suavizando suas feições duras.

– Feliz décimo oitavo aniversário, patrão – respondeu ele, com um meneio de cabeça. – O senhor é *mesmo* filho de Martha, organizando esse evento. Ela ficaria orgulhosa.

Ao ouvir a menção à sua mãe, Bruce fechou os olhos por um instante. Todos os anos, em vez de comemorar o aniversário, ela promovia uma festa beneficente, cuja arrecadação era revertida para o Fundo de Proteção Legal de Gotham City, um grupo que prestava defesa jurídica aos que não podiam arcar com os custos. Aquela noite, Bruce seguia adiante com a tradição da mãe, agora que a responsabilidade pela fortuna de sua família havia oficialmente desabado em seus ombros.

O senhor é mesmo filho de Martha. Bruce, no entanto, apenas ignorou o elogio, sem saber como reagir.

– Obrigado, Alfred – respondeu ele. – Não me espere acordado.

Os dois finalizaram a chamada. Bruce parou em frente ao salão. Por um instante, ele se permitiu apenas ficar ali, sentado no carro, aquietando as emoções enquanto os paparazzi berravam do lado de fora.

Ele crescera sob os holofotes, suportando anos de manchetes a respeito de si mesmo e de seus pais. BRUCE WAYNE, 8 ANOS, ÚNICA TESTEMUNHA DA MORTE DOS PAIS! BRUCE WAYNE É O HERDEIRO DA FORTUNA! BRUCE WAYNE, 18 ANOS, AGORA O JOVEM MAIS RICO DO MUNDO! E assim por diante.

Alfred já havia entrado com uma ordem judicial contra fotografos por apontarem as lentes para as janelas da mansão Wayne, e Bruce um dia voltara correndo da escolinha, aos prantos, em pânico após quase ser atropelado pelos carros dos ávidos paparazzi. Ele passara os primeiros anos tentando se esconder, para que os tabloides não inventassem novos rumores.

No entanto, só há duas opções na vida: se esconder da realidade ou lidar com ela. Com o tempo, Bruce erigira um escudo protetor e negociara uma trégua não verbal com a imprensa.

Ele surgia em sua figura pública, refinadíssimo, e deixava que os jornalistas o fotografassem quanto quisessem. Em troca, eles voltavam as atenções à questão que Bruce escolhesse. No momento, a pauta era o empenho da WayneTech em reforçar a segurança de Gotham City – com tudo, desde novas tecnologias de segurança para as contas do

banco da cidade e drones que auxiliassem o Departamento de Polícia até artefatos de segurança automotiva fornecidos de graça, com softwares de código aberto para todas as montadoras de carros.

Ao longo dos anos, Bruce passara incontáveis noites debruçado à escrivaninha de seu quarto, ouvindo obsessivamente a frequência de rádio da polícia e investigando casos arquivados por conta própria. Desmontara protótipos da WayneTech sob a luminária da mesa, no meio da escuridão, erguendo microchips reluzentes e encaixes artificiais, estudando a tecnologia desenvolvida por sua empresa para aprimorar a segurança da cidade.

Se passar adiante essa pauta significava estar no noticiário, então que fosse.

Tão logo um funcionário avançou para abrir a porta do carro, Bruce disfarçou o desconforto, saiu com um único e gracioso movimento e abriu para os repórteres um sorriso impecável. As câmeras foram disparadas. Um par de guarda-costas de terno preto e óculos escuros empurrava as pessoas para trás, abrindo caminho para ele, mas os repórteres ainda se apinhavam, os microfones estendidos à frente, berrando perguntas:

- Está ansioso pela formatura?
- Aproveitando a nova fortuna?
- Como é ser o bilionário mais jovem do mundo?
- Quem você está namorando, Bruce?
- Ei, Bruce, olhe para cá! Dê um sorriso!

Bruce fez a gentileza de oferecer ao homem um sorriso agradável. Sabia que era fotogênico. Alto e magro, os olhos azul-escuros cravados na pele alva feito duas safiras, os cabelos negros para trás num penteado irretocável, terno sob medida, sapatos engraxados.

- Boa noite – disse ele, parando por um instante diante do carro.
- Bruce! Este carro é a sua primeira compra? – gritou um paparazzo, com uma piscadela. – Já está aproveitando o espólio?

Bruce encarou o homem, recusando-se a morder a isca.

– Este é o novo Aston Martin do mercado, totalmente equipado com tecnologia de segurança da WayneTech. Fiquem à vontade para explorar o interior hoje à noite, em primeira mão – respondeu ele, estendendo o braço para o carro, onde um dos guardas de terno havia aberto a porta para a imprensa espiar. – Obrigado a todos por cobrirem a festa beneficente da minha mãe hoje. É muito importante para mim.

Bruce falou um pouco sobre a instituição de caridade que o evento apoiaria, mas a multidão empolgada ignorava suas palavras. Ele olhou em volta, exausto, e por um instante se sentiu sozinho e sobrepujado. Correu o olhar pelos paparazzi, à procura dos jornalistas oficiais. Já via as manchetes do dia seguinte: BRUCE WAYNE GASTA DINHEIRO EM CARRO MILIONÁRIO! JOVEM NÃO PERDE TEMPO E JÁ GASTA O DINHEIRO DOS PAIS! Ele esperava, no entanto, que entre essas palavras houvesse algumas verdadeiras, detalhando o trabalho feito na WayneTech. Era isso que importava. Então ele permaneceu ali, suportando as fotos.

COLEÇÃO LENDAS DA DC

Mulher-Maravilha: Sementes da Guerra

Leigh Bardugo

Batman

Marie Lu

Mulher-Gato

Sarah J. Maas

Superman

Matt de la Peña

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Nota da autora

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia agora um trecho do próximo volume da coleção

BATMAN

Prólogo

Capítulo 1

Às vezes, não ter
o controle é
libertador.



Sonhos em flor



Estelle Laure

Sonhos em flor

Laure, Estelle

9788580417395

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que você faria ao acordar de um coma? Voltaria para a antiga realidade? Ou começaria algo novo? Eden Jones tem 17 anos e o futuro todo planejado. Com o apoio dos pais amorosos, do irmão gêmeo que a entende como ninguém e de Lucille, a melhor amiga de todas, sonha em estudar em Nova York e se tornar uma grande bailarina. Então seu mundinho perfeito começa a desmoronar... Além de não se sair bem no primeiro teste para um balé importante, fica sem chão quando Lucille e seu irmão escondem dela que estão namorando. Mas o destino achou que isso não era o bastante. Eden passa por uma incrível experiência de quase morte, porém volta com muitas perguntas e não consegue retomar a vida. As alucinações com flores negras e com a garota em coma na mesma ala do hospital onde esteve internada a levam a Joe, e só aí ela entende que não ter o controle das coisas pode ser libertador.

[Compre agora e leia](#)

"Um terrível mal, um jovem herói e um segredo que pode virar seu mundo pelo avesso." – Rick Riordan, autor da série PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

HARLAN COBEN



refúgio

Uma história de **MICKEY BOLITAR**

Refúgio

Coben, Harlan

9788580411027

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mickey Bolitar nunca levou uma vida muito comum. Passou toda a infância se mudando para diferentes partes do mundo por conta do trabalho humanitário de seus pais, Kitty e Brad Bolitar. Tudo parecia perfeito – o casal era muito apaixonado e se sentia realizado com seu trabalho. No entanto, seu filho estava entrando na adolescência e não parecia justo que ele não pudesse estabelecer raízes e fazer amigos, como qualquer jovem de 15 anos. Decididos a viver de um modo um pouco mais convencional, Brad e Kitty retornam aos Estados Unidos, onde pretendem se estabelecer até que Mickey vá para a faculdade. Mas a família é atingida por um doloroso golpe do destino: Mickey presencia a morte do pai num grave acidente de carro e Kitty, incapaz de lidar com a dor da perda, se entrega às drogas. O rapaz então se depara com o desafio de sobreviver a essa grande reviravolta em sua vida. Em meio a um turbilhão de acontecimentos, Mickey tem que se esforçar para se adaptar à nova realidade. Ele só não imagina que seus problemas estão apenas começando...

[Compre agora e leia](#)

O BEST-SELLER MUNDIAL AGORA PARA JOVENS

DAN BROWN



A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS
ESTÁ PRESTES A SER REVELADA



O Código Da Vinci – Edição especial para Jovens

Brown, Dan

9788580416268

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Código Da Vinci, livro que consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade, ganha uma nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro. A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS ESTÁ PRESTES A SER REVELADA Um assassinato dentro do Museu do Louvre traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo. Com a ajuda da criptógrafa Sophie Neveu, o professor de Simbologia Robert Langdon segue pistas ocultas nas obras de Leonardo Da Vinci e se debruça sobre alguns dos maiores mistérios da cultura ocidental – do sorriso da Mona Lisa ao significado do Santo Graal. Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, O Código Da Vinci consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade e agora chega em nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro.

[Compre agora e leia](#)

Stanley Gordon West

ONDE MORA A CORAGEM

A história da fé e da garra de um time
que não se rende à derrota



Onde mora a coragem

Gordon West, Stanley

9788580412062

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Cada morador da pequena cidade de Willow Creek parece guardar um passado de perdas, alguma história que os fez buscar esse lugarejo esquecido pelo mundo e nele se estabelecer. Apesar de tudo, eles seguem adiante com determinação. Durante o rigoroso inverno, quando o trabalho nas fazendas diminui, os jogos de basquete são a força vital da cidade. Se o time perde, o desânimo se instala e o frio se torna insuportável. E já se vão cinco anos sem que a equipe de Willow Creek obtenha uma vitória sequer. Contudo, o destino ainda reserva algumas surpresas. Quando um excelente jogador vindo de Milwaukee e um norueguês de mais de 2 metros de altura chegam à cidade, o técnico Sam Pickett vê neles a possível salvação do time. Sam assume a difícil missão de ensinar basquete ao gigante e consegue reunir um grupo improvável de seis garotos. Com o novo desafio e a ajuda inesperada de Diana Murphy, a professora de biologia, Sam vai combater seus fantasmas e tentar reconstruir a própria vida. Onde mora a coragem é uma comovente história que mostra que o verdadeiro heroísmo está em recusar-se a desistir, mesmo quando parece não haver nenhuma chance de vitória.

[Compre agora e leia](#)

VOLUME 2 DA SÉRIE
O DOADOR DE MEMÓRIAS

MAIS DE 12 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

A woman's face is partially visible on the left side of the cover, with her hand resting near her cheek. A cluster of blue flowers with yellow centers is positioned next to her hand. The background is a solid dark blue.

A ESCOLHIDA
Lois Lowry



A escolhida

Lowry, Lois

9788580413489

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

SÉRIE COM 144 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO THE NEW YORK TIMES Órfã e portadora de uma deficiência, Kira precisa enfrentar um futuro assustadoramente incerto. Vivendo em uma civilização que descarta os mais fracos, ela sofre hostilidade dos vizinhos, que a acusam de ser inútil para a comunidade. Quando é chamada a julgamento pelo Conselho dos Guardiões, Kira se prepara para lutar pela vida. Mas, para sua surpresa, os autoritários chefes já têm outros planos e a encarregam de uma tarefa grandiosa: restaurar os bordados de uma túnica centenária que contam a história do mundo. Escolhida por seu talento quase mágico para bordar, a jovem fica radiante com a honraria. Quando dá início ao minucioso serviço de investigação do passado, ela depara com uma série de mistérios nas profundezas do universo que achava conhecer tão bem. Confrontada com uma verdade chocante, Kira precisará tomar decisões que mudarão sua vida e toda a comunidade. Em A escolhida, Lois Lowry traz ao leitor personagens e cenários distintos de O doador de memórias, mas que complementam a sensacional distopia e abrem um novo horizonte de reflexão para a tetralogia.

[Compre agora e leia](#)